

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

**Situações de Outridade: a participação do Outro na formação
dos povos Ingleses (731 – 899)**

Kauê Junior Neckel

Kauê Junior Neckel

Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731 – 899)

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Neckel, Kauê Junior

Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731 - 899) / Kauê Junior Neckel. -- 2021.

211 f.

Orientador: Igor Salomão Teixeira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Inglaterra Medieval. 2. Identidade. 3. Alteridade. 4. Etnicidade. 5. Idade Média. I. Teixeira, Igor Salomão, orient. II. Título.



ATA PARA ASSINATURA Nº _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História
HISTÓRIA - Mestrado Acadêmico
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Kauê Junior Neckel, com ingresso em 04/02/2019

Título: **Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731 - 899)**

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomao Teixeira

Data: 23/03/2021

Horário: 14:00

Local: IFCH

Banca Examinadora Origem

Carolina Coelho Fortes	Externo
Isabela Albuquerque	Externo
Renato Viana Boy	UFRGS

Porto Alegre, 23 de março de 2021

Membros	Assinatura	Conceito
Carolina Coelho Fortes por vídeo		A
Isabela Albuquerque por vídeo		A
Renato Viana Boy por vídeo		A

Conceito Geral da Banca: (**A**) Correções solicitadas: () Sim () Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluno

Orientador

Programa de Pós-Graduação em História
Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43322 - 205D - Bairro Agronomia - Telefone 33088220
Porto Alegre - RS

Resumo: O objetivo desta dissertação é analisar a participação do Outro no contexto formativo dos povos Ingleses (731 – 899). Esta investigação tem como base três documentos: a *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*, obra do monge Beda datada de 731, a sua tradução ao Inglês Antigo feita no século IX e o estoque comum da *Crônica Anglo-Saxônica*, obra que começa a ser escrita em 890-2 na corte do rei Alfredo de Wessex (871 – 899) e termina em 1154. Nossa problemática central é: como interpretar os efeitos do Outro no discurso de formação identitária dos povos Ingleses? Para responder a esta questão trabalhamos com o termo ‘situações de outridade’. Estas situações servem para englobar a situacionalidade da etnia – sendo a etnicidade um dos elementos-chave de análise – que se move no espectro entre a identidade e a alteridade. Através de uma interpretação tropológica do discurso ao redor dos termos *gens Anglorum* e da *Angelcynn*, as referências das fontes para a ideia de ‘povos Ingleses’, obtemos nossa hipótese central de que este processo formativo se pautou pela pluralidade étnica. No capítulo I, instrumentalizamos as situações de outridade enquanto ferramenta teórica na formação dos povos Ingleses. No capítulo II, analisamos a outridade no discurso da *gens Anglorum* bedaniana. No capítulo III, interpretamos o discurso da *Angelcynn* alfrediana.

Palavras-chave: Beda; Crônica Anglo-Saxônica; Povos Ingleses; Situações de outridade; Etnicidade.

Abstract: The aim of this dissertation is to analyze the participation of the Other in the formative context of the English peoples (731 – 899). This investigation has its basis in three documents: the *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*, a work of the monk Bede, dated for 731, its translation to Old English made in the 9th century and the common stock of the *Anglo-Saxon Chronicle*, a work that begins to be written in 890-2 in the court of the king Alfred of Wessex (871 – 899) and finishes in 1154. Our central problematic is: how to interpret the effects of the Other in the discourse of identity formation of the English peoples? For answering this question, we work with the term ‘situations of otherness’. These situations serves for encompassing the situationality of ethnicity – one of our key elements of analysis – that moves in the spectrum between identity and alterity. Through a tropological interpretation of the discourse around of the terms *gens Anglorum* and *Angelcynn*, the references of the sources for the idea of ‘English peoples’, we obtain our central hypothesis that this formative process was guided by ethnic plurality. In the first chapter, we mean to instrumentalize the situations of otherness as a theoretical tool in the formation of English peoples. In the second chapter, we analyze otherness in the Bedan discourse of *gens Anglorum*. In the third chapter, we interpret the discourse of Alfredian *Angelcynn*.

Keywords: Bede, Anglo-Saxon Chronicle; English peoples; Situations of otherness; Ethnicity.

Sumário

Introdução.....	p. 11
Seleção documental.....	p. 17
I – <i>Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum</i>	p. 17
II – <i>Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum</i> em Inglês Antigo.....	p. 22
III – <i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	p. 28

Capítulo I: Situações de Outridade

Introdução do capítulo.....	p. 37
1.1 Instrumentalizando a outridade.....	p. 38
1.2. Trópicos do discurso: a <i>gens Anglorum</i> e a <i>Angelcynn</i>	p. 43
1.3. A outridade e o hibridismo.....	p. 51
1.4. A outridade nos estudos em Inglaterra medieval inicial.....	p. 59
1.5. Definindo sistemas classificatórios.....	p. 67
Conclusão do capítulo: Unidades plurais.....	p. 75

Capítulo II: Situações de Outridade na *gens Anglorum*

Introdução.....	p. 80
2.1. Os manuscritos da <i>Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum</i>	p. 82
2.2. Os Pictos e os Irlandeses na <i>gens Anglorum</i>	p. 86
2.3. Os Bretões na <i>gens Anglorum</i>	p. 120
Conclusão do capítulo: Unidades plurais.....	p. 129

Capítulo III: Situações de Outridade na *Angelcynn*

Introdução.....	p. 135
3.1. Os manuscritos da <i>Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum</i> em Inglês Antigo.....	p. 136
3.2. Os manuscritos da <i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	p. 141
3.3. Os Bretões na <i>Angelcynn</i>	p. 145
3.4. Os Daneses na <i>Angelcynn</i>	p. 160
Conclusão do capítulo: Unidades plurais.....	p. 187

Conclusão: é possível evitar um termo?.....	p. 190
Fontes.....	p. 198

Lista de manuscritos digitalizados.....	p. 198
Referências bibliográficas.....	p. 199

Lista de mapas

Mapa 1: A Ilha Britânica no contexto da <i>Angelcynn</i>	p. 54
Mapa 2: A Ilha Britânica no contexto da <i>gens Anglorum</i>	p. 54
Mapa 3: Mapa do norte Britânico.....	p. 91
Mapa 4: Mapa de vitórias do exército dos Daneses registradas na <i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	p. 164
Mapa 5: Mapa de vitórias do exército dos Ingleses registradas na <i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	p. 165

Agradecimentos

É difícil colocar em palavras o papel das pessoas que foram importantes para a construção desse trabalho. Cada elemento deste pequeno texto teve um papel central. Mas vamos lá!

Agradeço a minha família, meu pai, o ‘seu Nelson’, minha mãe a ‘dona Kika’ e minha irmã Kauany pelo apoio irremediável nesses dois anos de mestrado. Muitos dos ensinamentos passados pelos meus pais tiveram efeito em meu trabalho, virtudes como a organização, a perseverança e a lucidez fizeram a minha engrenagem mental funcionar. Se sou quem estou me tornando é por causa de vocês. Agradeço todos os dias o caminho que vocês me ensinaram a trilhar.

Agradeço à minha companheira Larissa, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e estressantes que também estão nesse pacote chamado ‘mestrado’. Sua presença na minha vida equilibrou muitas coisas e me ajudou a lidar com este processo. Mesmo em 2019 quando estive em Porto Alegre e você esteve em Chapecó, nossa conexão nunca se enfraqueceu. Sua companhia, seu afeto, seu carinho e seu amor me fizeram perceber como é possível evoluir enquanto pessoa da mesma forma que evoluo enquanto profissional. Eu sou muito agradecido a você.

Ao meu orientador, prof. Igor Salomão Teixeira, que aceitou orientar este trabalho quando eu chegava com entusiasmo na UFRGS e em Porto Alegre. Suas leituras críticas e seu profundo rigor analítico para com o que produzi me ajudaram a subir a escadinha enquanto pesquisador. Amadureci muito em função de seus questionamentos e sugestões. Você não faltou com a competência e a instrução necessárias para este trabalho dar resultado.

À banca de avaliação deste trabalho, composta pelas professoras Isabela Albuquerque e Carolina Coelho Fortes e pelo professor Renato Viana Boy. Agradeço vocês por terem aceitado ler e avaliar este trabalho. Às professoras Albuquerque e Fortes pelas valiosas contribuições que me fizeram refletir e redesenhar meu trabalho desde a qualificação. Foram excelentes leituras que, sem dúvida, impactaram no produto final. Ao professor Renato, pelo aprendizado constante que acontece desde a graduação e pela parceria que vai para além do mundo acadêmico.

Aos governos do Brasil entre 2003 e 2016 que investiram fortemente em educação. Foi graças às suas políticas públicas que pude fazer a graduação em uma universidade fruto do ReUni, a UFFS, e alguém da minha classe pôde chegar na pós-graduação em uma das principais universidades do Brasil, a UFRGS. Com as políticas deste período ainda resistimos na produção científica, mesmo em um contexto de gradual destruição e vilipêndio da educação pública e da ciência que acontece desde 2016, mas com mais intensidade desde 2019. Aqui, estendo o agradecimento à instituição da CAPES que permitiu que este trabalho fosse realizado com bolsa, do início ao fim. Mesmo que seja entristecedor saber que este é um cenário cada vez mais raro para as próximas gerações de pesquisadores, este trabalho é resultado do investimento público. Ainda existe ciência produzida em meio ao negacionismo.

Aos professores Adriana Dias, Anderson Vargas, Benito Schmidt, Carolina Gual e Eliane Santana que ministraram as disciplinas que cursei no mestrado. Cada espaço de debate comandado por estes mentores contribuiu de alguma forma para que eu pensasse sobre os elementos contidos nessa dissertação.

Às amizades da pós-graduação que fiz na UFRGS. O grupo dos famigerados '*rangers*' que me acolheu tão bem mesmo sendo um *outsider* vindo de uma universidade distinta: Vitor, Luiz, Lucas, Carol, Gustavo, Odir, Wendell e Dionathas. Também aos meus colegas e amigos de turma do mestrado, que pude trocar valiosas figurinhas: Vinicius, Alexandre e Guilherme. E às amizades que formei ou me reaproximei nos corredores e salas de aula da UFRGS, Emerson, David e Vanessa. Fico muito feliz em construir uma amizade com vocês. Além de aprendermos juntos, vocês deixaram a vida em Porto Alegre muito mais divertida!

Aos meus amigos de graduação também interessados em Idade Média, Alloma, Ana Maria, Leonardo; e aquelas que ficaram da graduação: Gustavo, Thiago e Andrei. Fico feliz em ter compartilhado minhas experiências de formação com vocês.

Agradeço a todos os membros do *Insulae*, o grupo interdisciplinar de estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte na Antiguidade e Medievo. É muito construtivo para minha vida acadêmica fazer parte do grupo e me manter dentre os seus. Agradeço aos colegas medievalistas de outras instituições que pude em algum momento ou outro dialogar, certamente todas as conversas que tive neste processo do mestrado, por mais curtas que tenham sido, colocaram uma sementinha de pensamento para agora colher as primeiras reflexões na minha dissertação.

Às diversas plataformas que contribuíram para a produção deste trabalho. O *Library Genesis*, o *Sci-Hub*, o *Internet Archive* e aos acervos on-line das bibliotecas que digitalizaram os manuscritos para consulta. Estas plataformas democratizaram o acesso ao conhecimento, grande parte das referências citadas aqui foram consultadas por estes sites. Sem elas, o trabalho que aqui se segue não teria o mesmo corpo.

Aos meus amigos de infância e adolescência que aqui nomeio: João Victor, Anderson 'Tuntz', Francisco, Leonardo Camargo, Samuel, Leonardo Mueller e Eduardo Florêncio. A parceria de vocês, construída pela vida e para a vida, me manteve firme em muitos momentos.

Às minhas cachorras Lola e Laika que simbolizaram o que é ter energia. À minha gata Torres que acompanhou meu trabalho desde o início, às vezes inclusive interferindo nele quando sentava em cima do teclado. Espero que todas as vezes que eu troquei a atenção dedicada a você pelo meu trabalho tenham valido a pena. Ao coelho Theodoro Bibó, que por mais que seja cuidado com amor pela minha companheira, também aquece meu coração!

Aos locais e atividades que se tornaram a válvula de escape do cotidiano acadêmico. Saber quando descansar foi tão importante quanto saber quando trabalhar. Em Porto Alegre, à Orla do

Guaíba e as voltas de bicicleta que eu ali dei, aos passeios de domingo na Redenção e às incansáveis atividades culturais da Cidade Baixa, bairro que morei enquanto estive na cidade. Em Chapecó, às visitas ao porto do Goio-En, às corridas no Eco Parque e principalmente às partidas da Chapecoense na Arena Condá. À minha própria casa em Chapecó, que desde o início da pandemia de Covid-19 em março de 2020 também se tornou meu local de trabalho.

In Memoriam de meus avós Zeferino, Dercília e João Maria.

Introdução

No último semestre de 2019, enquanto este trabalho tomava forma como uma reflexão dissertativa, o campo dos estudos em Inglaterra medieval inicial¹ passou por uma intensa discussão. Este campo de estudos que têm como sua maior entidade representativa a, até agosto de 2019, *ISAS – International Society of the Anglo-Saxonists*² foi alvo de um profundo debate político. O debate começou no Twitter³, quando um conjunto de acadêmicos dizia não se sentir representado pelo uso dos termos ‘Anglo-Saxonista’, ‘Estudos Anglo-Saxônicos’ e ‘Anglo-Saxões’ para definir o campo de especialização, a disciplina e para se referir aos povos que viveram no centro-sul da Ilha Britânica entre os séculos V e XI, respectivamente.⁴ O termo ‘Anglo-Saxão’, longamente utilizado em diversos sentidos, mas principalmente, desde o século XIX, usado no contexto de expressão de uma supremacia branca em países como Estados Unidos e Inglaterra estava em xeque. Naquele momento, então, acadêmicos questionaram o nome da *Society*. A justificativa foi de que o termo ‘Anglo-Saxão’ era, por si só, carregado de maus usos e ele deveria ser, em toda medida, abandonado.⁵ Esta discussão mobilizou o campo e logo o debate se expandiu. A *ISAS* se remodelou e passou a se chamar *ISSEME – International Society for the Studies of Early Medieval England*.⁶ Esta reforma política do nome da organização, para nós, tomou outra face, era hora de inspecionar algumas raízes epistemológicas.

Víamos este debate com olhos atentos. O projeto de pesquisa iniciou com problema de pesquisa bem marcado: de que forma, em termos identitários, os ‘Anglo-Saxões’ se reconheciam enquanto ‘Anglo-Saxões’? Entretanto, diante do debate no campo, ficou evidente que a iniciativa de se perguntar sobre a construção da identidade dos ‘Anglo-Saxões’ estaria defasada. Não haveria

-
- 1 Este termo é uma adaptação conceitual ao português da terminologia em Inglês *Early Medieval England* utilizada para retratar o período entre 450 e 1066 dentro do recorte temporal tradicional de estudos do campo. Utilizamos justamente para evitar em falar de uma Inglaterra ‘Anglo-Saxônica’.
 - 2 A *ISSEME* foi fundada em 1983 e reúne acadêmicos não somente da História, apesar de serem a maioria, mas também da Linguística, Literatura, Artes e Arqueologia. A *Society* tem encontros bianuais itinerantes que reúnem seus acadêmicos, sendo o último acontecendo na Universidade do Novo México, em Albuquerque, em 2019.
 - 3 O perfil da associação que se chamava @ISASaxonists < <http://twitter.com/ISASaxonists> > foi reformulado pela Dra. Mary Rambaram-Olm, em que a comunicação sobre a mudança de nome, inclusive com boa parte de outros acadêmicos da *Society* que também estão presentes no Twitter, ocorreu a partir de *threads* da rede social. Após o início na rede social, a comunicação passou a ser feita em circulares por e-mail para os membros. O perfil oficial da *ISSEME* então migrou para um novo perfil, @ISSEarlyMedEng < <https://twitter.com/issearlymedeng> >.
 - 4 Como a discussão é muito recente, as publicações sobre o tema ainda estão para sair. RAMBARAN-OLM, Mary. WADE, Erik. What's in a Name? The Past and Present Racism in 'Anglo-Saxon' Studies? **The Year's Work in English Studies**. Old English to 1200. Oxford, 2022. Também: RAMBARAN-OLM, Mary. WADE, Erik. Race in Early Medieval England. **Cambridge Elements**. Cambridge, 2020.
 - 5 A discussão tomou grandes proporções. Inclusive, foi publicada uma matéria no Washington Post sobre a situação. Ver: < <https://www.washingtonpost.com/education/2019/09/19/its-all-white-people-allegations-white-supremacy-are-tearing-apart-prestigious-medieval-studies-group/> > acessado em 05 de abril de 2020.
 - 6 A *ISSEME* fez uma carta de recomendação sobre o uso do termo ‘Anglo-Saxão’ quando remodelou sua nomenclatura. Esta declaração oficial, que motivou nossos problemas de pesquisa, pode ser vista no site da organização: < <https://isseme.wordpress.com/2019/11/21/statement-on-the-term-anglo-saxon/> . Acessado em 29 de junho de 2020.

sentido responder questões que o campo de estudos que nos inserimos estava começando a rejeitar. As reflexões deveriam tomar *outro* rumo e assumir uma *outra* face.

O questionamento que sugeriu a reforma da nomenclatura se justificava sobre a aplicabilidade em condições históricas do termo ‘Anglo-Saxão’, um debate que se mostrava ativo há muitos anos nos estudos sobre os povos Ingleses. Cada vez mais se mostrava a necessidade de ler os Ingleses em sua relação com o Outro. Quem efetivamente iniciou este debate sobre a nomenclatura foi a historiadora Susan Reynolds em 1985. A historiadora finalizava seu artigo de forma precisa:

Justo através do ‘período Anglo-Saxão’, portanto, o termo ‘Anglo-Saxão’ nos convida a fazer perguntas e confundir nossas ideias com aquelas do período que nós estudamos. Deve ser presunçoso tentar parar o mundo terminológico dos historiadores – e muito menos do público geral – e tentar sair; mas mesmo se nós devemos continuar a usar um nome que se tornou bem estabelecido na tradução, nós devemos fazer bem em lembrar que os primeiros Ingleses medievais não se chamavam Anglo-Saxões. **Se nós queremos chamá-los disso, nós deveríamos pensar melhor sobre o que nós queremos significar** e o que outros podem pensar que nós podemos significar, pelo nome que nós escolhemos usar.⁷ [Grifo nosso]

É a partir deste convite de Susan Reynolds, somado ao questionamento proposto no debate político atual na *ISAS* que os problemas de pesquisa desta dissertação começaram a tomar uma nova fisionomia. Julgamos necessário remover pressupostos essencialistas do fazer identitário dos povos Ingleses. Um essencialismo ativo pelo menos desde o século XIX, quando o termo ‘Anglo-Saxonismo’ enxergou no período denominado ‘Anglo-Saxão’ uma idealização de um passado glorioso. Uma idealização que tem bases étnico-raciais.⁸

O termo ‘Anglo-Saxonismo’, portanto, serviu de senso comum para ser usado em muitos contextos até o presente. O contexto mais evidente é na denominação *WASP – White, Anglo-Saxon and Protestant* em que grupos supremacistas encontram refúgio ideológico para expressar racismo e se identificar enquanto grupo. Estas denominações supremacistas evocam uma ‘essência’ duvidosa que bebe na expressão étnica do termo ‘Anglo-Saxão’ como aporte central.

7 Tradução live de: “Right through the ‘Anglo-Saxon period’ therefore, the term ‘Anglo-Saxon’ invites us to beg questions and confuse our own ideas with those of the period we study. It would be overpresumptuous to attempt to stop the terminological world of historians — let alone of the general public — and try to get off; but even if we must continue to use a name that has become well established in tradition, we might do well to remember that the early medieval English did not call themselves Anglo-Saxons. If we want to call them that, we ought to think hard about what we mean, and what others may think we mean, by the name that we have chosen to use.” In: REYNOLDS, Susan. What do we mean by ‘Anglo-Saxon’ and ‘Anglo-Saxons’? *Journal of British Studies*. v. 24. n. 4. Oct/1985. p. 395-414.

8 HORSMAN, Reginald. Origins of Racial Anglo-Saxonism in Great Britain before 1850. *Journal of the History of Ideas*. v. 37. n. 3. University of Pennsylvania Press. 1976. p. 387.

Nosso objetivo permaneceu em estudar os aspectos de identidade dos povos Ingleses. Entretanto, fizemos um exercício para demover aquela ótica comum que, nas palavras de Reynolds, normalizou o uso do termo ‘Anglo-Saxão’ na forma que conhecemos hoje. Isto abriu precedentes tanto para reinterpretações de grupos supremacistas, quanto no contexto que motivou as reformas no campo.

É a partir desta reforma terminológica que enxergamos a justificativa acadêmica de investigar a formação dos povos Ingleses sob a ótica do Outro, isto é: as quatro etnias que mais se relacionaram com os Ingleses nos contextos que estudamos. Irlandeses, Pictos, Bretões e Daneses, em nossa análise, assumem protagonismo para moldar parte do sistema de formação identitária dos Ingleses. Se o termo ‘Anglo-Saxão’ precisa ser revisto, é necessário procurarmos os pressupostos históricos que motivam esta revisão. Portanto, o desafio está lançado.

Com este desafio em mente, revisitamos o processo de formação identitária. Especificamente, nas categorias tropológicas da *gens Anglorum* do discurso Bedaniano e da *Angelcynn* do discurso da *Crônica*, trópicos os quais organizam a estrutura desta dissertação.⁹ Assim, propomos alguns questionamentos iniciais.

O problema central é: como *interpretar* os efeitos do Outro no discurso de formação identitária dos povos Ingleses? A partir deste problema se desdobram: quem é este Outro nos respectivos *enredos* da *Ecclesiastica Historia* e da *Crônica*? Como os termos *gens Anglorum* e *Angelcynn* condicionam a relação de povos Ingleses com as etnias que os cercam? Em quais *marcadores* o elemento “Outro” atua neste processo de formação? Como ler o Outro, um personagem *ficcionalizado* nas fontes, neste constructo situacional – os agrupamentos étnicos – descritos por Beda e Alfredo?

Na busca da resolução destes questionamentos aparece um termo chave: a outridade. A outridade é o que constitui as lentes de nossa leitura das fontes no referente a formação dos povos Ingleses. Estas fontes condicionam a outridade a partir de ‘situações’. São situações pois, embora o Outro não definiu o discurso central das fontes – que é a produção de um discurso identitário – ele permeou este processo de produção de identidade. São situações interpretadas quando narradores do processo de geração dos povos Ingleses discursam. Mas são situações, acima de tudo, pois a condição central da etnicidade é situacionalidade, como estabeleceu Patrick J. Geary.¹⁰ Ao entender estas situações de outridade expomos as possibilidades de falar na construção identitária dos

9 Ao colocarmos estes termos logo em nosso objetivo, recortamos nossa leitura metodológica a partir de Hayden White. Ver: WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2001

10 GEARY, Patrick. Ethnic Identity as a Situational Construct in the Early Middle Ages. In: GEARY, Patrick J. CURTA, Florin. SPINELI, Christina (eds.). **Writing History**: Identity, Conflict and Memory in the Middle Ages. Bucareste: Editura Academiei Române, 2012. p. 4-21.

Inglese sem essencializar estruturas, sem falar na formação de uma ‘identidade nacional’, algo que os historiadores Ingleses, de uma forma ou outra, condicionam este processo formativo.

A outridade é uma palavra ausente ao dicionário de Língua Portuguesa: sua matriz linguística vem da palavra anglófona ‘*Otherness*’. A outridade é, com efeito, a adaptação ao português desta palavra. Ao contrário do nosso idioma, na Língua Inglesa existe uma separação efetiva dos conceitos ‘*alterity*’ e ‘*otherness*’. A partir desta adaptação do termo propomos um posicionamento epistemológico. Enquanto a ‘alteridade’ define a oposição a um único Outro, e, por isso, é dual¹¹, a outridade é um conceito que dialoga igualmente com identidade e alteridade, concebida em um singular-plural.¹² A outridade compartilha elementos que estão nas duas categorias de leitura, pois ela não se opõe a um único Outro antagonizado, mas estabelece uma relação com vários Outros que coexistiram de maneira próxima. Ao mesmo tempo a outridade e a alteridade são parte do ‘grande espectro’ da identidade. De modo que a ‘outridade’ simbolize, a grosso modo, a parte específica da identidade que se concebe a partir da relação com o Outro. Mas, ao mesmo tempo, não é parte do espectro que constitui a antítese completa das características do Outro, que comumente pertence à alteridade na teoria pós-colonial.¹³

Não queremos criticar ou recusar a teoria pós-colonial, mas adaptá-la com algumas ressalvas. A alteridade e a teoria pós-colonial, embora sejam dispositivos de leitura muito pertinentes para muitos campos da historiografia, precisam ser reorganizadas epistemologicamente para aplicar ao período da Inglaterra Medieval inicial. Isto se justifica pois falamos de um espaço delimitado em que os povos constituem interação intensa e, portanto, conhecem as características um do outro. Por isso falamos em outridade (*otherness*) e não em alteridade (*alterity*).

Nas fontes, a outridade é lida no discurso produzido quando se fala sobre o Outro. Assim, focamos nossa metodologia na Análise do Discurso. É na exposição dos discursos enunciativos que verificamos as tensões entre alteridade e identidade. A tensão entre o ‘dito’ e o ‘não-dito’, entre o discurso de ‘integração’ e de ‘recusa’, é uma lente de leitura que parte também do nosso viés interpretativo. A teoria de discurso que partimos é baseada em Hayden White, que indica que o discurso historiográfico é um dispositivo de interpretação do autor.¹⁴ A *Crônica* e Beda abordam, em grande medida, um passado narrado e interpretado pelos seus autores. Estas narrativas são o

11 HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**: Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 271.

12 DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

13 A alteridade como justaposição e antítese é produzida primeiramente por Edward Said. Em termos culturais, esta antítese pode é ainda mais ressaltada de forma muito combativa por Homi Bhabha. Ver: SAID, Edward. **O Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.; BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

14 WHITE, H. Trópicos do Discurso. Op. cit.

produto de interpretações específicas sobre os acontecimentos passados do ‘povo’ que se debruça a contar.¹⁵

A teoria de White indica *trópicos* de leitura, os ‘trópicos do discurso’ que o autor afirmou que são parte de toda constituição discursiva sobre o passado. Este discurso cria um enredo que relativiza a ‘verdade histórica’, um *mythos*, e assim permite que criamos uma engrenagem específica de leitura dos documentos. São as próprias fontes que nos dão esta abertura. É uma engrenagem que nos permite ler situações específicas de análise (sobre o Outro) em sua particularidade para conferir um enredo próprio para o processo formativo dos Ingleses. Por isso, a leitura sobre o Outro deve ser analisada qualitativamente e de forma interpretativa. É ali que situamos o método para o texto que produzimos.

O discurso é o ponto de partida para verificar como a dinâmica acontece entre os diversos ‘Outros’ das Ilhas Britânicas. Uma dinâmica com pluralidade de etnias: Bretões, Daneses, Pictos e Escotos, homogeneizados como o ‘Outro’ na ótica Inglesa. Os Ingleses, o ‘si mesmo’, também são compostos por uma pluralidade de povos: Anglos, Saxões e Jutos e outros grupos germânicos minoritários que, a partir dos finais do século V, nos eventos do chamado *Adventus Saxonuum*, migraram e se estabeleceram nas Ilhas Britânicas.

A ideia de pluralidade está em contexto e forma nossa hipótese central: no período formativo dos Ingleses se conceberam ‘unidades plurais’, um termo de referência para os distintos espaços que englobam indivíduos de outras etnias. Estas unidades esculpiram todo o processo, um símbolo para quando os Ingleses se constituíram em diálogo com o Outro.

A alteridade, enquanto análise, foi amadurecida como uma prática de justaposição com o desconhecido, como escreveu Edward Said¹⁶ no conceito de Orientalismo, e fez François Hartog¹⁷ nos estudos das passagens de Heródoto sobre os Citas para cunhar o Outro enquanto representação. Como ela se comporta, então, diante do conhecido? É o conhecido que move sua instrumentalidade enquanto prática de leitura. É o conhecido que autoriza falar em outridade no lugar de alteridade. Tanto no texto de Beda quanto na *Crônica* existiram povos que estavam em contato com os Ingleses, povos que se conheciam. São povos em uma relação de proximidade. Povos que os Ingleses propositalmente constroem antagonismos ou integram às suas unidades. É da construção destes antagonismos ou da integração em relação ao Outro que majoritariamente visualizamos o que está circunscrito no ‘si’. A outridade é o elemento que *permeia* este diálogo.¹⁸

15 WHITE, Hayden. A Interpretação da História. In: WHITE, H. Trópicos do Discurso. Ibid. p. 65-96.

16 SAID, E. O Orientalismo. op. Cit.

17 HARTOG, F. O Espelho de Heródoto. op. cit.

18 BROWN, Catherine. In the Middle. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*. n. 30, v. 3. 2000. p. 547-569.

Ao falar em unidades plurais dos povos Ingleses pressupomos o conceito de hibridismo cultural. Epistemologicamente, o hibridismo é conveniente pois é aquilo que estabelece o ‘lugar mediano’ da outridade entre as concepções de identidade e alteridade. Para nós, o hibridismo serve como um mecanismo que condiciona o papel do Outro diante dos Ingleses medievais.¹⁹ Este mecanismo está nas situações de outridade como uma ferramenta particular para definir as características de inclusão dos povos. Embora hibridismo não defina a *gens Anglorum* e *Angelcynn*, pois houve também um discurso de diferença imbuído nestes trópicos, os espaços híbridos apareceram na aproximação dos Ingleses com o Outro. Espaços híbridos sem delimitação fixa, são os meios difíceis, emprestando o termo de Cohen.²⁰ Espaços híbridos que permitem fluidez para as fronteiras étnicas.²¹ Esses espaços produzem um *continuum* em uma etnicidade atuante na perspectiva da *gens*,²² uma etnicidade que teve uma atuação múltipla: trabalhou para concatenar diferenças e para expor semelhanças.

Em termos de identidade, o conceito de outridade é não-essencialista.²³ Uma vez híbrida, a outridade se desarticula do essencialismo pois na pluralidade não existem características monolíticas e cristalizadas. As unidades plurais que constantemente nos referimos definiram a escrita do passado e presente de dois contextos: o Bedariano ao redor da *gens Anglorum* e o Alfrediano junto a *Angelcynn*. Estes contextos, separados por cento e setenta anos de história, se conectam pela existência da outridade. São formas de identidade com características próprias e que estão localizadas em tempos diferentes, mas interligadas, pois pertencem a um mesmo processo de continuidade que molda os Ingleses enquanto um grupo étnico. A primeira, *gens Anglorum*, foi uma expressão do monge Beda (673 – 735) que surgiu a partir de sua obra, a *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*, cunhada para unidade étnico-religiosa de forma que ilustrasse a união entre a Igreja e aquilo que ele convencionou chamar de ‘povos Ingleses’. A segunda foi a expressão de Alfredo, o Grande (r. 871 – 899) para unidade política, instrumentalizada na sua *Crônica Anglo-Saxônica* de modo que simbolizasse uma unidade do reino de Wessex contra as investidas dos antagonistas centrais do período, os Daneses. Convencionamos a interligação dos conceitos da seguinte maneira: a *gens Anglorum* produzida em 731 foi lida pelo projeto alfrediano de unidade

19 RICOEUR. **O Si mesmo como um Outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

20 COHEN, Jeremy Jeffrey. **Hibridity, Identity and Monstrosity in Medieval Britain: On Difficult Middles**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.

21 BARTH. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da Etnicidade**: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

22 Embora Amselle não se debruce no conceito de *gens*, utilizamos sua ideia de *continuum*, isto é, um elemento que interliga e está presente em distintos espaços da etnia. Ver: AMSELLE, Jean-Loup. Etnias e Espaços. In: AMSELLE, Jean-Loup. M'BOKOLO, Elikia. **No Centro da Etnia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

23 WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2003. p. 1-25. Versão digitalizada.

política que tomou forma no século IX, e se transformou em um segundo conceito, este em Inglês Antigo, a *Angelcynn*. Ambos os termos simbolizaram discursivamente a ideia de ‘povos Ingleses’.

Esses trópicos discursivos nos permitem compreender pontos de ebulição do processo de constituição dos povos Ingleses. Um processo que teve suas primeiras pinceladas no século V e foi marcado pela continuidade, pois 899 não foi o fim, da mesma forma que 731 não foi o começo. Nos séculos X e XI a identidade dos Ingleses continuou a se desenvolver, como no reinado de Eduardo, o Velho (r. 899 – 926), Æthelstan I (r. 926 – 939) até a batalha de Hashtings em 1066 quando a formação da identidade já estava em outro estágio. Já os Anglos, Saxões e Jutos estavam entrelaçados em etnicidades híbridas desde a década de 450 quando migraram para o espaço insular. Em termos de recorte temporal, 731 e 899 foram, em suma, os momentos em que esta é identidade foi descrita e, assim, pôde ser acessada. Não acessamos a identidade em sua totalidade, mas, de forma mais singela, acessamos os picos de seu processo formativo. São pequenas olhadelas que permitem que nós, historiadores, possamos verificar um passado tão longínquo.

Seleção documental

O *corpus* documental desta pesquisa consiste em duas fontes que se desdobram em três: a *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*, atribuída a Beda e datada para o ano de 731, e sua tradução realizada no círculo Alfrediano no século IX. Visamos a parte da ‘*Common Stock*’, isto é, o estoque comum da *Crônica Anglo-Saxônica*, fonte que começou a ser escrita em torno de 890/892 e foi finalizada apenas em 1154. A *Common Stock* é lida nas descrições sobre o passado dos Ingleses que vai da chegada de Júlio César, atribuída para 60 a.C., até a morte de Alfredo em 899. A partir da década de 890, as descrições ficaram um pouco mais densas, mas ainda corresponderam às produções realizadas em seu período de reinado, que só terminaram no registro de 901. Nas páginas a seguir descreveremos estes documentos com o intuito de demonstrar as relações entre eles.

I – A *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*

A *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* (EH) é um documento finalizado em 731. Seu autor é o monge Beda, o Venerável. Este texto foi escrito nos mosteiros de Wearmouth e Jarrow, monastérios gêmeos que se encontravam no território do reino da Nortúmbria. É considerado o mais completo documento de registro histórico do centro-sul insular entre os séculos V e VIII, período que quase não há vestígios de documentos escritos aos dias de hoje. O texto original foi escrito em Latim, com uma tradução para o Inglês Antigo feita no século IX.

Investigamos este documento a partir da edição de R. A. B. Mynors e Bertham Colgrave de 1969.²⁴ Usamos esta edição tanto para a consulta da versão em Inglês moderno quanto para transcrições texto em Latim. Esta é uma edição crítica fundamentada a partir de outra edição crítica dos manuscritos de 1896, *Venerabilis Baedae Opera Historica* de Charles Plummer, que consta com tradução direta do Latim.²⁵

O contexto de produção da obra foi múltiplo. A *EH* foi finalizada apenas quatro anos antes da morte de Beda. Apresentou temáticas amadurecidas a partir de outras obras produzidas pelo mesmo autor anteriormente. Por exemplo, a obra *De Temporibus Ratione (Da contagem dos Tempos)*, de 725, é uma discussão sobre a datação da Páscoa, tema que é recorrente no livro V da *EH*. *De Natura Rerum (Da Natureza das Coisas)*, finalizada em 703, é um tratado que foi influenciado pelas discussões anteriores de Beda sobre a patrística.²⁶ No mesmo tratado é perceptível que Beda lia obras da Grécia Antiga.²⁷ Além disso, diversas passagens dos livros I, II e III da *EH* indicaram estas aproximações com temáticas de suas obras anteriores, como visto nas descrições do prefácio sobre o papa Gregório Magno (*EH*, prefácio). O Papa Gregório I (papado: 590 – 604) foi um dos heróis particulares para Beda por ser o responsável por dar início ao processo de cristianização dos Cantuários de Kent.²⁸ A bula *Cura Pastoralis* de Gregório foi uma referência tanto para Beda quanto para Alfredo, uma vez que também foi uma das obras traduzidas posteriormente no século IX. O monge Nortúmbrio, antes de produzir a *EH*, escreveu comentários sobre diversos livros da Bíblia, tais como Esdras e Neemias²⁹, sobre o livro de Samuel³⁰ e também homilias sobre os evangelhos.³¹

O nosso ponto de partida para ler a *EH* é a compreensão de que a obra é fruto de intenções de unificação étnico-religiosa de Beda. Neste sentido, a tese de Windy McKinney contribuiu para nossas reflexões:

24 MYNORS, R. A. B.; COLGRAVE, Bertham (ed.). **Bede's Ecclesiastical History of the English People**. Oxford: Clarendon Press, 1969.

25 A primeira edição crítica dos manuscritos foi realizada por John Smith em 1722, de acordo com Plummer. PLUMMER, Charles. **Venerabilis Baedae Opera Historica**. Vol. 1. Oxford: Clarendon Press, 1896. p. lxxx.

26 WALLIS, Faith. Si Naturam Quaeras: reframing Bede's 'science'. In: DEGREGORIO, Scott. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Morganton: West Virginia Press, 2006. p. 65-100.

27 KENDALL, Calvin B. The Responsibility of *Auctoritas*. Method and meaning in the Bede's commentary on Genesis. In: DEGREGORIO, S. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Ibid. p. 101-120.

28 WOOD, Ian. Some Historical Re-Identifications and the Cristianization of Kent. In: ARMSTRONG, Guyda; WOOD, Ian (eds.). **Christianizing People and Converting Individuals**. Turnhout: Brepols, 2000. p. 27-36. E também: CAMPBELL, James. The First Century of Christianity in England. In: CAMPBELL, James. **Essays in Anglo-Saxon England**. Londres: The Hambledon Press, 1986. p. 49-68.

29 DEGREGORIO, Scott. Footsteps of his Own: Bede's commentary on Ezra and Nehemiah. In: DEGREGORIO, S. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. op. Cit. p. 143-168.

30 BROWN, George Hardin. Bede's neglected Commentary on Samuel. In: Ibid. p. 121-142.

31 MARTIN, Lawrence T. Bede's originality in his use of the Book of Wisdom in his Homilies of Gospels. In: Ibid. p. 182-202.

O próximo passo neste plano era, claro, a conversão Anglo-Saxã para a Cristandade. Nesta conversão, Beda estabelece uma identidade para eles da qual transcende as linhagens familiares do mito de origem Germânico e o papel do pagão como um instrumento de retribuição divina para criar uma identidade da qual era étnico-religiosa.³²

Beda, ao traçar o mito de origem da *gens Anglorum*, o definiu como um marco na criação de uma identidade. Esta identidade, segundo o autor, foi étnico-religiosa. Um mito que indicou que sua história começou na conversão dos povos Ingleses que teve o rei Æthelberht de Kent (reinado: 580? – 616) como seu representante político e Augustino de Canterbury (morto em 604) como seu representante religioso. Foi assim a história dos Ingleses contada por Beda, dividida em duas matrizes: a religiosa (cristã) e a étnica (Inglesa). Ao construir um mito de origem como ponto de referência do início da *ethne* dos povos Ingleses, Beda afirmou que só existia *gens Anglorum* com os Ingleses cristianizados. Estas classificações religiosas e étnicas não são desvinculadas entre si, assim, compreendemos a importância da conversão dos Ingleses ao cristianismo. As referências usadas para caracterizar o que é sagrado e o que é profano estabeleceram marcos para que a *EH* tomasse forma, e foram referências centrais na formatação do que pertencia ao Outro e do que não pertencia.

Nossa leitura está orientada a partir dos comentários que Beda teceu sobre os Ingleses como grupo étnico. Assim, o fator eclesiástico nas discussões sobre a criação da Igreja dos Ingleses é um dos nossos planos de fundo para análise.³³ Intencionamos Beda não somente como um “historiador”³⁴ responsável na busca do retrato do passado deste grupo, mas também o visualizamos como um homem interessado na descrição do seu próprio povo diante dos outros povos circundantes a ele. Um autor que descreveu os costumes dos Ingleses, sua localização e os acontecimentos que circundaram este coletivo. Beda foi, com efeito, um observador.

Beda foi um monge comprometido com a doutrina ortodoxa romana.³⁵ Também foi um Nortúmbrio por nascença. Dedicou sua obra a Coelwulf, rei da Nortúmbria³⁶, e considerou os povos que se encontravam ao norte do Humber como parte de sua preocupação central. Foi também aprendiz e mestre. Aprendiz, pois nutriu respeito por obras anteriores, como de Gildas e Isidoro de

32 Tradução livre de: “The next step in this plan was of course the Anglo-Saxon conversion to Christianity. In this conversion, Bede establishes an identity for them which transcends the familiar lines of Germanic origin myth, and the role of the pagan as an instrument of divine retribution, to create an identity which was ethno-religious.”

33 Para a definição de um grupo étnico, seguimos: BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit.

34 É necessário respeitar os postulados de Roger Ray ao afirmar que ele dificilmente teria noção de que ele mesmo seria um historiador. Beda, sim, tinha noção como um criador de uma cultura escrita, latina e cristã, que fosse seguir as obras divinas de outros que vieram antes dele, como Isidoro de Sevilha, Agostinho de Hipona e Gregório Magno. Ver: RAY, Roger. Who did Bede think he was? In: DEGREGORIO, S. Innovation and tradition in the writings of The Venerable Bede. op. Cit. p. 11-36.

35 Beda disserta com mais ênfase em: *EH*, III, XIV; *EH*, III, XX-XXI; *EH*, V, XVII; *EH*, V, XIX; *EH*, V, XXII.

36 *EH*, prefácio.

Sevilha. Mestre, visto que foi tomado como referência na leitura de autores posteriores como Nênio, Alcuíno de York e os cronistas de Alfredo, somente falando de autores das Ilhas Britânicas.³⁷ Beda foi, sem dúvida, um receptor de muitas tradições, mas também um resultado da etnicidade que ele mesmo carregava e daquela que descrevia. No início da obra, Beda justificou este conhecimento a partir de um trecho amplamente baseado na obra *De Excidio Britanniae*, lançada por Gildas em meados do século VI:

No presente tempo, existem cinco línguas na Britânia, assim como a lei divina é escrita em cinco livros [...] estas são o Inglês, o Bretão, o Irlandês, o Pictês, assim como as línguas latinas; através do estudo das escrituras, o Latim é em geral usado dentre todos. Para começar, os habitantes da ilha eram todos Bretões, dos quais recebem seu nome; eles navegaram para Britânia, como é dito, da terra de Armorica, e apropriaram-se da parte sul dela. Depois de eles terem posse da maior parte da ilha, começando do Sul, é relatado que a raça Picta, vinda da Cítia, navegou através do oceano em poucos navios de guerra e foram carregados pelo vento para além dos mais longínquos limites da Britânia, chegando a Irlanda e desembarcando nas costas nortenhas. Ali eles acharam a raça Irlandesa e pediram permissão para se estabelecer dentre eles, mas seu pedido foi recusado. Agora a Irlanda é a maior ilha de tudo ao redor da Britânia e encontra-se a oeste dela; (*EH*, I, I)³⁸

A partir desta citação afirmamos que Beda descreveu seu lugar e o lugar que o cercava. Uma cópia reproduzida a partir da *De Excidio Britanniae* de Gildas, mas que, mesmo assim, não perdeu a originalidade, dado que esta descrição foi crucial para seu argumento do que estava ou não estava dentre os Ingleses. Como neste exemplo e em vários outros a serem analisados, Beda registrou os povos que circundavam os Ingleses, seu objeto principal. As Ilhas Britânicas eram, enfim, o referencial geográfico central de Beda.

É desta preocupação com o Outro que destacamos o ponto de partida da outridade. Hartog havia proposto, ao analisar Heródoto, encarar os autores pré-modernos a partir do postulado da etno-história como uma consequência do recuo da história política.³⁹ Entretanto, o mesmo não se

37 Falando em autores baixo-medievais, Beda foi referência ativa para diversos escritores ingleses, desde Geoffrey de Monmouth e Roger de Hoveden, no espaço inglês, até Gerard de Gales dentre os povos vizinhos. Estas conexões são perceptíveis na criativa instrumentalização Jeremy Cohen em que o autor considera que há elementos literário que permeiam estes autores. COHEN, Jeremy Jeffrey. *Between Belongings: History's Middles*. In: COHEN, Jeremy Jeffrey. **Hibridity, Identity and Monstrosity in Medieval Britain: On Difficult Middles**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006. p. 43-76.

38 Original em Latim: "Heac in praesenti, iuxta numerum librorum, quibus lex diuina scripta est, [...] Anglorum uidelicet. Brettonum, Scottorum, Pictorum et Latinorum, quae meditatione scripturarum ceteris omnibus est facta communis. In primis autem haec insula Brettones solum, a quibus nomen accepit, incolas habuit; qui de tractu Armoricano, ut fertur, Britanniam aduecti, australes sibi partes illius uindicarunt. Et cum plurimam insulae partem, incipientes ab Austro, possedissent, contigit gentem Pictorum de Scythia, ut perhibent, longis nauibus non multis Oceanum ingressam, circumagente flatu uentorum, extra fines omnes Britanniae Hiberniam peruenisse, cuiusque septentrionales oras intrasse, atque inuenta ibi gente Scottorum, sibi quoque in partibus illius sedes petisse, nec inpetrare potuisse. Est autem Hibernia insula omnium post Britanniam maxima, ad occidentem quidem Britanniae sita" PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. 12.

39 HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto*. op. cit. p. 374.

aplica a Beda: conciliamos as descrições do monge sobre os fatores políticos com sua identidade étnica para verificar as situações que relata o Outro.

Para além da leitura de Beda como um indivíduo que associava a unidade eclesiástica com a unidade étnica e a unidade política, o monge também citou diferenças. Como este trecho nos mostrou, a narrativa do autor nortúmbrio era Anglocêntrica.⁴⁰ O Anglocentrismo da narrativa nos condiciona estratégias de distinção, emprestando o conceito de Walter Pohl.⁴¹ De toda forma, o autor citou quem eram os povos vizinhos, de onde vieram, por onde passaram e por quanto tempo na ilha estavam. Um elemento condicionou o outro na narrativa de Beda, pois não houve fratura entre os enredos criados em sua obra, mas houve interligação das narrativas pelo conceito da *gens Anglorum*. Ao descrever as *ethne* que circundaram os povos Ingleses, o monge tinha a matriz do poder político como base, matriz que foi Inglesa. Foi no poder político dos reis e nos desdobramentos étnicos deste poder que Beda determinou a importância do Outro na formação dos povos Ingleses sob sua *gens Anglorum*. Foram, portanto, diferenças enunciadas com um objetivo muito específico de fortalecer seu discurso.

As descrições políticas em Beda não fizeram parte de um discurso que abnegava a etnicidade. Por outro lado, a etnicidade dos Ingleses foi a base. Pelas etnias o autor construiu estratégias de distinção. Como escreveu a historiadora Sarah McCann,

Beda é um autor muito interessado na identidade étnica. É um pedaço de informação que ele frequentemente oferece sobre indivíduos em sua escrita, explicando que uma pessoa é Irlandesa (*de genere Scottorum*), Gaulesa (*natione quidem Gallus*), Cantuária (*de gente Cantuariorum*) ou, de fato, da *gens Anglorum* (ver: *HE*, III, 13; *HE*, III, 7; *HE*, III, 14, *HE*, III, 27, respectivamente). Ele vê isso como um **detalhe pertinente** e, às vezes, é tudo que ele registra, deixando-os sem nome. A narrativa de Beda é populada pelo povo de vários panos de fundo e ele registra esta variedade, criando um mundo interativo de *gentes*, apesar da visão singular oferecida pelo título do texto.⁴² [Grifo nosso]

As reflexões de McCann sobre a distinção nos são pertinentes, mas ao contrário do que ela afirma, a diferença não é somente um detalhe. Longe disso. Foi uma tática que estabeleceu uma ponte para com as descrições do Outro, mesmo que ele não fosse nomeado. Não nomear, inclusive,

40 Termo usado para indicar a centralidade da etnia dos Ingleses ante outras.

41 POHL, Walter; HEIMITZ, Helmut. **Strategies of Distinction: the construction of Ethnic Communities**, 300 – 800. Boston: Brill, 1998. p. 10.

42 Tradução livre de: “Beda is an author very interested in ethnic identity. It is a piece of information he often supplies about individuals in his writing, explaining that a person is Irish (*de genere Scottorum*), Gaulish (*natione quidem Gallus*), Kentish (*de gente Cantuariorum*), or, indeed, of the *gens Anglorum*. He sees this as a pertinent detail and, at times, it is all he records, leaving them nameless. Bede’s narrative is populated by people of various backgrounds and he records this variety, creating an interactive world of *gentes* despite the singular vision offered by the title of the text.” MCCANN, Sarah. **Bede’s Plures de Scottorum regione: The Irish in the Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum**. Tese (Doutorado). 350 f. Submetida no Departamento de História, Escola de Humanidades, National University of Ireland, Galway. 2013. p. 30.

foi um fator que fortaleceu o Outro *ser* um Outro, devido às táticas narrativas das fontes. Assim, esta *gens Anglorum* foi fundamentada em estratégias de distinção de indivíduos que carregavam suas respectivas etnias.⁴³ Estratégias que podiam ser tênues e sutis, como com os Irlandeses, ou mesmo agressivas e anunciadas, como diante dos Bretões. Beda construiu seu conceito pensando em um *tropos* que indicou unidade das etnias que compunham os povos Ingleses: Anglos, Saxões e Jutos.⁴⁴ Em suma, o monge produziu estas categorias de modo que os Ingleses correspondessem a um grupo único, distinto e central quando comparados com os povos circundantes. Com a estratégia exposta, cruzamos a ponte para acessar a identidade dos Ingleses: a escrita de Beda foi um resultado da relação com o Outro, um singular-plural. Beda foi alguém que fez sua obra assumir muitos rostos. O efeito foi encarar a *gens Anglorum* como um resultado da mão que condicionou sua fabricação, e esta mão estava preocupada com o Outro.

II – A *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* em Inglês Antigo

Uma característica muito peculiar da *Ecclesiastica Historia* é que ela é uma fonte que foi traduzida no século IX para o Inglês Antigo. Consultamos o documento da tradução pelo arquivo disponibilizado no site da Universidade de York, no Canadá.⁴⁵ A versão em Inglês contemporâneo foi transcrita e tratada pelo prof. Thomas Miller em 1889.⁴⁶ Esta tradução, condicionada a um projeto político muito específico comandado por Alfredo de Wessex, nos revela algumas características de contexto. Indicamos que a tradução aconteceu no século IX, no período de reformas educacionais de Alfredo.⁴⁷ O rei considerava necessário a tradução e compilação de documentos para reforçar sua ideia de unidade nos âmbitos do político, do cultural e do intelectual.

43 A noção de indivíduo que aqui aplicamos é sempre precedida por uma noção de identidade coletiva, que é central quando falamos em etnicidade. É importante alertar, conforme delimitado por Dominique Iogna-Prat e Miriam Bedos-Rezak, que é necessário ter muita cautela ao usar este termo. Os autores argumentam que dificilmente na Idade Média as pessoas tinham uma noção plena de que carregavam uma ‘originalidade’. Os autores propõe que esta percepção de originalidade está mais próxima de quem escreve no presente do que aplicada ao passado. Portanto, é necessário fazermos adaptações e ligar os determinados alertas para quando falamos em ‘indivíduos’. Estamos falando de pessoas precedidas por uma etnicidade, que é coletiva. Ver: IOGNA-PRAT, Dominique. BEDOS-REZAK, B. Miriam. *L’Individu au Moyen Âge*. Aubier: Éditions Flammarion, 2005. p. 7-29.

44 *EH*, II, V.

45 Disponível em: < https://www.yorku.ca/inpar/Bede_Miller.pdf >. Acessado pela última vez em 15 de fevereiro de 2021.

46 MILLER, Thomas. *The Old English version of Bede’s Ecclesiastical History of the English People*. Londres: The Early English Text Society, 1890.

47 O termo reformas ‘educacionais’ parte da terminologia usada por Frank Stenton no sentido de atribuir ao monarca a participação na compilação e tradução de diversos documentos em Inglês Antigo. Esta é uma ruptura em termos literários no período pois é um período em que as evidências documentais dos povos Ingleses se multiplicam, principalmente se formos olhar a produção especificamente na língua vernácula. Ver: STENTON, Frank. *Anglo-Saxon England*. Oxford: Oxford University Press, 1971. p. 272

Existem diversas produções do período além da tradução de Beda. Obras como a versão em Inglês Antigo da *De Consolatio Philosophiae* de Boécio,⁴⁸ a compilação dos códigos de leis de Ina de Wessex⁴⁹ e Æthelbert de Kent⁵⁰ entre diversas outras foram produzidas e reproduzidas no período. Entretanto, a relação da tradução da *EH* para o Inglês Antigo com o círculo do rei Alfredo é um tema de um profundo debate historiográfico.

Partimos da ideia, já tradicional nos estudos em Inglaterra medieval inicial, que a tradução foi conectada ao círculo alfrediano.⁵¹ No entanto, existem ressalvas. Ao analisar o desenvolvimento do Inglês Antigo no texto, o filólogo Thomas Miller indicou que os manuscritos da *EH* em Inglês Antigo foram escritos em dialetos diferentes dos falados em Wessex no século IX. Portanto, Miller removeu a tradução da *EH* das mãos de Alfredo. Esta hipótese afirmou que a tradução foi realizada no dialeto Anglo que era falado em Mércia, reino que muitas vezes retinha considerável autonomia diante de Wessex.⁵² Miller sugeriu que esta tradução foi fabricada por Wearfeth, um Mércio, então bispo de Worcester.⁵³ Apesar da hipótese de Miller ser bem embasada, poucos historiadores compactuaram dela. Não no sentido de que sua análise filológica seria insustentável, mas sim dizendo que Miller se equivocou ao remover de Wearfeth uma subjugação alfrediana. Para responder a estas resoluções, o historiador Frank Stenton afirmou:

Sete dos seus ajudantes literários são conhecidos por nome, e quatro deles possuem origem Mércia [...]. O mais velho deles foi provavelmente Werfeth, bispo de Worcester, quem foi consagrado para aquela sé em 873 de quem seu letramento deve ter começado alguns anos antes da metade do século.⁵⁴

48 Citamos o trabalho de mestrado de Monah Pereira e sua análise da tradução alfrediana de Boécio. PEREIRA, Monah Nascimento. **One King to Rule Them All: identidade, legitimação e unidade na versão Alfrediana da Consolação da Filosofia (séc. IX – X)**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

49 Disponíveis em Inglês atual no compilado de documentos de Dorothy Whitelock, *English Historical Documents v. 1*. WHITELOCK, Dorothy. *The Laws of King Ine*. In: WHITELOCK, Dorothy. **English Historical Documents**. vol. 1, c. 500 – 1066. Oxford: Oxford University Press, 1955. p. 364-371.

50 WHITELOCK, D. *The Laws of King Ine*. *ibid.* p. 357-359. Ver também: BROOKS, Nicholas. *The Creation and Early Structure of the Kingdom of Kent*. In: BROOKS, Nicholas. **Anglo-Saxon Myths, State and Church, 400 – 1066**. Londres, Rio Grande: The Hambledon Press, 2000. p. 33-61.

51 WHITELOCK, F. **The Old English Bede**, 1962 *apud* MCKINNEY, Windy. **Creating a Gens Anglorum: Social and Ethnic Identity in Anglo-Saxon England through the Lens of Bede's *Historia Ecclesiastica***. 2011. 263 f. Tese (Doutorado) – Philosophy in Medieval Studies. Centre of Medieval Studies, University of York. p. 120

52 BROWN, Michelle P.; FARR, Carol A (orgs.). **Mercia: an anglo-saxon kingdom in Europe**. Nova York: Continuum, 2001.

53 MCKINNEY, Windy. **Creating a Gens Anglorum: Social and Ethnic Identity in Anglo-Saxon England through the Lens of Bede's *Historia Ecclesiastica***. 2011. 263 f. Tese (Doutorado) – Philosophy in Medieval Studies. Centre of Medieval Studies, University of York. p. 120.

54 Tradução livre de: “Seven of his literary helpers are known by name, and four of them were of Mercian origin [...]. The oldest of the group was probably Werferth, bishop of Worcester, who was consecrated to that see in 873, and who schooling must have begun some years before the middle of the century”. Ver: STENTON, Frank. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

Neste sentido percebemos como a conexão de Wearferth com o círculo alfrediano foi bem estabelecida. As reflexões de Stenton ilustraram um panorama historiográfico comum à escrita da história de seu tempo, considerada uma literatura clássica dos estudos em Inglaterra medieval inicial. Embora algumas de suas propostas herdem muitas características da historiografia do início do século XX⁵⁵, consideramos válida a proposição sobre Wearfeth. O autor coloca Wearferth em uma posição de subjugação alfrediana, com a qual concordamos. A partir de seu argumento afirmamos que a investigação dos fatores políticos está em uma seara que a análise filológica de Thomas Miller não chegou. Mesmo que Wearferth falasse em um dialeto Mércio que preservou sua origem, ele respondia politicamente a Alfredo. Assim, identificamos o *scriptorium* de Winchester, centro político de Wessex, como o lugar que Wearferth escrevia, onde ocorreu a tradução. Mesmo sendo Mércio, ele trabalhava na corte de Alfredo em Wessex, algo que pode ser justificado em função do reino de Mércia ter sido subjugado pelas forças dos Saxões Ocidentais a partir do reinado de Ecgberht (802 – 839).⁵⁶

Assim, o contexto político é base para nosso argumento. Foi no chamado ‘círculo alfrediano’ que o documento teve sua composição. Neste sentido, Patrick Wormald constatou:

As traduções do Rei Alfredo são importantes para a história da prosa vernácula Inglesa e fascinantes pelo que elas transmitem das próprias ideias do Rei. Mas, em adição, elas sobrevivem em um manuscrito contemporâneo; um segundo é existente em um manuscrito cerca de uma geração depois, do qual pode ser atribuído à Winchester; enquanto a *Crônica Anglo-Saxônica*, seja ou não diretamente inspirada por Alfredo, existe em um texto quase-contemporâneo, do qual deve propriamente ter sido escrito em Winchester e do qual quase certamente continuou ali. Portanto, **assim como a *História Eclesiástica de Beda*, nós temos manuscritos dos quais nos trazem muito próximos ao contexto do qual os trabalhos de Alfredo e seu círculo foram aparentemente compostos.**⁵⁷ [Grifo nosso]

55 Sir Frank Stenton é um herdeiro direto das reflexões de Hector Munro Chadwick, que foi um dos primeiros autores a propor uma historiografia crítica do período. Ver: CHADWICK, Hector Munro. **The Origin of the English Nation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1907. A cronologia da historiografia que utilizamos de referência parte da discussão bastante pertinente realizada por Sims-Williams. SIMS-WILLIAMS, Patrick. The Settlement of England in Bede and the Chronicle. **Anglo-Saxon England**. v. 12. Dez/1983. p. 2-4.

56 Ver: ZALUCKYJ, Sarah; ZALUCKYJ, John. Declin in: ZALUCKYJ, Sarah (org.). **Mercia: the Anglo-Saxon Kingdom of Central England**. Logaston: Logaston Press, 2001. p. 227-250.

57 Tradução livre de: “King Alfred’s translations are important for the history of vernacular English prose, and fascinating for what they convey of the King’s own ideas. But, in addition, one survives in a contemporary manuscript; a second is extant in a manuscript about a generation late, which may be ascribed to Winchester; while the Anglo-Saxon Chronicle, whether or not it was directly inspired by Alfred, exists in a near-contemporary text, which may itself have been written at Winchester, and which was almost certainly continued there. Therefore, as with Bede’s Ecclesiastical History, we have manuscripts which bring us very close to the context in which the works of Alfred and his circle were apparently actually composed.” WORMALD, Patrick. The Ninth Century. In: CAMPBELL, James (ed.). **The Anglo-Saxons**. Londres: Penguin Books, 1982. p. 132-160.

As análises do historiador Patrick Wormald foram pertinentes para identificar Winchester como o *scriptorium* alfrediano. Wormald habitou um espaço historiográfico semelhante ao de Stenton, que teve sua obra como uma literatura clássica dos estudos em Inglaterra medieval inicial. Argumentamos que a partir deste local de escrita, Winchester, há relação da tradução de Beda com a *Crônica Anglo-Saxônica*. Vemos o espaço alfrediano de escrita da história como um elo que liga a tradução da *EH* ao Inglês Antigo com a *Crônica*. Justificamos, aqui, que a tradução da *EH* estava conceitualmente mais próxima da *Crônica* do que da sua matriz latina, portanto, circunscrevemos que o *tropos* discursivo do documento é a *Angelcynn* alfrediana, não a *gens Anglorum* Bedaniana.

Em referência ao conteúdo do texto de *Beda em Inglês Antigo*, a tradução foi atentamente realizada pelo círculo alfrediano, porém, divergiu de sua matriz em Latim. Esta modificação do conteúdo é o foco central da nossa análise. Como esta tradução foi trabalhada desde a década de 1960, ainda existe bastante espaço de crescimento para tecer análises.⁵⁸ Uma destas é de George Molyneaux que nos deu um panorama sobre seu conteúdo ao dizer que Beda em Inglês Antigo

[...] **não é uma tradução completa: pedaços substanciais da (versão em) Latim são omitidos ou abreviados.** O tradutor trabalhou cuidadosamente, deletando citações para omitir seções, adicionando clarificações enquanto omissões anteriores fizeram isto ser apropriado e mostrando consistência dos tipos de assuntos abandonados. Muitos dos documentos que Beda citou são excluídos. Disputas doutrinárias são muito menos proeminentes: o Pelagianismo é inteiramente cortado e apesar das muitas referências breves da datação da Páscoa estarem mantidas, as discussões prolongadas de Beda sobre o tópico são em geral omitidas ou abreviadas e, assim sendo, deixam de ser um tema principal do texto.⁵⁹ [Grifo nosso]

O artigo de Molyneaux nos é de relevância singular. O autor produziu uma discussão em relação ao contexto da tradução, a partir do questionamento se a obra é resultado de intenções voltadas a ‘ideologia’ Inglesa ou instrução cristã. Por vezes, o autor falou de ‘ideologia’ para o período sem o cuidado que o termo precisa, ainda mais quando relacionado a ideia de grupo étnico. Estas escolhas não nos passaram despercebidas, mas isto não retira o mérito de seu argumento. Entendemos que esta tradução foi realizada com o objetivo de buscar uma unificação político-cultural, principalmente na reformulação e reforço da narrativa para se adaptar ao projeto

58 O primeiro trabalho de impacto no campo foi *The Old English Bede*, de Dorothy Whitelock. Ver: WHITELOCK, Dorothy. **The Old English Bede**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

59 Tradução livre de: “[...] is not a full translation: substantial chunks of the Latin are omitted or abridged. The translator worked carefully, deleting cross-references to omitted sections, adding clarification where earlier omissions made this appropriate and showing consistency in the kinds of material left out. Many of the documents that Bede quoted are excluded. Doctrinal disputes are much less prominent: Pelagianism is cut entirely and, although several brief references to the dating of Easter are retained, Bede’s lengthy discussions of the issue are generally omitted or abridged and it therefore ceases to be a major theme of the text.” MOLYNEAUX, George. The Old English Bede: English Ideology or Christian Instruction? **English Historical Review**. n. 124 (2009). p. 1289-1323.

alfrediano, conforme Windy McKinney posteriormente expôs.⁶⁰ É esta premissa de unificação que define que *Beda em Inglês Antigo* ainda constava com um certo nível de manutenção em relação ao seu conteúdo, uma vez que foram conservadas as duas bases principais que compuseram o conteúdo do documento. Mas, ao contrário de Molyneaux, interpretamos que não existem duas alternativas, mas sim que a instrução cristã e a ideia de Inglaterra fizeram parte de um mesmo pensamento alfrediano. Esta hipótese, assim, está relacionada com as preocupações dos tradutores em garantir o texto coeso nos dois pontos principais da obra: 1) no caminho que o conceito de *gens Anglorum – Angelcynn*, na tradução ao Inglês Antigo – percorreu junto às tentativas de construção de unidade política dos povos Ingleses e 2) na unidade cristã contra as ameaças ‘pagãs’ dos Daneses.

Em um panorama mais amplo das traduções na Idade Média, diversos foram os casos de traduções de obras clássicas. Tais traduções durante o medievo geralmente definiam as formas de produção textual tanto do Latim quanto das línguas vernáculas que estas obras foram traduzidas, como afirmado por Rita Copeland.⁶¹ Copeland, ainda que realizasse discussões voltadas à retórica, estabeleceu pressupostos epistêmicos muito caros à adaptação do Latim para línguas vernáculas.

Segundo Michaël Oustinoff, “a tradução tem um alcance bem mais geral do que costumamos pensar, porque ela está presente no próprio seio de toda língua, por meio da *reformulação*”⁶². Oustinoff estabeleceu um ponto de partida teórico para pensar a tradução. Uma teoria da tradução que condicionamos ao caso de Beda em dois pontos. Primeiro, ao encarar uma tradução modificada como uma reformulação não necessariamente analisamos a criação de evidências textuais. Ao invés disso, partimos das evidências do texto original que foram reformuladas na tradução. Segundo, a *reformulação* destes vestígios interferiu no discurso da tradução. Esta reformulação atingiu seus enunciados e editou a tensão entre Ingleses e o Outro. Portanto, foram uma interpretação do enredo anterior, que ganhou um outro sentido discursivo neste novo enredo.⁶³ Terceiro, esta reformulação, ao encarar as evidências que adiante serão investigadas, não necessariamente renovou suas matrizes, mas reconstruiu os vestígios do texto original. Nesta reconstrução, houve uma modificação parcial de conteúdo. Por isso, a necessidade de identificar estes mecanismos ao redor da tradução. Para Rita Copeland tais mecanismos remetiam a uma disputa entre o campo da hermenêutica e da retórica. Sobre o caso específico do medievo, a autora afirmou:

60 MCKINNEY, W. Creating a *Gens Anglorum*. op. cit.

61 COPELAND, Rita. **Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 2-3.

62 OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: História, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 7-8.

63 WHITE, H. Trópicos do Discurso. op. cit.

No coração desta disputa está o fato de que funções da retórica e da gramática não poderiam ser facilmente distinguidas, e de fato que as duas disciplinas se sobrepuseram nas características de seus procedimentos mais fundamentais, a retórica *inventio* e a gramática ou hermenêutica, *enarratio*.⁶⁴

Copeland propôs ferramentas instigantes. Ao nos colocarmos diante de uma tradução que modificava parcialmente o texto original, consideramos uma disputa. Esta disputa nos exige posicionamento: a modificação textual da *OEHE* partiu do texto em Latim mas produziu novos conteúdos a partir da reformulação. Portanto, houve uma *inventio*. O elemento retórico da *inventio* foi o instrumento que deu para a tradução de Beda um discurso próprio: não só foi seu mecanismo central, mas o resultado principal da modificação. Assim, a *OEHE* traduzida foi uma interpretação, emprestando novamente o vocabulário Whiteano⁶⁵, do conteúdo da *EH*. Com isto em mente lemos a tradução como um documento não diretamente vinculado ao inicial, mas que contém aspectos independentes. Esta invenção, entretanto, não corroborou o texto inicial.⁶⁶ O elo com o primeiro texto não se rompeu: quando nos posicionamos diante da tradução da *EH* modificada, lemos que ela foi pertinente ao cenário político-cultural do século IX. Suas modificações da escrita tangem ao contexto deste período. Seu condicionamento textual e sua remanufatura conceitual estão enquadrados neste cenário. Portanto, investigamos a outridade da tradução de *Beda em Inglês Antigo* com a consciência de que é o fator da *inventio* que a possibilita. Uma invenção de enredo roteirizada pelo projeto alfrediano.

A questão da terminologia nos é cara na definição dos marcadores centrais no processo de formação dos povos Ingleses e deve estruturar nossa discussão. Por que *gens Anglorum* e *Angelcynn*? São estas terminologias (nossos trópicos do discurso) que resumem os mecanismos criados por Beda e Alfredo. Mecanismos, em nossa perspectiva, direcionados nas tentativas de delimitação dos povos Ingleses a partir da oposição com o Outro.

Não falamos da *gens Anglorum* latina ou da *Angelcynn* do Inglês Antigo como ‘povo Inglês’, na ideia de um conceito que é singular. Em função de representarem identidades coletivas de um período específico, consideramos metodologicamente válido manter estas terminologias no idioma original. Uma tradução para ‘povos Ingleses’ chega próximo aos significados originais pela hipótese que estabelecemos, mas mesmo assim não correspondem inteiramente ao que as

64 Tradução livre de: “At the heart of this contest is the fact that the functions of rhetoric and grammar could not be so easily distinguished, and indeed that the two disciplines overlapped in the character of their most fundamental procedures, rhetorical *inventio* and grammatical or hermeneutical *enarratio*.” COPELAND, Rita. **Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 2.

65 WHITE, H. Trópicos do discurso. op. Cit.

66 Na tradução ao Inglês Antigo da *Cura Pastoralis* de Gregório, Alfredo afirma que a sua tradução é realizada “as vezes palavra por palavra, as vezes sentido por sentido”. Para mais informações sobre esta tradução, consultar: ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, culture and Kingship in Anglo-Saxon England**. Nova York: Routledge, 2013. p. 220-242.

terminologias sugeriram. ‘Povos Ingleses’ serve como substantivo de referência, mas não como instrumento de análise, pois nosso foco está nas transcrições do idioma original, não nas traduções ao Português ou Inglês atual. É necessário nos atentarmos às interpretações que nossa língua faz dos conceitos iniciais, portanto, falamos em *Angelcynn* no Inglês Antigo e *gens Anglorum* no Latim. É indispensável observarmos os termos iniciais para acessar a identidade, uma vez que é igualmente fundamental interpretarmos como eles se colocam no discurso à maneira de seus usos para o período. Nunca escaparemos de incertezas quanto ao significado destes termos, entretanto, interpretar é parte de toda tradução, assim como é parte de todo discurso.⁶⁷ Não somente, interpretar é parte de toda obra historiográfica.⁶⁸ É a partir daí que se posicionam as situações de outridade quanto a terminologia, em razão de que a outridade é nossa interpretação contextual destes conceitos.

III – A *Crônica Anglo-Saxônica*

A *Crônica Anglo-Saxônica* (doravante ASC, *Anglo-Saxon Chronicle*) é um documento com escrita iniciada no século IX, no reinado do rei Alfredo de Wessex. Neste documento há um relato de todos os acontecimentos considerados importantes dos povos Ingleses sob a ótica de Alfredo. Embora usamos a parte da *Common Stock* que chega aos registros de 890/92, a cronologia do documento é ampla e vai desde 60 a.C. até o ano de 1154.

O texto é encontrado em sete diferentes manuscritos, dos quais seis são escritos em Inglês Antigo e o sétimo está escrito em Inglês Antigo e Latim.⁶⁹ A versão da *Crônica Anglo-Saxônica* usada nesta pesquisa foi traduzida ao Inglês atual dos manuscritos em Inglês Antigo pelo Rev. James Ingram em 1823 com edição e comentários adicionais pelo Dr. J. A. Giles em 1847. O texto da edição está baseado no que foi publicado como *The Anglo-Saxon Chronicle*⁷⁰, que está em domínio público. Esta versão é base para a que consultamos, lançada como *The Anglo-Saxon Chronicle: A Revised Translation*, editada por Dorothy Whitelock, com comentários de David C. Douglas e Susan E. Tucker.⁷¹ As transcrições em Inglês Antigo estão na versão transcrita por Tony Jebson.⁷²

Quando escrevemos sobre a *Crônica Anglo-Saxônica*, a compreendemos como um fruto maturado a partir de reflexões semeadas por Beda. O monge foi uma das fontes para a composição

67 Sobre interpretação como ferramenta do tradutor, ver: OUSTINOFF, M. Tradução. op. cit. p. 95-113.

68 Sobre interpretação como ferramenta do historiador, ver: WHITE, H. Trópicos do discurso. op. cit.

69 As informações sobre os manuscritos serão pormenorizadas nos respectivos capítulos que os documentos serão analisados.

70 GILES, J. A. **The Anglo-Saxon Chronicle**. Londres: Everyman Press, 1912.

71 WHITELOCK, Dorothy (ed.); DOUGLAS, David C. TUCKER, Susan E. **The Anglo-Saxon Chronicle: A Revised Translation**. Londres: Eyre & Spottiswode, 1961.

72 JEBSON, Tony. **The Anglo-Saxon Chronicle**. 2007. Disponível em: < <http://asc.jebbo.co.uk/intro.html> >.

da *Crônica*, se não a fonte principal. A ideia de *gens Anglorum* de Beda foi a base para a *Angelcynn* alfrediana, conforme as hipóteses estabelecidas por Patrick Wormald⁷³ e Sarah Foot.⁷⁴ Esta relação recai diretamente sobre a leitura que fazemos sobre os documentos.

Como dito anteriormente, a *ASC* teve quase duzentos e cinquenta anos de escrita, e em vista disso, é um documento de grande extensão. No referente ao recorte temporal estabelecido para pesquisa, nos concentramos na seção da *Crônica Anglo-Saxônica* denominada de *Common Stock*. A *Common Stock* é a parte da *Crônica Anglo-Saxônica* que tratou do passado compartilhado da *Angelcynn*. De maneira resumida, marcou o início deste período de escrita.

A historiadora Susan Irvine afirmou que “de fato, ao capturar o passado compartilhado dos povos Anglo-Saxões, a *Crônica* sem dúvida contribuiu para a ideia de uma comunidade Inglesa, ou *Angelcynn*, da qual, como Sarah Foot mostrou, estava intrínseca com a ideologia política do final do século IX”⁷⁵. Irvine tem uma proposta interessante para a análise da *Common Stock*: a compreensão de um passado compartilhado dos povos Ingleses. Consideramos este passado compartilhado como referência para entender a dimensão da outridade na *Angelcynn*.

Nas palavras de François Hartog, o saber compartilhado era um dos fatores que permitiu a criação de alteridade: “Falando do outro com referência ao saber compartilhado e nos termos dele, o texto funciona globalmente como tradução. Trata-se, então, de elencar seus procedimentos e modalidades particulares”⁷⁶. As análises de Hartog são centrais para entender nosso objeto, porque ele lê Heródoto na investigação de um saber compartilhado que atua “como uma narrativa que tem a preocupação de traduzir o outro em termos do saber compartilhado pelos gregos e que, para fazer crer no outro que constrói, elabora toda uma retórica da alteridade”⁷⁷. Apesar de seu posicionamento vinculado à dualidade da alteridade, a partir de Hartog verificamos como o texto tem procedimentos e modalidades que incidem a partir de um saber sobre o outro.

Ao colocar em paralelo as reflexões de Irvine e as reflexões de Hartog localizamos uma chave para a análise da *Crônica*: o saber compartilhado dos Ingleses. Neste caso, a *Common Stock* revela este saber compartilhado específico do século IX. Assim, esta fonte nos dá os instrumentos exigidos para as leituras dos Ingleses e do papel do Outro. A instrumentalização da *gens Anglorum* em Beda e da *Angelcynn* da *Crônica* são, sobretudo, frutos deste saber compartilhado.

73 WORMALD, Patrick. Bede, the Bretwaldas and the origin of the Gens Anglorum. In: WORMALD, Patrick. **The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its Historian**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 106-134.

74 FOOT, Sarah. The Making of *Angelcynn*: English Identity before the Norman Conquest. **Transactions of the Royal Historical Society**, Sixth Series, Vol. 6 (1996), pp. 25-49

75 Tradução livre de: “Indeed, by capturing the shared past of the Anglo-Saxon peoples, the Chronicle undoubtedly contributed to the idea of an English community or *Angelcynn* which, as Sarah Foot has shown, was intrinsic to the political ideology of the late ninth century.”

76 HARTOG, F. O Espelho de Heródoto. op. cit. p. 50

77 HARTOG, F. O Espelho de Heródoto. op. cit. p. 38-39.

Ainda, no que se refere à *Common Stock*, estabelecemos o conjunto de referências para a escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. A mesma Susan Irvine indicou:

Longamente reconhecida como uma fonte para a Crônica é o sumário cronológico do qual Beda anexou a sua *Historia Ecclesiastica*, conhecida como o Epítome de Beda (*Bede's Epitome*). A própria *Historia Ecclesiastica* pode também ser consultada, aparentemente ainda que apenas esporadicamente. A *Chronicon* de Isidoro, a tradução de Rufino da *Historia Ecclesiastica* de Eusébio, a *Liber Pontificalis* e a *De Veiris Illustribus* de Jerônimo **foram todos identificados como fontes para a ‘história mundial’ dos anais.**⁷⁸ [Grifo nosso]

Como dito, fontes como a *Ecclesiastica Historia* de Eusébio, obras de Jerônimo e a *Chronicon* de Isidoro de Sevilha se somam à Beda para colocar a *Common Stock* da *Crônica* em uma situação de entroncamento. Ainda que Irvine posicione esta relação como algo ‘esporádico’, a questão não é apenas de conteúdo. Por mais que existam entroncamentos de conteúdo, como adiante veremos, o que miramos são os entroncamentos discursivos entre Beda e a *Crônica*. Ao contrário das outras fontes, as narrativas de Beda e da *Crônica* compartilham muitos fatores que vão desde uma mesma cosmovisão Anglocêntrica até a comunicação para uma audiência congênere. As semelhanças de conteúdo são apenas a ponta de um *iceberg* de interações muito mais profundo. Esta aproximação das obras se alonga em seus trópicos discursivos centrais e é a conversa destes trópicos – *gens Anglorum* e *Angelcynn* – que define o lugar que repousa a outridade.

Em relação aos entroncamentos de conteúdo, há relação evidente quando investigamos as fontes. Na *Ecclesiastica Historia* foi dito:

No ano de Roma 798 o Imperador Cláudio, o quarto depois de Augusto, desejando provar que ele era um benfeitor para o Estado, buscou fazer guerra em todo lugar e ganhar vitórias em toda mão. Então ele fez uma expedição para a Britânia, da qual aparentemente despertou em rebelião por causa da recusa dos Romanos a entregar alguns desertores. [...] Ele mesmo anexou ao império Romano as Orkneys, algumas ilhas que deitam no Oceano além da Britânia. Ele retornou para Roma somente seis meses depois de ele ter partido e deu seu filho aos laços de Britannicus. [...] Vespasiano, de quem se tornou imperador depois de Nero, foi enviado para a Britânia por Cláudio e trouxe a Ilha de Wight também sob governo Romano. [...] Nero, de quem sucedeu Cláudio como imperador, não empreendeu campanhas militares de qualquer tipo. Consequentemente ele trouxe incontáveis desastres sobre o Império Romano e também como quase perdeu a Britânia. (*EH*, I, III)⁷⁹

78 Tradução livre de: “Long recognised as a source for the Chronicle is the chronological summary which Bede appended to his *Historia Ecclesiastica*, known as Bede’s Epitome. The *Historia Ecclesiastica* itself may also have been consulted, though apparently only sporadically. Isidore’s *Chronicon*, Rufinus’ translation of Eusebius’ Ecclesiastical History, the *Liber Pontificalis*, and Jerome’s *De Viris Illustribus* have all been identified as sources for the “world history” annals”. IRVINE, Susan. *The Anglo-Saxon Chronicle*. op. cit. p. 348.

79 Original em Latim: “Anno autem ab Urbe condita DCCXCVIII Claudius imperator ab Augusto quartus, cupiens utilem reipublicae ostentare principem, bellum ubique et uictoriam undecumque quaesiuit. Itaque expeditionem in Britanniam mouit, quae excitata in tumultum propter non redhibitos transfugas uidebatur. [...] Orcadas etiam insulas

Na *Crônica Anglo-Saxônica*, este trecho foi registrado com as mesmas informações, porém de forma resumida para a adaptação aos anais.

Neste ano Cláudio, o segundo dos imperadores Romanos que invadiram a Britânia, tomou grande parte da ilha sob seu poder e adicionou as Orkneys ao rito de domínio dos Romanos. Isto foi no quarto ano de seu reinado. E no mesmo ano aconteceu grande fome na Síria da Lucas menciona no livro chamado ‘O Ato dos Apóstolos’. Depois Cláudio Nero sucedeu ao império, a quem quase perdeu a ilha da Britânia através de sua incapacidade. (ASC, 46)⁸⁰

Na aproximação das fontes vemos como a *Crônica Anglo-Saxônica* obteve informações de outras fontes para além de Beda. Entretanto, o relato de Cláudio, o primeiro de muitos que vemos no comparativo dos documentos, é um exemplo de como existe um vínculo entre as informações ditas na *EH* e na *ASC*. Este vínculo de conteúdo é o que traduz o saber compartilhado sobre o passado dos povos Ingleses. A afinidade entre o conteúdo da *EH* e o conteúdo da *ASC* nos demonstra como os documentos no contexto insular entre os séculos V e IX estavam emaranhados. A disseminação da informação histórica e a repetição de trechos é um fator fundamental quando há escassez de documentos. Escassez que se justifica: o período é comumente denominado pelo extravagante termo ‘*Dark Age Britain*’.⁸¹ Com isto em mente, o passado compartilhado se torna uma condição necessária para acessar as identidades. Não somente na manutenção dos saberes históricos, como também na formação de identidades coletivas.

O Outro, antagonista ou híbrido, singular ou plural, é o elemento principal deste compartilhamento de características e um dos mais fortes elos de ligação entre as obras e os conceitos que elas carregam. É o nosso cabo de aço, uma vez que é a ideia de uma unidade idealizada por Beda, mantida e fortalecida pelas situações de outridade, que Alfredo busca para constituir o conceito de povos Ingleses trabalhado pela *Crônica* e por *Beda em Inglês Antigo*.

Traçados os paralelismos de produção da *Crônica Anglo-Saxônica* a partir da *Ecclesiastica Historia* podem suceder alguns questionamentos ao leitor. É possível considerar a produção de uma

ultra Britanniam in oceano positas, Romano adiecit imperio, ac sexto, quam profectus erat, mense Romam rediit, filioque suo Brittanici nomen inposuit. [...] Ab eodem Claudio Uespasianus, qui post Neronem imperavit, in Britanniam missus, etiam Uectam insulam, Britanniae proximam a meridie, Romanorum dicioni subiugavit; quae habet ab oriente in occasum XXX circiter milia passuum, ab austro in boream XII, in orientalibus suis partibus mari sex milium, in occidentalibus trium, a meridiano Britanniae littore distans. Succedens autem Claudio in imperium Nero, nihil omnino in re militari ausus est.” In: PLUMMER C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*, op. cit. p. 15.

80 Original em Inglês Antigo: “46: Her Claudius oþer Romana cyninga Bretene lond gesohte 7 þone mæstan dæl þæs ealondes on his geweld onfeng, 7 eac swelce Orcadus þa ealond Romana cynedome underþeodde. [Þis was þes feorðes geares his rices, 7 on þys ylcan geare gewearð se mycela hunger on Síria þe Lucas recð on þare boc Actus Apostolorum.]” (ASC, 46, MS A)

81 Apesar de ser um termo com um teor de obscuridade, ‘*Dark age*’ se refere a escassez na produção documental do período. Muitos historiadores costumam usá-lo para fazer referência, como o historiador Henry Marsh. MARSH, Henry. **Dark Age Britain: some sources of history**. Londres: David & Charles, 1970.

Crônica como *História* no referente à sua escrita? Onde estão os obstáculos quando analisamos as obras em conjunto?

Um destes obstáculos foi colocado pela historiadora Susan Irvine que sugeriu que a “*Crônica [Anglo-Saxônica]* compartilha esta barreira estilística convencional, com suas entradas muitas vezes concisas, sua evasão de comentários em eventos e sua desarticulação de apresentação e conteúdo”⁸². A historiadora, portanto, traçou uma ‘barreira convencional’ entre a produção de uma crônica e a de uma história. Assinalamos que esta barreira estilística não é um obstáculo para encararmos a produção cronística. Em primeiro lugar, separar as categorias que tangem a escrita de uma história universal e de uma crônica universal é um caminho que pode mostrar inconsistências, conforme a hipótese sustentada por José Miguel de Toro Vial.⁸³ Em segundo lugar, mencionamos que os silêncios da *Crônica* sugerem que a seleção de eventos contados no documento está relacionada com as ideias de Alfredo. É muito provável que esta seja a maneira de Alfredo ‘politizar’ e ‘personalizar’ um documento histórico.

É uma proposição semelhante que a historiadora Gabrielle Spiegel sugeriu:

Em minha insistência crescente no exame de modos literários e economias narrativas de crônicas medievais, eu fui, claro, empregando **uma técnica de interpretação** que estava vindo à frente no próprio estudo literário e isto, em seu senso mais largo, foi denominado o ‘giro linguístico’. O principal efeito do ‘giro linguístico’ para os historiadores foi para alertar a nós para as forças mediadoras da língua na representação do passado e, portanto, para nos ajudar a entender que ali não há acesso direto a eventos históricos em pessoas, e então que **toda aquela escrita histórica**, seja medieval ou moderna, **aproxima o passado por discursos de um tipo ou outro**.⁸⁴ [Grifo nosso]

Spiegel tem um posicionamento marcado, insistindo que as crônicas medievais devem ser examinadas pelo modo literário. É um argumento interessante que converge com a ótica de Hayden White.⁸⁵ Além de fortalecer nossa aceção para consultarmos as identidades através dos documentos – que são ilustrações dos contextos temporais que estão inseridos – também sugere caminhos interessantes para analisarmos uma crônica. Entretanto, ao contrário de Spiegel,

82 Tradução livre de: “The Chronicle shares this conventional stylistic restraint, with its often terse entries, its avoidance of commentary on events, and its disjointedness of presentation and content.” IRVINE, S. *The Anglo-Saxon Chronicle*. op. cit. p. 345. A adição em colchetes é nossa.

83 TORO VIAL, José Miguel de. As crônicas universais e a cosmografia medieval. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 158-183.

84 Tradução livre de: “In my growing insistence on examining the literary modes and narrative economies of medieval chronicles, I was, of course, employing a technique of interpretation that was coming to the fore in literary study itself and that, in its largest sense, has been termed the 'linguistic turn'. The principal effort of the 'linguistic turn' for historians, has been to alert us to the mediating force of language in the representation of the past, and thus to help us to understand that there is no direct access to historical events or persons, so that all historical writing, whether medieval or modern, approaches the past via discourses of one sort or another.”. SPIEGEL, Gabrielle. **The Past as Text: The Theory and Practice of Medieval Historiography**. Baltimore, John Hopkins Univers. Pr., 1997. p. xvi.

85 WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.

delimitamos que a interpretação é uma ferramenta historiográfica, não somente um modo literário: a *Crônica* é uma *história*. Acreditamos que a separação entre crônica e história está nos estilos de escrita, o que mostra como a *Crônica* é um artefato literário, com narrativa própria.⁸⁶ Estas duas categorias (crônica e história) não tem fronteiras fixas, não são dualidades, mas se misturam a partir de *tropos* da literatura bem definidos. Estas fronteiras se aplicam ao texto de forma que “as narrativas históricas não são apenas modelos de acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos [...] para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados”⁸⁷. A *metáfora* é um dos *tropos literários* presentes em um texto como a *Crônica*, uma vez que ela acontece de forma a mostrar uma cosmogonia cristã da proposta alfrediana. Em trechos como o de 793, em que os Daneses são descritos como chegados montando em ‘dragões voando através do firmamento’, ela tem uma proposta visível de oposição ao não-cristão e ao não-Inglês.⁸⁸ Este é só um exemplo para entender o documento composto por metáforas convenientes para a percepção da outridade. Não só os *trópicos* como diversas outras ferramentas da proposta historiográfica de Hayden White nos servem como um mecanismo metodológico muito interessante para se analisar o discurso de outridade de nossos documentos. Conceber nossas fontes como interpretações que constroem um enredo a partir de um passado textualmente historicizado nos ajuda a perceber em que elemento do texto está a outridade dos Ingleses e em que elementos estão os artifícios narrativos dos autores. Pois o texto confere significados aos acontecimentos passados que sugerem uma visão alfrediana. Uma perspectiva, portanto, aplicada em função do contexto de invasões, de unidade política e de diversas outras características úteis para a composição do passado orquestrada pelo rei de Wessex. É texto e contexto sobre um mesmo campo.

Os silêncios estabelecidos no texto, uma ‘economia da narrativa’ conforme Spiegel sugeriu, são uma estética de literatura, mas, ao mesmo tempo, são uma proposta de narrativa histórica. Alfredo estava consciente desta proposta na escrita de uma *Crônica* que atendesse a seus desejos. Não foi o autor, enquanto literato e escritor, que ali escreveu, mas foi o indivíduo que ordenou a escrita com preocupações históricas direcionadas. A preocupação da autoria explica a nossa interpretação. Alfredo foi um autor ‘indireto’ que estava preocupado com o legado histórico do documento e do resultado da história dos povos Ingleses no documento. Não são as palavras dele que foram descritas, mas seus interesses sob a narrativa dos cronistas que compuseram seu círculo intelectual. Alfredo era uma *autoridade* sobre o texto.

86 WHITE, H. O Texto Histórico como um artefato literário. In: WHITE, H. Trópicos do Discurso. Ibid.

87 WHITE, H. Trópicos do Discurso. Ibid. p. 105.

88 ASC, 793.

Mas não descartemos Spiegel. A interpretação da técnica descritiva nos provém de algumas ferramentas metodológicas de leitura para derrubar esta ‘barreira convencional’ posta por Irvine. Não pretendendo tirar o primor das análises de Susan Irvine, mas quando a historiadora analisa a *Crônica Anglo-Saxônica* para falar de uma ‘barreira estilística convencional’ ela reduz seu conteúdo somente ao que está ali, estilizado. Consideramos isso para realizar uma leitura qualitativa do discurso tropológico. Esta barreira, na hipótese de Irvine, diminuiria a capacidade de aproximação entre a *EH* e a *Crônica*, uma vez que não são todas as informações que são replicadas, mas há uma seleção. Esta busca pela estilização caracteriza um certo reducionismo para o analista da *Crônica*, redução que condiciona a investigação do conteúdo somente ao que está posto. Queremos evitar esta redução. Como dito por Spiegel, não existe acesso direto aos eventos históricos, portanto, investigar os silêncios da *Crônica* é necessário para permitir sua historicização. O acesso aos eventos históricos, de fato, é indireto em termos de autoria e narrativa, mas não é um impeditivo de análise: existem ali saberes compartilhados.

Buscamos os silêncios na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* por um instrumento pertinente: a aproximação com o passado ‘estilizado’, realizada pelo discurso meta-histórico, é moldada a partir de uma interpretação específica.⁸⁹ Não somente em função das construções identitárias diante da outridade – que nem sempre estão evidentes – o que nos chama atenção é realmente este termo: discurso. A necessidade do discurso não é perceber ‘o quê’ o texto significa mas sim ‘como’ ele é significado, ou seja, como o passado é interpretado, uma vez que a ausência e o silêncio também são interpretações. A não-inclusão de um conjunto de informações é também parte de um filtro histórico que discursa.

É a partir da aproximação metodológica com o discurso das fontes, lido em base qualitativa e preestabelecidos ao redor dos conceitos de *gens Anglorum* e *Angelcynn* junto às características que estes carregam, que mostramos a configuração definidora da nossa da análise das fontes. Assim, a leitura interpretativa do discurso estabelece a ponte para a outridade. Na análise discursiva das situações de outridade, esta dimensão do ‘si’ e do ‘Outro’ é um pilar da narrativa, visto que é no flerte de duas dimensões que a outridade encontra sustentação.

Tais situações se mantêm na análise de trechos curtos como os da *Common Stock*. O crítico literário Hayden White afirmou:

O arranjo de eventos selecionados da crônica no interior de uma estória suscita os tipos de questões que o historiador deve prever e responder no curso da construção de sua narrativa. As questões são dessa ordem: “Que aconteceu depois?” “Como isso aconteceu?” “Por que as coisas aconteceram desse modo e não daquele?” “Em

89 WHITE, Hayden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. 2ª ed. São Paulo: EdUsp, 2019.

que deu no final tudo isso?” Essas perguntas determinam as **táticas narrativas** que cabe ao historiador empregar na construção de sua estória.⁹⁰ [Grifo nosso]

Hayden White nos dá um aperitivo para encarar o passado narrado na *Crônica* na criação de uma identidade dos povos Ingleses como uma interpretação histórica. White propôs um limiar teórico, questionando as táticas narrativas dos *trópicos* voltados para a análise da narrativa. Para ele são quatro: a sinédoque, a metonímia, a metáfora e a ironia. Estas táticas funcionam como um instrumento teórico mais geral, mas não necessariamente são voltadas para as especificidades do discurso. Nós então adaptamos estes trópicos para os documentos selecionados. Para nós, são dois trópicos: a *gens Anglorum* e *Angelcynn* que articulam o discurso da documentação. Estes trópicos surgem como base para ‘ouvirmos o silêncio’ por meio da narrativa. Um silêncio com uma linguagem particular e inaudível para a leitura exclusiva ao discurso comunicado, por isso a interpretação das táticas exerce tamanha importância. Por isso, a outridade é uma interpretação.

Nós, como analistas, devemos nos atentar sobre qual sentido das fontes nós queremos ler. A interpretação da outridade está longe de ser imparcial. No sentido da construção textual estes silêncios são redefinidos pelo contexto de escrita. A própria existência destas lacunas narrativas nos mostra a necessidade de se admoestar as táticas narrativas da *Crônica*. A passagem de White se conecta com a proposta de Spiegel para identificarmos as táticas narrativas na análise do discurso das fontes. É preciso superarmos o comunicado, pois a *Crônica* deixa de falar, muitas vezes. O analista precisa ter isso em mente. Neste sentido, identificar o direcionamento destas narrativas indica a superação das ‘barreiras convencionais’. Quando olhamos o contexto de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* percebemos *como* este Outro é colocado, realocado e redefinido não somente pelo que está posto, mas pelo contexto do que não está posto. ‘Ouvir o silêncio’ se torna uma necessidade. É preciso tirar o próprio documento de sua zona de conforto em referência ao discurso comunicado, e isto é uma tática interpretativa.

As táticas interpretativas conversam na mesma medida que a seleção dos eventos. Quando a *Crônica* alfrediana contou mais sobre os eventos de Wessex por ser o nascimento de Alfredo, o silêncio falou. Quando as genealogias mais detalhadas foram as dos Saxões Ocidentais e não dos grupos étnicos adjacentes, o silêncio novamente falou. Assim, a *Crônica Anglo-Saxônica* nos parece mais a *Crônica de Wessex* do que de outros reinos Ingleses. Foi uma narrativa política, em razão de que os eventos que a *Crônica* deixou de mencionar nos sugerem como se estabeleceu a *Angelcynn*. Uma *Angelcynn* com sede em Wessex.

Esta seleção pertence a um contexto, e este contexto tem um nome: o projeto alfrediano. Inserida neste projeto político de reinado de Alfredo de Wessex, a *Crônica Anglo-Saxônica* foi um

90 WHITE, H. Trópicos do Discurso. op. cit. p. 21.

resultado prático. O estandarte de leitura da *Crônica* como um projeto propagandístico foi algo que perpassou a escrita cronística durante todo o período medieval.⁹¹ Um projeto propagandístico que falou pelas táticas narrativas. Não à toa, este projeto foi um fator importante na seleção de eventos do reinado de Alfredo, uma vez que ele se declarou rei dos Anglos e dos Saxões, uma tentativa de unidade.⁹² Também se declarou rei de tudo aquilo ‘que não está sob o domínio dos Daneses’, um indício de outridade.⁹³ Sobretudo quando a *Crônica* narrou, ela falou sob as condições do monarca. É a voz de Alfredo que ouvimos no documento, tornando impossível ler a *Crônica* sem a participação do rei.

Assim, após esta contextualização das fontes, reaparecem nossas problemáticas. Como *interpretar* os efeitos do Outro na formação dos povos Ingleses? Com o objetivo de analisar as menções sobre Bretões, Pictos, Irlandeses e Daneses, investigamos a participação destes Outros. O primeiro capítulo está focado na outridade enquanto instrumento de leitura. Este capítulo, sobretudo, é uma definição seus marcos teóricos. O objetivo do capítulo I é amadurecer os marcadores de identidade que são vistos através da dinâmica entre o ‘si’ e o ‘outro’, balizando a função desta chave interpretativa. Esta delimitação passa, também, por um constante diálogo com as fontes, no sentido de expor as possibilidades de análise. A partir destas reflexões investigamos as fontes de forma mais aprofundada nos capítulos II e III. No capítulo II, analisamos o papel do Outro no *tropos* da *gens Anglorum*, em 731. Um *tropos* que expressa o primeiro ponto de ebulição do processo de formação dos povos Ingleses. Isto será direcionado para entender como Beda constrói os povos Ingleses na aproximação com o Outro, assim investigamos as passagens referentes aos povos Pictos, Escotos e Bretões na *EH* em Latim. No capítulo III lemos o *tropos* da *Angelcynn* na *Crônica Anglo-Saxônica* e na tradução da *EH* ao Inglês Antigo. O objetivo é compreender o segundo ponto de ebulição na formação dos povos Ingleses, entre 871 e 899. Uma compreensão que se forma diante da revisitação das relações com os Bretões e com os Daneses. A partir das situações de outridade, nosso objetivo é apreender como este processo de criação identitária se moldou principalmente nas relações estabelecidas com os povos que os circundam. Assim, temos como meta verificar a criação de unidades plurais na *gens Anglorum* e *Angelcynn*, unidades plurais que formulam a hipótese fundamental deste trabalho.

91 GRANSDEN, Antonia. Propaganda in English medieval historiography. **Journal of Medieval History**, n. 1, 1975. p. 363-382.

92 ABELS, Richard. King of the Anglo-Saxons, 880-891. In: ABELS, Richard. **Alfred, the Great: War, Culture and Kingship in Anglo-Saxon England**. Abingdom, Nova York: Routledge, 2013. p. 169-193.

93 ASC, 901.

Capítulo I: Situações de outridade

Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar uma definição do que chamamos de ‘outridade’. Isto é importante para delimitarmos o processo de formação dos povos Ingleses a partir da temática da identidade. Ao definir essa chave interpretativa, a transformamos em um instrumento de leitura para nossa proposta de modo que esta interpretação nos serve como lente de aproximação aos documentos analisados.

Partimos de uma pergunta: o que, no campo teórico, constitui a outridade?

O primeiro elemento para compreender as dinâmicas com o Outro no processo de formação identitária são os marcadores. Ao contrário dos *trópicos*, que nos servem como ferramenta para nos debruçarmos ao texto, os *marcadores* são os pontos que nos permitem analisar a forma que a identidade se materializa. Tais marcadores precedem os *trópicos do discurso* e nos servem como categorias de análise identitária da outridade nas fontes. Ao definir as fronteiras entre um *tropos* e um *marcador identitário* acessamos os textos para definir o que é discurso e o que lugar a identidade se encontrou neste discurso.

O primeiro marcador é cunhado por Beda na *EH* e denominado *gens Anglorum*. Acreditamos que este termo dá o primeiro passo no processo continuado da formação dos povos Ingleses. O segundo marcador é intitulado *Angelcynn*, que se encontra no outro polo do processo de formação. Ambos os marcadores, guiados pela ideia de uma ‘unidade’ destes povos, atuam primeiro de forma étnico-religiosa⁹⁴ e posteriormente política.⁹⁵

A outridade está definida, a saber, em um espaço interseccional que tange aquilo que compõe a identidade e que compõe a alteridade. É a prática de leitura do Outro na identidade e, ao mesmo tempo, é a visualização do si na alteridade. Sob a releitura do conceito inglês de *otherness*, em contraposição a *alterity* ou *identity*, entendemos que a outridade permeia estas duas categorias. A outridade (*otherness*), portanto, compartilha características analíticas da identidade e da alteridade.

Acreditamos ser possível interpretar a constituição desta *otherness* como um ‘singular-plural’.⁹⁶ Quando se visualiza as relações étnicas, os povos Ingleses se formam através da interação com os vários povos que os circundam. Um ‘singular-plural’ que atua de forma teórica na aplicação do conceito e de forma prática na narrativa das fontes sobre a etnia.

Realizamos a desconstrução de certas categorias, como *natio*, ‘nação’, de forma a afastar as situações de outridade do tema da constituição de uma identidade nacional, muito recorrente na

94 MCKINNEY, W. Creating a *Gens Anglorum*. op. cit. p. 18-50; p. 140-146;

95 STENTON, F. Anglo-Saxon England. op. cit. p. 239-276.

96 DETIENNE, M. Comparar o Incomparável. op. cit.

historiografia em língua inglesa. Ao escrevermos sobre as situações de outridade, também realizamos uma crítica ao essencialismo que circunda o processo de formação dos povos Ingleses. O essencialismo, assim, é um elemento que desconstruímos desta ótica. As análises sobre o Outro são um contraponto para com as posturas que remetem a ‘essências’ ou ‘núcleos’ na formação de um povo.

A nossa proposta também aborda aspectos de hibridismo. Acreditamos que, a partir do entendimento do conceito de hibridismo, compreendemos melhor a não-essencialização do processo. A partir deste conceito identificamos a forma que as situações de outridade tratam sobre conjunções e entroncamentos de características. O hibridismo, assim, é o resultado da aproximação com o Outro na forma que o ‘si mesmo’ se estabelece.

Os sistemas classificatórios da identidade formam a base de direcionamento de nossa leitura. Sob o guarda-chuva da diferença, as classificações políticas se estabelecem por discursos eclesiásticos ou monárquicos. Estes sistemas classificatórios justificam as duas matrizes principais de argumento da *EH* e da *ASC*. Estes sistemas direcionam a função do conceito da outridade nas fontes. Na monarquia, as classificações políticas foram um instrumento unificador dos povos Ingleses. Reis Ingleses buscavam se autoafirmar e construir sua identidade política polarizando com outras etnias ou reinos. Estes reis, por sua vez, visavam uma unificação que funcionava tanto no antagonismo com o Outro quanto no hibridismo quando a interação com o Outro é mais exponencial e admitida. Na formação das estruturas do cristianismo, as classificações políticas servem para a coesão interna de uma identidade coletiva. A deslegitimação da fé do Outro, como não-ortodoxa e desorganizada no caso dos Bretões, Pictos e Escotos para Beda, ou profana e imoral no caso dos Daneses para a *Crônica*, são diferenças que classificam a atuação da outridade no processo formativo.

A principal hipótese que trabalhamos neste capítulo é estabelecida ao redor da ideia de ‘unidades plurais’. Este marcador é importante para a análise do impacto do Outro no discurso da *gens Anglorum* e *Angelcynn*. As unidades plurais são uma constante na leitura das fontes, assim, sugerem o processo de formação dos povos Ingleses como um resultado direto da relação com outros povos. É a partir deste diálogo entre os Ingleses e o Outro, que compreendemos as unidades plurais como uma característica central do processo de consolidação identitária.

1.1. Instrumentalizando a outridade

Afinal, a que fim pensamos a outridade?

Para entender a epistemologia desta chave interpretativa nos dirigimos ao posicionamento da outridade entre os dois objetos que lhe orbitam: a alteridade e a identidade. A ideia da outridade é

instrumentalizada também no diálogo com estes dois campos, portanto, é trabalhada em um espaço interseccional. Não queremos confundir aqui com a interseccionalidade enquanto uma abordagem, mas indicamos esta categoria concebida como uma ferramenta de leitura. No espaço interseccional entre o ‘si’ e o Outro está o nosso prisma. Neste prisma aparecem dois elementos dentro deste espaço: o conceito de singular-plural e o conceito de hibridismo.

Buscamos nossa fundamentação para falar de um espaço interseccional em Paul Ricoeur. Em seu texto *O Si-mesmo como um Outro*, o filósofo enunciou:

Essa espécie de concorrência entre filosofia analítica e hermenêutica continua no terceiro subconjunto (estudos V e VI), em que a questão da identidade coloca-se no ponto de intersecção das duas tradições filosóficas. [...] submetida à arbitragem da dialética entre a identidade-*idem* e a identidade-*ipse*, a qual fizemos com o caráter reflexivo do si, o segundo elemento gramatical do *si-mesmo*.⁹⁷

A preocupação de Paul Ricoeur é muito mais ativa nas concepções da análise hermenêutica, pertencente ao campo da filosofia, entretanto, estabelecemos certos paralelismos. Ricoeur buscou por pontos de intersecção que expressam um Outro dentro do si. A ideia de uma ‘intersecção’ é exemplificada no contexto. Um exemplo está na relação entre Bretões e Ingleses nos espaços fronteiriços, como o Dique de Offa, quando visto como um espaço aquiescente com intensa movimentação entre os grupos étnicos, o que mostra que houve intersecção étnica nesta fronteira.⁹⁸ Outro exemplo de intersecção étnica está na discussão de Beda sobre a datação da Páscoa correta entre Columbanos e Romanos nas chamadas ‘Mesas de Páscoa’, quando Irlandeses e Ingleses entram em concordância sobre seus respectivos costumes religiosos. O Reino da Nortúmbria entre os séculos VII e VIII, quando estabelece domínio poliétnico com Pictos, Escotos e Bretões, demonstrou interseccionalidade étnica em seu interior. Estes povos se relacionaram e interconectaram seu sentimento de pertença. É por isso que justificamos a outridade como um espaço interseccional entre a identidade e a alteridade: no próprio contexto de formação dos povos Ingleses, a intersecção étnica era um fato inquestionável.

Em termos teóricos, o mais importante papel deste Outro diante da identidade e da alteridade sugerido por Ricoeur é o *movimento da dialética*. O filósofo descreve isso ao indicar os elementos necessários na hermenêutica do si, a saber “o desvio da reflexão pela análise, a dialética da ipseidade e da mesmidade, enfim, a da ipseidade e da alteridade”⁹⁹. Este movimento da dialética, ao aplicarmos para a constituição das situações de outridade, nos indica possibilidades de instrumentalização do conceito. Uma dialética não entre tese e antítese como no conceito hegeliano

97 RICOEUR, P. *O Si mesmo como um Outro*. op. cit. p. 29-30.

98 FOX, Cyril. **Offa's Dyke**: A Field Survey. Londres: Archaeologia Cambrensis, 1926.

99 Ibid. p. 28.

original, mas entre identidade e alteridade. Entretanto, os esforços de Ricoeur se concebem no sentido prático de uma ‘ipseidade’. Esta ipseidade é uma posição filosófica do movimento dialético. Não é onde queremos chegar. A ipseidade de Ricoeur consta com um equivalente necessário para a nossa proposta historiográfica, visto que também existe um espaço interseccional em sua proposta. É este espaço interseccional que nos ajuda a definir as possibilidades de se vislumbrar a outridade.

A noção de espaço interseccional é uma temática recorrente nos estudos de Catherine Brown, que adaptou esta ideia de um meio entre o ‘si’ e o Outro para os estudos medievais. A autora falou de uma ‘outridade medieval’ e aproximou este conceito daquilo que Edward Said havia evocado em seu *Orientalismo*. Para Brown, a própria natureza da Idade Média concebida na modernidade como um ‘tempo mediano’ é uma temporalidade que aparece como um Outro. De acordo com a autora:

Quando medievalistas falam sobre **outridade medieval**, pode ser um tapa na cara; pode ser um devir; pode ser, claro, ambos ao mesmo tempo. [...] Um leitor mesmo assertivamente habituado com o Orientalismo de Edward Said vai reconhecer nesta ‘Idade Média’ o oriente do discurso colonialista, o Outro figurado como uma mulher velada, mística e sedutora. [...] Dada esta semelhança hermenêutica entre o medievalismo e o orientalismo, parece que este trabalho dentro e fora da ‘outridade’ em antropologia e estudos (pós-) coloniais pode ser um companheiro excelente para pensar através dos tópicos metodológicos e éticos nos estudos medievais.¹⁰⁰ [Grifo nosso]

A contribuição de Brown é pertinente ao usarmos termos desta ‘outridade medieval’. Ao ler o Outro na Idade Média, ocupamos um campo de discussão que produz certa irritação aos medievalistas. Este mal-estar acontece quando nós, especialistas do campo, nos deparamos com um discurso de uma Idade Média como o Outro, não como um Outro incluso, mas sim como algo obscuro, antiquado, ultrapassado. Embora seja imanente à proposta deste trabalho, é necessário superar o discurso de Idade Média como uma ‘Idade das Trevas’. É esta a proposta de Brown, mas ela vai além, pois nos indica a possibilidade de se aplicar o conceito da outridade ao campo dos estudos medievais. Mas nossa outridade também segue um caminho alternativo. É uma direção diferente das análises sobre o discurso colonizador de Said, que contextualiza o seu *Orientalismo* na ideia de uma oposição com um Outro desconhecido, obscurecido. De fato, o elemento Outro que falamos é um resultado de um antagonismo de quando nossas fontes construíram suas determinadas

100 Tradução livre de: “When medievalists talk about medieval otherness, it can feel like a slap in the face; it can feel like a come-on; it can of course be both at once. [...] A reader even noddingly familiar with Edward Said’s *Orientalism* will recognize in this “Middle Ages” the Orient of colonialist discourse, the Other figured as veiled woman, mystical and enticing. [...] Given this hermeneutic similarity between medievalism and orientalism, it seems that work with and around “otherness” in anthropology and (post)-colonial studies might be an excellent companion for thinking through methodological and ethical issues in medieval studies.” In: BROWN, C. *In the Middle*. op. cit. p. 548-549.

narrativas. Este antagonismo não necessariamente nos indica a afiliação a um Outro desconhecido, tampouco está inserida dentro da ideia de um discurso (pós-)colonial.¹⁰¹ É o Outro conhecido que analisamos, pois Ingleses se relacionaram com culturas que eles estavam em contato.

A ideia de ‘colonização’ dos povos Ingleses pode ser problematizada com mais profusão em outros momentos históricos¹⁰², entretanto, não é a ideia que aplicamos para este espaço interseccional entre a alteridade e a identidade. A ideia de colonização atua de forma binária, de modo que estabeleça uma relação de recusa e aceitação entre o que é do *colonizador* e o que é do *colonizado*.¹⁰³ Não é onde queremos chegar. A outridade que trabalhamos está em um espaço segmentário.¹⁰⁴ Não existe forma alguma de uma outridade binária, dado que ela nos levaria a uma relação de recusa dos elementos do Outro na formação dos povos Ingleses. Se a outridade fosse binária e dual, ela seria alteridade e não outridade. À medida que idealizamos a outridade envolta em unidades plurais, este binarismo é posto de lado e as relações se tornam segmentárias. Estamos falando, assim como a proposta de Brown, de um ‘meio’.

É nessa dinâmica da pluralidade que efetivamos a outridade. O singular-plural é necessário muito mais no sentido de condicionarmos evidências nas identidades dos povos Ingleses. O singular-plural nos faz entender o que há neste ‘meio’. A começar pelos fatores étnicos, uma vez que colocamos os povos Ingleses no plural porque foram uma mescla das três etnias germânicas majoritárias (Anglos, Saxões e Jutos). Mas ainda assim, falamos de um único grupo. Como dito por Beda:

Eles vieram de três tribos Germânicas muito poderosas, os Saxões, os Anglos e Jutos. O povo de Kent e os habitantes da Ilha de Wight são de origem Juta e também aqueles opostos à Ilha de Wight, aquela parte do reino de Wessex da qual ainda hoje é chamada ‘o povo dos Jutos’. Do país Saxão, isto é, o distrito agora conhecido como Velha Saxônia, vieram os Saxões Orientais, os Saxões Meridionais e os Saxões Ocidentais. Além disso, do país dos Anglos, que é a terra entre os reinos dos Jutos e dos Saxões, da qual é chamada de *Angulus*, vieram os Anglos Orientais, os Anglos Centrais, os Mércios e toda a raça Nortúmbria (isto é aquele povo quem repousa no norte do rio Humber) assim como outras tribos Ânglicas. (*EH*, I, XV)¹⁰⁵

101 Para entender o espaço deste discurso pós-colonial nos estudos ‘Anglo-Saxônicos’, consultamos: KARKOV, Catherine E. Post-colonial. In: STODNICK, Jacqueline; TRILLING, René. **A Hand-book for the Anglo-Saxon Studies**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. p. 149-164.

102 Inclusive na própria Idade Média, mas no período mais tardio. Jeremy Cohen aplica uma perspectiva semelhante e muito criativa. Ver: COHEN, J. *On Difficult Middles*. op. cit. E também: COHEN, J. (org.). **The Post-Colonial Middle Ages**. Nova York: Palgrave & Macmillan, 2001.

103 É nesta linha que seguem os pensamentos de Homi Bhabha. Ver: BHABHA, H. *O Local da Cultura*. op. cit.

104 DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Micropolítica e segmentaridade*. In: DELEUZE, Gilles. Guattari, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

105 Original em latim: “Aduenerant autem de tribus Germaniae populis fortioribus, id est Saxonibus, Anglis, Iutis. De Iutarum origine sunt Cantuarii et Uictuarii, hoc est ea gens, quae Uectam tenet insulam, et ea, quae usque hodie in prouincia Occidentalium Saxonum Iutarum natio nominatur, posita contra ipsam insulam Uectam. De Saxonibus, id est ea regione, quae nunc Antiquorum Saxonum cognominatur, uenere Orientales Saxones, Meridiani Saxones,

Mesmo que Beda remetesse ao ideal de um único povo, em função de nosso instrumento de leitura, nos referimos à povos Ingleses no plural. São diversos os elementos étnicos que constituem seus meios, estabelecendo um fator segmentário. Desta segmentariedade as características e costumes do Outro adentram à fabricação identitária dos Ingleses: se criou uma identidade singular-plural. É por este Outro que percebemos que são diversas etnias dentro de uma só.

O resultado do conceito de singular-plural na instrumentalização da outridade é vermos a *gens Anglorum* como fruto deste contato cultural inserido entre Ingleses e povos vizinhos. Tal contato foi exposto por Beda. Por exemplo quando o autor citou os Escotos e a atuação destes povos no processo de Cristianização dos Ingleses.¹⁰⁶ Os Nortúmbrios produziram um profundo contato com os Escotos (Irlandeses), dos quais abriram o processo de cristianização do reino através da presença de monges vindos de Iona, na costa ocidental da Escócia, e se estabeleceram em Lindisfarne.¹⁰⁷ No mesmo sentido, no início do século VII, o reino de Kent esteve em íntima conjunção com os povos Francos, através da evangelização do reino iniciada por Augustino da Cantuária, um Franco. O centro religioso de Canterbury (em Kent) foi um resultado desta participação dos Francos.¹⁰⁸ Os povos Bretões constantemente estiveram em conflito por território com os povos Ingleses: o reino de Wessex e suas disputas com os Bretões da Dumnonia e os reinos de Mércia e Nortúmbria¹⁰⁹ com os Bretões do reino de Strathclyde, respectivamente. Estes conflitos não aconteceram simplesmente entre unidades separadas e monolíticas, com características exclusivas. Entendemos que quando a espada atingiu o corpo do inimigo, o que voltou não foi apenas sangue, mas um conjunto de elementos culturais, políticos e sociais.

Em nossa constituição de outridade, existem troca de informações entre grupos étnicos. Estas trocas produzem efeitos na narrativa sobre estes eventos. Diálogos posicionados entre remetentes – povos Ingleses – e destinatários – Escotos, Bretões, Daneses etc. Algo que não ocorre na estrutura dos textos, em função de que não falamos de fontes epistolares, mas de uma relação que historiciza a interação entre estes povos. Por exemplo, nesta interação ocorrem os processos de cristianização e da constituição de poderes. Fatores políticos e religiosos que estão entrelaçados, portanto. A partir destes processos indicamos que há hibridismo e não-essencialismo identitário que

Occidui Saxones. Porro de Anglis, hoc est de illa patria, quae Angulus dicitur, et ab eo tempore usque hodie manere desertus inter prouincias Iutarum et Saxonum pergubetur, Orientales Angli, Mediterranei Angli, Mercii, tota Nordahymbrorum progenies, id est illarum gentium, quae ad Boream Humbri fluminis inhabitant, ceterique Anglorum populi sunt orti.”

106 *EH*, III, XV.

107 *EH*, V, XX.

108 *EH*, III, VI.

109 *EH*, II, XVI; *EH*, III, I, respectivamente.

estão ali colocados e definidos pela narrativa. As fontes narraram, a todo momento, a presença de indivíduos de outras etnias, que elas sabiam descrever quem eram estes indivíduos e como se relacionaram com os Ingleses. São estas evidências de pluralidade na formação dos povos Ingleses que definem por que falamos em outridade e não em alteridade. Evidências que também nos determinam como esta outridade se comporta diante da especificidade de cada caso. Deixamos de ver um ‘povo-como-um’ (unidade singular) e assistimos um ‘povo-como-vários’ (unidades plurais).

Não somente tomada como um singular-plural, a formação dos povos Ingleses foi um espaço de múltiplas relações e aconteceu de maneira híbrida. Dentro deste recorte entre 731 e 899, o hibridismo vai nos dar o campo de reflexões para entender qual espaço que o elemento Outro ocupou dentro da formação identitária dos povos Ingleses. Assim, o singular-plural é um elemento que incluímos no espaço interseccional supracitado.

1.2. Trópicos do discurso: a *gens Anglorum* e a *Angelcynn*

Com o objetivo de estabelecer estratégias de identificação e de distinção¹¹⁰ a partir do vínculo com o Outro, o discurso ao redor dos trópicos da *Gens Anglorum* e a *Angelcynn* é nosso referencial para ler as fontes.

É da intersecção entre estas duas categorias de discurso identitário que saem as características que definem a formação dos povos Ingleses. Patrick Geary, ao refletir sobre a forma que estas características do discurso da identidade aparecem em fontes tardo-medievais, afirmou:

Nós estamos extremamente limitados às fontes, todas altamente retóricas e intencionais. Elas usam o que poderia soar à primeira vista como **linguagem étnica**, e nós podemos, assim sendo, ser tentados em assumir que por causa dessas palavras (*populus, gens, natio, etc*) soa como algo parecido com o vocabulário da etnografia moderna, ou, para aquela matéria da etnografia clássica, nós estamos aptos em usá-las para descobrir um ‘**modelo nativo**’ de identidade. Nós deveríamos inclusive pensar que nós podemos ir além do modelo nativo e entender a etnicidade em ação ao seguir narrativas das quais estas coletividades aparecem como atores, ou das quais aparentemente epítetos étnicos são atribuídos para indivíduos ou grupos em formas que parecem implicar uma conexão causal entre categoria de grupo e comportamento.¹¹¹ [Grifo nosso]

110 POHL, W. REIMITZ, H. Strategies of Distinction. op. cit.

111 Tradução livre de: “We have extremely limited sources, all highly rhetorical and intentional. They use what might sound at first glance like ethnic language, and we might therefore be tempted to assume that because the words (*populus, gens, natio, etc.*) sound something like the vocabulary of modern ethnography, or for that matter of classical ethnography, we are able to use them to uncover the “native model” of identity. We might even think that we can go beyond the native model and understand ethnicity in action by following narratives in which these collectivities appear as actors, or in which apparently ethnic epithets are assigned to individuals or groups in ways that seem to imply a causal connection between group category and behaviour.” GEARY, Patrick. Power and Ethnicity History and Anthropology. **History And Anthropology**, [s.l.], v. 26, n. 1, 7 jul. 2014. p. 8.

A partir desta citação os argumentos de Geary são sistematizados da seguinte forma. Primeiro: estamos inseridos em uma linguagem étnica. Esta linguagem se limita às fontes. Portanto, é partindo das fontes que nós percebemos a construção destes epítomes (*gens, natio, populus*) e principalmente como se posicionam diante do Outro. Segundo: a leitura sobre o Outro é um elemento técnico que nos afasta de qualquer modelo, visto que não existe uma essência ‘nativa’ quando o elemento Outro está posto em jogo.

Compreendemos que os modelos situacionais da *EH* e da *Crônica* falam de si e do Outro, e isso vale para todas as etnias que se colocam nesta posição de outridade. Estas situações variam para cada circunstância e são instrumentalizadas a partir de mecanismos definidos pelos documentos, mas adaptáveis às diferentes conjunturas entre 731 e 899. Situações que são híbridas e poliétnicas, como no espaço da *Danelaw*, onde Ingleses e Daneses estabeleceram redes de convívio em um território, ou quando nobres Bretões viviam sob o governo de Saxões em Wessex, Mercia e Nortúmbria. Foram conjunturas étnicas variáveis entre si, mas que as fontes descreveram detalhes.

Nas descrições sobre a etnicidade de um passado compartilhado dos Ingleses enxergamos unidades plurais. Unidades plurais que se sustentam por etnicidades em movimento, com fronteiras fluidas de seus determinados grupos étnicos e com construções e reconstruções a partir da sucessão de eventos relatados.¹¹² O Outro, assim, foi um molde para esta etnicidade, que assumiu faces distintas. O Outro, enquanto uma categoria, estava metamorfoseado: assumia diversas fisionomias étnicas, diante de um ‘si’ em formação que foi seu espectador, os Ingleses. Foi a parte da construção de referências do ‘si’, pois ele descreveu aquilo que não o é.

A negação das características, desta forma, falou muito mais sobre quem narrou tais descrições. Algo que aconteceu, por exemplo, quando Beda culpabilizou os Bretões por não professarem o evangelho aos Ingleses. Beda negou a dignidade dos Bretões para exaltar que os Ingleses conheceram sozinhos o caminho da fé.¹¹³ Esta negação mostrou aspectos dos quais o narrador está preocupado, portanto, descreve mais o ‘si’ do que o Outro. O Outro estava a margem, não somente em termos geográficos, uma vez que os Ingleses ocuparam o território dos Bretões no centro-sul da Ilha, mas também em termos religiosos: sua fé foi colocada em uma posição inferior.

Delimitamos um recorte temporal para definir os elementos que a *gens Anglorum* e a *Angelcynn* carregaram. Este recorte temporal é derivado da data de publicação das fontes. Trabalhamos com o período entre 731, quando Beda finaliza a *EH*, e 899, no fim do reinado de Alfredo. É neste período que entendemos os dois ápices da formação dos Ingleses enquanto grupo. Ao analisar a *gens Anglorum* e a *Angelcynn* nestes recortes, definimos duas frentes: 1) estes termos

112 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit.

113 *EH*, V, XX.

são locuções discursivas (trópicos) de uma temporalidade específica da formação identitária dos povos Ingleses; 2) são marcadores étnicos que se expressam como estratégias de distinção para as situações que se desdobram nos respectivos contextos.

No que se refere à noção de grupo étnico, partimos dos pressupostos antropológicos de Fredrik Barth:

1) perpetua-se biologicamente de modo amplo; 2) compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais; 3) constitui um campo de comunicação e de interação; 4) possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.¹¹⁴

A proposta de Barth partiu de uma literatura clássica da antropologia etnológica. Mesmo que ele não se preocupou em se distanciar do essencialismo, visto que não era uma preocupação ativa dos estudos identitários pelo menos até o final da década de 90,¹¹⁵ a sua leitura sobre ‘grupo étnico’ nos é basilar. Barth delimitou a identificação de um grupo, com a comunicação entre seus membros e com suas unidades culturais. Entretanto, falarmos em ‘perpetuação biológica’ seria cair em uma seara de difícil definição, pois, além de ser essencialista, não pode ser provada a partir do *corpus* documental que temos. Os métodos para identificação biológica de uma etnia não são convenientes quando estamos diante de fontes escritas. É uma outra visão, de um outro campo teórico. Portanto, afastamos este argumento biológico dos nossos estudos em etnologia.

Os povos Ingleses são a conjunção maior de grupos étnicos minoritários, Anglos, Saxões e Jutos. Grupos que carregaram etnicidades distintivas em unidades políticas específicas. Os enxergamos, portanto, como um aglomerado poliétnico. Conforme Barth, se tratou de uma sociedade “integrada no espaço [...] sob o controle de um sistema [...] dominado por um dos grupos, mas deixando amplos espaços de diversidade cultural nos setores de atividade religiosa e doméstica.”¹¹⁶. A polietnicidade nos serve para sustentar a hipótese de unidades plurais. Por exemplo, os Bretões ocuparam uma posição significativa na Wessex de finais do século VII e início do VIII. As *Leis de Ina de Wessex* mencionaram os Bretões e estabeleceram para eles um *wergild* – isto é, o valor da vida de um indivíduo.¹¹⁷ Mesmo que seja um valor menor ao dos Saxões, os Bretões não estavam em uma situação de pura submissão, mas sua presença indica como Wessex, dominada por um sistema político Saxão, encontrou espaço para incluir a etnia Bretã.

114 Ibid. p. 189-190.

115 WOODWARD, K. Identidade e Diferença. op. cit.

116 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit. p. 197.

117 Martin Grimmer faz uma análise muito consciente do código de leis de Ina que fortalece nosso argumento. GRIMMER, Martin. Britons in Early Wessex: the evidence of the Law Code of Ine. In: HIGHAM, Nicholas J. (ed.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 102-114.

Cada unidade política foi um aglomerado poliétnico que se pautou em ideias de interação, valores culturais plurais em suas unidades e na constituição de campos de comunicação. A polietnicidade estabeleceu o necessário para que os povos Ingleses se hibridizassem com os povos vizinhos.¹¹⁸ A *gens Anglorum* e a *Angelcynn* foram, ambas, expressões de uma etnicidade matriz de um grupo plural e poliétnico, que resultou desta comunicação com o Outro. Foram a fisionomia unificada de diversas comunidades experimentais. Foram os picos de um processo de formação continuado, que aconteceu antes, desde o século V, e continuou no século X em diante. Etnicidades específicas, que se remodelaram e se reconstituíram diante de diversos outros grupos que interagiram de 731 à 899, mas que se manifestaram como um grupo coeso, os Ingleses.

Expomos ideia de grupo étnico para definir os marcadores que são lidos ao redor destas duas categorias de discurso. Os marcadores são estratégias de distinção que estão implicadas na forma que as etnicidades se relacionam. Marcadores que dependem da ideia de grupo para prosperarem. Aqui, definimos uma fronteira entre um marcador identitário e um trópico discursivo: enquanto o primeiro é a fisionomia da identidade, ou seja, a forma que ela é aplicada para os produtores das fontes, o segundo é a função discursiva. Em suma, quando falamos sobre ‘marcador’ estamos voltados para a forma de uma identidade fabricada e perpetuada na Idade Média, quando falamos em ‘trópicos’, discutimos a forma escrita e textual deste discurso, olhamos, portanto, à expressão da identidade como um enredo.

Sobre as estratégias de distinção, o historiador Walter Pohl, na introdução de sua obra *Strategies of Distinction*, indicou:

Entre os séculos IV e VIII um número de ‘**comunidades experimentais**’ foram criadas para novas formas de legitimação e organização para sobrepor um mundo Romano baseado no Império, na cidade e na tribo. No curso do tempo, um novo mundo desenvolveu aquilo que relegou na Cristandade, reino e povo para puxar uma variedade aumentada de comunidades locais juntas.¹¹⁹

A obra organizada por Pohl e Reimitz nos abre um leque muito amplo de possibilidades para analisar as táticas de identificação na Alta Idade Média. A escrita de Pohl, é praticamente um manual de consulta para a percepção da fisionomia mais geral da *gens Anglorum* e *Angelcynn* na Europa pós-Romana. Embora o autor não se debruce de forma detalhada nos casos que analisa, em

118 BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003. E também: COHEN, Jeremy Jeffrey. *On Difficult Middles*. op. cit.

119 Tradução livre de: “Between the fourth and the eighth century, a number of ‘experimental’ communities had to create new forms of legitimacy and organisation to overcome a Roman world based on Empire, city and tribe. In the course of time, a new world developed that relied on Christendom, kingdom and people to pull an increased variety of local communities together.” POHL, Walter; REIMITZ, Helmut. **Strategies of Distinction: the construction of Ethnic Communities, 300 – 800**. Leiden, Bostn, Colônia: Brill, 1998. p. 9.

função de que não é sua intenção, a categoria teórica das “estratégias de distinção” nos fornece um panorama para o papel da diferença nas situações de outridade.

Partindo do argumento do autor, a *gens Anglorum* é uma destas ‘comunidades experimentais’. Pohl definiu as formas de organização comunitária que se construíram após a queda do Império Romano. Segundo o autor: “[o] discurso étnico se tornou a chave para o poder político: nomes, narrativas e leis afirmaram a existência separada de um grupo étnico com um chamado ao poder exclusivo sobre certas partes da antiga *res publica*”¹²⁰. É a atuação do discurso étnico no poder político que está a ponte entre a antiga *res publica* Romana e a organização étnica dos Ingleses. Falamos de um território que é uma herança indireta da *res publica*, o centro-sul das Ilhas Britânicas. Enquanto os Bretões herdaram mais características do período Romano no território, os Anglos, Saxões e Jutos estavam um pouco mais afastados deste espaço.¹²¹

Mesmo discutindo etnia, falamos em unidades políticas variadas (Wessex, Nortúmbria, Mércia, Kent, etc.) que são amplas comunidades experimentais com formas de hegemonia política muito similares. Os reinos e monastérios são os marcadores do discurso étnico, que nas palavras de Kathryn Woodward, classificam politicamente a etnia.¹²² Tais marcadores traçam as estratégias de distinção do discurso étnico da *gens Anglorum* e *Angelcynn*. Discurso étnico e poder político, neste sentido, se misturam e mostram lados diferentes de uma mesma moeda.

Na expressão do conjunto de comunidades, o coletivo dos povos Ingleses, vemos a progressão da *gens Anglorum* para *Angelcynn* de forma mais nítida. Enquanto a *gens Anglorum* proposta por Beda foi o discurso étnico destas comunidades que se reflete no fazer político, a *Angelcynn*, por outro lado, foi o resultado político aplicado por Alfredo de Wessex deste discurso étnico. Cada uma carregou suas próprias estratégias de distinção e as adaptou para seus determinados contextos. Uma categoria deu as bases de sustentação para a outra.

A partir do recorte com o qual trabalhamos a narrativa de Beda cunhou a *gens Anglorum* como uma categoria discursiva dos povos Ingleses unificados. Para Beda foi uma categoria que englobou o seu objeto, para nós é um trópico do discurso. Esta *gens Anglorum* Bedaniana foi vinculada a acontecimentos marcantes da unidade dos povos Ingleses. Um destes eventos foi a cristianização dos povos Ingleses e a criação de sua Igreja que se pautava na relação com outros tipos de cristianismo. No discurso existem diferenças religiosas marcantes: os Bretões, por

120 Tradução livre de: “Ethnic discourse became the key to political power: Names, narratives and laws affirmed the separate existence of an ethnic group with an exclusive claim to power over certain parts of the ancient *res publica*.”. POHL, W. *Strategies of Distinction*. op. cit. p. 2.

121 BLAIR, Peter Hunter. *The Last Days of Roman Britain*. In: BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. Londres: The Folio Society, 1997. p. 1-2.

122 WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2003. p. 5.

exemplo, são os culpados por Beda por não professarem o evangelho aos Ingleses e os deixarem obscurecidos em ritos pagãos.¹²³ A culpabilização também se amplia aos Pictos e Escotos, por abnegarem a correta datação da Páscoa.¹²⁴ Esta narrativa de culpabilização foi uma tática de Beda dentro de um conjunto maior de estratégias de distinção que foi a *gens Anglorum*.

Para a data final do recorte, a *Angelcynn* foi a expressão amadurecida desta unificação. Era quando os povos Ingleses estavam enunciados como completamente separados de seus vizinhos da ilha no referente ao seu representante político.¹²⁵ Mesmo que não houvesse uma separação real (apenas enunciada no discurso), os Ingleses se organizaram em contraposição a um inimigo que estava na Ilha desde a década de 780, os Daneses. Estes últimos carregavam ritos específicos e organizações políticas muito distintas daquelas que a liderança dos Ingleses se definia. Não tinham uma liderança fixa, uma vez que no século IX eram organizados por comandantes militares. Não tinham sentimento de unidade religiosa, visto que seu sentimento de religiosidade era fragmentado e politeísta.

Como foi dito na passagem que remete ao ano 901 da *Crônica*, a *Angelcynn* era um sustentáculo guiado especialmente pela oposição aos povos Daneses. Desde o final do século VIII, mas com mais ênfase na segunda metade do século IX, estes povos devastaram a ilha com saques e pilhagens e estes eventos foram marcantes para os cronistas alfredianos. A *Crônica* registrou:

Neste ano morreu Alfredo, filho de Æthelwulf, seis noites antes da missa de Todos os Santos. Ele era rei sobre todos os povos Ingleses, exceto aquela parte que estava sob o poder dos Daneses. Ele manteve o governo um ano e meio antes que trinta invernos; e então Eduardo, seu filho, tomou o governo. Então o príncipe Æthelwald, o filho do tio paterno, montou contra as cidades de Winburn e Twineham, sem permissão do rei e seu conselho. Então cavalgou o rei com seu exército; de modo que ele acampou a mesma noite em Badbury, perto de Winburn; e Æthelwald continuou dentro da cidade com os homens que estavam sob ele e teve todas as portas fechadas sobre ele, dizendo, que ele deveria ou ali viver ou ali morrer. Mas no meio tempo ele roubou na noite e solicitou o exército na terra Nortúmbria. O rei deu ordens para cavalgar atrás dele; mas eles não estavam aptos para alcançá-lo. **Os Daneses, entretanto, receberam-no como seu rei.** Eles então cavalgaram atrás da esposa que Æthelwald tomou sem a licença do rei e contra o comando dos bispos; pelo que ela estava formalmente consagrada como uma feira. Neste ano também morreu Æthelred, quem era *alderman* de Devonshire, quatro semanas antes do Rei Alfredo. (ASC, 901)¹²⁶ [Grifo nosso]

123 *EH*, I, XII; *EH*, I, q. VII; *EH*, II, II; *EH*, II, XVI; *EH*, V, XVI; *EH*, V, XX; *EH*, V, XXII.

124 *EH*, II, IV; *EH*, III, VI; *EH*, III, XIV; *EH*, III, XX; *EH*, V, XVI; *EH*, V, XIX; *EH*, V, XXII.

125 *ASC*, 901.

126 Original em Inglês Antigo: “901: Her gefor ælfred Aþulfing, syx nihtum ær ealra haligra mæssan; Se wæs cyning ofer eall Ongelcyn butan ðæm dæle þe under Dena onwalde wæs, 7 he heold þæt rice. oþrum healfum læs þe .xxx. wintra. 7 þa feng Eadweard his sunu to rice. Ða gerad æðelwald his fædran sunu. þone ham æt Winburnan, 7 æt Tweoxneam butan ðæs cyninges leafe 7 his witena. Ða rad se cyning mid firde þæt he gewicode æt Baddanbyrig wið Winburnan, 7 æðelwald sæt binnan þæm ham mid þæm monnum þe him to gebugon, 7 hæfde ealle þa geatu forworht in to him, 7 sæde þæt he wolde oððe þær libban oððe þær licgan. Ða under þæm þa bestæl he hine on niht on weg, 7 gesohte þone here on Norðhymbrum, 7 se cyng het ridan æfter, 7 þa ne mehte hine mon ofridan; Ða

Havia um enredo específico neste trecho. O ‘si’, os Ingleses, e o Outro, os Daneses, foram definidos como independentes. Quando um elemento que compôs o ‘si’, rompeu com as barreiras políticas de organização do reino, como no caso do *ætheling*¹²⁷ Æthelwald, ele se tornou o representante do Outro. Foi rei dos Ingleses para os Daneses e atuou contra o comando de bispos, que eram uma forma de normatização que somente os Ingleses tinham. Mas não foi rei dos Ingleses para os Ingleses, pois o *witan* de Wessex havia coroado Eduardo. Para os cronistas, Æthelwald deixou de pertencer ao Ingleses, visto que estes não se justificariam por roubos e pilhagens. Æthelwald, ao subverter contra o reino de Wessex, se tornou um Outro. Houve um confronto moral, de que o poder político dos Ingleses não devia se associar aos Daneses. Este confronto deu fluidez às etnicidades: Æthelwald se movimentou entre ‘si’ e Outro. Uma etnicidade situacional.

Um tema que levantamos para a *Angelcynn* é a constatamos de suas fronteiras. O elemento Outro está antagonizado, em razão de que Alfredo governava ‘todo o povo Inglês’ mas ainda, à ‘exceção daquela parte que estava sob o poder dos Daneses’. Os Daneses foram o Outro antagonista, mas sua existência condicionou um todo, os povos Ingleses. Quando interagiam com este todo, houve hibridismo no seio totalizante da *Angelcynn*. A existência do Outro, neste todo, sugeriu fronteiras fluidas aos povos Ingleses. Mesmo que a narrativa da *ASC* recusasse, os Daneses (com mais intensidade no século X) estabeleceram convívio com os Ingleses. Estas fronteiras se movimentaram. Houve pluralidade nesta unidade dos Ingleses chamada de *Angelcynn*. Esta descrição é uma evidência que levaria os povos Ingleses remanescentes a clamar unidade política, pelo menos para aqueles que viviam fora do território ocupado pelos Daneses. Isto deu à *Angelcynn* alfrediana os instrumentos necessários para indicar o que é Inglês e o que não é: as fronteiras se tornaram nítidas.

Catalogado para o registro no ano de 901, apesar dos acontecimentos serem referentes a 899, o texto explicou as consequências políticas da morte de Alfredo. Os Daneses, quando lidos sob a chave da outridade, indiretamente fortaleceram o projeto de unificação de Alfredo e se tornaram pilares de seu projeto. Foram o objeto que o trecho da *Crônica* colocou como um elemento contraditor, e isto era central para o discurso étnico. Foi uma justificativa perfeita para Alfredo. Enquanto o ‘si’ se desfragmentou, o Outro foi antagonizado no rearranjo da unificação. Foi neste contexto que acessamos dados desta identidade dos povos. A menção aos Daneses foi uma

berad mon þæt wif þæt he hæfde ær genumen butan cynges leafe 7 ofer þara biscopa gebod, forðon ðe heo wæs ær to nunnan gehalgod. 7 on þys ilcan gere forðferde æþered. wæs on Defenum ealdormon, feower wucum ær ælfred cyning. (*ASC*, 901, MS A)”

127 Termo em Inglês Antigo que significa príncipe da casa real.

evidência da participação política ativa deste povo, e foi esta menção que condicionou uma – das várias – situações de outridade do período.

De acordo com Frank Stenton,

A ocasião marcou a conquista de um novo estágio no avançar dos povos Ingleses em direção à unidade política. Houve ali reis anteriores, tais quais Offa e Egbert, da qual influência havia estendido para todo reino Inglês. Mas sua posição sempre repousou na força à disposição do rei de quem havia feito seu caminho para a supremacia. A aceitação da soberania expressou um sentimento que ele levantou para os interesses comuns de toda raça Inglesa. **Como um líder nacional**, sua autoridade fora do reino foi diferente em tipo daquela que pertenceu aos lordes de confederações anteriores. Foi com um som de instinto político que o escrito da *Crônica* registrou a morte de Alfredo, jogou de volta sua mente para os eventos de 886 e reiterou a declaração que ele era rei de todos os povos Ingleses a quem eram livres para dar a ele sua obediência.¹²⁸ [Grifo nosso]

É uma característica recorrente de Stenton e da historiografia que o acompanha em definir Alfredo como um ‘líder nacional’. Algo que se vê quando o autor fala em ‘reino Inglês’ no singular, que na época de Alfredo ainda não estava concretizado. Em nosso ponto de vista, a presença Danesa propagou nos povos Ingleses uma unidade reivindicada sob a liderança de Alfredo. O rei, de fato, se tornou alguém que propôs unidade, entretanto, reposicionamos os marcadores que esta unidade existiu enquanto um mecanismo factível para os povos Ingleses. Aqui, o elemento Outro se tornou um marcador. A leitura de Stenton colocou Alfredo como um líder nacional, entretanto, a inflexão não deve ser tomada a partir disto, mas sim como os Daneses foram os contribuintes para justificar sua liderança. A dicotomia com o Outro está na organização da narrativa da *Crônica* ao redor do evento datado para 901, por exemplo. Ao dizer o que é Inglês e o que é Danês, percebemos que a *Angelcynn* se formou a partir desta diferença. São os valores da diferença, neste sentido, que moldaram a identidade dos povos Ingleses e a colocaram Alfredo como o capitão da *Angelcynn*. Mas ainda assim, tais valores da diferença perpassaram por espaços de hibridismo, como a organização da posterior *Danelaw*.¹²⁹ Apesar de tudo, a *Danelaw* foi concatenada por tais aspectos da diferença nos marcadores da religião, do poder político e da ocupação territorial. No território,

128 Tradução livre de: “The occasion marked the achievement of a new stage in the advance of the English peoples towards political unity. There had been earlier kings, such Offa and Egbert, whose influence had extended to every English kingdom. But their position had always rested on the force at the disposal of the king who had made his way to supremacy. The acceptance of Alfred’s overlordship expressed a feeling that he stood for interests common to the whole English race. As a national lead his authority outside his own kingdom was different in kind from that which had belonged to the lords of earlier confederacies. It was with a sound political instinct that the writer of the Chronicle, recording Alfred’s death, threw back his mind to the events of 886 and reiterated the statement that he was king of all Englishmen who were free to give him their allegiance.” STENTON, Frank. *Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 259.

129 ALBUQUERQUE, Isabela. **As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da *Danelaw* (séculos IX-X)**. 209 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2017.

enquanto os Ingleses de Wessex se organizaram no centro-sul da Ilha Britânica, as regiões da Nortúmbria e Lincolnshire estiveram sob a posse da *Danelaw*.

Em relação ao sentimento de religiosidade, enquanto de um lado existiram indivíduos próximos de um paganismo Nórdico multifacetado, na crença em um panteão de Deuses nórdicos como Odin, Thor, Freyja, Týr e diversos outros;¹³⁰ no outro lado havia a crença em um Deus singular motivada pelo estabelecimento da unidade cristã.¹³¹ Esta ideia de unidade fez com que os fatores religiosos e os fatores políticos estivessem em lados semelhantes no estabelecimento ‘ideológico’ do reinado de Alfredo.¹³² Esta balança entre povos Ingleses unificados e o Outro fragmentado nos dá um coeficiente para fortalecer a etnia. Esta balança criou o indicativo principal de semelhança e diferença no contexto alfrediano. Em grande medida, ela estabeleceu situações de outridade.

1.3. A outridade e o hibridismo

Nosso ponto de partida para o conceito de ‘hibridismo’ é trabalhado por Peter Burke. Nas palavras de Burke, este conceito combate “o uso crescente do termo ‘essencialismo’ [...]. Nações, classes sociais, tribos e castas têm todos sido ‘desconstruídos’ no sentido de serem descritos como entidades falsas”.¹³³ O primeiro destes antagonismos está no acordo de que a ideia do hibridismo é um pressuposto que se opõe a ideia de essencialismo identitário. Da mesma forma, Jean-Loup Amselle em suas *Lógicas Mestiças* contextualizou o hibridismo como um *continuum* cultural, com o objetivo de desconstruir, ou até mesmo extinguir a ideia de ‘fronteira’.¹³⁴ As análises de Amselle são interessantes, uma vez que colocam a ideia de fronteira em um espaço fluido e não-fixo, como havia adiantado Fredrik Barth.¹³⁵ Com o conceito de hibridismo, como descrito por Burke,¹³⁶ atravessamos os campos da análise política e cultural, respeitando, assim, a constituição dos respectivos sistemas classificatórios que normatizam os efeitos de outridade na formação identitária.

Uma instrumentalização do conceito de hibridismo que nos chama atenção é realizada por Jeremy Jeffrey Cohen. O autor que faz da Ilha Britânica um objeto de análise em seu livro *Hibridity, Identity and Monstrosity in Medieval Britain*, nos dá categorias de leitura interessantes para visualizar como um grupo étnico e outro se entrelaçam. Cohen definiu o hibridismo como

130 HULTGÅRD, Anders. The Religion of the Vikings. In: BRINK, Stefan (ed.). **The Viking World**. Londres e Nova York: Routledge, 2008. p. 212-235.

131 DUNN, Marilyn. **The Cristianization of the Anglo-Saxons, c. 597-700: Discourses of Death, Life and Afterlife**. Nova York: Continuum, 2009.

132 BLAIR, Peter Hunter. The Church and the Vikings. In: BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. Londres: The Folio Society, 1997. p. 158-164.

133 BURKE, P. Hibridismo Cultural. op. cit. p. 14.

134 AMSELLE, J. L. Lógicas Méticas. 1990. In: BURKE, P. Hibridismo Cultural. op. cit. p. 14.

135 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit. p. 185-227.

136 BURKE, P. Hibridismo Cultural. op. cit. p. 15.

“uma fusão e uma disjunção, um conjunto de diferenças que não podem simplesmente harmonizarem-se”¹³⁷. Para compreender a diferença como um princípio do hibridismo, o historiador afirmou a necessidade de se entender os ‘meios difíceis’.

Tais espaços medianos eram difíceis em um senso duplo: difíceis para articular e difíceis para habitar. E ainda eles estavam em todo lugar. Geografias híbridas germinaram no acordar da migração, da conquista e da colonização. Eles proliferaram em interstícios, em zonas de fronteiras, ao longo de margens.¹³⁸

Posicionamos a outridade como um ‘meio difícil’. Afinal é na flexibilização das margens entre o ‘si’ e o Outro que compreendemos de maneira mais efetiva o papel dos meios difíceis no hibridismo. Estes ‘espaços híbridos’ correspondem à ideia de indivíduos de outras etnias exercerem significativa importância na construção de uma identidade de um povo. É um espaço que extrapola quaisquer noções de mixagem cultural, de forma simplista. Vai além, afirma que o hibridismo é um espaço de negociação entre dois agentes. É na migração, por vezes, na conquista de um reino sobre o território de outra *ethne* que vemos estes interstícios que expõem os efeitos da outridade. A outridade, neste sentido, é um fruto deste contato entre agentes étnicos distintos.

‘Meios difíceis’ também apareciam em zonas de fronteiras. Como afirmou a historiadora Elaine Treharne, havia um meio que possibilitou a fluidez das fronteiras. Fronteiras fluidas e hibridismo cultural foram categorias em consonância. “É esta ‘centralidade fluida’, a ‘permeabilidade’ que pode provar ser mais produtivo aos propósitos deste exame das fronteiras no mundo Anglo-Saxão”.¹³⁹ Treharne fez uma análise de como o hibridismo e a permeabilidade foram agentes próximos: ela chegou a este resultado através de um estudo da etimologia do Inglês Antigo. A palavra ‘*bord*’ que viria a se tornar no inglês atual ‘*border*’, tinha um significado único e não correspondia à ideia de ‘limite territorial’, que na Inglaterra somente tomou forma no século XV. Fronteiras fluidas, afastadas da noção de ‘limites’, são uma ilustração da ideia de fronteira que aplicamos. Estas fronteiras não remetem somente ao território, mas a própria condição de identidade étnica das pessoas. Interpretamos o termo *bord* do Inglês Antigo como a expressão desta fluidez, muito mais próxima do que se concebe como hibridismo. “Esta ‘cultura fronteira’, um espaço do permeio, é semelhante à hibridização [...] onde o híbrido é criado como uma identidade

137 Tradução livre de: “Never synthetic in the sense of homogenizing, hybridity is a fusion and a disjunction, a conjoining of differences that cannot simply harmonize.” COHEN, J. J. **On Difficult Middles**. op. cit. p. 2.

138 Tradução livre de: “Such medial spaces were difficult in a double sense: difficult to articulate, and difficult to inhabit. And yet they were everywhere. Hybrid geographies burgeoned in the wake of migration, conquest, and colonization. They proliferated at interstices, in border zones, along margins.”

139 Tradução livre de: “It is this ‘fluid centrality,’ the ‘in-betweenness’ that might prove most productive for the purposes of this examination of borders in the Anglo-Saxon world.” TREHARNE, Elaine. *Borders*. In: STODNICK, Jacqueline; TRILLING, René. **A Handbook for Anglo-Saxon Studies**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. p. 9.

desestabilizadora emergente do espaço contestado”¹⁴⁰. Bretões, Daneses, Escotos e Pictos, identidades emergentes e dominadas que se hospedam em um processo de formação, e assim o influenciam.

Para Cohen, o hibridismo acontece como algo específico das relações da Ilha Britânica.

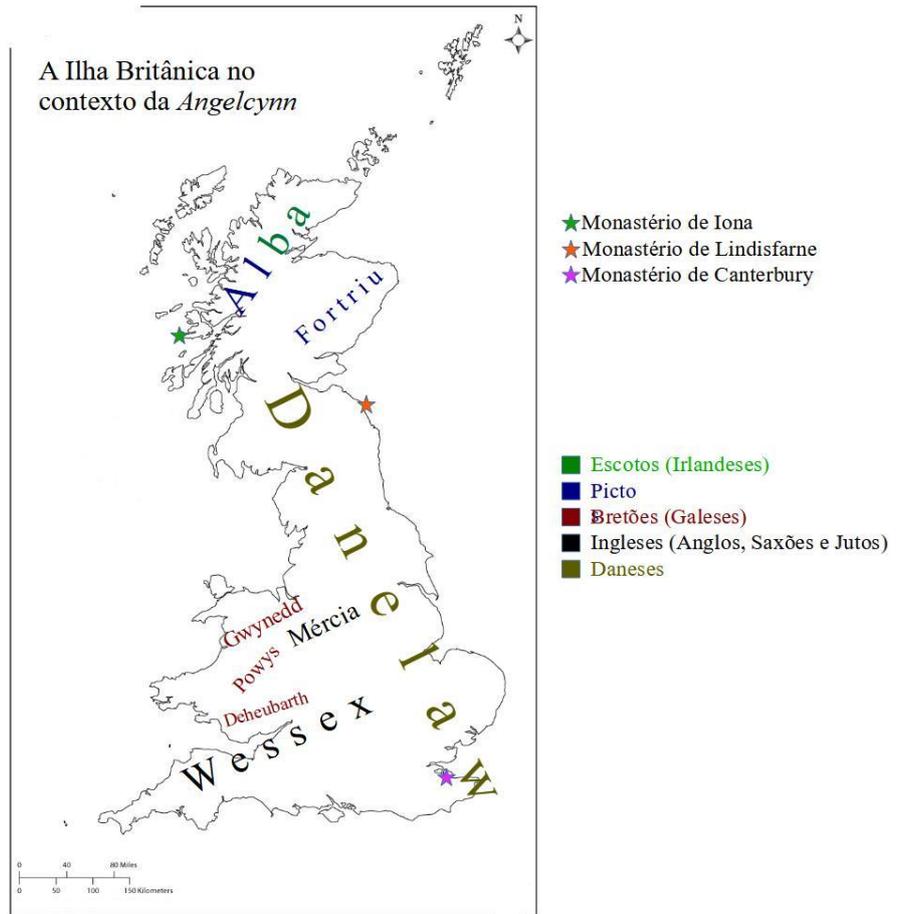
Os Galeeses, os Irlandeses e os Escotos acharam-se como bárbaros ou bestas, habitando em uma periferia selvagem. [...] Narrativas de separação, sob o disfarce da etnografia, história e hagiografia ajudaram a trazer solidificações culturais e políticas exclusivas ao ser. Ainda, meios difíceis proliferaram no coração ou dentro das margens destes trabalhos circunscritivos, prometendo histórias alternativas, visões do passado e presente do qual a diferença nunca prova-se absoluta e o triunfalismo Inglês se torna somente a única possibilidade dentre muitas outras. [...] ¹⁴¹

Cohen descreve como é nítida a possibilidade de se enxergar um espaço híbrido. Apesar de se debruçar em Beda de maneira secundária, ele o faz de modo que viabilize uma noção clara da possibilidade de se enxergar hibridismo no texto do monge Nortúmbrio. Ao longo de reflexões sobre povos que viviam ‘sob a margem’, estabelecemos categorias que definem a proliferação destas visões sobre o passado que escreve. Beda foi um locutor do passado e o interpretou para descrever o contato com o objeto de seu interesse, os povos Ingleses.

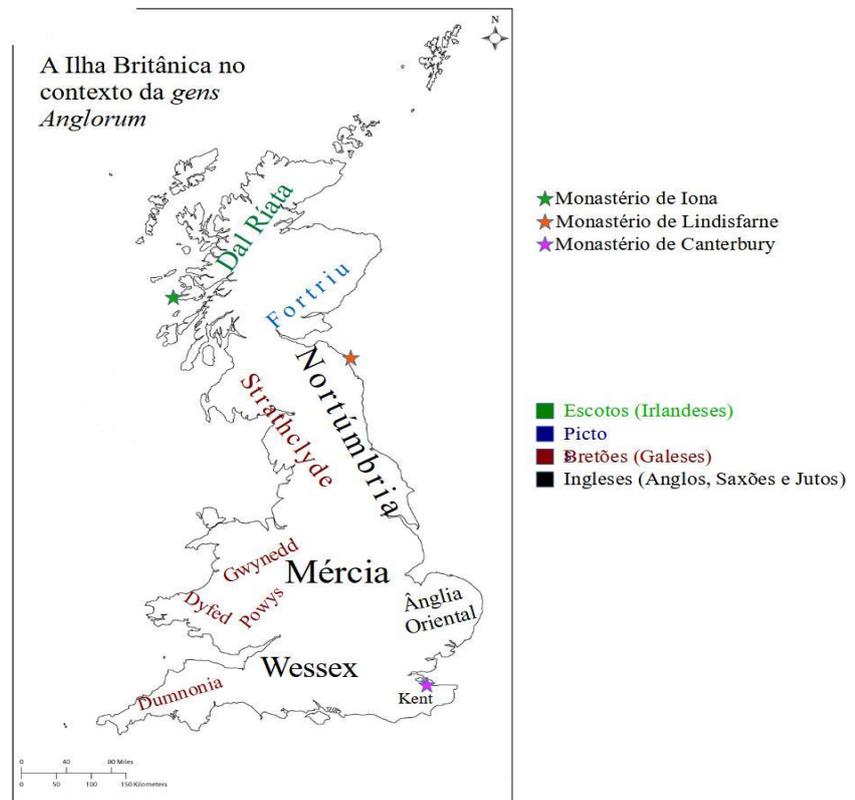
Estabelecemos os pormenores desta relação de margem e centro. Quando estamos diante do contexto da Ilha Britânica, falar em ‘povos marginais’ para o período analisado é traçar um argumento puramente geográfico. As fontes estudadas estão localizadas no centro da Ilha Britânica (*EH*) e na parte meridional da Ilha, Wessex, mais especificamente Winchester (*ASC*, *Common Stock*). A etnia do ‘centro’, portanto, é a dos Ingleses, que se justifica pelo objeto de análise. Mas isto muda de acordo com a fonte: os Nortúmbrios eram o centro de Beda, enquanto os Saxões estão no centro eram da *ASC*. Colocamos estes respectivos ‘centros’ em diálogo em razão do processo de formação dos Ingleses, que em um âmbito mais geral nós nos interessamos em analisar.

140 Tradução livre de: “This ‘border culture’, a space of the in-between, is akin to the hybridity [...] where hybrid is created as a destabilizing identity emerging from the contested space”. Ibid. p. 10.

141 Tradução livre de: “The Welsh, the Irish and the Scots found themselves rendered barbarians or beasts, dwelling at a savage periphery. [...] Narratives of separation in the guise of ethnography, history, and hagiography helped to bring exclusive political and cultural solidities into being. Yet difficult middles proliferated at the heart or along the margins of these circumscriptive works, promising alternative histories, visions of the past and present in which difference never proves absolute, and English triumphalism becomes only one possibility among many others. Much contemporary work on the peoples who eventually became known as the Britons, the Anglo-Saxons, and the Danes of the Danelaw stresses that the number of immigrants to the British Islands was likely to have been small. Freshly arriving warriors would have intermarried with indigenous peoples, impressing upon them their art, religion, values, culture, making it appear that what was in biological fact a mixed community constituted a fairly unified group of “Britons” or “Anglo-Saxons” or “Danes.”. COHEN, J. J. **On Difficult Middles**. op. cit. p. 3.



Mapa 2: A Ilha Britânica no contexto da *Angelcynn*.



Mapa 1: A Ilha Britânica no contexto da *gens Anglorum*.

Trabalhos como o de Henrich Harke nos ajudam a entender esta ideia de espaço híbrido. Harke, estudando através do DNA do Cromossomo Y e dados de DNA mitocondrial nos resquícios arqueológicos, propôs uma hipótese de etnogênese dos povos Ingleses a partir da genética. Uma etnogênese que tem o fator da aculturação como algo diagonal em seu processo.

A fabricação dos Anglo-Saxões, e eventualmente os primeiros Ingleses, parece ser o resultado de um processo etnogênico do qual **a assimilação e a aculturação da população Bretã nativa reproduziu um papel-chave**. [...] Dois elementos podem ser distinguidos neste processo: a imigração que resultou em comunidades etnicamente divididas e regiões, com mixagem e casamentos entre imigrantes e nativos (substancialmente nos séculos V e VI); e assimilação e aculturação que viu a integração gradual dos nativos em uma sociedade dos imigrantes culturalmente e socialmente dominantes (substancialmente nos séculos VII e VIII, mas ocasionalmente começando consideravelmente antes)¹⁴² [Grifo nosso]

Apesar de Harke desenvolver argumentos fortes e favoráveis a nossa proposta, como a ideia de uma aculturação, algo que estamos substancialmente interessados, há um problema em sua análise. Não um problema de análise, mas pelo vocabulário empregado. Harke se interessa em discutir esta aculturação por vias essencialistas – pela biologia e genética, o que demonstra que seu trabalho é um produto das ciências biológicas, embora o autor seja um arqueólogo. O que delimitamos aqui, é que os vocabulários biológicos não se encaixam com as situações de outridade no discurso escrito, embora as respostas sejam semelhantes. Nos distanciamos da análise genética, mas nos aproximamos da ideia de aculturação interpretando um discurso escrito.

A aculturação leva a uma narrativa própria dos autores para não admitir que este processo ocorria na Ilha Britânica. No contato cultural, as etnias da Ilha Britânica entraram em mixagem, portanto, seus valores e sua cultura se reorganizaram. Isto foi um fator veementemente recusado na constituição da *gens Anglorum* e da *Angelcynn*. Na narrativa, se arquitetou um triunfalismo étnico como um resultado direto do Anglocentrismo. As características híbridas deste processo, desta forma, justificam a narrativa não-assimilatória de Beda em relação aos Bretões e da *Crônica* em relação aos Daneses. Não justificam o decurso que aconteceu por trás desta narrativa, mas revelam sua intencionalidade. Existe assimilação e aculturação étnica mesmo em uma narrativa de recusa. Recusar o Outro é uma evidência da amplitude que este hibridismo tomou. A contribuição de Harke, neste sentido, sugere respostas, mesmo que essencialistas, de que esta narrativa de recusa

142 Tradução livre de: “The making of the Anglo-Saxons, and eventually the early English, appears to be the outcome of ethnogenetic processes in which the assimilation and acculturation of the native British population played a key role. [...] Two key elements may be distinguished in this process: the immigration that resulted in ethnically divided communities and regions, with limited mixing and intermarriage between immigrants and natives (mainly 5th/6th centuries); and assimilation and acculturation that saw the gradual integration of the natives into the society of the culturally and socially dominant immigrants (mainly 7th/8th centuries, but occasionally starting considerably earlier);” In: HARKE, Henrich. Anglo-Saxon Immigration and Ethnogenesis. *Society for Medieval Archaeology*, n. 55, 2011. p. 19.

aconteceu, de fato, em um espaço de interação definido. Essa narrativa da recusa aparece na datação da Páscoa em relação aos Pictos e Escotos, na colocação dos Bretões quase como ‘bárbaros’, ou na retirada da moralidade dos Daneses. Esta narrativa é uma resposta das fontes para a aculturação, que foi um elemento-chave nas relações entre os grupos étnicos. Se Beda pretendia escrever uma *Ecclesiastica Historia* da *gentis Anglorum* e a *Crônica* pretendia ser *Anglo-Saxônica*, admitir a aculturação e as redes de convívio seria uma contradição com a proposta dos textos. Por isso assinalamos que mesmo que haja uma narrativa que recusa e desassociação do Outro, isto não necessariamente se aplica ao cenário das relações entre Ingleses e outros povos no seu processo formativo.

É a partir do paralelo das reflexões de Harke e de Cohen que ilustramos como os efeitos de outridade incidem sobre a constituição de uma identidade coletiva. Na busca pela etnogênese, o hibridismo foi uma categoria ativa neste processo.¹⁴³ Ainda que não falemos em etnogênese, mas sim em etnicidade¹⁴⁴, não negamos sua existência nas situações de outridade. O que é problemático é a maneira que chegaríamos à etnogênese a partir das fontes escritas, por isso é mais conveniente falar em etnicidade. Mesmo que falemos sobre um longo processo de unificação dos povos Ingleses, expomos os ‘meios difíceis’ constituídos.¹⁴⁵ A aculturação também é um ‘meio difícil’, em razão de reter dificuldade pela narrativa de recusa das fontes. Daí surge a necessidade de interpretar o discurso e o enredo histórico. É uma fenda aberta na narrativa das fontes que seus autores se recusam a admitir, com uma intencionalidade direcionada. Quando analisamos o elemento Outro dentro da formação de um povo, isto fica mais nítido.

Os instrumentos de análise de Cohen, neste sentido, nos dão ferramentas para realocar o papel do Outro para a constituição interna do procedimento de formação, mesmo em categorias totalizadoras como a *gens Anglorum* de Beda ou a *Angelcynn* da *Crônica*. Por isso complexificamos este processo em um Outro híbrido. Harke oferece uma base alternativa para uma hipótese longamente estabelecida. Sequer o essencialismo (biológico) pode desmentir que houve aculturação. Ao realizar a análise do DNA mitocôndrico do material arqueológico voltada para a

143 Em termos de etnogênese, citamos as reflexões na dissertação de C. M. Bromhead. Ver: BROMHEAD, Catherine. **The Creation of English *natio***: ethnogenesis and ethnic identity under Alfred, the Great. Dissertação. Trinity College Dublin (Dublin). 84p. 2015.

144 Enxergamos os campos da etnogênese e da etnicidade como elementos tensionados entre si dentro dos estudos sobre etnia. Especificamente esta visão é estabelecida a partir da resposta de Walter Pohl delimitando a função conceitual do conceito de ‘eticidade’ no livro focado em etnogênese de Andrew Gilett. Enquanto a etnogênese se interessa pelas origens do sentimento de identidade étnica, a etnicidade se preocupa em descrever a forma. Dado que estamos em um contexto em que a etnicidade dos povos Ingleses já caminhou por pelo menos duzentos anos, delimitamos que enxergar o processo pela ótica da etnicidade é consideravelmente mais produtivo. Aqui é, em suma, uma escolha teórica para com a leitura sobre etnia que tratamos. Ver: POHL, Walter. *Ethnicity, theory and tradition: a response*. In: GILLET, Andrew. **On Barbarian Identity**: critical approaches to the Ethnicity in the Early Middle Ages. Turnhout: Brepols, 2002. p. 221-240.

145 BROWN, C. In the Middle. op. cit.

etnogênese, Harke percebeu o papel substancial das inter-relações entre as populações. Harke comprovou por fontes materiais que o discurso de recusa à mixagem estabelecida por Beda e pela *Crônica* era somente isto, discurso. Por detrás deste discurso, indicamos um cenário mais complexo. O espaço híbrido incidiu diretamente sobre a maneira que Ingleses construíram as relações com o Outro, algo que vemos ativamente nas fontes escritas. O hibridismo cultural, portanto, nos abre margem para repensar diversos registros dos documentos.

Quando lemos Beda entendemos que parte da cristianização dos povos Ingleses foi realizada sob o evangelho dos bispos Irlandeses, os quais respondiam a uma instituição muito bem definida baseada no monastério de Iona. Quando Beda constituiu o fator religioso como um dos alicerces para a unificação da *gens Anglorum*, ele o fez através de um processo de cristianização que por si só era híbrido. Esta cristianização carregou uma bagagem que veio de um território que não correspondia ao ocupado pela sua *gens*. Vemos este hibridismo religioso nas menções aos bispos Aidan (? - 651), Finan (? - 661) e Colman (605 - 675) que pertenciam aos povos Irlandeses e foram mencionados no início da *EH*, a serem problematizados no capítulo II.¹⁴⁶ Estes indivíduos carregavam toda uma forma de pregar o evangelho que traduziu muito das relações entre Irlandeses e Ingleses, e assim, sua presença justifica uma narrativa mais branda de Beda com os Irlandeses quando comparada com a narrativa que ele realizara quando descrevia os Bretões. Esta proximidade com os Irlandeses era aceitável para Beda. É no papel ativo de um tipo de cristianismo oriundo de outra *ethne* que demonstramos a capacidade de mistura dos povos Ingleses.

Beda não admitiu esta mistura, mas não renegou o papel dos bispos Irlandeses, por isso, é necessário lermos as entrelinhas. Por exemplo, os conflitos sobre a datação da Páscoa revelam uma resistência por parte do autor na absorção deste tipo de cristianismo. Um cristianismo do Outro que ele mesmo admitiu, mas que recusou, preocupado com a coerência do que descrevia. Uma renúncia que se justificou no afastamento do Outro e uma coerência que propôs um ponto final para reafirmar as estratégias de distinção de sua *gens Anglorum*.

Na outra ponta do nosso recorte de análise está a *Crônica Anglo-Saxônica*, que, por sua vez, também é composta por interstícios. Na constituição do documento, começamos com o estatuto de culturas híbridas nos indivíduos de outra etnia que Alfredo tinha em sua corte. A presença de John dos Velhos Saxões (865 - 904), Grimbald dos Francos (820 - 901) e Asser dos Bretões (? - 909) é um indicativo de elementos híbridos no espaço de fabricação do documento.¹⁴⁷ Mas não é somente na etnia dos indivíduos presentes no círculo alfrediano que apontamos a existência de hibridismo. As descrições de um espaço como a *Danelaw*, de contato entre povos Ingleses e

146 *EH*, III, XIV-XVI; *EH*, III, XIX; *EH*, IV, IV;

147 BLAIR, Peter Hunter. Alfred and the 'Anglo-Saxon Chronicle'. In: BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. op. cit.

Daneses, exerceu um alicerce importante naquilo que Alfredo entendia como pertencente a seu reino.¹⁴⁸ Tanto Wessex quanto a *Danelaw* eram espaços de culturas emaranhadas, com Ingleses e Daneses circulando e construindo interações. Isto dialogou com a forma que os processos de hibridismo foram exercidos no período. Foi um processo que perpassou os elementos de uma cultura: ao mesmo tempo que expressou uma relação fluida de dominação e resistência sobre o ‘si’ e o ‘Outro’, também repercutiu no modo que estes lugares foram descritos.¹⁴⁹ Conforme estabeleceu Isabela Albuquerque:

Em se tratando de cultura, é sempre bom lembrar que ela não pode ser vista como fechada, limitadora, monolítica ou como uma camisa de força, na qual grupos – sejam eles de qual natureza for – se encaixam e ali permanecem. Ela é fluida e permite negociações, adaptações, hibridismos e traduções. Na documentação escrita deparamo-nos constantemente com rótulos como *inglês, anglo-saxão, pagão* e *danes*, todas essas denominações criadas no ambiente de uma corte real, como uma maneira de diferenciar as rivalidades políticas, principalmente no contexto de invasão e ocupação escandinava. [...] As acomodações culturais realizadas pelos sujeitos é que determinam como escandinavos e anglo-saxões enxergam a si próprios e se isso é inclusive válido como uma maneira de identificação.¹⁵⁰ [Grifo nosso]

Existem, portanto, diferentes evidências que nos indicam esta mistura de grupos étnicos. Estas evidências são sinais de hibridismo. Apesar da crítica de Albuquerque à ideia de grupo, enxergamos as possibilidades de hibridismo de forma que dialoguem com o conceito de Barth.¹⁵¹ A partir do conceito de polietnicidade quando aplicado aos povos Ingleses¹⁵² conciliamos as categorias de hibridismo e grupo étnico. Grupos que se comportaram de forma fluida, com limites tangenciáveis, mas que ainda eram grupos, que assumiram rostos diferentes à forma que desejavam. O hibridismo (a junção de grupos étnicos sob um mesmo guarda-chuva) em conjunção à ideia de polietnicidade (grupos compartilhando unidades políticas e culturais), possibilitou a metamorfose das identidades. Esta metamorfose é, grosso modo, uma expressão de outridade. Ali houve grupos que englobam outros grupos, com suas respectivas identidades específicas. Se nos alinharmos com a proposta de Albuquerque, houve grupos que quebraram o monolítico, rasgaram a camisa de força, se adaptaram ao espaço que viveram. Estes elementos híbridos, desta forma, conectaram o elemento Outro dentro da expressão do ‘si mesmo’, assim, tornaram plurais categorias totalizadoras da *Angelcynn* e *gens Anglorum*. Da mesma forma, o hibridismo nos possibilita que a outridade seja um

148 ASC, 901.

149 KERN, Daniela. O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. In: **MÉTIS: história & cultura**. v. 3, n. 6, jul./dez. 2004.

150 ALBUQUERQUE, Isabela. As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos. op. cit. p. 20.

151 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit.

152 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. *ibid.*; POHL, Walter. Conceptions of Ethnicity in Early Medieval studies. **Archaeologia Polona**, v. 29. 1991. p. 44.

instrumento válido para investigar estas categorias sem ignorar os processos de fluidez das fronteiras, interações culturais e não-essencialismo na formação dos povos Ingleses.

1.4. A outridade nos estudos em Inglaterra Medieval inicial

A presença da outridade nos estudos em Inglaterra Medieval inicial é muito recente. Isto se justifica em função da virada historiográfica acontecida no campo no segundo semestre de 2019, como dito na introdução, que, para nós, expôs a necessidade de se pesquisar o Outro neste campo de estudos. Desta forma, analisamos trabalhos que se relacionam com a participação dos povos descentralizados na narrativa: Escotos, Pictos, Bretões e Daneses na formação dos povos Ingleses. Além disso, também chamamos atenção para estudos que lidam com temáticas relacionadas à outridade, como a identidade.

O primeiro trabalho é o texto de Patrick Wormald de 1983.¹⁵³ O ponto central do texto de Wormald que nos interessa é a problematização do termo *bretwalda*¹⁵⁴ em que o autor considera uma das possibilidades para interpretação do termo como ‘governante dos Bretões’. Apesar desta interpretação não ser central no artigo, o fato dela ser considerada é um sinal das situações de outridade no conceito de *bretwalda*. Esta palavra em Inglês Antigo, que expressa uma ideia de governança sobre todos os reinos Ingleses, é um certame que deve ser encarado de forma cuidadosa. A proposta central de Wormald é que esta palavra não deve ser considerada um título de governança: ele afirma que é necessário separar a categoria da *gens Anglorum* deste título.

Em nosso ponto de vista, a análise de Wormald é relevante, entretanto, o caminho seguido pelo autor é diferente do que realizamos para localizar a outridade. Chamamos atenção para a possibilidade da *bretwalda* ser uma palavra que indica governança (domínio) sobre os Bretões através do termo *breatanwalda* localizado no manuscrito C da *Crônica Anglo-Saxônica* (ASC, 828, MS C). Entretanto, o autor não dá a devida atenção para esta possibilidade. O historiador se preocupa em desconstruir a *bretwalda* enquanto um título, o que é útil ao debate que ele deseja

153 Estamos consultando uma segunda edição, de 2006, publicado em um livro do próprio Wormald. Ver: WORMALD, Patrick. *Bede, the Bretwaldas and the origin of the Gens Anglorum*. In: WORMALD, Patrick. **The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its Historian**. 2a ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 106-134.

154 Afirmamos que este conceito passa por consideráveis subjetivações. A *bretwalda*, conceito ativo especificamente no contexto Inglês, é a palavra em Inglês Antigo que supostamente indica reivindicação de um diploma de governança sobre a soberania de um único soberano sobre todos os reinos Ingleses. Quando falamos em *bretwalda*, a única fonte disponível para o estudo do conceito é a *Crônica Anglo-Saxônica*, fonte escrita entre 890 e 1154. Nesta fonte ela aparece para reivindicar o poder de Ecgberht de Wessex (802 – 825) sobre os outros reinos ingleses, entretanto, o perigo jaz justamente quando ela é tomada como um título de governança. Muito por quê ela dificilmente expressa uma forma de governo ou um trono real, os reis Ingleses muito provavelmente não se declaravam um *bretwalda*. Além disso, em questão de evidência manuscrita também há controvérsias. Ela é escrita de quatro formas diferentes em quatro diferentes manuscritos da *Crônica*: *Brytenwalda* (MS B), *Bretananwealda* (MS C), *Brytenwealda* (MS D; MS E), *Brytenweald* (MS F). Portanto, é extremamente perigoso falar em equivalências em termos de governo/soberania da *bretwalda* (Inglês Antigo) para *imperium* (Latim). Para mais informações, ver: FANNING, Steven. *Bede, imperium and the Bretwaldas*. **Revista Speculum**, v. 66, 1991. p. 1-26; e também: WORMALD, Patrick. *Bede, the Bretwaldas and the origin of the Gens Anglorum*. op. cit. p. 106-134.

aplicar, mas não indica a possibilidade de o conceito ser um exemplo do papel do Outro na formação dos povos Ingleses. Seria muito rico enxergar o conceito totalizante da *bretwalda* pelo viés de domínio sobre outras etnias. Esse domínio indica como era uma máxima do período englobar o Outro, seja ele Bretão, Picto, ou Escoto nas unidades dos Ingleses. Isto demonstra a necessidade de estabelecer espaços de pluralidade de etnias. A leitura sobre a *bretwalda*, por mais problemática que seja, se beneficiaria de uma proposição alternativa em relação à sua interpretação tradicional: ela não significaria ‘governança sobre os Ingleses’ mas sim uma ‘governança sobre o Outro’.

Mas não tomamos ‘*breatananwealda*’ como um termo absoluto. Como o próprio Wormald disse, o termo aparece somente em um manuscrito, o MS C da *Crônica Anglo-Saxônica*.¹⁵⁵ Mesmo que o conceito seja uma armadilha para definir o poder político, ao aproximarmos com a outridade, o conceito é reeditado. Seria possível, então, vislumbrarmos uma atualização conceitual da *bretwalda* na forma da *breatananwealda*. Estas evidências de domínio sobre os Bretões apareceram em outros momentos da *Crônica*. Ocorreram, por exemplo, quando o rei Egbert (802 – 839), objeto central da análise de Wormald, exerceu hegemonia política (ASC, 828) e militar (ASC, 830, MS D, E, F; ASC, 838, MS A, B, C, D, E) sobre os Bretões.

Em uma análise semântica, enquanto *weald* é a palavra em Inglês Antigo que significa ‘poder’, ‘soberania’, ‘controle’, ‘dominação’, *breatan* é a grafia alternativa para *Breoten*, Bretões, no plural.¹⁵⁶ Portanto, relegar as relações entre *bretwalda* e as unidades plurais nos povos Ingleses apenas para um segundo plano, seria, de certa forma, reduzir a leitura do conceito para somente o que o poder político dos povos Ingleses afirma. Certamente, esta possibilidade ainda precisa ser mais bem explorada pela historiografia. O que queremos dizer com esta análise é que existe, sim, a brecha para que o termo *bretwalda* seja analisado à luz da outridade.

Um trabalho com considerável impacto no campo de estudos, citado por boa parte da bibliografia que consultamos, é o artigo de Sarah Foot, *The Making of Angelcynn*. Partimos da seguinte citação:

A criação de um novo povo unido sujeito a um lorde, lealdade de quem foi forçosamente imposta por juramento, pode ter sido entendido no sentido estreito da imposição de uma nacionalidade politicamente definida por uma elite cultural, neste caso a corte real, sobre uma população mais ampla, uma identidade que nunca havia sido exclusiva ou tomada como prioritária ante alianças mais locais preexistentes. [...] **Mas a noção alfrediana de 'nação' foi também definida nos**

155 A escrita do termo ‘*breatananwealda*’ pode ser consultada no *folio* 128r do manuscrito catalogado como: Brit. Lib. MS Cotton Tiberius I. f. 128r.

156 CLARK-HALL, J. R. *A Concise Anglo-Saxon Dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1916.

termos de sua diferença do outro (aqui claramente sendo tanto dos Galeses Cristãos e, mais significativamente, dos Daneses pagãos).¹⁵⁷ [Grifo nosso]

O principal ponto que chamamos atenção para o trabalho de Foot é que a autora posicionou a noção de outridade (a diferença com o Outro) como um elemento de uma nação em ascensão. Para a autora, a compreensão de ‘nação’ para o período está vinculada a uma das categorias que enxergamos, a *Angelcynn*. Refletimos que, ao contrário do que Foot colocou, a ideia de ‘nação’ passa por um certame de extrema problematização. Foot ignorou a criação de uma etnicidade, termo este que não está na proposta do seu artigo. Portanto, se posicionou em favor de evidências que tangem ao que a ideia de nação, moderna e problemática, carrega. *Natio*, ao menos para o período medieval, não necessariamente quer dizer ‘nação’, mas é um sinônimo para *gens* e *populi*, noções mais próximas da ideia de ‘povo’.¹⁵⁸ Mesmo que Beda use do termo *natio* para falar sobre a *gens Anglorum*,¹⁵⁹ ele não concebe ‘*natio*’ como a ideia de nação que conhecemos.¹⁶⁰ Para o período medieval, em que as estruturas sociais e políticas eram radicalmente distintas, este distanciamento é gritante. No contexto embrionário dos povos Ingleses, pela leitura de Beda ser base para a *Angelcynn* alfrediana, não existe uma conceitualização própria de Alfredo. Dificilmente Alfredo tinha ideia da Inglaterra como um ‘país’ ou ‘Estado-nação’, assim como é descartável a ideia de que ele tivesse consciência de fronteiras fixas. Hipóteses como a estabelecida por Foot para indicar que agora o elemento Outro condicionaria a nação no século IX, e que anteriormente no século VIII isto não teria acontecido, caem por terra. É perceptível, ao olhar para as fontes, que o estabelecimento da *cynn* alfrediana é uma releitura direta do termo *natio* Bedaniano, que, por sua vez, está etimologicamente (e epistemologicamente) próximo da *gens*. Não é possível, como o argumento de Foot coloca, que a noção de ‘nação’ seja original do século IX. Sequer esteve presente no século IX. Sequer foi alfrediana. Alfredo, pelo contrário, não cunhou nenhuma noção original, mas recondicionou as expressões consagradas por Beda, um século antes.

O que aproxima os dois documentos é entender que o elemento Outro sempre esteve ali. Inclusive, esteve com tanta intensidade na *EH* quanto na *Crônica*, principalmente na construção do

157 Tradução livre de: “The creation of a newly named people subject to one lord, loyalty to whom was forcibly imposed by oath, might be understood in the narrow sense of the imposition of a politically defined nationhood by a cultural elite, in this case the royal court, over a wider population, an identity which could never have been exclusive nor taken priority over pre-existing, more local, allegiances. [...] But the Alfredian ‘nation’ was also defined in terms of its difference from the other (here clearly understood to be both the Christian Welsh and, more significantly, the pagan Danes).” FOOT, Sarah. **The Making of Angelcynn**. Op. cit. p. 33-34.

158 GEARY, Patrick. Power and Ethnicity History and Anthropology. **History And Anthropology**. v. 26, n. 1, p. 8-17, 7 jul. 2014.

159 Citamos o trecho disposto na *EH*, II, V como o mais evidente, entretanto estas paralelizações são constantes em outros trechos.

160 Longe disso. O mundo moderno ressignificou a palavra de tamanha forma que é problemática até mesmo para o próprio mundo moderno, como já havia adiantado as Comunidades Imaginadas de Benedict Anderson. ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

antagonismo de Beda com os Bretões ou da *Crônica* com os Daneses. Ao elencar a outridade, entendemos que falar em identidade nacional seria uma armadilha para o período medieval, sobretudo neste contexto. Não existe sequer reino da Inglaterra constituído, reino que se formou enquanto entidade política apenas no século X.¹⁶¹ Se Foot quis falar em ‘identidade nacional’ como ‘identidade de um estado’, o cenário fica ainda mais complicado. As unidades políticas não são ‘estatais’, mas são ‘reais’, no sentido de que são reinos. A outridade é uma base de sustentação dos reinos Ingleses moldada em uma identidade étnica em contato com o Outro, ao contrário da proposta da ‘nação’. Sem dúvida, etnia e nação são elementos muito distantes. Uma percepção que não é somente nossa: Patrick Geary também rejeitou esta ideia, sobretudo nas relações estabelecidas após o fim do Império Romano.¹⁶² Walter Pohl e Helmut Reimitz, construíram as estratégias de distinção também pensando deste modo.¹⁶³

Outridade e nação, com efeito, são conceitos antagonistas. Quando Foot ignorou que as relações se condicionam muito mais em função do movimento de grupos étnicos, percebemos a insuficiência de seus argumentos. Nossa dissertação, portanto, vai no sentido contrário de sua afirmação. As precisas críticas de Benedict Anderson aos termos ‘nacionalismo’ como algo imaginado, moderno e, sobretudo, que não é fixo e nem permite definição são um ponto final para argumentarmos que identidade nacional para o período da Alta Idade Média é uma armadilha. Por estes motivos nós nos opomos.

Outro trabalho que ganha relevância neste contexto é a tese de doutoramento de Windy McKinney, defendida na Universidade de York em 2011.¹⁶⁴ A tese trata da leitura da *gens Anglorum* e seus (re)usos ao longo do tempo, dialogando intensamente com a *Crônica Anglo-Saxônica* e outras obras, como o *Poema de York* de Alcuíno de York (735 – 804) e a tradução ao Inglês Antigo da *Ecclesiastica Historia*. Destacamos o primor de McKinney na análise de conceitos como a ‘*Engla Lond*’ presente na obra em Alcuíno. Cabe explicar que este conceito define a Inglaterra como uma porção de terra, etimologicamente: ‘*lond*’, terra, e ‘*Engla*’, que remete aos Ingleses.¹⁶⁵ Além disso, a autora trabalha com a releitura da *gens Anglorum* no conceito de *Angelcynn*. Chamamos atenção para suas tentativas de ler os usos dos conceitos da *Ecclesiastica Historia* em obras da segunda metade da Alta Idade Média. Esta leitura é o objetivo da tese. Como uma característica recorrente na historiografia inglesa, McKinney concentrou seus esforços na

161 A própria Foot tem noção disso, ver: FOOT, Sarah. *Æthelstan: the first king of England*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2011.

162 GEARY, Patrick J. **O Mito das Nações**. São Paulo: Editora Conrad, 2008.

163 POHL, W. REIMITZ, H. *Strategies of Distinction*. op. cit.

164 MCKINNEY, Windy. **Creating a Gens Anglorum: Social and Ethnic Identity in Anglo-Saxon England through the Lens of Bede’s *Historia Ecclesiastica***. 2011. 263 f. Tese (Doutorado) – Philosophy in Medieval Studies. Centre of Medieval Studies, University of York.

165 Ibid. p. 51-80.

aproximação do conceito com a identidade nacional. Na introdução, McKinney afirmou que “Este estudo vai examinar o papel da *Historia Ecclesiastica* (daqui em diante *HE*) na criação de uma identidade nacional Inglesa ao ir além da própria descrição de Beda das origens e destino de seu povo, para discernir o efeito de sua retórica em períodos posteriores”¹⁶⁶. As pretensões de McKinney nos são problemáticas, uma vez que reestabelecem uma leitura tradicional. Identidade étnica e a ideia de nação são antagonistas, portanto, McKinney se posicionou de forma contraditória.

Mas, ainda assim, quando a historiadora realizou uma discussão dos efeitos retóricos da *Ecclesiastica Historia* é que repousamos a virtude de seu trabalho. Como será visto no capítulo III, as relações conceituais e terminológicas entre a *Ecclesiastica Historia* em Inglês Antigo e a *Crônica Anglo-Saxônica* são íntimas. O conceito de *Angelcynn* foi revisto da tradução para o original da *gens Anglorum*, e, por sua vez foi a tradução que foi base para a *Angelcynn* instrumentalizada na *Crônica Anglo-Saxônica*. Além disso, o posicionamento historiográfico renovado de que os Bretões foram assimilados para dentro das comunidades Inglesas, rejeitando as hipóteses de haver um genocídio ou se afastando do olhar em termos equívocos como ‘*apartheid*’¹⁶⁷ nos demonstra o cuidado da autora em entender o papel do Outro na formação identitária. Apesar deste Outro não exercer papel relevante dentro da tese de McKinney, ele não é ignorado. Os objetivos de McKinney eram distintos, com uma discussão focada dentro do território dos Ingleses. Mesmo assim, o papel da outridade poderia ser melhor trabalhado em termos de formação identitária. McKinney demonstrou erudição e cuidado em conectar a *gens Anglorum* de Beda com a *Angelcynn* alfrediana, entretanto seu foco é exclusivo a um olhar Anglocêntrico.¹⁶⁸ A autora repetiu muitos vícios que as próprias fontes carregam. Se os Bretões aparecem secundariamente, o papel de outras etnias como Pictos e Escotos foram praticamente esquecidos durante a tese. Quando falamos em processos de criação de identidade, entendemos aspectos de um Outro não como algo secundário, mas como um elemento protagonista.¹⁶⁹ Isto quer dizer, em suma, entendermos o Outro como algo tangente, fluido e capaz de ser lido como uma alternativa central deste processo. Neste sentido, os elementos deste

166 Tradução livre de: “This study will examine the role of the *Historia Ecclesiastica* (hereafter HE) in the creation of an English national identity by going beyond Bede’s own description of the origins and destiny of his people, to discern the effect of his rhetoric on later periods.” MCKINNEY, W. **Creating a Gens Anglorum**. op. cit. p. 2.

167 A leitura baseada neste termo é vista em: WOOLF, Alex. *Apartheid and Economics in Anglo-Saxon England*. In: HIGHAM, Nicholas J. (org.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 115-129.

168 O uso do conceito de Anglocentrismo é baseado na instrumentalização de Jeffrey Jerome Cohen. O autor usa o conceito para o cenário entre os séculos X e XII, apesar de julgarmos conveniente também o uso para o contexto entre os séculos VIII e IX. Ver: COHEN, J. J. op. cit. p. 7; p. 9; p. 64; p. 192-193. Da mesma forma, uma leitura semelhante foi feita por Nicholas J. Higham, quando trabalha com as categorias de ‘Anglicidade’ e ‘Britanidade’ no período. Ver: HIGHAM, Nick. *Historical Narratives as Cultural Politics: Rome, ‘British-ness’ and ‘English-ness’*. In: HIGHAM, Nick (org.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 68-79.

169 HARTOG, F. **O Espelho de Heródoto**. Op. cit.

espaço de intersecção entre a *gens Anglorum* e a *Angelcynn* não devem ser vistos em uma ótica que remete somente aos povos Ingleses. É um processo que deve ser visto de forma plural.

É na subversão desta ótica Anglocêntrica tradicional que destacamos a tese de Sarah McCann defendida na Universidade Nacional da Irlanda em Galway, 2013.¹⁷⁰ A historiadora analisou o papel dos Irlandeses – os povos que Beda chama de Escotos – na *Ecclesiastica Historia*. O desenvolvimento do trabalho de McCann nos fornece algumas direções, uma vez que percorreu o caminho de elevar a importância do papel de um povo ‘marginal’, do ponto de vista geográfico, em uma obra central para a formação dos povos Ingleses. Se utilizando do método prosopográfico, Sarah McCann estabeleceu conexões entre os Irlandeses, percebeu suas redes de relações e também compreendeu seu nível de menção, tudo isto olhando exclusivamente à *EH*. O uso da categoria da etnicidade é central na tese, neste sentido, McCann destacou as tensões entre Escotos e Ingleses na obra. Tensões, estas, que contribuíram para a formação dos Ingleses como unidades plurais e reafirmaram a significativa importância dos Escotos, ou Irlandeses. Apesar de não ter sido sua intenção, as unidades plurais são um elemento possível de ser lido a partir de sua tese. A heterogeneidade de um grupo, portanto, nos estabelece uma ponte com os aspectos de hibridismo que este mesmo grupo carrega.¹⁷¹ Além disso, o método prosopográfico faz o trabalho ser um chão firme, como um conveniente manual de consulta ao papel dos Irlandeses citados na *EH*.¹⁷² Se utilizando de uma base de dados confiável, a *PASE – Prosopography of Anglo-Saxon England*, McCann destacou o papel de sujeitos individuais.

Beda mencionou Irlandeses como Aidan¹⁷³, Colman¹⁷⁴, e Finán¹⁷⁵. Segundo o texto, esses personagens exerceram uma função de marcadores étnicos das relações entre os dois povos. Ao pregarem o evangelho aos Nortúmbrios, as palavras que saíram de suas bocas não professaram somente os ensinamentos de Cristo, mas comunicaram um conhecimento que veio de um espaço eclesiástico específico com sede em Iona. Embora a ideia de ‘Igreja Celta’ fosse inválida¹⁷⁶, Beda enxergou diferenças de práticas eclesiásticas a partir de relações étnicas com os Irlandeses.¹⁷⁷ Tanto é que aqueles bispos foram vistos por Beda como contribuintes à formação da *gens Anglorum*, o que fez com que o tratamento de Beda com os Irlandeses foi, em geral, positivo.

170 MCCANN, Sarah. **Bede's Plures de Scottorum regione: The Irish in the Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum.** Tese (Doutorado). 350 f. Submetida no Departamento de História, Escola de Humanidades, National University of Ireland, Galway. 2013.

171 Ibid. p. 32.

172 Ibid. p. 11-15.

173 *EH*, III, II-III; *EH*, III, XIV.

174 *EH*, III, XIX; *EH*, IV, IV.

175 *EH*, III, XIV-XVI; *EH*, III, XIX.

176 HUGHES, Kathleen. The Celtic Church: is this a valid concept? **Cambridge Medieval Celtic Studies**, n. 1. 1981. p. 1-15.

177 HUGHES, Kathleen. The Celtic Church: Is this a valid concept? **Cambridge Medieval Celtic Studies**. n. 1. (1981), p. 1-15.

O papel destes bispos na *EH* foi investigado por McCann. A autora os colocou em uma ótica que nos demonstra as complexas redes de relações entre Escotos e Ingleses, mesmo em territórios que, tradicionalmente, se estabeleciam hegemonicamente em reinos Ingleses.¹⁷⁸ É na elevação de um Outro a um papel protagonista que faz com que a linha argumentativa de McCann entre em sintonia com o que nós articulamos como situações de outridade na formação dos povos Ingleses.

Até o presente momento o artigo de James Harland publicado em 2017¹⁷⁹ é o único trabalho que se preocupa em instrumentalizar o conceito de *Otherness* no nosso recorte. Além do conceito, também nos chama atenção seu interesse em estabelecer um diálogo da outridade com a etnicidade. Harland sugeriu pontes entre as duas chaves que são vistas por nós como bastante produtivas. Entretanto, a outridade de Harland foi vista nos resquícios arqueológicos.¹⁸⁰ Seu interesse repousou nos *signos* da outridade, algo que preencheu as lacunas de um trabalho arqueológico, mas ainda se distanciava quando o assunto é fontes escritas.

A restrição da outridade de Harland para com o material arqueológico é a principal diferença diante da nossa forma de ver a outridade. Mesmo que nossos conceitos dialoguem, o contraste dos materiais que usamos abre precedentes para críticas a sua seleção de fontes. Existe uma fronteira entre uma outridade lançada para as fontes arqueológicas e a outridade que instrumentalizamos para as fontes escritas.

Seria perspicaz da parte de Harland se o autor somente se voltasse ao material arqueológico, uma especificidade que fecharia seu argumento. Mas vemos lacunas justamente quando o historiador se debruçou às fontes escritas. Da introdução do artigo aos materiais arqueológicos, o autor partiu principalmente da obra *De Excidio Britanniae* do monge Gildas (500 – 570). Partir de fontes escritas é comum nos trabalhos em arqueologia para responder as brechas deixadas por estas fontes em relatos parciais ou exclusões intencionais. Entretanto, Harland usou deste material arqueológico para desafiar as atribuições pós-coloniais na formação identitária dos Bretões entre os séculos V e VIII. Um desafio que tomou forma no sentido de afirmar que não é possível responder a pressupostos pós-coloniais neste período.¹⁸¹ As fontes escritas foram usadas como um bode expiatório para criticar o status da teoria pós-colonial na Idade Média inicial. Na

178 Um questionamento ativo do que se concebe como ‘hegemonia’ na Inglaterra medieval inicial é estabelecido pela dissertação de Thea Kveiland defendida na Universidade de Oslø em 2019. A autora trabalha com a ideia de que grupos estrangeiros minoritários poderiam exercer papel significativo nas relações de dominação a resistência no período. Ver: KVEILAND, Thea. **Anglo-Saxon hegemony in Early Medieval Britain: Cultural and political dominance by foreign minority groups**. Dissertação. Universidade de Oslø, Department of Archaeology, Conservation and History. Faculty of Humanities. 109 f. 2019.

179 Ver: HARLAND, James. Rethinking Ethnicity and ‘Otherness’ in Early Anglo-Saxon England. **Medieval Worlds**. n. 5. 2017. p. 113-142.

180 Ibid. p. 114.

181 HARLAND, J. Rethinking Ethnicity and ‘Otherness’ in Early Anglo-Saxon England. op. cit. p. 114-125.

estrutura do artigo as fontes escritas nos aparecem como muito mais basilares do que os materiais arqueológicos que Harland analisou. A ferramenta da outridade que Harland instrumentalizou vai justamente na contramão desta hipótese, uma vez que seus signos dependem do material arqueológico. Em suma, Harland não propôs ir além das respostas que as fontes escritas oferecem, mesmo que sua outridade fosse direcionada aos materiais arqueológicos. Embora o uso de Gildas no artigo tenha sido realizado de maneira introdutória, ele correspondeu a parte significativa das reflexões. Para nós, há um desconforto metodológico.

A tese de Isabela Albuquerque também nos indica elementos importantes.¹⁸² Albuquerque realizou um estudo comparativo entre a formação das identidades Inglesas na *Danelaw* e na região de Wessex, assim, evocou algumas categorias relacionadas ao estudo que propomos. Ao trabalhar com o conceito de ‘hibridismo’, a historiadora o enxergou nos dois locais, o que estabelece muitas pontes para nos aproximarmos de suas propostas: Albuquerque analisou a *Crônica Anglo-Saxônica* como uma das fontes possíveis para se entender tal categoria.

Entretanto, a forma que visualizamos o processo de formação identitária repousa em uma leitura diferente sobre a identidade formada a partir do Outro. O Outro não organizou a estrutura dissertativa e reflexiva do trabalho, mas é um elemento equalizado uma vez que Albuquerque trabalhou com a ideia de ‘relações identitárias’ a partir da comparação de duas regiões. A estratégia de Albuquerque é interessante na leitura da formação identitária, entretanto, quando paralelizada a nossa ideia de outridade na formação de uma identidade, encontra distanciamentos. A tática da historiadora partiu de que a comparação responde ao emaranhado étnico de Daneses e Ingleses. Para nós, o que nos interessa é o discurso das fontes sobre o Outro e como ele definiu em grande medida a construção identitária dos Ingleses. Julgamos que para ler um Outro de forma plural, é necessário evitar comparações, mas analisar qualitativamente seu papel.

Albuquerque trabalhou com o recorte temporal até o século X. Assim, além da *Crônica*, analisou outros documentos como os *Anglo-Saxon Charters*, um conjunto de cartas trocadas entre membros dos povos Ingleses no século X,¹⁸³ e também a *Vida do Rei Alfredo*, biografia do monarca escrita pelo monge Asser.¹⁸⁴ Sua análise está relacionada ao recorte documental dos séculos IX-X, portanto, em função deste avanço cronológico, a autora se concentrou na fidelidade das relações entre Ingleses e Daneses, estabelecendo uma relação muito dual dentro daquele espectro de análise da identidade e da alteridade, mesmo que tenha falado de espaços plurais. É pela chave da

182 ALBUQUERQUE, I. As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos. op. cit.

183 CROSSLEY-HOLLAND, Kevin. **The Anglo-Saxon World**. Woodbridge: The Boydell Press, 1982. p. 229-243.

184 KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. **Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources**. London. Penguin Classics. 2004.

pluralidade lida no discurso que nossa concepção de identidade (e conseqüentemente, de outridade) percorre um caminho alternativo à tese de Isabela Albuquerque.

1.5. Definindo sistemas classificatórios

A definição para o uso de sistemas classificatórios na análise de identidade é dada por Kathryn Woodward:

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. E pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social.¹⁸⁵

Esta concepção de sistemas classificatórios nos dá bases para entender a construção de significados da *Angelcynn* e da *gens Anglorum*. É neste sentido que selecionamos os dois elementos que estão na argumentação de Beda na *EH* e foram reproduzidos na *Crônica*. Os fatores religiosos e os fatores políticos são os sistemas escolhidos por nós para análise das fontes. Classificações políticas e religiosas que englobam estes dois momentos da formação identitária.

Em relação às classificações religiosas, de um lado, a *EH* estabeleceu uma Igreja dos Ingleses única e, portanto, construiu mecanismos distintivos em relação aos outros povos. Do outro, a *Crônica* também se usou destes fatores quando se distanciou das práticas religiosas consideradas ‘pagãs’ dos Daneses. Encaixamos estratégias de distinção nos sistemas classificatórios em função de que elas foram “construídas, sempre, em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas”¹⁸⁶. Aplicamos à etnicidade pois, como disse Walter Pohl, “claramente a etnicidade é sobre ser diferente”¹⁸⁷. Os fatores religiosos, neste sentido, são argumentos para separar os elementos de pertencimento e não-pertencimento aos povos Ingleses.

Da mesma forma, constituímos os fatores políticos na análise de unidades fechadas que correspondem a reinos específicos. A organização política destes reinos usou bases sólidas da etnicidade para construir coesão. É no indicativo de que certo reino pertence à *gens Anglorum* ou na denominação de Alfredo como ‘rei dos Anglos e dos Saxões’ para construir a *Angelcynn* que vemos como as classificações políticas contribuíram para a coesão étnica.

Ao juntar os fatores políticos e religiosos classificamos o pertencimento aos povos Ingleses, de forma que reúnem estratégias de distinção para com o Outro. Este Outro, negado como o que *não é*, o Outro indiretamente também classifica aquilo que *é*. Estes sistemas se usam da

185 WOODWARD, K. Identidade e Diferença. op. cit. p. 15.

186 Ibid, p. 20.

187 Tradução livre de: “clearly ethnicity is about to be different”. In: POHL, W. Strategies of Distinction. op. cit. p. 5.

situacionalidade da etnia como pano de fundo para o emprego de argumentos religiosos e políticos. Argumentos conectados pela distinção.

Para a análise dos fatores religiosos enquanto um sistema classificatório da etnicidade dos Ingleses, seguimos duas etapas: a concepção da diferença na *gens Anglorum* e na *Angelcynn*. A formação de uma unidade étnico-religiosa proposta pela *gens Anglorum* Bedaniana para os Ingleses no século VIII busca suas bases na diferença com a religião dos Bretões. Uma diferença que professa dois tipos de cristianismo em contraste. Beda, por exemplo, foi um entusiasta do monge Agostinho da Cantuária, responsável por trazer o cristianismo romano aos Ingleses, um tipo de cristianismo de matriz ortodoxa. Esta afiliação funciona como o ponto que Beda buscou dessemelhança do cristianismo dos Bretões, de matriz irlandesa e não-ortodoxa.¹⁸⁸ Beda procurou também com a *Ecclesiastica Historia* um modelo de ‘igreja universal’. Um modelo que constituiu classificações eclesiásticas (portanto, políticas) enquanto base para modelos da etnia. Modelos que, mesmo carregados de contradições, exemplificaram suas tentativas de unidade. Ele viu um cristianismo propagado a partir de Roma e da Cantuária (Kent), em que o sínodo de Whitby em 664 era o principal evento que resultou da conversão dos Ingleses.¹⁸⁹ Uma universalização em marcos religiosos que fundamentou as categorias totalizantes da *gens Anglorum*. A doutrina ortodoxa Romana, assim, se tornou um instrumento conveniente para a narrativa do autor. De acordo com a historiadora Windy McKinney,

Em última instância, de acordo com Beda, os Anglo-Saxões provaram ser melhores Cristãos que os Bretões e estavam assim sendo mais dignos de manter a Britânia, porque eles haviam se voltado à verdadeira fé [...] em última instância carregando a ortodoxia aos Irlandeses e Pictos e a promessa de Cristandade de volta à sua terra natal.¹⁹⁰

Os Ingleses foram “representados fazendo a decisão correta no Sínodo de Whitby, e efetivamente sobrepujando o obstáculo que os Bretões representaram e eles estavam assim sendo, apto em seguir adiante em direção ao seu destino como evangelistas da fé ‘verdadeira’”¹⁹¹. Assim, as classificações eclesiásticas nos mostram como os Bretões eram colocados como não-dignos de

188 Consideramos estas bases de forma genérica, apesar de uma problematização mais profunda já ter sido realizada pela celticista Kathleen Hughes em relação à *parusia*. Ver: HUGHES, Kathleen. *The Celtic Church: Is This a Valid Concept?* **Cambridge Medieval Celtic Studies**. n. 1. v. 1. 1981. p. 1-20.

189 *EH*, III, XVIII.

190 Tradução livre de: “Ultimately, according to Bede, the Anglo-Saxons proved to be better Christians than the Britons, and were therefore more worthy of holding Britain, because they had turned to the true faith [...] ultimately carrying orthodoxy to the Irish and Picts, and the promise of Christianity back to their ancestral homeland.” MCKINNEY, W. *Creating a Gens Anglorum*. op. cit. p. 40.

191 Tradução livre de: “They are represented making the right decision at the Synod of Whitby, and effectively overcome the obstacle the Britons represented, and were therefore able to move forward toward within their destiny as evangelists of the ‘true’ faith.” *Ibid.* p. 40.

obterem a hegemonia territorial. É a partir deste coeficiente da ‘dignidade’ que Beda explicou a ocupação territorial soberana de reinos Ingleses a partir do *Adventus*. Uma dignidade que foi mais definida pelos pressupostos étnicos do que religiosos em seu objetivo: mais um aspecto da diferença e mais um aspecto que mostra a unidade que Beda propagou com o objetivo de se distinguir do Outro. Olhamos para Beda:

No outro lado os Bretões, a quem não proclamaram aos Ingleses o conhecimento da fé Cristã do qual eles possuíam, assim persistindo nos seus erros e tropeçando em seus caminhos. Que nenhuma tonsura seja vista em suas cabeças enquanto eles celebram os festivais solenes de Cristo diferentemente da sociedade da Igreja de Cristo, já que os Ingleses não são somente crentes, mas também completamente instruídos nas regras da fé católica. (*EH*, V, XXII)¹⁹²

Os Bretões foram descritos como culpados por não ensinarem aos povos Ingleses a fé Cristã, um fator extremamente relevante para Beda. Isto se deve a conjuntura: ao momento que os Ingleses vieram à Britânia no século V, durante o *Adventus*, sua fé ainda era pagã, feita com base nos velhos Deuses germânicos. Assim estiveram pelo menos até os instantes finais do século VI, quando Æthelberht, rei de Kent, foi cristianizado.¹⁹³ Os Bretões não somente foram culpados por Beda por não ensinarem a fé cristã aos Ingleses mas também foram os responsáveis por propagarem uma fé não-católica. Uma fé considerada por Beda como procedente de um cristianismo de menor valor que o cristianismo dos Ingleses. Os festivais dos Bretões não eram os mesmos dos povos Ingleses, a forma que eles datavam a Páscoa também não, assim como sua organização eclesiástica.¹⁹⁴ Estão aí diversos pontos de diferença no retrato do Outro em Beda. Diferenças que os classificaram como Outro. É essa diferença que, em nosso olhar, fortaleceu os aspectos de etnicidade dos povos Ingleses diante dos Bretões à luz dos sistemas classificatórios.

Na segunda etapa estabelecemos a diferença nos fatores religiosos na *Anglcyynn* sob a luz da *Common Stock* da *Crônica Anglo-Saxônica*. *Common Stock* é o nome dado para a parte da *Crônica Anglo-Saxônica* que retratou o passado dos povos Ingleses até os anos 890, quando a *Crônica* começa a ser escrita, a partir de então, com relatos mais detalhados. É ali que visualizamos o documento sob o projeto alfrediano, uma vez que todo projeto político do rei foi colocado nas suas descrições breves. De acordo com a historiadora Susan Irvine

192 Original em Latim: “Sicut econtra Brettones, qui nolebant Anglis eam, quam habebant, fidei Christianae notitiam pandere, credentibus iam populis Anglorum, et in regula fidei catholicae per omnia instructis, ipsi adhuc inueterati et claudicantes a semitis suis, et capita sine corona praetendunt, et sollemnia Christi sine ecclesiae Christi societate uenerantur” PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*, op. cit. p. 347.

193 DUNN, M. *The Christianizations of the Anglo-Saxons*. op. cit.

194 *EH*, V, XXIII.

A evidência sugere que a produção e circulação da *Crônica Anglo-Saxônica* estava firmemente enraizada no reinado de Alfredo. Ao menos dois cronistas participaram deste projeto, dos quais devem ou não terem sido comissionados pelo próprio rei. O projeto implicado não somente na composição dos anais relacionados aos eventos do reinado de Alfredo, mas também coletando, reescrevendo e revisando material anterior.¹⁹⁵

A partir deste projeto, o aspecto de diferença na formação de unidade étnica da *Anglecynn* na *Common Stock* da *Crônica* é visto na chegada dos povos Daneses, os ‘Vikings’, a partir do ano de 793.¹⁹⁶ A ideia é que esta diferença de fé foi uma das principais questões que produziram efeito quando a *Crônica Anglo-Saxônica* começou a ser compilada em Wessex. Escrita em língua vernácula, a *Crônica* retratou de uma forma quase escatológica a chegada dos Daneses no ano de 793. Para os compiladores da *Crônica*, a fé dos Daneses, ao contrário de Beda que enxergava os Bretões como carregadores de ‘valores errados’, não tinha valor algum. A outridade se mostra aqui presente, os rostos dos Outros se modificam, mas os Ingleses continuam os mesmos, intocáveis na narrativa das fontes. Os fatores que se sobressaem são baseados na relação construída diante deste Outro. Quando olhamos a passagem de 793, é nítido:

Este ano vieram terríveis avisos prévios sobre a terra dos Nortúmbrios, aterrorizando o povo mais lamentavelmente: estas eram imensas folhas de luz correndo através do ar, e redemoinhos e ferozes dragões voando através do firmamento. Estes símbolos tremendos foram logo seguidos por uma grande fome: e não muito depois, no sexto dia antes das idas de janeiro no mesmo ano, as incursões angustiantes de homens pagãos fizeram estrago lamentável na igreja de Cristo na ilha Sagrada, pela rapina e chacina. (ASC, 793)¹⁹⁷

A presença dos Daneses foi descrita por uma narrativa peculiar, que destoou do modo que o documento em geral registrou os eventos. A forma que os cronistas retrataram os Daneses foi justamente ilustrando a diferença, de forma que o Outro não fosse claramente identificável, mas ainda descrito como profano. Estes invasores não foram discursados como Daneses, mas foram os ‘pagãos’. Eles tinham um rótulo específico para sua etnicidade: a palavra em Inglês Antigo ‘*hæðen*’

195 Tradução livre de: “The evidence suggests that the production and circulation of the Anglo- Saxon Chronicle were firmly rooted in Alfred’s reign. At least two chroniclers participated in this project, which may or may not have been commissioned by the king himself. The project entailed not only composing annals relating to the events of Alfred’s reign but also collecting, rewriting and revising earlier material.” IRVINE, S. *The Anglo-Saxon Chronicle*. op. cit. p. 352.

196 O termo Viking é um indicativo de profissão, não de etnia. Por isso nesta dissertação nos referimos a eles como Daneses. Renan Birro e Andris Muceniecks provém boas reflexões ao redor destes temas. Ver: MUCENIECKS, Andris. Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia de Estudos sobre a Antiguidade e Medieval**. v. 2. n. 2. 2010.; BIRRO, Renan M. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a ‘Era Viking’. **Revista Nearch** (Rio de Janeiro). v. 6. p. 228-254. 2013.

197 Original em Inglês Antigo: “Her wæron reðe forebecna cumene ofer Norðhymbra land, 7 þæt folc earmlic bregdon, þæt wæron ormete þodenas 7 ligrescas, 7 fyrenne dracan wæron gesewene on þam lifte fleogende. Þam tacnum sona fyligde mycel hunger, 7 litel æfter þam, þæs ilcan geares on .vi. Idus Ianuarii, earmlice hæþenra manna hergunc adilegode Godes cyrican in Lindisfarneae þurh hreaflac 7 mansliht. (ASC, 793, MS D)”

(pagão). A identidade étnica foi revestida pelos fatores religiosos em sua órbita. A fé produziu uma identidade religiosa claramente oposta, delimitou um Outro, produziu diferenças carregadas de fronteiras morais. Não retratou diretamente as características dos Daneses enquanto povo, mas buscou delimitar os pontos que eles eram considerados inimigos. A fé foi um ponto central da narrativa, portanto. Afinal, para os Ingleses, eles não eram ‘pagãos’ que não acreditavam em Cristo e que atormentaram a obra sagrada da ilha. Estes eram os inimigos principais deste projeto alfrediano de unidade. Quando Alfredo mandou compilar a *Crônica* para moldar sua identidade política como rei dos Anglos e dos Saxões, fez isto por uma etnicidade bem delimitada e quase consolidada no século IX, baseada na fé cristã. Ele realizou uma propaganda com profundo desejo de desvalorização dos inimigos Daneses, além disso, se proclamou rei de tudo aquilo que não estava sob domínio Danês. Respeitou a soberania política destes povos, mas não reconheceu seus valores morais.

Entretanto, nosso desafio maior está diante de como o Outro contribuiu para a formação deste projeto. Como disse Alice Jorgensen, “a *Common Stock* mais que qualquer outra seção da *Crônica* deve ser lida como uma propaganda designada para um contexto político particular, especificamente como uma narrativa do final do século IX de Alfredo e sua família”.¹⁹⁸ Os fatores religiosos, neste sentido, favoreceram a produção desta narrativa. Uma assimilação consciente do Outro na narrativa: ele foi basilar no discurso do ‘nós *versus* eles’ que fundamentou a propaganda de Alfredo enquanto monarca.

É através deste aspecto de propaganda que retiramos alguns pontos para aplicar ao trecho. O primeiro é que a condição da propaganda consolidou um agente específico, a unidade étnica. Esta unidade étnica foi o fator-chave de Alfredo para a construção de sua identidade política enquanto rei dos Anglos e dos Saxões.¹⁹⁹ O segundo é que Alfredo, ao construir essa propaganda, delimitou as diferenças diante dos Daneses, assim, produziu uma identidade que retratou sua hegemonia a partir do domínio daquilo que não está sob o guarda-chuva do Outro (ASC, 901). Como já dito, é a partir da oposição com este Outro que seu projeto se consolidou. O terceiro é a evidência da religião que Alfredo e seus cronistas identificaram distinções adicionais entre Ingleses e Daneses. Para nós, a

198 Tradução livre de: “The Common Stock more than any other section of the Chronicle has been read as propaganda designed for a particular political context, specifically as a late ninth-century narrative of the achievements of Alfred and his family.” In: JORGENSEN, Alice. Introduction: Reading the Anglo-Saxon Chronicle. In: JORGENSEN, Alice (ed.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle: Language, Literature, History.** Turnhout: Brepols, 2010. p. 10.

199 Para uma definição da terminologia ‘identidade política’, consultar: YORKE, Barbara. Political and Ethnic Identity: a case of study in Anglo-Saxon Practice. In: FRAZER, William O. TYRELL, Andrew (orgs.). **Social Identity in Early Medieval Britain.** Leicester: Leicester University Press, 2000. p. 69-90. O conceito é instrumentalizado junto à análise da identidade étnica, afirmando que a identidade política é a forma de reconhecimento pessoal dos indivíduos inseridos nas estruturas político-administrativas. É a identidade de pertencimento a um reino, mas não somente, é a forma com que cada personagem em determinada estrutura política se reconhece.

matriz religiosa é nítida. Os Ingleses eram cristãos, por isso, unidos, ao contrário dos Daneses que foram retratados como responsáveis por pilhagens, pagãos e agressores das obras da fé cristã, portanto, fragmentados. Uma fé cristã universalizante que se contrapôs a um Outro que não era enxergado como organizado no âmbito religioso.²⁰⁰ A polarização, portanto, foi um instrumento que perpassou por este sistema classificatório. Foram nestes pontos que a diferença, na figura do Outro, constituiu pilares fundamentais que não somente consolidou um projeto unidade na etnia como também deu sustentação para a identidade política do rei Alfredo. Assim, a *Crônica* propagou um outro tipo de unidade, a unidade política de Alfredo, rei dos povos Ingleses.

Os fatores políticos são o segundo sistema classificatório. Nas classificações políticas as diferenças no âmbito eclesiástico se sobressaíram: por mais que os argumentos fossem revestidos por uma máscara religiosa, eles funcionavam através de proposições políticas. Esta preocupação com as instituições religiosas como poderes políticos foi o elo que conectou os dois sistemas classificatórios, que instrumentalizamos conjuntamente na outridade.

As classificações políticas são evidentes quando há citações das relações tomadas no âmbito da realeza e na constituição dos reinos. A realeza era um elemento central para Beda construir suas descrições sobre os povos Ingleses. Enxergamos o exemplo mais claro da política real como um sistema classificatório dos povos Ingleses na edificação do conceito de *imperium* de Beda. Através de seu conceito de *imperium*, Beda discursou ao redor do rei Æthelberht de Kent, citando alguns líderes que conseguiram soberania plena ao sul e norte do rio Humber simultaneamente. A preocupação com a ideia de ‘soberania’, definida na dominação sobre outro povo, nos indica que a construção da *gens Anglorum* perpassou também pela preocupação com o político. A partir da morte de Æthelberht, no mesmo trecho, Beda construiu uma lista de reis que atingiram elevado grau de soberania.

No ano 616 da encarnação de nosso Senhor, que foi o vigésimo primeiro ano depois de Augustino e seus companheiros terem sido mandados para pregar aos povos Ingleses, Æthelberht, rei de Kent, [...] foi o terceiro dos **reis dos povos Ingleses** que teve a **soberania** de todas as províncias sulistas que são divididas das do norte pelo rio Humber, e aquelas fronteiras contíguas do mesmo; mas foi o primeiro dos reis que ascendeu ao reino dos céus. O primeiro que teve **soberania** foi Elli, dos Saxões do Sul; o segundo, Celin, rei dos Saxões Ocidentais; o quarto foi Rædwald, rei dos Anglos Orientais, quem enquanto Æthelberht viveu, tinha sido subserviente a ele. O quinto foi Edwin, rei do povo dos Nortúmbrios, que é daqueles que vivem do lado norte do rio Humber; [...] o sexto foi Oswald, o mais cristão dos reis Nortúmbrios, quem também teve a mesma extensão sob seu

200 Esta aproximação com o outro é uma leitura que fazemos de autores que procuram definir a constituição da Igreja a partir da etnicidade dos Ingleses, como Patrick Wormald. Ver: WORMALD, Patrick. *The Venerable Bede and the ‘Church of the English’*. In: WORMALD, Patrick; BAXTER, Stephen (ed.). **The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its historian**. Oxford: Blackwell Publishing co. 2006. p. 207-228.

comando; o sétimo, Oswy, irmão do anterior, manteve igual **domínio** por algum tempo. (*EH*, II, V)²⁰¹ [Grifo nosso]

Neste trecho, a partir desta lista de reis que atingiram um *imperium*, repousamos a leitura de que Beda relacionou o fator da etnia com a dominação política. As diferenças entre os reinos foram postas em segundo plano, suavizadas para fortalecer seu discurso de unidade. Independentemente do rei e da unidade política que representava, os reis citados foram descritos como reis dos povos Ingleses (*regibus gentis Anglorum*). Ao longo deste trecho ilustramos como se comportam os fatores políticos como um sistema classificatório e, sobretudo, estampamos como estes fatores políticos se baseiam em unidades plurais. Beda, ao apresentar a lista de reis e a soberania ao redor do Humber através da dominação e da soberania, construiu sua linha de pensamento justamente para legitimar a governança sobre o Outro. Beda montou um quebra-cabeça para se aproximar da imagem nítida de unidade que tinha o Outro como elemento central.

O historiador Steve Fanning afirmou: “Similarmente, em uma discussão anterior do poder de Æthelbert, Beda declara que o rei havia estendido as fronteiras de seu *imperium* em todo caminho ao Humber, em que divide os Anglos do sul daqueles ao norte”²⁰². Fanning encaminhou sua análise dizendo que a *bretwalda*, conceito que trabalhou, é um conceito subjetivo que raramente indica qualquer aspecto em relação a uma forma de governo ou aplicação de soberania.²⁰³ Entretanto, pensamos que estas relações em Beda indicam como ele estava preocupado em classificar os fatores políticos.

Em relação às definições sobre a análise do conceito de *imperium*, Jesus Vallejo sugeriu:

A solução mais aceitável, neste caso como em outros, é adotar a posição de um **observador**, quem não está envolvido, ao menos formalmente, no esquema de centros de poder político que nós intentamos estudar. A literatura jurídica pode prover tal ponto de vista, pelo que combina o benefício da distância com a vantagem não considerável que seus autores foram dotados com instrumentos

201 Original em Latim: “Anno ab incarnatione dominica DCXVI, qui est annus XXI, ex quo Augustinus cum sociis ad praedicandum *genti Anglorum* missus est, Aedilberct rex Cantuariorum [...] tertius quidem in *regibus gentis Anglorum* cunctis australibus eorum prouinciis, quae Humbrae fluuio et contiguis ei terminis sequestrantur a borealibus, imperauit; sed primus omnium caeli regna conscendit. Nam primus imperius huiusmodi Aelli rex Australium Saxonum, secundus Caelin rex Occidentalium Saxonum, qui lingua ipsorum Ceaulin uocabatur; tertius, ut diximus, Aedilberct rex Cantuariorum; quartus Reduald rex Orientalium Anglorum, qui etiam uiuente Aedilbercto, eidem suae genti ducatum praebat, obtinuit; quintus Aeduini rex Nodanhumborum gentis, id est eius, quae ad Borealem Humbrae fluminis plagam inhabitat; [...] sextus Osuald et ipse Nodahymborum rex Christianissimus, hisdem finibus regnum tenuit; septimus Osuiu frater eius, aequalibus pene terminis regnum nonnullo tempore coercens” PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. 276.

202 Tradução livre de: “Similarly, in an earlier discussion of Aethelberht's power, Bede stated that the king had extended the borders of his *imperium* all the way to the Humber, which divided the southern Angli from those of the north.” FANNING, S. *Bede, imperium and the bretwaldas*. op. cit. p. 4.

203 WORMALD, P. *Bede, the bretwaldas and the origin of the gens Anglorum*. op. cit. p. 116.

adequados (termos, conceitos e argumentações) para analisar o fenômeno que nós estamos interessados.²⁰⁴ [Grifo nosso]

Como uma das literaturas mais clássicas sobre o conceito de *imperium*, a construção conceitual de Vallejo é voltada para um período e um recorte temporal diferente. Entretanto, traçamos paralelismos em relação à instrumentalidade do conceito de *imperium* de Beda. Tais paralelismos atuam no sentido de que a construção da *Ecclesiastica Historia* não foi realizada no centro de poder destes reis. O *scriptorium* de Beda foi Wearmouth-Jarrow, um monastério gêmeo. Beda, portanto, foi um observador. Mesmo que sua descrição tenha sido exagerada – uma vez que a historiografia indica que estes reis não atingiram o domínio amplo que Beda diz que houve²⁰⁵ – ele ainda se beneficiou da distância temporal entre o tempo que vivia e os reinados que relatou ter atingido o *imperium*. Sua construção só se realizou na prática pois nenhum dos reis citados foi seu contemporâneo.²⁰⁶ O que Beda indicou foi a unificação dos povos Ingleses, em que as considerações sobre o poder político do *imperium* se tornaram o precedente para expressar esta unificação.

Na *Crônica Anglo-Saxônica*, tomamos este panorama como uma evidência. As relações de poder e estruturas políticas foram os guias narrativos de toda constituição do documento. Alfredo, quando começou a produção deste documento, ordenou a escrita para determinar: 1) as relações de dominação, 2) os conflitos militares e 3) o poder lido através das genealogias reais. Como afirmou Susan Irvine²⁰⁷, isto faz parte do passado compartilhado dos povos Ingleses, do qual é narrado de forma política. Tal narrativa nos indica como as classificações políticas são um elemento central da *Crônica* para falarmos em outriedade.

Os fatores políticos na *Crônica Anglo-Saxônica* estavam centrados no projeto alfrediano para a fabricação de uma identidade coletiva do grupo étnico dos Ingleses. Como disse Simon Keynes,

De sua ascensão em 871 a sua morte em 899 Alfredo era conhecido para ele mesmo e talvez também para todo seu povo, como rei dos ‘Saxões Ocidentais’. É

204 Tradução livre de: “The most acceptable solution, in this case as in others, is to adopt the position of an observer who is not involved, at least formally, in the scheme of centres of political power that we intend to study. The juridical literatura can provide such a point of view, for it combines the benefit of distance with the not inconsiderable advantage that its authors were endowed with adequate instruments (terms, concepts and argumentations) to analyse the phenomenon we are interested in.” In: VALLEJO, Jesus. Power hierarchies in medieval juridical thought. An essay in reinterpretation. *Ius Commune*, 1992, n. 19, p. 4.

205 YORKE, Barbara. *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. Londres, Nova York: Routledge, 2003.

206 Ælle reinou em Sussex entre 477 e 514, Ceawlin reinou em Wessex entre 560 e 592, Æthelberht reinou a partir de algum momento na década de 580 até 616, Rædwald reinou na Ânglia Oriental entre 599 e 624, Edwin reinou na Nortúmbria entre 616 e 632, Oswald, herói particular de Beda, reinou na Nortúmbria entre 634 e 642 e, por fim, Oswiu reinou na Nortúmbria entre 642 e 670. Para mais informações sobre as relações entre estes reinos, consultar: YORKE, B. *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. Ibid.

207 IRVINE, S. *The Anglo-Saxon Chronicle*. op. cit. p. 344.

um signo de aspirações e conquistas, entretanto, em 880 ele veio a ser conhecido, em certos quadros, como **rei ‘dos Anglo-Saxões’** e isso é um reflexo de estima na qual ele veio a manter, no início dos anos 890, que ele era descrito por um admirador Galês em 893 como um governante ‘de todos os Cristãos na ilha da Britânia’. [...] É provavelmente em 880 que Alfredo assumiu ou acordou uma nova **identidade política**, como um rei da qual autoridade agora estendida através do rio Tâmis, em direção ao norte e oeste sobre o que veio a ser considerada a parte ‘Inglesa’ do recentemente dividido reino dos Mércios, e então foi um rei dos Anglo-Saxões.²⁰⁸ [Grifo nosso]

Para a identidade política de Alfredo, entendemos que suas aspirações enquanto governante se tornaram um sistema classificatório na formação dos povos. A identidade política expôs que, nas palavras de Simon Keynes, “o cronista Alfrediano, escrevendo em 890, descreveu como ‘todos os povos Ingleses que não estavam sob sujeição aos Daneses’ submeteram-se a Alfredo”²⁰⁹. Portanto, a identidade política é um marcador importante para a outridade. Foram os povos Daneses que se tornaram a principal justificativa para a criação desta identidade política unificante. Identidade que tinha a *Crônica Anglo-Saxônica* como espaço de construção central.

Conclusão do capítulo: Unidades Plurais

Após este esforço de definir os elementos que correspondem ao fazer historiográfico daquilo que entendemos como outridade, concluímos a partir do elo entre as temáticas trabalhadas. Conectamos estas categorias para chegar à resolução da hipótese vinculada à problemática central estabelecida na introdução. Esta hipótese é chamada por nós de ‘unidades plurais’. Estas unidades plurais nos permitem falar em ‘povos Ingleses’, no plural, e não somente em ‘povo Inglês’, de maneira única e estigmatizada.

Estas unidades plurais definem em que parte deste processo identitário de formação dos Ingleses nos referimos para a leitura da *gens Anglorum* e da *Angelcynn* para os capítulos II e III. A identidade é uma temática muito complexa e abrangente, por isso nossa ideia aqui foi de direcionar a que parte da identidade estudamos.

208 Tradução livre de: “From his accession in 871 to his death in 899 Alfred was known to himself, and perhaps also to most of his own people, as king “of the West Saxons.” It is a sign of his aspirations and accomplishments, however, that in the 880s he came to be known, in certain quarters, as king “of the Anglo-Saxons,” and it is a reflection of the esteem in which he had come to be held, by the early 890s, that he was described by a Welsh admirer, in 893, as ruler “of all the Christians of the island of Britain.” [...] It was probably c. 880 that Alfred assumed or was accorded a new political identity, as a king whose authority now extended across the river Thames, northwards and westwards over what had come to be regarded as the “English” part of the recently divided kingdom of the Mercians; and it was as king of the Anglo-Saxons,” Em: KEYNES, Simon. *Alfred the Great and the Kingdom of the Anglo-Saxons*. In: GUENTHER, Nicole Discenza; SZARMARCH, Paul. **A Companion to Alfred the Great**. Leiden, Boston: Brill, 2015. p. 13.

209 Tradução livre de: “The Alfredian chronicler, writing c. 890, described how “all the English people that were not under subjection to the Danes” submitted to Alfred” Ibid. p. 24.

Em termos epistemológicos, o conjunto de elementos que estão dispostos nestas unidades plurais se encontra no espaço interseccional entre identidade e alteridade. É aquilo que chamamos de outridade, condicionada nesta intersecção por dois elementos: 1) o singular-plural; 2) o hibridismo. A resposta prática da outridade no processo identitário faz com que enxerguemos a formação dos Ingleses como não-essencialista. O não-essencialismo ilustra como este processo de identidade se formou a partir do convívio de etnias e das características compartilhadas entre elas. Tal não-essencialismo reverbera no espaço cultural e no espaço político e retira qualquer cristalização de características presente na narrativa das fontes. A narrativa Anglocêntrica das fontes deu a entender como se houvessem elementos unicamente dos povos Ingleses. Para nós, não existem características únicas, mas sim, características múltiplas, divididas com os adjacentes. O hibridismo cultural, que é a expressão que coloca em um elemento de equalização o fator 'si' e o fator Outro, nos permite entender o processo de formação identitária dos Ingleses como não-essencialista.

Portanto, não-essencialismo e hibridismo estão presentes nos marcadores identitários. São os elementos que autorizam a multiplicidade étnica. São nos marcadores que estão algumas categorias mais específicas das relações estabelecidas, como as fronteiras fluidas e os *meios difíceis*. Esta linguagem étnica, de que o Outro é um elemento que constitui a etnicidade do 'si próprio', pressupõe um afastamento de quaisquer elementos de essencialismo. Partir do Outro é corroborar uma leitura cristalizada dos povos Ingleses. Ainda assim, este Outro indica a capacidade dos povos Ingleses de estabelecerem uma etnicidade em constante movimento. Uma ideia da não-fixidez, que é aquilo que na outridade se constitui epistemologicamente, cortejando ora com a identidade, ora com a alteridade. É um tipo de fluidez que atua no processo de formação identitária dos Ingleses, que absorve características em um espaço tangente aos Bretões, Escotos, Pictos ou Daneses.

Na instrumentalização metodológica da outridade na *EH* e na *Crônica*, entendemos a necessidade de ler os textos a partir do discurso. O tipo de Análise do Discurso que nos afiliamos (baseado em Hayden White) nos permite pensar a interpretação, que estabelecemos a partir menções das fontes às etnias que cercam os povos Ingleses. Compreendemos a *gens Anglorum* e a *Angelcynn* como trópicos discursivos. Para nós, o conteúdo das fontes foram interpretações historicizadas do passado e sua narrativa cria um enredo. A identidade étnica está nesse enredo. O discurso interpretado estabeleceu a comunicação entre 'si' e Outro, assim, foi a dinâmica disposta na narrativa das fontes. É por este discurso das fontes que criamos nossa chave interpretativa: a leitura da outridade é uma interpretação histórica do enredo de formação dos povos Ingleses.

Para se chegar à leitura das unidades plurais nas fontes, partimos de dois trópicos discursivos de identidade particulares deste processo de formação entre 731 e 899: a *gens Anglorum*

e a *Angelcynn*. Estas expressões de identidade são vistas como dois tipos de unidades plurais que carregam muito do contato com os vizinhos das Ilhas. Unidades que são definidas através destes contatos. Portanto, este marcador – unidades plurais – também atua como uma categoria de análise das fontes. São dois contextos de formação de identidade que tiveram seu ponto de ebulição em 731, no lançamento da *EH* de Beda e em 899, na morte de Alfredo. São por estas datas que acessamos o enredo plural de formação étnica dos Ingleses.

No conjunto de elementos instrumentalizados neste capítulo respondemos o papel deste Outro no processo de formação: as unidades plurais são o resultado da relação dos povos Ingleses com o Outro. Efetivamente, as unidades plurais ilustram qual o papel do Outro para pensarmos os Ingleses enquanto um coletivo.

Independentemente de ser étnico-religiosa, como em Beda, ou política, como no reinado de Alfredo, a unidade apareceu como o objetivo deste processo de identidade. A leitura da outridade neste processo parte da compreensão que o Outro foi um elemento que fortalece unidades. As narrativas de Beda e da *Crônica*, ambas de caráter Anglocêntrico, indicam o semblante destas unidades pelos termos *gens Anglorum* e *Angelcynn*. Estes semblantes apresentam quais os saberes compartilhados que os documentos carregam em conjunto e o que estes saberes indicam neste processo de formação identitária.

Através do compartilhamento de características lemos a nossa hipótese das unidades plurais. É o aspecto da diferença, autêntico e genuíno, que rodeia as expressões de saber compartilhado nos documentos, acentua-se ou flexibiliza-se, torna o Outro parte do ‘si’. Os documentos leram o Outro, interagiram com ele e por vezes negaram ou incluíram seus elementos. Foi preciso se voltar ao Outro para negá-lo, foi preciso entendê-lo antes de recusá-lo. A negação das características do Outro, ou sua inclusão parcial, nos diz muito sobre seu papel em um processo progressivo e de profunda continuidade, a formação dos povos Ingleses.

Esta etnicidade em movimento dos povos Ingleses, por sua vez, incide sobre a forma que estes marcadores do discurso identitário se expressam. A *gens Anglorum* e a *Angelcynn* são terminologias que expressam estratégias de distinção neste amontoado de comunidades experimentais que formam os povos Ingleses. Comunidades experimentais que são um chão muito mais firme quando se fala neste processo de formação, afastando a ótica de uma ‘comunidade imaginada’, ou seja, desafiamos a expressão de uma identidade nacional. A nação, ideia de difícil definição, se sustenta em bases frágeis (como o essencialismo) e é um exemplo de singular-singular, incoerente para com o singular-plural das unidades que falamos.

Em termos epistemológicos, a instrumentalização desta outridade é segmentária e não-binária: é um espaço interseccional entre duas categorias de um fazer historiográfico particular.

Acima de tudo, a outridade é a expressão destes ‘meios difíceis’ que se reafirmam através da diferença. Esta categoria se relaciona com uma quantidade variada de objetos e, portanto, rejeita estar dentro de uma alteridade dual que expresse um discurso de oposição com o Outro, mas pelo contrário, se expressa em uma segmentariedade não-binária em um discurso de justaposição. A partir da outridade não há espaço para ler um povo-como-um (único e singular), mas lemos um povo-como-vários (múltiplo e plural). Esta outridade é um ‘meio’ que se afasta dos extremos, conserva uma dinâmica de espaçamento própria que fala simultaneamente sobre o ‘si’, sobre o Outro e sobre as margens que estes elementos carregam. Metaforicamente, a outridade é um borrão cinza em meio a um espectro preto e branco.

Assim, respeitamos algumas classificações. O elemento Outro assumiu muitas fisionomias, mas são duas que nos aproximamos: as faces religiosas e as faces políticas. Estas duas faces, as expressões mais simbólicas daquilo que as fontes transmitem e que constituem seus pilares, sustentam o enredo narrativo da formação étnica. É no estabelecimento de sistemas classificatórios que normatizamos as regras de se ler o Outro. Estes sistemas classificatórios são os desdobramentos religiosos e políticos, forças motrizes da expressão de unidade étnica nas narrativas das fontes que posiciona o Outro diante do si.

Ao objetivar a desconstrução e ressignificação de termos carregados, como o termo ‘Anglo-Saxão’, tão discutido pelo nosso campo de estudos recentemente, indicamos o caminho que este trabalho trilha. Expressamos, em suma, um caminho alternativo a partir do entendimento que o termo ‘Anglo-Saxão’ está sendo gradativamente colocado em segundo plano pela academia. O discurso da *gens Anglorum* e da *Angelcynn*, visto sob a perspectiva da relação com o Outro, revisita esta terminologia arraigada em nosso campo de estudos. Por isso encaminhamos reflexões que possam contribuir nesta recente discussão sobre a desconstrução de um termo essencialista que é longamente utilizado em expressões supremacistas perigosas na nossa sociedade contemporânea. O termo ‘Anglo-Saxão’, afinal, está posto em questão.

Em síntese, uma discussão política que mobiliza um campo de estudos inteiro e reinventa suas instituições, não se constitui por um acaso. Assim vemos que independentemente da origem que reivindica a reforma terminológica, tal contestação precisa se debruçar em bases firmes. Queremos ajudar na construção dessas bases. Somente assim enfraqueceremos expressões que carregam preconceitos e estigmas, que carregam unidades singulares, por nós tão combatidas. É na segmentariedade e seus espaços interseccionais, nos elementos híbridos e no singular-plural que posicionamos nossa visão sobre o período formativo dos Ingleses. Meios difíceis requerem respostas difíceis. Elementos de unidades plurais que desarticulam uma leitura que isola uma ‘essência do povo Inglês’, essência que é indefinida, não importa quais esforços façamos, jamais

chegaríamos a uma resposta para o que ela expressa. Um caminho sem fim. Assim, pela análise do Outro tornamos a imagem do processo de formação identitária mais nítida e, portanto, removemos da ótica os aspectos de cristalização imaginários que uma identidade carrega. É ver e tocar o objeto. É o elemento Outro que está no centro, que circulou em diversos espaços, assumiu distintas faces, e acima de tudo, nos expõe o processo de formação dos povos Ingleses.

Capítulo II – Situações de outridade na *gens Anglorum*

Introdução

O objetivo deste capítulo é analisar o Outro no contexto da *gens Anglorum*, a partir da versão latina da *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*. Ao nos debruçarmos sobre o documento, o enxergamos sob a lente de leitura que instrumentalizamos no primeiro capítulo, a outridade. Analisamos passagens no texto de Beda que tratam da relação dos Ingleses com três etnias que coabitaram a Ilha Britânica no período analisado: os Escotos (Irlandeses), os Pictos e os Bretões. Assim, entendemos como a etnicidade situacional da *gens Anglorum* se materializa no discurso bedaniano.

Antes de nos debruçarmos na investigação do conteúdo da *EH*, fizemos um mapeamento dos manuscritos. Com isto em mente, delimitamos de quais trechos e qual a forma material que os registros são retirados. Ao fazer isto, compreendemos as possibilidades de alterações de conteúdo pelos tradutores que incidem sobre as situações de outridade no documento.

Partir da materialidade dos manuscritos é uma justificativa para a forma que lemos as fontes. Julgamos importante traçar este caminho dos documentos até as versões que usamos para análise em função de que não haveria sentido analisar o discurso de outridade sem entender as diversas camadas e filtros que estão entre a nossa leitura historiográfica do presente com aquilo que Beda escreveu no século VIII. Ao entender estas camadas, aproximamos ou distanciamos a atuação da outridade em um discurso que pode ser modificado pela reforma de conteúdo dos manuscritos. Assim, compreendemos os agentes externos que podem ter feito alterações estruturais no conteúdo. A tradição manuscrita do documento, assim, é o nosso ponto de partida, uma vez que é no conteúdo das fontes que enxergamos a atuação do Outro.

Em relação aos Irlandeses e Pictos, o objetivo é analisar dois espaços delimitados. Para estas duas etnias dedicamos um dos subcapítulos. A análise destas duas etnias é feita em conjunto em razão de que sua história é conjunta na Ilha Britânica. As relações matrilineares e de descendência nas coroas dos reinos tribais Pictos constam com uma presença Irlandesa. Em aspectos como a família e o casamento, algo detalhado por Beda na coroa Nortúmbria, lemos como este Outro Picto e Irlandês se integrou às unidades da *gens Anglorum*. Na primeira menção aos dois grupos, Beda reconhece estes agrupamentos em conjunto.¹ O monge afirma que os Irlandeses cederam mulheres aos Pictos na condição de que a descendência da coroa de seus reinos fosse feita a partir da linhagem feminina. Este fator justifica a análise de Pictos e Irlandeses de maneira conjunta, embora sejam duas etnias diferentes e com suas particularidades. Outras questões, como a

1 *EH*, I, I.

nomenclatura múltipla de espaços pela língua dos Pictos e o Inglês Antigo da *gens Anglorum*, também aparecem em nossas análises para ler as estratégias de identificação e de classificação da diferença usadas pelo discurso de Beda.

O espaço de análise central deste capítulo é a atuação de Irlandeses e Pictos no reino da Nortúmbria. Este reino é o que consta com o maior número de monarcas que Beda diz terem atingido um *imperium* (isto é, o domínio político sobre outras etnias), portanto, é considerado um espaço de interação e hibridismo, de modo que simbolize um molde para a ótica não-essencialista na *gens Anglorum* Bedaniana.² Pelo domínio político sobre outras etnias entendemos que nas unidades políticas (no caso, a Nortúmbria) houve uma relação de *polietnicidade*.³ A Nortúmbria, ao instituir domínio sobre as etnias vizinhas nos reinados de Oswald da Nortúmbria (634 – 642), Oswiu da Nortúmbria (642 – 670) e Ecgrith da Nortúmbria (670 – 685), estabeleceu espaços híbridos com o Outro. Ao entender a participação de indivíduos Irlandeses e Pictos na Nortúmbria, auferimos que em parte processo de construção da *gens Anglorum* há outridade.

O segundo espaço, mais específico, é o monastério de Lindisfarne. O monastério, que fica no litoral central do reino da Nortúmbria, tem a característica de ser governado por Irlandeses em boa parte do século VII. Três monges Irlandeses exerceram episcopado ali: Aidán, bispo entre 635 e 651, Finán, bispo entre 651 e 661 e Colmán que dirigiu o monastério entre 661 e 675. Estes monges, além de exercerem autoridade em um espaço cristão dos povos Ingleses, também lideraram uma das linhas de frente de cristianização.

A cristianização dos Ingleses, comumente lembrada por sua sede em Canterbury, teve uma ampla disseminação na Nortúmbria pelos bispos Irlandeses. O mosteiro de Lindisfarne, assim, é responsável por disseminar um evangelho com uma matriz diferente daquela que Beda propagava. Beda, um entusiasta da Páscoa Romana e da ortodoxia da Igreja de Roma, construiu sua narrativa de modo que incluísse estes monges na evangelização dos Ingleses.

O processo de cristianização dos Ingleses teve duas frentes: uma aplicada a partir do sínodo de Whitby e iniciada por Canterbury, de matriz Romana Ortodoxa, à qual Beda se filia, e outra aplicada a partir de Lindisfarne pelos bispos Columbanos Irlandeses, de matriz Irlandesa não-Ortodoxa. A afiliação de Beda é perceptível principalmente no tocante às prolongadas defesas da Páscoa Romana, recorrentes em todos os livros da *EH*.

A participação dos bispos Irlandeses na descrição de eventos que partem de uma ótica antagonica, a de Beda, nos sugere uma atuação das fronteiras fluidas. Tais fronteiras contribuem com o entendimento de Lindisfarne como um espaço especificamente poliétnico, propício ao

² *EH*, II, V.

³ BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit.

exercício de culturas híbridas na cristianização dos Ingleses. Entendemos as discussões sobre a datação da Páscoa como um elemento do costume, que não necessariamente servem para separar blocos monolíticos: uma ‘Cristandade Celta’ oposta à uma ‘Igreja dos Ingleses’. Em verdade, estes termos são vistos como referências frente a uma efetividade, no campo prático, de uma cristandade afiliada a grupos étnicos.

Para o subcapítulo dos Bretões, focamos como a narrativa agressiva de Beda construiu o Outro. Entendemos como esta agressividade foi, em suma, uma resposta do discurso bedaniano sob um processo de aculturação. Os Bretões são vistos sob óticas distintas, em função de que eles têm um rosto dual entre a *gens Anglorum* e a *Angelcynn*. Na *EH* vemos uma pesada carga de antagonismo. Beda constrói a figura dos Bretões com ressentimento, pois eles são um povo retratado não somente como subjugado às unidades políticas dos Ingleses, mas também como culpados por não professarem o evangelho. A questão da Páscoa Romana e da aculturação também aparecem quando Beda escreve sobre os Bretões. Especialmente servem para Beda construir estratégias de distinção que separam os espaços de cristandade dos Bretões com aqueles que ele se associava, os Franco-Gálicos de matriz Romana. Para nós, esta narrativa de recusa na *EH* é uma evidência textual da pluralidade étnica: Beda recusava as características Bretãs pois enxergava que os Ingleses da *gens Anglorum* assimilavam diversos traços da etnicidade dos Bretões.

2.1. Os manuscritos da *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* em Latim

A fortuna manuscrita do texto em Latim da *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* é ampla. Em função da distribuição geográfica dos textos afirmamos que todos os manuscritos obtiveram considerável circulação desde a finalização da obra em 731. A partir destes postulados encontramos uma variedade de manuscritos. Segundo Charles Plummer⁴ foram 133 manuscritos espalhados no período, entre originais e cópias, muitos dos quais estão perdidos.

Todos os manuscritos aqui são classificados a partir da edição crítica de 1896 de Plummer, *Venerabilis Baedae Opera Historica*, que é a segunda edição crítica dos manuscritos.⁵ Consideramos esta edição muito precisa, porém ainda insuficiente quando comparada à terceira edição, de R. A. B. Mynors e Bertham Colgrave, *Bede's Historia Ecclesiastica*, de 1969. Esta última é a edição crítica mais completa no que se refere a análise dos manuscritos, corrigindo certas lacunas de Plummer. A sistemática de análise dos manuscritos que Charles Plummer propõe é a mesma realizada por Mynors e Colgrave, com algumas adições destes últimos. Em função de sua confiabilidade, discutiremos a partir de Plummer, apenas brevemente faremos comentários sobre as

4 PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. lxxxvi.

5 A primeira edição crítica dos manuscritos foi realizada por John Smith em 1722. PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. lxxx.

revisões do caminho dos manuscritos de Colgrave e Mynors, que produziram a edição da qual traduzimos para os trechos neste capítulo.

O historiador Plummer mapeia os quatro manuscritos mais antigos da *EH* que estão em Latim, chamando-os de manuscritos M (Univ. Lib. MS. Kk, 5, 16), B (Brit. Lib. MS. Cotton Tiberius A XIV), C (Brit. Lib. MS. Cotton Tiberius C II) e N (Bib. La Ville, MS. Namur 11), separando-os em dois tipos de manuscrito, os manuscritos do tipo C e os manuscritos do tipo M. Estas duas classes de manuscrito tiveram diferentes transmissões. Enquanto os manuscritos do tipo C circularam apenas na Ilha Britânica durante o período medieval, os manuscritos do tipo M foram levados para o Continente. Outras diferenças também se fazem importantes: a adição de frases nos manuscritos do tipo C para o ano de 731; as histórias de milagre do rei Oswald que são omitidas nos manuscritos do tipo C; pequenas diferenças textuais⁶; os *capitula* de Beda sobre os profetas que são omitidos nos manuscritos C; além de algumas referências ao bispo Benedict que são achadas somente nos manuscritos do tipo M. Há um manuscrito que era desconhecido a Plummer, que apareceu somente na edição de Mynors e Colgrave. Este é o caso do manuscrito L (MS lat. Q. v. I. 18), disposto na biblioteca pública de Leningrado, na Rússia.⁷

Atentamos, neste ponto em específico, para a problemática de se pensar na ideia de um único manuscrito ‘original’, que rege todos os outros como um elo genealógico. Por Plummer escrever no século XIX e ser uma das primeiras edições críticas de Beda à luz da historiografia moderna, toda sua edição se baseia nessa ideia. Entretanto, alertamos, a partir dos estudos de Patrick Moran, que pensar o texto medieval como descendente de um único original é uma visão conservadora e tradicional dos manuscritos.⁸ A leitura genealógica de um documento, como a que Plummer realiza, é mais conectada aos olhos de documentos modernos do que propriamente de manuscritos medievais. Neste sentido, colocamos esta ideia de herança genealógica do manuscrito como sugerida por Plummer de lado. O uso da edição de Plummer foi no sentido de ler o texto como um aporte às trajetórias e os aspectos físicos e escriturários dos manuscritos, além de usar como referência para as citações em Latim. Junto a isto, trabalhamos também com informações que estão nos sites e/ou nos catálogos das respectivas bibliotecas que os manuscritos se encontram.⁹

Tipo ‘M’

6 *EH*, IV, XXX.

7 COLLINS, R. MCCLURE, J. *The Ecclesiastical History of the English People*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

8 MORAN, Patrick. Le Texte Médiéval existe-t-il? Mouance et identité textuelle dans les fictions du XIIIe siècle. In: ROCHELOIS, Cécille. *Le texte médiéval: De la variante à la recreation*. Paris: Presses de l’Université Paris-Sorbonne, 2012. p. 13.

9 As referências dos sites estão ao final.

Manuscrito M: O manuscrito M é o MS. Kk, 5, 16 da Cambridge University Library, também chamado de *Moore MS*. É ali que os textos das versões posteriores em Latim da *EH* formam sua base. Charles Plummer não dá um lugar de origem dele, dizendo apenas que foi escrito no Continente, mas afirma que ele data de 737. Entretanto, o catálogo *A catalogue of the manuscripts preserved in the library of the University of Cambridge* lançado entre 1856 e 1867 e referenciado no site da biblioteca que o manuscrito se encontra, diz que o manuscrito é de Wearmouth, lugar em que Beda passou a maior parte de sua vida. Todos estes questionamentos foram resolvidos por Judith McClure e Roger Collins¹⁰ que afirmam que o manuscrito foi escrito na Nortúmbria provavelmente por alguém que visitava o monastério, por conta dos sinais na haste e sua falta de decoração. O catálogo afirma que após estar em Wearmouth, ele esteve na posse do Monastério de St. Julian, na França, onde foi feita a marca do monastério no *folio* 128v. Há também hipóteses de que este manuscrito esteve por um período na corte de Carlos Magno, como dito por Robert Wright.¹¹ É dito por Plummer e confirmado junto ao catálogo que em 1697 ele foi vendido à John Moore, em que depois da sua morte em 1714 ele foi entregue à Cambridge University Library. De acordo com o catálogo o manuscrito tem 128 *folios* e indica que foi escrito por duas diferentes mãos no século VIII. O manuscrito não está digitalizado.

Manuscrito B: O manuscrito B é o MS. Cotton Tiberius A XIV da *British Library*. De acordo com o site da *British Library*, são 201 *folios* com a adição de duas outras páginas em papel moderno – o texto está em pergaminho, com toda a foliação referente ao documento da *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*. Em 1731 o manuscrito foi danificado em um incêndio, portanto, a maioria dos fragmentos do manuscrito estão chamuscados. A hipótese principal é de que o texto consta com sua datação inicial da metade final do século VIII ou do início do século IX. Sua origem vem dos monastérios de Wearmouth-Jarrow, onde Beda viveu sua vida, ou de algum monastério ao sul do estuário do Humber. Sabemos que o manuscrito passou pelos monastérios Gloucester ou Winchcombe, com adição de sua marca no *folio* 6v e também com marcas adicionadas no sul da Inglaterra nos *folios* 20v e 112v. Temos noção que o manuscrito esteve sob a responsabilidade de Sir Robert Bruce Cotton (1570 – 1631) no século XVI e herdado por seu filho, Sir Thomas Cotton (1594 – 1662) e depois passado ao seu neto, Sir John Cotton (1621 – 1702) antes de chegar à *British Library*. Charles Plummer¹² indica que o MS B e o MS M da *Ecclesiastica Historia* são de

10 COLLINS, R. MCCLURE, J. *The Ecclesiastical History of the English People*. op. cit. p. 11.

11 WRIGHT, Robert J. A brief history of Bede's works through the ages. In: WRIGHT, Robert J. **A Companion to Bede: A Readers Commentary on the Ecclesiastical History of English People**. Woodbridge: The Boydell Press, 2009. p. 118.

12 PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. xcii.

origens muito semelhantes, provavelmente pertencendo a um manuscrito anterior em comum. O manuscrito está digitalizado.

Manuscrito L: Este manuscrito está em São Petersburgo (Leningrado), Rússia, sendo o MS. Lat. Q. v. I. 18 da *National Library of Russia* (em russo: *Российская национальная библиотека*). Este manuscrito não era conhecido por Plummer, sendo adicionado apenas na edição crítica de Bertham Colgrave e R. A. B. Mynors. O manuscrito provavelmente foi escrito em torno de 747 no *scriptorium* de Wearmouth-Jarrow. Este manuscrito é uma ‘forja’, em que foi adicionada uma assinatura de Beda no período medieval, mas não se crê que é a correspondente¹³, portanto, ele é considerado uma cópia.

Tipo ‘C’

Manuscrito C: O manuscrito C é o MS. Cotton Tiberius C II da *British Library*. O manuscrito tem 156 *folios* que correspondem inteiramente à *EH*. Também conhecido como o *Tiberius Bede*, o manuscrito foi fabricado no sul da Inglaterra no final do século VIII ou início do século IX. Além disso, no final do século IX, foram adicionadas glosas em Latim e Inglês Antigo que estão presentes nos *folios* 5r-5v, 10v, 34v, 60v, 67r, 124v e 125r. Sua origem é passível de discussão, a *British Library* indica que o manuscrito pode ter sido escrito em Canterbury, entretanto, Plummer¹⁴ sugere que o manuscrito foi feito pela comunidade de St. Cuthbert – santo do qual Beda escreveu uma hagiografia inteiramente dedicada a ele. Além disso, Michelle P. Brown,¹⁵ ex-curadora da *British Library*, afirma que é possível que todo grupo *Tiberius* da *British Library*, um dos maiores no catálogo, fora reunido em homenagem a este manuscrito. Plummer aponta que notas musicais foram adicionadas ao manuscrito no século XI, estando nos *folios* 18r, 26r, 29r, 59r e 132v. No século XIV, um salmo foi inserido junto ao manuscrito, mas removido para formar o Royal MS. 13, d, L. Tal qual o MS B, o manuscrito pertenceu à família Cotton, saindo das mãos de Robert, para Thomas (1594 – 1662) que o repassou para John que, por fim, chegou à *British Library*. O manuscrito está inteiramente digitalizado.

Manuscrito N: O manuscrito N é o MS. Namur 11, da *Bibliothèque de Namur*, na Bélgica. O manuscrito data do século VIII e pertenceu ao Monastério de St. Hubert em Ardennes. O texto foi copiado no continente, mas acreditamos que o manuscrito antecessor a esta cópia provinha da Nortúmbria. Há relação da reprodução do texto de Beda junto a Alcuíno de York (735 – 804),

13 COLLINS, R. MCCLURE, J. *The Ecclesiastical History of the English People*. op. cit. p. 12.

14 PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. xciii.

15 BROWN, Michelle P. **Anglo-Saxon Manuscripts**. Londres: The British Library, 1991. p. 13.

monge nascido na Nortúmbria e responsável por reproduzir certos trechos da *HE* no seu *Poema de York*.¹⁶ Alcuíno, por sua vez, morreu em Tours e esteve presente na corte de Carlos Magno. Possivelmente ele foi um dos responsáveis por reproduzir o texto de Beda no continente, seguindo esta lógica, este MS pode ser um resultado da atuação de Alcuíno na corte carolíngia. O texto de Beda ocupa seis *folios*, os outros *folios* são correspondentes à *Historia Francorum* de Gregório de Tours e aos comentários de Fredegário sobre Gregório de Tours. Diversos foram os escribas que participaram de sua escrita, mas não é possível identificar quantos nem quem eram. Sobre a escrita do manuscrito, segundo Plummer¹⁷ indica, os escribas tinham um Latim de baixa qualidade, o que pode ter afetado na transcrição. Mesmo assim, este manuscrito preserva certo caráter independente dos três outros anteriores, muito em função de sua presença no continente.

Manuscrito K: Atualmente é o MS Landesbibliothek 4° MS theo. 2 da *Landesbibliothek* em Kassel, Alemanha. Acreditamos que este manuscrito foi composto no final do século VIII, escrito na Nortúmbria. Este manuscrito não está completo, ele contém apenas os livros IV e V. O manuscrito K tem sua trajetória conectada com o manuscrito C, já citado, havendo em algum momento uma separação das duas cópias. Não é claro se um manuscrito teve certa ‘autoridade’ sobre o outro, mas cremos que ambos foram escritos por Beda em sua forma inicial, em um manuscrito anterior provavelmente nos anos de 731 a 734.

Mencionamos também outras cópias dos manuscritos. Muitas das principais cópias foram ser encontradas em diversos monastérios centrais ocidentais, havendo versões que são consideradas cópias ou versões iniciais, mas que derivam do tipo M. Estes são os casos do manuscrito E, que é o MS M. p. th. f. 118 da *Universitätsbibliothek* de Würzburg, Alemanha e o caso do manuscrito U, que é o do MS. Weissenburg 34 da *Herzog-August Bibliothek* em Wolfenbüttel também na Alemanha. Estes dois manuscritos são associados com o manuscrito N, dos quais os três derivam provavelmente de um manuscrito anterior.

2.2. Os Pictos e os Irlandeses na *gens Anglorum*

Como dito na introdução deste capítulo, os Pictos e os Irlandeses são analisados de maneira conjunta. Isso se justifica: estes dois povos são descritos de forma correlacionada no texto de Beda. Logo no primeiro capítulo do primeiro livro, Beda reconheceu a conjunção entre Pictos e Escotos, ao afirmar:

16 MCKINNEY, W. Creating a *Gens Anglorum*. op. cit. p. 51-80.

17 PLUMMER, C. *Venerabilis Baedae Opera Historica*. op. cit. p. lxxxviii.

E então os Pictos foram para a Britânia e procederam a ocupar as partes norte da ilha, porque os Bretões haviam capturado as regiões ao sul. Como os Pictos não tinham esposas, eles pediram aos Irlandeses algumas; os últimos consentiram em dar-lhes mulheres, somente na condição que, em todos os casos de dúvida, eles deveriam eleger seus reis a partir **da linhagem real feminina** em vez da masculina; e é bem-sabido que o **costume** foi observado dentre os Pictos até este dia. (*EH*, I, I)¹⁸ [Grifo nosso]

Esta relação étnica muito próxima entre Bretões e Escotos (Irlandeses) se condicionou por Beda ao reconhecer que houve linhagens de reis Escotos entre os reis Pictos. Ao tempo do estabelecimento da *gens Anglorum*, os reinos Pictos tinham considerável proximidade com os Anglos da Nortúmbria e com os Escotos do reino da Dal Ríata. É a partir deste trecho que entendemos que a aproximação de Beda das duas etnias foi intencionada, mesmo sabendo que estes povos tinham suas diferenças.

A condição da matrilinearidade é uma característica preservada exclusivamente aos Pictos. Quando este fator é colocado na comparação com a absorção das características dos Pictos em relação aos Ingleses, entendemos que existem fronteiras étnicas bastante perceptíveis. O historiador David Thornton destacou que “na Inglaterra Anglo-Saxônica [...] a família nuclear era tanto patriarcal quanto patrilinear em característica: o pai, como chefe da família, era a autoridade principal, e muito de seus direitos, incluindo a terra, poderia ter passado aos seus filhos”.¹⁹ Certamente esta proposta se alonga para o campo da realeza, uma vez que para Thornton esta patrilinearidade fez parte da população geral do território centro-sul insular, se usarmos os termos do discurso Bedaniano. Isto nos indica como Beda era consciente das diferenças entre Ingleses e Pictos e lucidamente articulou estas distinções na sua *Ecclesiastica Historia*.

Pensamos que a interferência política dos Irlandeses através do domínio em relação aos Pictos foi muito mais delimitada do que suas ingerências sobre os Ingleses. Quando se trata de política da realeza, a intervenção dos Ingleses certamente foi maior, uma vez que reis Nortúmbrios aplicaram domínio sobre Irlandeses e Pictos no século VII, mas curiosamente isto não define a passagem de poder dos Pictos, o que coloca a intercessão Irlandesa em um patamar mais central.²⁰ Quando falamos de fatores da política eclesiástica, a presença de bispos Irlandeses dentro do processo de cristianização dos Ingleses equilibra esta relação. Ao tratar sobre reis Ingleses, o

18 Original em Latim: “Itaque petentes Britanniam Picti habitare per septentrionales insulae partes coeperunt; nam austrina Brettones occupauerant. Cumque uxores Picti non habentes peterent a Scottis, ea solum condicione dare consenserunt, ut ubi res ueniret in dubium, magis de feminea regum prosapia quam de masculina regem sibi eligerent; quod usque hodie apud Pictos constat esse seruatum.”

19 Tradução livre de: “The nuclear family was both patriarchal and patrilinear in character: the father, as head of the household, was the main authority, and most of his rights, including land, would have passed to his sons.” In: THORNTON, David E. *Communities and Kinship*. In: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500-1100**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009. p. 95.

20 *EH*, II, V.

discurso Bedaniano delimitou o costume da matrilinearidade dos Pictos para classificar diferenças. Em termos de evidências escritas, Beda muito provavelmente foi o primeiro autor a registrar esta tradição. Em função da quantidade de vestígios escritos ser reduzida na Idade Média inicial, este registro ganhou considerável importância para as releituras posteriores sobre os Pictos.

Em termos de matrilinearidade, Sally Foster afirmou que é necessário entender os Pictos para além das suas peculiaridades.²¹ Quando a autora falou sobre as fontes para a análise deste grupo étnico, ela defendeu que cada documentação dá uma resposta particular. Em geral, é um desafio analisar os Pictos enquanto um grupo étnico nas fontes escritas justamente pela escassez documental. Para Foster a melhor via para se entender sua sociedade é a arqueologia. Em uma via contrária, enxergamos que as documentações escritas não precisam ser descartadas neste contexto, mas a leitura precisa ser adaptada. Quando se trata das heranças escritas, as fontes celtas nos dão um primeiro panorama. A *Crônica da Irlanda*, um texto diluído entre os *Anais do Ulster*, os *Anais de Tigernach*, os *Anais de Clonmacnoise* e a *Chronicum Scottorum* tende a ser muito rasa quando se trata da análise dos Pictos, uma vez que seu objeto interesse são os Irlandeses.²² Nas fontes celtas, os Pictos também são brevemente descritos em textos como o *Duan Albanach (Poema dos Escotos)*,²³ do século XI, e tiveram suas genealogias incorporadas em um documento do mesmo período chamado *Minúgud Senchus fher n'Alban (A Explicação da Genealogia dos Homens Gaélicos da Britânia)*.²⁴ As genealogias dos Pictos nos documentos escoceses tardo medievais são bastante ricas, mas elas foram contadas a partir de uma temporalidade muito remota. Uma exceção é a *Crônica dos Reis de Alba* que é datada do reinado de Kenneth II (971 – 995) de Alba.²⁵ Embora esta crônica tenha informações mais ricas ao redor do século X, quando se trata dos reis Pictos da Alta Idade Média, ela não é detalhada.

Também há referências aos Pictos em fontes Galesas. Destacamos Gildas com sua *De Excidio Britanniae*²⁶ e Nênio com sua *Historia Brittonum*, que se posicionaram de forma relativamente distante dos Pictos.²⁷ Gildas, embora seja uma documentação importante, é útil para o contexto de sua escrita, o século VI. Nênio e Gildas tratam os povos Pictos de forma muito breve e

21 FOSTER, Sally. **Picts, Gaels and Scots: Early Historical Scotland**. Londres: BT Batsford, 2004.

22 EVANS, Nicholas. The restructuring of the past in the 'Chronicle of Ireland'. In: EVANS, Nicholas. **Past and Present in Medieval Irish Chronicles**. Woodbridge: The Boydell Press, 2010. p. 115-144; CHARLES-EDWARDS, Thomas M. **The Chronicle of Ireland**. Liverpool: Liverpool University Press, 2006.

23 SKENE, William Forbes. The Duan Albanach. In: SKENE, William Forbes. **Chronicles of the Picts, chronicle of Scots and other early memorials of Scottish history**. Edimburgo: H. M. Register House, 1867. p. 57-64.

24 SENCHUS FHER N'ALBAN. In: BANNERMAN, John. **Studies in the History of the Dal Riata**. Edimburgo e Londres: Scottish Academic Press, 1974. p. 27-67.

25 SKENE, William Forbes. Chronicle of the Scots. In: SKENE, W. op. cit. p. 130-134; 148-153; 171-177; 194-208; 285-290; 295-307; 378-392.

26 GILDAS. **De Excidio Britanniae**. Traduzido por J. A. Giles. Cambridge: Medieval Latin Series, 2000.

27 NÊNIO. **Historia Brittonum**. Traduzido por J. A. Giles. Cambridge: Medieval Latin Series, 2000.

complicam ainda mais este cenário. O poema *Y Goddodin*, dentro do *Livro dos Aneirin*, também deu alguns indicativos breves sobre os Pictos na batalha dos Bretões em Catraeth.²⁸

Ao entender este contexto de fontes escritas, afirmamos que um dos documentos com mais propriedade para se analisar os Pictos é a *Ecclesiastica Historia* de Beda. A partir desta alegação sugerimos que parte da história dos Pictos foi contada sob um dicionário Anglocêntrico. Por isso, a forma que os Pictos foram tratados se classifica pela diferença. Mas teriam estas diferenças entre matrilinearidade Picta e patrilinearidade Inglesa se concebido para além do campo discursivo? É uma pergunta sem resposta pelas fontes disponíveis, mas fato é que as referências de Beda à matrilinearidade ganham um peso para as concepções, ao menos historiográficas, das relações políticas e culturais dos Pictos e Ingleses. Isto definiu boa parte das fontes escritas na Idade Média tardia, uma vez que este mito foi recontado em textos Irlandeses posteriores que tinham Beda como fonte de informações, como o *Lébor Gabála Érenn* (*O Livro das Invasões*).²⁹ No século XIII o texto de Beda circulou de forma considerável na Irlanda. Diversos fragmentos do texto foram traduzidos para o Irlandês médio em torno do século XIV.³⁰

A *EH* retém detalhes e dá justificativa para as relações matrilineares nos reinos Pictos. Além disso, está temporalmente mais próxima dos acontecimentos narrados. Isto faz com que Beda seja uma autoridade sobre o tema, tanto pela proximidade quanto pela reprodução de suas ideias em textos posteriores que não ficaram apenas no mundo insular Britânico, mas também foram para o Hibernico. Esta circulação do texto também nos indica como as classificações de diferença ressoaram em tempos posteriores, o que é uma evidência de que estas concepções estavam no imaginário dos grupos étnicos em temporalidades mais iniciais, como em 731.

A questão da matrilinearidade é um indício que atua na construção da diferença da *gens Anglorum* em duas frentes étnicas. Primeiro porque a única vez que Beda falou sobre episódios de matrilinearidade foi na descrição dos Pictos. Embora em seus cinco livros o autor tenha sido detalhado nas genealogias dos reis Ingleses até seu tempo, ele não mencionou monarcas da *gens Anglorum* que assumiram o poder em função da linhagem feminina. Ao delimitar a matrilinearidade Picta logo no primeiro capítulo de seu livro, Beda construiu diferenças em relação aos Pictos que atuam através de classificações políticas.

28 ANEIRIN. **The Text of the Book of Aneirin**. Traduzido e revisado por J. Gwenogvryn Evans. Gales: Pwllheli, 1908.

29 Benjamin Hudson parece estar seguro desta hipótese ao afirmar uma relação direta entre os textos. Esta hipótese é bem articulada, uma vez que Beda foi uma rica fonte de informações para textos medievais posteriores. Ver: HUDSON, Benjamin. **The Picts**. Chicester: Wiley & Blackwell, 2014. p. 53-55. O *Livro das Invasões* pode ser consultado em: MACALISTER, Robert Alexander Stewart. **Lebor Gabála Érenn: the book of the taking of Ireland**. Dublin: Educational Company of Ireland, 1956.

30 A *EH* de Beda em Irlandês médio é batizada como *Stáir Bhéid*. Ver: RADNER, Joan N. **The Fragmentary Annals of Ireland**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1978. p. 56-57.

Existe aí uma situação de outridade. Esta situação define os registros escritos sobre a matrilinearidade: para os Pictos, Beda era um Outro (neste caso, um Anglo da Nortúmbria) que detalhou a forma de poder da etnia vizinha e citou seu costume. Em função da proximidade geográfica e temporal com o que narrava, o monge Nortúmbrio se tornou uma autoridade textual quando tratamos de descrições dos Pictos em fontes posteriores. Isto parece nebuloso para o historiador que objetiva analisar as características dos Pictos de forma singular, mas é um exemplo de como a relação de Pictos e Ingleses não pode ser desarticulada de tópicos como pluralidade, multiculturalidade e do não-essencialismo.

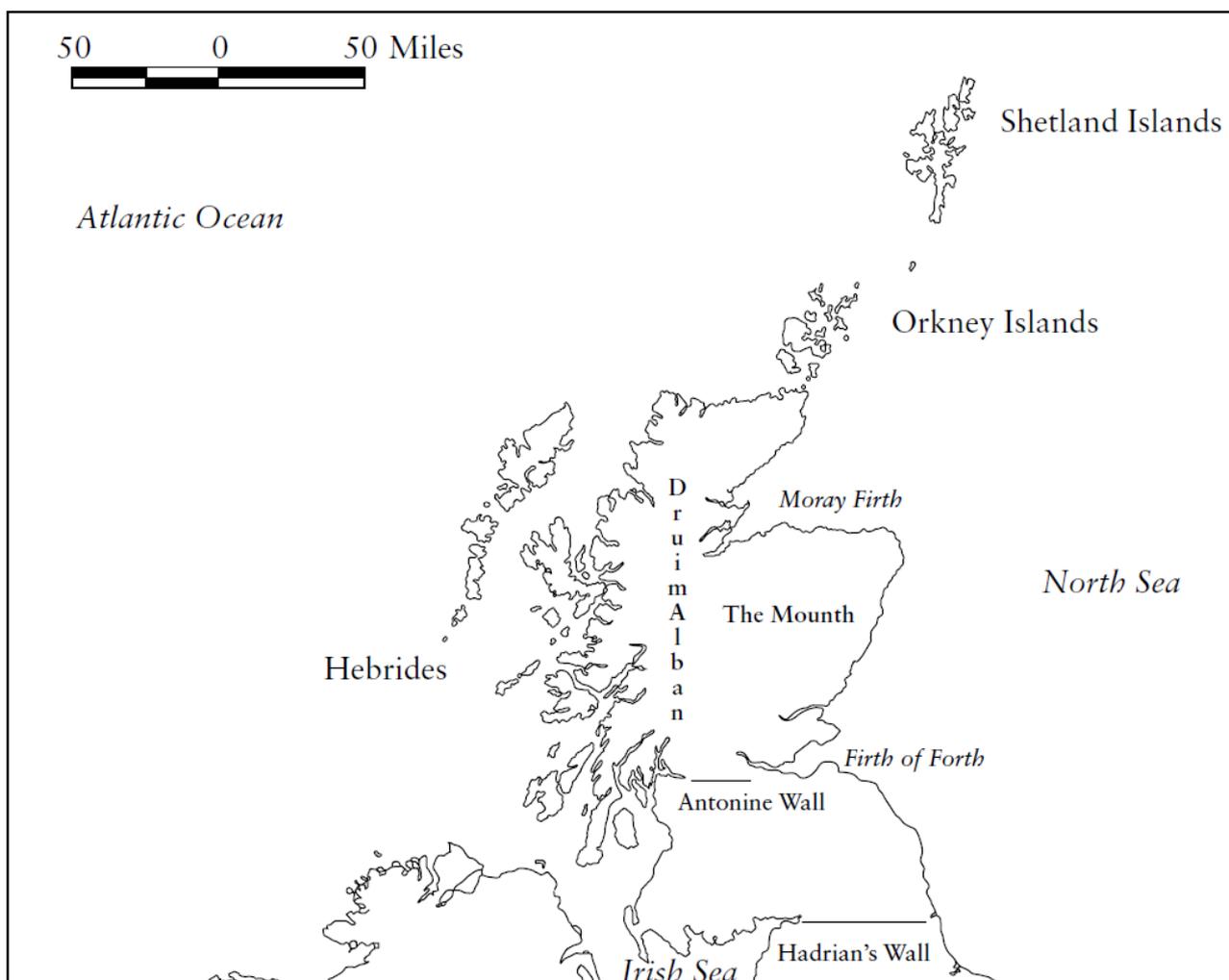
No que concerne à política real,³¹ o domínio de reis Ingleses sobre os Pictos foi condicionado pela pluralidade. Nosso ponto de partida são os reinos predecessores à Nortúmbria (Deira e Bernícia) que se fortaleceram por uma expansão iniciada em 602 no reinado de Edwin de Deira, com seu ponto de ebulição em 685, na batalha de Dun Nechtain. O rei que mais se destacou neste aspecto é Ecgríth da Nortúmbria (664 – 685). Ecgríth reinou em Deira até 670 e foi um dos indivíduos responsáveis por construir o prolongado processo de unificação das coroas de Deira e Bernícia. Para 670 Beda disse que ele é rei da Nortúmbria unificada. Este domínio político de reis Nortúmbrios sobre a etnia dos Pictos – e também sobre os Irlandeses da Dal Ríata e Bretões de Ystra Clud (Strathclyde) – constituiu o reino da Nortúmbria como um espaço de interação muito particular para o contexto da *gens Anglorum*.

Os Pictos, em termos de fronteiras étnicas, eram um Outro mais distante do que os Irlandeses. Em função desta distância, Beda conheceu muito pouco de sua história. Em relação ao território, o estuário do rio Clyde foi um mecanismo que o monge Nortúmbrio usou para separar o que era dos Pictos e o que era dos Ingleses. Beda citou tanto os Pictos quanto os Irlandeses como “raças para além das águas” (EH, I, XII).³² Ao menos em termos de território, os estuários da Ilha Britânica foram mecanismos de fronteiras territoriais ativos para o discurso Bediano delimitar o que estava ou não incluso na sua *gens Anglorum*. Embora, necessário ressaltarmos, isto aconteceu apenas no discurso, não necessariamente na instrumentalização de fronteiras fixas entre os agrupamentos étnicos. Como neste trecho (EH, I, XII), o Clyde se tornou um mecanismo fronteiro, da mesma forma que o estuário do Humber foi um elemento de separação entre os Ingleses a seu Norte, os Nortúmbrios (*Nordahymbrorum*), e os que estão ao seu Sul. O discurso de Beda sugeriu que os povos acima do Humber, Deiros e Bernícios, eram parte de um mesmo *populus*, os Nortúmbrios. Sobre estes povos, a narrativa é mais detalhada. Este discurso de

31 Quando falamos em ‘política real’, falamos em ‘política da realeza’, não queremos propor uma política ‘verdadeira’ em contraposição a uma ‘política falsa’, como a ambiguidade do termo pode possivelmente sugerir.

32 Original em Latim: ‘Transmarinas autem dicimus has gentes’. Este é um trecho que Beda reproduz diretamente de Gildas, que na *De Excidio* ele havia falado ‘duabus [...] gentibus transmarinis vehementer saevis, Scotorum a circione, Pictorum ab aquilone’. Ver: GILDAS. *De Excidio Britanniae*. op. cit. 14.1.

população única demonstra que, ao citar este conjunto de indivíduos, estava em evidência muito mais a face do autor que carregou uma identidade política como Nortúmbrio do que o monge cristão.



Mapa 3: Mapa do norte Britânico. O estuário do Clyde é a entrada de água entre o ponto oeste da Muralha de Adriano e o Mar da Irlanda. Disponível em: HUDSON, Benjamin. **The Picts**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014. p. 17.

Outro aspecto de outridade na *gens Anglorum* é a separação de nomenclaturas. Isto especificamente é uma forma que Beda instrumentalizou a diferença, em razão de que ele mesmo no início da *Ecclesiastica Historia* anunciou as ‘cinco línguas da Ilha’, entendendo as particularidades de cada uma.³³ Em relação aos Pictos, estas nomenclaturas também servem como aspecto de contraste. Especialmente no nome de localidades próximas à Muralha de Antonino, a famosa muralha de terra que percorre de leste a oeste a Ilha Britânica construída pelos Romanos, esta diferença é anunciada. As reflexões do arqueólogo Adrián Maldonado são úteis para pensar o papel da Muralha de Antonino na organização política medieval inicial. O autor compreendeu que o

33 *EH*, I, I.

papel da Muralha era menos útil para o entendimento de uma fronteira política e mais útil para o entendimento da mobilidade, da memória e da herança Romana na ilha, algo que concordamos.³⁴

A Muralha de Antonino, construída no século II d.C., traçou um limite. Nos tempos Romanos se tentou estabelecer uma separação – mesmo que fluida naquela época – do domínio do Império entre o estuário do Forth, na parte nordeste e o estuário do Clyde. O monge citou que o ponto final desta muralha, muito provavelmente a extremidade leste, era chamada pelos Pictos de *Peanfahel*, enquanto os Ingleses batizam este ponto de *Penneltun*.³⁵ A nomenclatura distinta de duas matrizes étnicas no nome de uma mesma localidade nos sugere que, para Beda, a língua era um mecanismo propositivo de diferenças. Tais diferenças são um sinal da percepção do Outro: o autor tinha conhecimento da nomenclatura dos Pictos em relação a esta localidade. A Muralha de Antonino em sua totalidade não era uma fronteira fixa. Assim como não era o dique de Offa (construído no final do século VIII) em relação aos Bretões, o que nos demonstra como mesmo nestas fronteiras territoriais mais ‘fixas’ havia fluidez de fronteiras étnicas. No território existia imobilidade em um objeto que separa dois pedaços de terra, mas em uma interpretação da identidade étnica dificilmente esta fixidez é aplicável, dado que Ingleses e Pictos atravessavam a localidade e interagem, seja ao sul ou ao norte da muralha. Ao compreender esta noção, nós assumimos que um local como *Penneltun* (*Peanfahel*) com uma nomenclatura definida pelas duas etnias é um espaço de interação profícuo. Há outridade na forma em que Pictos e Ingleses interagem neste espaço. Ao ler esta interação, auferimos que os Ingleses criaram estratégias de distinção diante dos Pictos, que ocupavam a região antes, ao rebatizar o nome para uma nomenclatura mais próxima à língua falada da *gens Anglorum*, o Inglês Antigo.

Ao falar sobre os episódios do *Adventus Saxonuum*, evento que Beda tem o monge bretão Gildas como sua referência, o autor dá muitas informações sobre conflitos entre Bretões e Pictos.³⁶ Embora eles (os Pictos) fossem um Outro, Beda delimitou quem são, mas não entrou em detalhes sobre suas batalhas, visto que seu objeto de interesse era a formação da *gens Anglorum*. O monge Nortúmbrio compreendeu que havia diferenças de lealdades, assim como uma mutabilidade de juramento e de alianças.³⁷ Alianças étnicas que se condicionaram por interesse em etnicidades profundamente situacionais.³⁸ Ora os Pictos foram descritos como adversários como quando Beda narrou as invasões dos reis Nortúmbrios sobre sua etnia, ora são aliados, inclusive, falando que

34 MALDONADO, Adrián. The Early Medieval Antonine Wall. *Britannia*, n. 46. 2015. p. 225-245.

35 *EH*, I, XII. Para uma elucidação mais plena das hipóteses, partimos de Jensen: JENSEN, Gillian Fellows. Place-names as a reflection of cultural interaction. *Anglo-Saxon England Journal*. v. 19. 1990. p. 13-21.

36 *EH*, I, XIV.

37 *EH*, I, XV.

38 GEARY, Patrick. J. Ethnic Identity as a Situational Construct. op. cit.

Saxões e Pictos “juntaram forças e foram fazer guerra contra os Bretões” (*EH*, I, XX).³⁹ Em termos de outridade, os Pictos foram vistos como um Outro contingenciado mais por semelhanças do que por diferenças. Em adição a este fator, em citações como esta é perceptível que o fator Outro era, da mesma forma, mutável. Os Pictos enquanto um Outro foram afastados ou aproximados por Beda de acordo com a narrativa que lhe convinha. Ao menos neste trecho (*EH*, I, XX) entendemos que os Pictos, assim como os Irlandeses, foram uma etnia que Beda se preocupou mais em incluir do que em excluir do raio de proximidade dos Ingleses. Ao indicar esta aliança, Beda fez um julgamento de valor que comparou Bretões e Pictos. Deste modo, sob esta comparação, a outridade dos Bretões é muito mais antagonista que a outridade dos Pictos, uma vez que tratados e alianças entre Ingleses e Bretões raramente foram descritos pelo autor. Em relação aos Pictos, Beda por vezes entrou em alguns detalhes, não somente na matrilinearidade, mas descreveu também sua conversão no século V pelo monge Niniano.⁴⁰ Embora este processo de conversão seja algo aberto para debate, uma vez que é muito difícil definir quando e como coletividades são convertidas, é um sinal de como Beda estava também preocupado em descrever a história de cristianização dos Pictos, o que nos indica correlação com sua *gens Anglorum*, ao menos nas classificações religiosas.

Mas mesmo assim, a *gens Anglorum* de Beda compreendeu os Pictos enquanto um Outro subjogado. Esta leitura é perceptível no trecho que Beda descreveu os reis que atingiram um *imperium*, em que o autor afirmou:

O sexto a governar dentro dos mesmos limites foi Oswald, o mais Cristão dos reis dos Nortúmbrios, enquanto o sétimo foi seu irmão, Oswiu, quem por um tempo manteve quase o mesmo território. Este último submergiu e fez tributários mesmo os povos dos Pictos e dos Irlandeses a quem habitam as partes mais ao norte da Britânia. (*EH*, II, V)⁴¹

Este trecho é central para o papel do domínio sobre os Pictos na *gens Anglorum*. A compreensão de episódios de domínio sobre os Pictos faz com que seja possível enxergá-los como

39 Original em Latim: ‘Interea Saxones Pictique bellum aduersum Brettones iunctis uiribus susceperunt’

40 *EH*, III, IV. Apesar da conversão dos Pictos, Niniano era Bretão, mas Beda se preocupa em delimitá-lo como afiliado ao rito Romano. Sua imagem está associada principalmente com a abadia de Whithorn, que fica na Nortúmbria, por ter construído ali uma igreja de pedra, a *Candida Casa*. Embora ele tenha vivido entre finais do século IV e início do século V, sua imagem só foi explorada no século VIII. Foi neste período que Niniano teve seus milagres escritos na *Miracula Nynie Episcopi* escrito por Alcuíno em York, e no século XI teve uma hagiografia, a *Vita Sancti Niniani* escrita no continente por Ailred de Rievaulx (1110 – 1167). Fiona Edmonds argumenta que sua imagem ficou muito marcada em Whithorn. Isto pode ter influenciado a ponto de Beda ter citado seu nome quando em relação com o povo dos Pictos, uma vez que os contatos entre Whithorn, Lindisfarne e Wearmouth-Jarrow (onde Beda viveu) eram intensos. Ver: EDMONDS, Fiona. *The Gaelic influence in the Northumbrian Kingdom: the Golden Age and the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press, 2020. p. 122.

41 Original em Latim: ‘sextus Osuald, et ipse Nordanhymbrorum rex Christianissimus, hisdem finibus regnum tenuit – septimus Osuiu frater eius, aequalibus pene terminis regnum nonnullo tempore coercens, Pictorum / quoque atque Scottorum gentes, quae septentrionales Britanniae fines tenent, maxima ex parte perdomuit ac tributarias fecit.’

integrados nas unidades dos Ingleses. Aqui não falamos em comunidades, embora seja possível também entender que houve Pictos em comunidades da *gens Anglorum*, mas unidades políticas maiores, como os reinos. Desta forma, o reino da Nortúmbria é um espaço de interação com outras etnias, ou seja, uma unidade política condicionada pela *polietnicidade*.⁴² Isto é especialmente traduzido nos reinados de monarcas Nortúmbrios que conseguiram um avanço político sobre soberanos Pictos e Irlandeses. Não somente Ecgrith, mencionado páginas acima, mas Oswald (r. 634 – 642) e Oswiu (r. 642 – 670) ordenaram incursões contra estas etnias, ou seja, um número considerável de reis Nortúmbrios. O domínio sobre o Outro em múltiplos reinados é um indicativo que distancia a noção de que invadir os agrupamentos étnicos do Outro era uma política de reinado, mas foi uma característica do reino.

O reino da Nortúmbria durante o século VII foi uma das potências hegemônicas na ilha. Os Nortúmbrios expandiram sua soberania tanto aos reinos Pictos de Fortriu,⁴³ aos Irlandeses do reino da Dal Ríata, aos Bretões de Ystra Clud e aos Anglos e Saxões de Mércia e Ânglia Oriental. Estas expansões chegaram ao ápice no processo de unificação das coroas de Bernícia e Deira. Os reinos de Bernícia e Deira, ao menos até meados do século VII eram duas entidades políticas separadas que progressivamente nos reinados de Oswald e Oswiu foram unificadas. Esta unificação é majoritariamente um empreendimento da coroa de Bernícia, uma vez que os irmãos Oswald e Oswiu pertenceram à linhagem deste reino, embora houvessem reis que deviam lealdade a Deira, como Ecgrith (r. 670 – 685) e Edwin (r. 616 – 632).⁴⁴ Assim como Barbara Yorke, entendemos que as diferenças entre Deira e Bernícia ao menos no século VII eram mais dinásticas do que algo que ilustrasse entidades políticas completamente separadas. Em finais do século VII as casas reais se unificaram, o que sujeitou o reino da Nortúmbria a uma única coroa. Os reis Nortúmbrios perceberam esta unificação como um sinal verde para avançar contra o território de Pictos e Irlandeses.

Partimos dos relatos sobre Oswald como um unificador das coroas de Deira e Bernícia. Através destes relatos existem paralelismos entre a unificação da coroa da Nortúmbria e a unificação da *gens Anglorum* para Beda pensar sua ideia de unidade. Assim, em função desta orientação semelhante de unificação, começamos a análise da participação do Outro a partir do reinado de Oswald.

42 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit.

43 O nome do reino é genérico, usado de forma mais didática para entender a unidade política que em diversas temporalidades do medievo inicial englobou reinos menores como Fih, Ce, Circinn e Cait. Por isso falamos em reinos Pictos. Estas informações são detalhadas por Benjamin Hudson. Não entraremos no debate, embora ele seja muito profícuo, pois foge à nossa proposta dissertativa. Ver: HUDSON, Benjamin. Early Middle Ages. In: HUDSON, B. **The Picts**. op. cit.

44 YORKE, B. Kings and Kingdoms. op. cit.

Esta nossa interpretação segue uma via alternativa à sugestão de Fiona Edmonds. Edmonds sugeriu que para se entender a participação dos Pictos e Irlandeses dentre os Nortúmbrios, o ponto de partida deve ser o contexto de 603. Neste ano o rei Æthelfrith da Bernícia entrou em conflito contra o rei Áedán mac Gabráin, do reino da Dal Ríata, em uma batalha em Degsastan.⁴⁵ A análise de Edmonds não levou em conta os paralelismos entre a percepção de unificação da coroa Nortúmbria com a unificação da *gens Anglorum* de Beda. Uma vez que nossa hipótese principal se baseia em unidades plurais, entendemos a participação do Outro a partir do ponto que estas unidades começaram a se formar. Por isso o reinado de Oswald é nosso pontapé inicial.

Oswald, para além de ser um rei com bastante poderio na Nortúmbria, foi um herói particular para Beda. Chamado por ele diversas vezes como ‘o mais cristão dos reis Nortúmbrios’ (*Nordahymbrorum rex Christianissimus*), Beda atribuiu a sua figura a liderança na cristianização dos Nortúmbrios.⁴⁶ O monge sempre o exaltou, em qualquer descrição sobre ele. Nas batalhas, suas interferências carregavam milagres. O lugar que ele foi morto, por exemplo, foi descrito como um espaço que era um símbolo de fé, deixando seu corpo como uma relíquia. Esta sacralidade da figura do rei é muito recorrente em nossa leitura.⁴⁷ Por vezes, Beda o chamou de santo, um termo que o monge conhecia bem, dado que ele mesmo é autor de hagiografias.⁴⁸ A morte de Oswald pelas mãos dos pagãos de Mércia, sob a liderança de Penda (r. 626 – 655), foi um fator que deu muita facilidade para a Igreja em prontamente reconhecê-lo tanto como santo quanto como mártir.⁴⁹ Nas descrições de Oswald como um unificador, Beda declarou:

Estava ansioso para que todo povo sob sua soberania estivesse realizado com a graça da fé Cristã da qual ele teve uma experiência tão maravilhosa de sobrepor aos bárbaros. (*EH*, III, III).⁵⁰

Sua figura, portanto, sintetizou o que era a *gens Anglorum* enquanto unificação étnico-religiosa para Beda: a junção do cristianismo com a unificação de Anglos e Saxões, em adição ao

45 EDMONDS, Fiona. Exiles and Emperors. In: EDMONDS, Fiona. **The Gaelic influence in the Northumbrian Kingdom: the Golden Age and the Viking Age**. Woodbridge: Boydell Press, 2020. p. 33.

46 *EH*, II, V; *EH*, III, I; *EH*, III, VI; *EH*, III, IX; *EH*, III, XIII;

47 *EH*, III, II; *EH*, III, VI; *EH*, III, VII; *EH*, III, IX; *EH*, III, XI; *EH*, III, XII; *EH*, III, XIII;

48 A constituição da santidade de Oswald é frequentemente associada a de São Cuthberto, do qual teve uma hagiografia escrita. Seus detalhes enquanto santo aparecem frequentemente nesta hagiografia, da qual é dividida entre a *Vida Anônima* a *Vida em Prosa* que foi escrita pelo próprio Beda no início da década de 700. Ver: COLGRAVE, Bertham. **Two Lives of St. Cuthbert**. Cambridge: Cambridge University Press, 1940. Sobre a associação entre Oswald e Cuthbert, cf.: BAILEY, Richard. St. Oswald heads. In: STANCLIFFE, Clare. CAMBRIDGE, Eric (eds.). **Oswald: Northumbrian King to European Saint**. Stamford: Paul Watkins Publishing, 1995.

49 *EH*, III, XI; *EH*, IV, XIV.

50 Original em Latim: ‘Idem ergo Osuald, mox ubi regnum suscepit, desiderans totam cui praeesse coepit gentem fidei Christianae gratia inbui, cuius experimenta permaxima in expugnandis barbaris’. Esta concepção de unificador também aparece em: *EH*, IV, XIV;

domínio sobre outras etnias. O Outro tinha, portanto, um lugar especial neste aparato montado na figura de Oswald para legitimar governança sobre suas terras.

A santidade do rei foi uma característica do discurso de Beda para interpretar com bons olhos suas incursões em terras ao norte do Forth. Para Beda, o monarca carregava este direito de domínio por instruir a fé cristã para os ‘bárbaros’. Ironicamente, a matriz que definiu quem é ou não é um ‘bárbaro’ não era étnica, mas religiosa. Os ‘bárbaros’ não eram os Pictos ou Irlandeses, mas sim, os próprios Ingleses ainda não convertidos. Aqui, a identidade religiosa se associou à identidade étnica. Algo perceptível uma vez que as descrições sobre Penda de Mércia foram carregadas pelo rótulo de um ‘rei pagão’ e muitas vezes ele foi associado com os Bretões, devido às suas alianças.⁵¹ Os Bretões, por outro lado, carregavam um cristianismo de menor valor por respeitarem a ‘idolatria’ de Penda, sem realizar esforços em direção à sua conversão.

A partir destes pormenores conferimos que a *gens Anglorum* só se formou enquanto *gens Anglorum* depois da cristianização dos Ingleses na primeira metade do século VII. Antes disso, os Anglos e Saxões insulares que continuaram pagãos eram também um Outro. Um Outro do qual Beda não detalhou, em razão de que estes estavam fora de sua alçada de interesse. É a partir da percepção do ‘bárbaro’ que identificamos fronteiras entre a *gens Anglorum* e o passado pagão dos Ingleses. A *barbárie* de Beda não foi guiada por um divisor étnico como no passado Romano, mas era oriunda de um substantivo religioso. Para a argumentação do monge, os Anglos e Saxões insulares quando não estavam instruídos na fé cristã eram bárbaros, frequentemente ‘idólatras’ (*idolis deditus*) e ‘ignorantes’ (*nominis ignarus*).⁵² Por vezes eram até mais ‘bárbaros’ que os vizinhos Pictos e Irlandeses, que já estavam cristianizados. Por isso a figura de Oswald teve tamanho peso: ele foi o líder desta integração ao constituir seu reinado a partir da unificação religiosa e política, em um processo que foi orientado pela interação entre Ingleses com os Pictos e Irlandeses. Oswald foi santo pois ele ajudou Beda a delimitar a temporalidade para falar em *gens Anglorum*. No mesmo sentido, Oswald enquanto rei foi um instrumento de integração de Ingleses, Pictos e Irlandeses em unidades plurais, condicionadas pela instrução cristã, da qual ele foi um dos responsáveis no discurso bedaniano.

Em termos de poder político, Colgrave e Mynors afirmaram que a importância de Oswald para a Nortúmbria foi ampla. O rei conseguiu domínio até mesmo em Kent, na parte sudeste da ilha.⁵³ Outra interpretação, de Frank Stenton, indicou que a descrição de Beda datada de 731, quase cem anos depois do reinado de Oswald, é um elemento de como a soberania do rei foi efetiva.

51 *EH*, II, XX;

52 *EH*, II, XX. Especialmente neste trecho existe uma associação com os Mércios, embora isto seja mais centralizado em Penda e não se alongue aos Mércios pois o próprio Beda relata sua cristianização em *EH*, III, XXIV.

53 COLGRAVE, B. MYNORS, R. A. B. Bede's Ecclesiastica Historia. op. cit. p. 205.

Stenton afirmou que “Oswald deixou uma impressão permanente na história Inglesa. Sua supremacia política, como toda de seu tipo, foi uma criação artificial da qual ignorou as tradições de diferentes povos sujeitos a ele”.⁵⁴ A leitura de Stenton carrega muitas das interpretações sugeridas pelo próprio Beda. Embora Beda seja um dos únicos parâmetros em um período guiado pela escassez de fontes escritas, retomamos que seu discurso era Anglocêntrico, algo que Stenton não problematiza. Ao ter em mente o processo de cristianização junto ao discurso sacralizado da figura de Oswald compreendemos que esta unificação, embora seja de fato artificial, não ignorou as tradições dos diferentes povos sujeitos a ele. Quando existe um cenário em que personagens Irlandeses propagam uma tradição Cristã apropriada aos Ingleses, afirmamos que suas características não foram ignoradas no processo de formação étnica, mas pelo contrário, foram exaltadas. Delimitamos que tal tradição cristã não estava envolvida diretamente em uma Igreja Celta enquanto instituição, como adiantado por Kathleen Hughes.⁵⁵ A *EH* sugere que foi sob o pedido de Oswald que os bispos Irlandeses Aidán, Finán e Colmán vieram de Iona e constituíram episcopado em Lindisfarne. Pelo pedido de Oswald, o monastério se torna o centro de Cristianização dos Nortúmbrios que estava sob a responsabilidade do Outro. Na investigação das descrições sobre o monastério de Lindisfarne, vemos que houve um movimento de cooperação entre Irlandeses e Ingleses.

Isto foi admitido por Beda ao falar da unificação da *gens Anglorum* por Oswald:

Então ele mandou aos anciãos Irlandeses dentre os quais ele e seus *thegns* receberam o sacramento do batismo quando ele estava em exílio. Ele pediu para eles mandarem um bispo dos quais o ensinamento e sacerdócio os povos Ingleses dos quais ele governava poderiam aprender os privilégios da fé em nosso Senhor e receber os sacramentos. (*EH*, III, III)⁵⁶

Os Irlandeses, mesmo que sujeitos à Oswald, deixaram sua marca na *gens Anglorum*. Antes de assumir o trono, o rei Oswald esteve em exílio na Irlanda, processo detalhado por Barbara Yorke.⁵⁷ Embora naquele trecho o monge se referiu um bispo não-nomeado que foi anterior aos bispos que ele nomeou, existiu integração pela ótica da outridade. O episcopado dos bispos Irlandeses em Lindisfarne foi prontamente reconhecido pelo discurso de Beda. Não há margem para

54 Tradução livre de: ‘Oswald left a permanente impression on English history. His political supremacy, like all of its kind, was an artificial creation which ignored the traditions of the different subject people’. In: STENTON, F. *Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 83.

55 HUGHES, Kathleen. The Celtic Church: is this a valid concept? **Cambridge Medieval Celtic Studies**, n. 1. 1981. p. 1-15.

56 Original em Latim: ‘iam ceperat, misit ad maiores natu Scottorum, inter quos exulans ipse baptismatis sacramenta cum his qui secum erant militibus consecutus erat, petens ut sibi mitteretur antistes, cuius doctrina ac ministerio gens quam regebat Anglorum dominicae fidei et dona disceret et susciperet sacramenta.’

57 YORKE, B. *Kings and Kingdoms in Early Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 78.

falamos de uma tradição ignorada. Portanto, a leitura de Stenton repetiu um discurso Anglocêntrico vicioso de forma que a presença de outras etnias não foi objeto de preocupação. Stenton não diversificou de maneira plena as identidades criadas na Nortúmbria. Percebemos a partir do próprio título de sua obra, *'Anglo-Saxon England'*, em função de que é o 'núcleo duro' dos tais 'Anglo-Saxões' que era seu interesse. Assim, compreendemos que a participação da etnia dos Irlandeses neste processo nos sugere uma releitura que retira aspectos de cristalização como os propagados por Stenton.

Seria possível enxergar uma Inglaterra Irlandesa neste período?

Apesar de não haver uma 'Inglaterra' ainda, o processo de formação étnica sob as unidades plurais nos abre uma via de interpretação histórica para afirmar que sim. Encarar fragmentos de uma *Irish England* no período não é um instrumento político que é suficiente para a historiografia britânica da época de Stenton. Quiçá não seja uma hipótese que a ampla camada da historiografia dominada por Britânicos encara de forma apropriada. Para nossa hipótese de unidades plurais e da participação do Outro na *gens Anglorum*, uma Inglaterra Irlandesa, no sentido de amplas camadas populacionais de Irlandeses estarem presentes no território dos Ingleses, é uma possibilidade.

Uma leitura da participação dos Irlandeses está na tese de doutoramento de Sarah McCann. A historiadora afirmou que Beda manteve uma boa impressão da participação dos Irlandeses, mesmo em relação ao bispo não-nomeado no trecho citado anteriormente.⁵⁸ Sarah McCann sugeriu que a informação de seu nome não chegou a Beda. A troca deste bispo por Aidán muito provavelmente foi uma manobra institucional de Iona para estabelecer uma evangelização mais alinhada com a sua ortodoxia em Lindisfarne. Este discurso de boa impressão foi a interpretação de Beda da intensa participação dos Irlandeses dentre as unidades dos Ingleses. A outridade, neste sentido, ganha elementos de pluralidade. Através dos Irlandeses, Beda interpretou que os Ingleses aprenderam os 'privilégios da fé' (*regebat Anglorum dominicae fidei*). A participação dos Irlandeses no processo de formação étnica dos Ingleses foi bastante ativa, uma vez que o cristianismo dos Ingleses, que moldou suas características étnicas, era envolto por ensinamentos Irlandeses. Os Irlandeses foram, em grande medida, os mentores espirituais da religiosidade cristã dos Ingleses.

Neste sentido, há não-essencialismo de características (elementos Ingleses moldados pelos Irlandeses) que nos indica um processo de unidades plurais (Irlandeses presentes nas unidades Inglesas). As unidades plurais 'afinaram' as fronteiras étnicas entre Irlandeses e Ingleses, assim,

58 Sarah McCann sugere que a informação de seu nome não chegou a Beda. A troca deste bispo por Aidán muito provavelmente foi uma manobra institucional de Iona para estabelecer uma hegemonia mais alinhada com a sua ortodoxia em Lindisfarne. Ver: MCCANN, Sarah. Northumbria's First Irish Bishop (Anonymous 1). In: MCCANN, Sarah. *Plures de Scottorum regione*. op. cit. p. 24-27.

hibridizaram suas características.⁵⁹ Irlandeses e Ingleses, ao menos no reino da Nortúmbria, são lidos a partir de uma ótica semelhante, sob uma mesma lente de leitura: a interação. A partir destes elementos que a outridade carrega, entendemos estas conjunções étnicas a partir de uma ótica plural e não-essencialista. Oswald foi um facilitador desta interação ao trazer os bispos para propagar o cristianismo no reino e assim transforma a Nortúmbria em um espaço plural muito particular.

Mas não foi apenas no reinado de Oswald que a outridade é exposta de maneira tão evidente. Nas descrições de Beda sobre o reinado de Oswiu, seu sucessor, estas medidas são muito perceptíveis. Entretanto, um fator que acrescentamos é que no reinado de Oswiu, a relação com o Outro, especificamente os Irlandeses, ganha um elemento a mais. Em 664, no mesmo período da construção do Sínodo de Whitby, Oswiu foi descrito como um monarca que escolheu a data da Páscoa de acordo com o modo Romano.⁶⁰ Esta escolha foi um divisor de águas na relação com os Irlandeses, uma vez que foi em seu reinado que Colmán, o último bispo Irlandês de Lindisfarne, foi mandado de volta a Irlanda, onde fundou o monastério de Innisbofinn. Uma interação que aconteceu nas duas vias, dado que se relatou que Ingleses acompanharam Colmán em direção à Irlanda.⁶¹

Em relação ao domínio político, Beda mencionou Oswiu como um rei que atingiu um *imperium*. O monge delimitou exatamente que os Irlandeses e Pictos foram feitos ‘tributários’ e tiveram o poder submergido por Oswiu (*maxima ex parte perdomuit ac tributarias fecit*).⁶² Além disso, Oswiu foi demonstrado como o responsável pelo poder político na cristianização dos Saxões Orientais de Essex. Tal cristianização foi dita por Mynors e Colgrave como oriunda de bispos Irlandeses que eram subjugados a Iona.⁶³ Beda admitiu isso logo a seguir em seu texto.⁶⁴ Para nós, isto é um demonstrativo do quão ao sul foi a presença dos Irlandeses, chegando até o reino de Essex.

Sobre o domínio sobre as outras etnias, Oswiu foi relatado pela sua conquista dos Pictos, ao Beda dizer que “Oswiu também sujeitou a maior parte do povo dos Pictos para ao domínio dos Ingleses” (*EH*, III, XXIV).⁶⁵ Especialmente neste capítulo Beda colocou a narrativa do domínio de Oswiu sobre os Mércios como prioritária, dando muito mais detalhes. Esta narrativa é um indicativo de que Beda não tinha tanto conhecimento detalhado das incursões de Oswiu sobre os Pictos. Mas, para além disso, demonstrou como os fatores religiosos estiveram em uma ótica central, pois o domínio de Oswiu se opôs à Penda, o rei pagão de Mércia. Oswiu foi um rei que atacou o Outro,

59 COHEN, J. Hybridity, Identity and Monstrousness in Early Medieval Britain. op. cit.

60 *EH*, II, IX; *EH*, III, XXV; *EH*, IV, XIII; *EH*, IV, XXIV.

61 *EH*, IV, IV.

62 *EH*, II, V.

63 COLGRAVE, B. MYNORS, R. A. B. Bede's Ecclesiastical History. op. cit. p. 282.

64 *EH*, III, XXII.

65 Original em Latim: “qui etiam gentem Pictorum maxima ex parte regno Anglorum subiecit.”

isto foi um fator importante para Beda, seja este Outro os pagãos de Mércia (que Beda não incluiu no seu *tropos* da *gens Anglorum*), ou os estrangeiros Pictos. Oswiu dominou ambos, assim demonstramos o reino da Nortúmbria como um espaço de interação ativo entre coletivos com características difusas, que permitiu o deslocamento de indivíduos do sul ao norte do Humber.

Em geral, ao olharmos para a bibliografia especializada, a maioria das leituras sobre os reinados dos reis Nortúmbrios delimitou o alcance de poder ao sul do Humber, com os Mércios.⁶⁶ Encontramos pouco interesse em detalhar a aproximação do reino da Nortúmbria com os Pictos ao Norte. Uma destas escassas análises é de Barbara Yorke:

É provavelmente a Oswiu a quem o crédito deveria ir pelo **fortalecimento da soberania Nortúmbria sobre os Pictos**. Entre 653 e 657 o sobrinho de Oswiu, Talorcan, a quem tinha uma mãe Picta, era rei dos Pictos e presumivelmente subordinado ao seu tio. As relações exatas de Oswiu com os Pictos depois da morte de Talorcan eram difíceis de estabelecer, mas Drest (665/7-72) pode também ter estado sob o controle de Oswiu pelo que Oswiu descreveu como sendo bispo dos Nortúmbrios e dos Pictos em 669. Em 681 um bispado foi estabelecido em Abercorn, com jurisdição sobre os Pictos.⁶⁷ [Grifo nosso]

A proposta de Yorke, que faz uma análise política das relações da coroa Nortúmbria com os Pictos, nos estabelece pontos importantes. As conexões familiares de Oswiu com os Pictos, sobretudo seu sobrinho, o rei Talorcan mac Eanfret, indicam a amplitude do *imperium* de Oswiu que Beda relatou no livro II.⁶⁸ A dominação familiar das coroas dos Pictos pelos Nortúmbrios certamente contribuiu para manutenção de poder e nos faz revisitar as percepções sobre o Outro. A hipótese de um Outro que era próximo às unidades dos Ingleses, ao menos quando nos referimos aos Irlandeses e Pictos, ganha força. A partir das leituras de Yorke, compreendemos o nível de aproximação entre os Pictos e os Nortúmbrios, no âmbito familiar legitimado, algo que certamente atua no campo das unidades plurais. As conexões familiares fazem com que a aproximação entre Pictos e Ingleses fosse quase indissociável. Percebemos que estes grupos étnicos dividiam inclusive a mesma família, o que nos faz pensar que se algo assim aconteceu em uma família da realeza, era uma prática comum em outras camadas da população. As formas de autoidentificação dos monarcas nos dão um panorama sóbrio sobre o que aconteceu na região de fronteira entre os assentamentos Ingleses e Pictos no período da *gens Anglorum*.

66 BLAIR, P. H. Anglo-Saxon England. op. cit. p. 191.; STENTON, F. Anglo-Saxon England. op. cit. p. 92-94.

67 Tradução livre de: "It is probably Oswiu to whom the credit should go for strengthening Northumbrian overlordship over the Picts. Between 653 and 657 Oswiu's nephew Talorcan, who had a Pictish mother, was king of the Picts and presumably subordinate to his uncle. Oswiu's exact relations with the Picts after Talorcan's death are hard to establish, but Drest (665/6-72) may also have been under the control of Oswiu for Wilfrid was described as being bishop of the Northumbrians and the Picts in 669.78 In 681 a bishopric was established at Abercorn with jurisdiction over the Picts." YORKE, B. Kings and Kingdoms. op. cit. p. 83.

68 *EH*, II, V.

Beda relatou que Oswiu enterrou o corpo de Oswald, morto em batalha de Maserfield em 641 ou 642 pelo rei Penda de Mércia, a quem posteriormente foi morto por Oswiu na batalha de Winwæd em 655. O monge afirmou que o corpo de Oswald foi dividido, o que produziu relíquias. Sua cabeça ficou em Lindisfarne, enquanto seus braços e mãos ficaram na cidade de Bamborough.⁶⁹ A historiadora Julia Barrow, afirmou que Beda via “qualidades da santidade de Oswald, marcando-o como o único verdadeiramente sagrado rei Nortúmbrio”.⁷⁰ Isto certamente fez ele ser construído enquanto um mártir e produzir relíquias. Seu irmão Oswiu, neste sentido, foi relatado como um rei que continua com o esforço em unir as duas coroas de Bernícia e Deira,⁷¹ embora sem a carga de santidade no discurso bedaniano. Oswiu expandiu as fronteiras políticas do reino para com as outras etnias e, acima de tudo, continuou a seguir a fé cristã que ficou mais e mais renovada após a delimitação da Igreja dos Ingleses a partir de Whitby em 664.⁷² A figura de Oswald, assim, ajudou a estabelecer o domínio para além do político: também foi religioso.

Sobretudo na relação com os Irlandeses, Oswiu foi compreendido como próximo de Aidán, um dos bispos de Lindisfarne. A *EH* relatou que em certo momento Oswiu ordenou que um bispo, Utta, que posteriormente comanda o monastério de Gateshead, busque Eanflæd, descendente da coroa de Kent, para ser sua rainha.⁷³ Esta busca foi supervisionada por Aidán, o bispo Irlandês de Lindisfarne, do qual serviu como ponte para as resoluções políticas (matrimoniais) dentre os reinos Ingleses. Isto certamente foi um demonstrativo de como os Irlandeses estavam inseridos nas unidades políticas da realeza para que participassem de um episódio de tamanha proporção. Por Aidán ter sido o responsável político pelo arranjo do matrimônio do rei, acarreta pensar que, de certo modo, o bispo impôs uma intervenção política Irlandesa na formação de uma coroa dos Ingleses. Embora Eanflæd não tenha sido a única esposa de Oswiu, entendemos a partir deste relato que as situações de outridade entre Irlandeses e Ingleses foram de relativa importância para a formação real de um reino central da *gens Anglorum*. É justamente pensando através do fator do matrimônio que expandimos a pluralidade étnica ao redor de Oswiu. Embora Beda não mencionou, Oswiu fora casado anteriormente com uma rainha Bretã, Rhainfellt do reino de Rheged. Uma hipótese bem articulada por Fiona Edmonds, ao analisar as fontes celtas, que afirmou que o

69 *EH*, III, XII.

70 Tradução livre de: “Oswald’s saintly qualities and marking him out as the only truly holy Northumbrian king.” BARROW, Julia. Oswald and the Strong Man Armed. In: LAVELLE, Ryan. LANGLANDS, Alexander. **The Land of the English Kin**: Studies in Wessex and Anglo-Saxon England in Honour of Professor Barbara Yorke. Leiden & Boston: Brill, 2020. p. 196.

71 Especialmente na *EH*, III, XIV Beda parece tomar partido em relação a Oswiu e a Bernícia quando relata os conflitos com Oswin de Deira, que também clamava a coroa da Nortúmbria. Beda relata que Oswiu tinha muito mais recursos (*qui plures habebat auxilios*), o que ocasionou a traição de Oswine pelos nobres de Deira em favorecimento de Oswiu.

72 *EH*, IV, I.

73 *EH*, III, XV.

contexto de união tanto de Oswald quanto de Oswiu com os grupos Uí Néill do reino da Dal Ríata é um ponto de análise da intervenção Gaélica na Nortúmbria. Edmonds sugeriu:

Oswiu teve um alcance detalhado das políticas dos domínios Gaélicos, estando em exílio com Oswald. A relação próxima dos irmãos com Iona poderia ter encarecido-os com algum **parentesco** Columbano como os Cenél Conaill, mas genealogistas Irlandeses conectaram Oswiu com um grupo diferente dos Uí Néill, Cenél nÉogain. Eles identificaram Fín, filha de Colmán Rímid, como a mãe de um dos filhos de Oswiu, o futuro Rei Aldfrith. [...] De fato, um contexto para a união pode ser achado no padrão duradouro da cooperação entre seus convidados da Dál Ríata e os Cenél nÉogain.⁷⁴ [Grifo nosso]

Vemos como a participação do Outro na *gens Anglorum* não aconteceu somente nas instituições do reino, mas também na *persona* do rei. O que foi de considerável importância nesta relação com os Irlandeses, é que Beda admitiu:

Oswiu, quem havia sido educado e batizado pelos Irlandeses e foi bem versado em sua língua, considerava que nada era melhor que o que eles ensinaram. (*EH*, III, XXV)⁷⁵

Esta interação certamente justificou por que Oswiu escolheu Aidán para ser um articulador político de seu matrimônio com a rainha Eanflæd, pois ele tinha um passado de união com os Irlandeses. É um fator para afirmarmos que as características não-essencialistas dos espaços políticos da realeza Nortúmbria não só aconteceram diante dos Pictos, como a hipótese de Yorke anteriormente estabeleceu, mas ocorreram com os Irlandeses também. A leitura de Edmonds, em somatória à hipótese de Yorke, fortalece nossas perspectivas de pluralidade.

Decodifiquemos este complexo contexto: Oswiu dominou os grupos Irlandeses, ele falava língua dos povos vizinhos, professava seu tipo de cristianismo (que era representado politicamente por seus bispos) e considerava o ensinamento deles como relevantes para sua constituição enquanto governante. Pertencia aos povos Ingleses, mas governava de acordo com os moldes de sua criação entre os Irlandeses. Da mesma forma que compartilhou matrimônio com Eanfled, do reino de Kent e com uma rainha de Rheged, assim, se integrou com os Bretões e estabeleceu interferência Irlandesa até ao sul da ilha com os Jutos de Kent. Ao dominar espaços da Dál Ríata do nordeste

74 Tradução livre de: “Oswiu had a detailed grasp of the politics of Gaeldom, having been in exile with Oswald. The brothers' close relationship with Iona would have endeared them to Columba's kindred, Cenél Conaill, but Irish genealogists linked Oswiu with a different northern Uí Néill group, Cenél nÉogain. They identified Fín, daughter of Colmán Rímid, as the mother of Oswiu's sons, the future King Aldfrith. [...] Indeed, a context for the union can be found in the long-standing pattern of co-operation between his Dál Riata hosts and Cenél nÉogain.” EDMONDS, Fiona. *Exile and Emperors*. In: EDMONDS, Fiona. **The Gaelic Influence in the Northumbrian Kingdom**. op. cit. p. 39-40.

75 Original em Latim: “quia nimirum Osuii a Scottis edoctus ac baptizatus, illorum etiam lingua optime inbutus, nil melius quam quod illi docuissent autumabat”

Britânico, governava também os Irlandeses e, através de Eanflaed, para os Cantuários (Jutos). Ao olhar para Oswiu materializamos esta outridade na *gens Anglorum*: o resultado das múltiplas interações étnicas fez com que a autoridade máxima do reino mais influente da *gens Anglorum* contasse com características híbridas entre Bretões, Irlandeses e Cantuários, sendo ele mesmo, um rei Nortúmbrio.

Não foi apenas Oswiu que foi um exemplo de características étnicas híbridas. Falar a língua foi certamente um indicativo da compreensão do Outro e este fator não somente aconteceu em Oswiu. Aldfrith (r. 685 – 705), seu filho com a rainha Bretã Rhainfellt, que reinou posteriormente na Nortúmbria também foi educado por Irlandeses. A educação do governante classificou a construção da identidade dos Ingleses em fatores políticos e, assim, incluiu o Outro nas suas unidades. Esta inclusão aconteceu tanto nos espaços da política real quanto da eclesiástica. Aldfrith, por exemplo, foi o responsável por estabelecer Malmesbury como um centro de autoridade irlandesa no coração da *gens Anglorum*. Este monastério foi governado no período de seu reinado por Aldhelm, famoso por escrever poesia e prosa em Inglês Antigo.⁷⁶ Aldfrith, por exemplo, foi lembrado em fontes irlandesas por estar presente em seu espaço, inclusive tinha um nome próprio Irlandês, Flann Fína, como adiantado pelo historiador Colin Ireland.⁷⁷

Mesmo assim, o discurso bedaniano estabeleceu diferenças na relação com os Irlandeses. Posteriormente na *EH*, Beda relatou que mesmo que Oswiu tenha sido educado pelos Irlandeses, ele manteve a datação da Páscoa de acordo com o método Romano.⁷⁸ A partir deste contexto de aproximação, compreendemos a datação da Páscoa como uma classificação que busca diferenças entre o rei Nortúmbrio e os Irlandeses que o influenciaram.

Por vezes, o poder político de Oswiu sobre o Outro chegou mesmo a condensar a administração de uma sé. Quando Oswiu dominou a maior parte do reino dos Pictos, isso se tornou a justificativa para o Papa Vitaliano (p. 657 – 672)⁷⁹ estabelecer uma única administração de Pictos e Ingleses a partir da sé em York. Mais um espaço de interação, que somado ao reino da Nortúmbria, vinculou espaços religiosos e reais a partir do domínio sobre o Outro. Beda relatou:

76 Versão em Alemã, disponível na *MGH: EHWALD*, Rudolf. **Monumenta Germaniae Historica: Aldhelmi Opera**. Berlin: Harrassowitz, 1919. 765p. Versão em Inglês, disponível no *Internet Archive*: LAPIDGE, Michael. HERRER, Michael (trads.). **Aldhelm, the prose works**. Cambridge: D. S. Brewer, 1979.

77 Ireland tem um interessante artigo em que discute em que espaço na Irlanda Aldfrith foi educado. É uma hipótese já bem estabelecida que ele foi educado em algum espaço na Irlanda, a discussão mais efervescente no campo dos estudos Celtas é sobre o local que isto acontece. Ver: IRELAND, Colin A. Where Was King Aldfrith of Northumbria Educated? An Exploration of Seventh-Century Insular Learning. **Cambridge University Press Journal**. v. 70. p. 29-73. Jun/2016.

78 *EH*, III, XXIX.

79 Datas correspondentes ao período de papado.

Wilfrid estava administrando a sé da igreja em York e todos os Nortúmbrios e Pictos, até onde o poder de Oswiu estendia-se. (*EH*, IV, III)⁸⁰

A administração de Wilfrid de York (664 – 678), que era Inglês Anglo, foi a justificativa para o Papa Vitaliano colocar Pictos e Ingleses sobre uma administração eclesiástica conjunta. O poder de Oswiu, neste sentido, foi a base para que os Pictos estivessem não somente subjugados aos Ingleses pelo poder político da realeza, mas também a partir do poder eclesiástico. A aproximação de Ingleses e Pictos foi muito facilitada nestes aspectos, uma vez que esta conjunção no período da administração de Wilfrid que sucedeu a criação do Sínodo de Whitby, os colocou sob um mesmo domínio monárquico e também eclesiástico. As unidades plurais, assim, funcionaram como elementos para classificações dos poderes religiosos e dos poderes políticos. Em termos institucionais, a interação entre Pictos e Ingleses não foi somente o reino da Nortúmbria, mas também a igreja de York.

Mesmo que uma parte da historiografia⁸¹ constantemente consagre a Igreja dos Ingleses enquanto uma instituição fechada, esta Igreja não foi somente dos Ingleses, mas de Pictos, Irlandeses, Bretões, entre outros. Estamos, portanto, em uma linha de pensamento que difere dos blocos monolíticos que aparecem constantemente nas análises. Tomamos o exemplo de Dorothy Whitelock, que na década de 1950 afirmou:

As mesmas peculiaridades foram compartilhadas pela **Igreja dos Irlandeses**, da qual foi uma ramificação da **Cristandade Bretã**, mas diferiu dela em fervor de seu zelo missionário nos séculos VI e VII. [...] como Oswald e seu sucessor Oswiu se tornaram soberanos sobre a Inglaterra meridional, também, a Igreja da Nortúmbria trouxe a conversão de todas as *Midlands* de Essex, Wessex, entretanto, recebeu um missionário diretamente de Roma, um certo Birinus, quem parece não ter conexão com a **Igreja em Canterbury**. Apesar de ele ter que ter ensinado o costume Romano, não o celta, Oswald não teve objeção a ele.⁸² [Grifo nosso]

A linha de pensamento de Whitelock define espaços de cristandade. Mas dificilmente teremos uma resposta definitiva sobre como os grupos étnicos se encaixavam nestes espaços.

80 Original em Latim: “Uilfrido administrante episcopatum Eboracensis ecclesiae necnon et omnium Nordanhymbrorum sed et Pictorum, quousque rex Osuiu imperium protendere poterat”

81 WORMALD, Patrick. *The Age of Bede and Aethelbald*. In: WORMALD, Patrick. JOHN, Eric. CAMPBELL, James. **The Anglo-Saxons**. Londres: Penguin Books, 1991. p. 73.; HODGKIN, Roy. **A History of the Anglo-Saxons**. Oxford: Clarendon Press, 1935.; CHADWICK, Hector Munro. **The Origin of the English Nation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1907. HUNT, William. **The English Church in the Middle Ages**. Sydney: Wentworth Press. 2019. [Primeira versão de 1888]

82 Tradução livre de: “The same peculiarities were shared by the Irish Church, which was an offshoot from British Christianity, but differed from it in the fervour of its missionary zeal in the sixth and seventh centuries. [...] as Oswald and his successor Oswiu became overlords of southern England also, the Church of Northumbria brought about the conversion of all the Midlands and of Essex. Wessex, however, received a missionary direct from Rome, a certain Birinus, who appears to have had no connexion with the Church at Canterbury. Though he must have taught the Roman, not the Celtic usages, Oswald took no objection to him” WHITELOCK, Dorothy. *The Church*. In: WHITELOCK, Dorothy. **The Beginnings of the English Society**. Aylesbury: Pelican Books, 1952.

Devemos usar ‘Igreja dos Ingleses, ‘Cristandade Bretã’, ou ‘Igreja dos Irlandeses’ como vocábulos de referência de uma organização institucional mais ou menos autônoma, mas não como blocos fechados em suas próprias etnicidades, como Whitelock usa. Mas estes termos de referência não são, em toda medida, indicadores de práticas próprias. Como a própria Whitelock admitiu, os povos estavam em circulação entre seus espaços e seus costumes eram tolerados, mesmo que diferissem entre uma prática e outra. Pensar os espaços eclesiásticos pelas instituições multiculturais é uma visão muito mais produtiva para nos aproximarmos dos aspectos religiosos da etnicidade.

Em torno de 670, com a morte de Oswiu por uma doença, seu filho Ecgrith assumiu o reino (664 – 685). No seu reinado o reino da Nortúmbria deixou de ser um espaço de interação mais direto entre Pictos, Irlandeses e Ingleses.

Uma evidência desta transição está na expulsão de Colmán do monastério de Lindisfarne no sínodo de Whitby. Embora esta mesma parte da historiografia enxergue este episódio como uma ruptura nas relações entre Irlandeses e Ingleses, pensamos que a presença Irlandesa somente deixou de ser mais direta e admitida a partir de 664. É muito recente a compreensão de que esta presença continuou até pelo menos 793, quando os Daneses invadiram a ilha. Foi isto que Fiona Edmonds argumentou:

A conexão mais próxima entre Iona e Lindisfarne data de volta a visão do Rei Oswald de São Columba na véspera da batalha de Heavenfield (633/4). Seguindo sua vitória, Oswald fundou uma igreja em Lindisfarne e ele procurou seu primeiro bispo a partir de Iona. Ele eventualmente recebeu Áedán, um homem de hábitos modestos e personalidade forte, e os dois trabalharam em conjunto em Cristianizar o reino Nortúmbrio. A longevidade da conexão foi debatida: se o Sínodo de Whitby não separa laços, é assumido que as incursões Vikings o fizeram. **Eu argumento que a influência de Iona durou até a Era Viking e que as igrejas a oeste e a norte do reino nutriram estes laços.**⁸³ [Grifo nosso]

Fiona Edmonds indicou que a presença de Iona não obteve uma ruptura com a criação do Sínodo de Whitby em 664 e, por conseguinte, a Igreja dos Ingleses. Mas que ela continuou até 793 nutrindo laços entre os espaços eclesiásticos Irlandeses e Ingleses. Isto abre precedente para indicar que, pelo menos a partir de 664, a outridade deixou de ser direta na formação da *gens Anglorum* e esteve presente de forma indireta. Em outras palavras, os costumes das etnias vizinhas eram

83 Tradução livre de: “The close connection between Iona and Lindisfarne dates back to King Oswald's vision of S t Columba on the eve of the battle of Heavenfield (633/4). Following his victory, Oswald founded a church at Lindisfarne and he sought its first bishop from Iona. He eventually received Áedán, a man of modest habits and strength of character, and the two worked together to Christianise the Northumbrian kingdom. The longevity of the link has been debated: if the Synod of Whitby did not sever ties, it is assumed that the Vikings raids did. I argued that Iona's influence endured into the Viking Age and that churches in the west and north of the kingdom nurtured these ties.” EDMONDS, Fiona. A Golden Age of Ecclesiastical Contacts. In: EDMONDS, Fiona. **The Gaelic influence in the Northumbrian Kingdom: the Golden Age and the Viking Age.** Woodbridge: Boydell Press, 2020. p. 103.

praticados pelos Ingleses, mas não eram admitidos como anteriormente. Não houve uma ruptura nas relações entre Irlandeses e Ingleses, mas um arrefecimento, embora ainda estivessem em pleno vapor.

Em referência às respostas dos Pictos ao domínio dos Ingleses, a batalha de Two Rivers foi a primeira expressão militar desta insurreição do Outro. Esta batalha aconteceu em 671 entre as forças lideradas por Ecgrith, que saíram vitoriosas contra os Pictos liderados por Drest VI, ou Drest mac Dúngal (r. 663 – 672). Neste episódio em específico, o domínio dos Nortúmbrios sobre os Pictos se enfraqueceu. Tal domínio acabaria somente em 685, quando aconteceu a batalha de Dun Nechtain (Nechtanesmere). Os Pictos, liderados por Bridei mac Bili, ou Bridei III (672 – 693), se desintegraram politicamente dos Nortúmbrios e reorganizaram o antigo reino de Fortriu. Nesta batalha Ecgrith foi morto. enxergamos este episódio como um marco bastante simbólico nas situações de outridade. O reino da Nortúmbria não mais era um espaço de interação entre as etnias, as fronteiras deixaram de estar integradas em uma mesma unidade política e se fragmentaram em diversas unidades menores, afiliadas às respectivas etnias.

Beda não entrou em detalhes sobre a batalha de Two Rivers de 671. Esta falta de detalhamento é um indicativo pertinente, uma vez que o discurso de Beda sobre Ecgrith foi moldado pela crítica e pela aversão. O tema é especialmente evidente quando comparamos o discurso com as prolongadas descrições sobre seus antecessores Oswald e Oswiu. As primeiras menções a Ecgrith aparecem quando Beda descreveu que ele, em sua infância, foi feito refém no reino de Mércia na época do reinado de Oswiu.⁸⁴ Contemporâneo às críticas do autor para o rei Ecgrith, por volta de 673, Beda se referiu às manobras políticas do domínio Nortúmbrio através da consagração de bispos. Estas manobras políticas apareceram quando Trumwine, bispo da *gens Anglorum*, se tornou responsável pela administração eclesiástica dos Pictos no monastério de Abercorn.⁸⁵

Algo que nos chamou atenção nos relatos de Beda sobre o reinado de Ecgrith foram as expedições do rei Nortúmbrio contra os Irlandeses do reino de Meath, na ilha da Irlanda. Sobre isto, Beda teve um posicionamento explícito:

No ano 684 de nosso Senhor, Ecgrith, rei da Nortúmbria, mandou um exército para a Irlanda sobre o domínio de Berht, quem miseravelmente devastou um **povo inofensivo** sempre sendo o mais **amigável aos Ingleses**, e suas bandas hostis não pouparam igrejas ou monastérios. Os habitantes da ilha resistiram força por força

84 *EH*, III, XXIV.

85 *EH*, IV, XII.

até que eles estavam aptos, implorando o piedoso socorro de Deus e evocando sua vingança com imprecações incessantes. (*EH*, IV, XXVI)⁸⁶ [Grifo nosso]

Especialmente neste trecho as críticas de Beda para as atitudes de Ecgrith foram perceptíveis. Além disso, o registro é um demonstrativo de como o discurso de Beda não descreveu os Irlandeses (da Irlanda) como um Outro antagonista, mas ilustrou o respeito do autor em relação a esta etnia. Os Irlandeses são, para Beda, um povo inofensivo (*gentem innoxiam*), chamado inclusive de amigável (*amicissimam*) aos Ingleses. Beda culpou Ecgrith pelos ataques. A crítica de Beda em relação ao rei implica que o discurso do porta-voz da *gens Anglorum* reconhece uma relação próxima entre Irlandeses e Ingleses, mas é deslegitimada a partir de Ecgrith. Para Beda, os Irlandeses eram autônomos quando não estavam no espaço insular Britânico. O mar da Irlanda serviu como uma fronteira de legitimação, uma vez que Beda valorizou as conquistas de reis Ingleses exclusivamente na ilha Britânica. Quando as invasões se alongaram para a Hibernia, o autor não poupou críticas. Mesmo que as fronteiras étnicas nas ilhas Britânicas fossem mais impermanentes, Beda indicou desde o início do livro que a ilha da Irlanda não pertencia ao território de sua *gens Anglorum*.⁸⁷ Ao enxergar a ilha da Irlanda como separada, Beda sugeriu que as relações com os Irlandeses do território da Irlanda foram moldadas pela alteridade, pois a ilha da Irlanda, quando comparada a ilha Britânica, era um Outro (de dois).⁸⁸ Já os Irlandeses que habitavam a ilha Britânica estavam dentro do raio de legitimação de Beda. O monge os integrou às unidades plurais dos Ingleses de forma semelhante que Bretões e Pictos ocuparam por estarem no mesmo espaço. Beda condenava as invasões de Ecgrith em Meath mas defendia a expansão de Edwin e Oswald contra os Irlandeses da Dál Ríata. Meath ficava na Irlanda, já a Dál Ríata era o território dos Irlandeses na ilha Britânica.⁸⁹ Quando a referência era o espaço insular Britânico, as unidades se tornaram poliétnicas⁹⁰, o Outro deixou de ser um Outro (de dois) e passou a ser um Outro plural. Ao olhar as fontes, a diferença no discurso de ‘Ingleses *versus* Irlandeses da Irlanda’ e ‘Ingleses *versus* Irlandeses da Britânia’ nos mostrou como era possível diferenciar outridade da alteridade na narrativa bedaniana. A visão do território e da separação das ilhas não só moldou as relações entre Irlandeses e Ingleses na história política destes povos, mas foi um exemplo para definirmos as fronteiras epistemológicas entre os conceitos.

86 Original em Latim: “Anno dominicae incarnationis delxxxiiii Ecgrid rex Nordanhymbrorum, misso Hiberniam cum exercitu duce Bercto, uastavit misere gentem innoxiam et nationi Anglorum semper amicissimam, ita ut ne ecclesiis quidem aut monasteriis manus parceret hostilis. At insulani et, quantum ualuerunt, armis arma repellabant, et inuocantes diuinae auxilium pietatis caelitus se uindicari continuis diu inprecationibus postulabant.”

87 *EH*, I, I.

88 HARTOG, F. O Espelho de Heródoto. op. cit.

89 *EH*, II, V; *EH*, III, VI.

90 BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. op. cit.

A morte de Ecgrith na insurreição dos Pictos foi relatada por Beda. Sobre a batalha de Dun Nechtain, ele disse:

De fato, logo no ano seguinte o rei precipitadamente tomou um exército para devastar o reino dos Pictos, contra o conselho urgente de seus amigos e particularmente de Cuthbert, de memória abençoada, a quem havia recentemente sido feito bispo. O inimigo simulou e ludibriou o rei através de passagens estreitas no meio de montanhas inacessíveis; ali ele foi morto, com grande parte das forças que ele tinha levado com ele, em 20 de maio, no quadragésimo ano de sua idade e no décimo quinto de seu reinado. Como eu havia dito, seus amigos insistiram a ele não tomar esta campanha; mas no ano anterior ele recusou a escutar ao sagrado padre Egbert, **quem havia insistido a ele em não atacar os Irlandeses a quem não fizeram a ele mal algum**; e a punição para seu pecado foi que ele deveria agora escutar aqueles quem procuraram salvá-lo de sua própria destruição. (*EH*, IV, XXVI)⁹¹ [Grifo nosso]

Neste trecho, a paz com os Pictos foi defendida por um membro da Igreja, Egbert. Beda argumentou a favor da manutenção da paz dado que o bispo Trumwine mantinha uma sé da Igreja dos Ingleses dentre os Pictos. Vemos estes eventos como um vestígio de como os fatores políticos da realeza e da *ecclesia* convergiam de maneira semelhante quando o dominado é o Outro. A expansão, assim, era uma política exclusiva da realeza. A manutenção do domínio, por sua vez, era uma política da *ecclesia*. Isto justificaria uma narrativa acusatória de Beda em relação as atitudes de Ecgrith. Seu discurso apontou que as atitudes do rei foram contra o conselho tanto de seus nobres, como Cuthbert, quanto dos membros da Igreja. Existia uma fronteira no discurso de Beda sobre o Outro: de um lado ele legitimou as invasões na Britânia por meio de um discurso de ‘expansões’, por outro lado, ele acusou a vilania de reis que extrapolaram esta fronteira. Diante do Outro, a participação da Igreja foi um fator preponderante para classificar a diferença em fatores eclesiásticos e reais na formação da *gens Anglorum*.

Assim, houve um arrefecimento das interações entre Pictos e Ingleses a partir da batalha de Nechtanesmere em 685. Era muito provável que, após a morte de Ecgrith, as estratégias de distinção da *gens Anglorum* com as etnias dos Irlandeses e Pictos, ao menos em relação ao político, atuavam mais no campo da diferença do que da interação.

Ao olhar a bibliografia especializada, encontramos duas interpretações sobre Nechtanesmere. Para Frank Stenton, um expoente da literatura centrada no domínio dos Ingleses:

91 Original em Latim: “Siquidem anno post hunc proximo idem rex, cum temere exercitum ad uastandam Pictorum prouinciam duxisset, multum prohibentibus amicis et maxime beatae memoriae Cudbercto, qui nuper fuerat ordinatus episcopus, introductus est simulantibus fugam hostibus / in angustias inaccessorum montium, et cum maxima parte copiarum, quas secum adduxerat, extinctus anno aetatis suae XLmo, regni autem xvmo, die tertio decimo kalendarum Iuniarum. Et quidem, ut dixi, prohibuerunt amici, ne hoc bellum iniret; sed quoniam anno praecedente noluerat audire reuerentissimum patrem Ecgberctum, ne Scottiam nil se laedentem inipugnaret, datum est illi ex poena peccati illius, ne nunc eos, qui ipsum ab interitu reuocare cupiebant, audiret.”

Em 20 de maio de 685, ele [Ecgrith] e seu exército pereceram perto de Forfar, em um lugar dos quais os escritores Irlandeses e Ingleses, respectivamente, chamam Duin Nechtain e Nechtanesmere. Este **desastre** marca o fim da ascendência Inglesa no norte da Britânia. O Rei Buide, o vitorioso de Nechtanesmere, morreu em 693, mas a vantagem na guerra nortenha continuou com seu povo. [...] Em 731, quando Beda terminou sua *Historia* havia paz entre Pictos e Anglos e, aparentemente, um entendimento sobre a **linha de sua fronteira comum**.⁹² [Grifo nosso]

Embora a obra de Stenton tenha amplamente influenciado os estudos em Inglaterra Medieval inicial ao redor do globo, vemos aqui sua visão particular. Stenton acreditava que Nechtanesmere foi um ‘desastre’ aos reis Ingleses. Além disso, o mais grave é a crença de que a fronteira comum entre Pictos e Ingleses era traçada por uma linha. Stenton via uma fronteira fixa estabelecida entre os Pictos e os Ingleses após Nechtanesmere, sem mencionar a causa do discurso de Beda sobre a batalha de Dun Nechtain ser aquiescente. Uma visão oposta foi operacionalizada por Benjamin Hudson, que narrou o evento de forma diferente e sugeriu hipóteses para rever o trecho de Beda:

A batalha de Dun Nechtan tomou lugar no reino de Circenn, mas o vitorioso Brude, filho de Bile, foi rei de Fortriu. Há duas interpretações para sua presença na costa leste. Uma é que ele manteve alguma soberania sobre Circenn e estava defendendo seu reino satélite. A outra explicação é que Ecgrith ainda estava lutando pelo controle de Circenn. Curiosamente, o lucro para ambos os adversários não era óbvio. Beda viu a derrota de Ecgrith como o começo do fim para Nortúmbria. [...] Repercussões da derrota em Dunnichen ecoaram por anos. Beda escreve que os povos subjugados ganharam libertação da dominação Anglo-Saxã; em particular, ele clama que alguns dos Pictos recuperaram sua independência. [...] **Neste ponto houve mudança de como um elemento Irlandês pronunciado aparece.** Príncipes com nomes Irlandeses tais como Angus, Fergus e Deirile competiram por supremacia dentre os Pictos.⁹³ [Grifo nosso]

Assim como Stenton, Hudson viu o episódio de Nechtanesmere como um momento que as unidades Pictas foram desanexadas do domínio Nortúmbrio. Mas Hudson sugeriu ir além, de que

92 Tradução livre de: “On 20 May 685, he [Ecgrith] and his army perished near Forfar, at a place which Irish and English writers respectively call Duin Nechtain and Nechtanesmere. This disaster marks the end of the English ascendancy in northern Britain. King Bruide, the victor of Nechtanesmere, died in 693, but the advantage in the northern war remained with his people. [...] In 731, when Bede ended his *History* there was peace between Picts and Angles, and, apparently, an understanding about the line of their common boundary.” STENTON, F. *Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 89.

93 Tradução livre de: “The battle of Dun Nechtan took place in the kingdom of Circenn, but the victor Brude son of Bile was styled king of Fortriu. There are two interpretations for his presence on the east coast. One is that he held some lordship over Circenn and was defending his satellite kingdom. The other explanation is that he and Ecgrith were fighting for control of Circenn. Curiously, the profit for either adversary is not obvious. Bede saw Ecgrith’s defeat as the beginning of the end for Northumbria. [...] Repercussions from the defeat at Dunnichen echoed for years. Bede writes that the subjugated peoples won their release from Anglo-Saxon domination; in particular he claims that some of the Picts recovered their independence. [...] At this point there is a change as a pronounced Irish element appears. Princes with Irish names such as Angus, Fergus, and Deirile competed for supremacy among the Picts” HUDSON, B. *The Picts*. op. cit. p. 80-81.

uma aliança entre Pictos e Irlandeses definiu o episódio. De fato, isto contribui para pensarmos os conflitos de Dun Nechtain/Nechtanemere. Nossa visão é que a partir desta batalha existem fronteiras políticas mais convalescentes entre os reinos de Fortriu dos Pictos, o reino da Dál Ríata dos Irlandeses e o reino da Nortúmbria dos Ingleses. Mas elas eram não-fixas. Foi somente a partir do fim do reinado de Ecgfrith, por volta de 685, que fronteiras étnicas e fronteiras políticas seriam distinguidas. Somente depois de 685 classificamos o Outro (na relação entre Ingleses e Pictos) a partir da diferença em suas características eclesiásticas e reais, pois com a expulsão de Trumwine da liderança do monastério de Abercorn, os Pictos deixaram de estar sob a esfera de inclusão dos Ingleses. Hudson declarou que “o Bispo Trumwine de Abercorn foi forçado a fugir de seu assento episcopal e entrou em aposentadoria em Whitby, enquanto freiras fugiam de sua vila por medo do exército bárbaro, do qual poderia significar que Brude manteve sua vantagem e pressionou em direção ao sul”.⁹⁴ A reflexão de Hudson foi pertinente para nossa linha de pensamento. Era nítida a correlação entre a expulsão de Trumwine de Abercorn e a batalha de Nechtanemere. Para a outridade, o principal resultado da batalha de Nechtanemere é que as unidades, embora plurais, estão definidas em espaços mais independentes. Certamente foi a partir daí que a *gens Anglorum* se tornou mais uma estratégia de distinção⁹⁵ ante a um espaço de polietnicidade, algo que refletiu bastante na percepção de mundo de Beda quando escreveu a *EH* no início do século seguinte.

Sobre a separação dos Pictos, Beda, enfim, relatou:

Os Pictos recuperaram sua própria terra da qual os Ingleses haviam anteriormente mantido, **enquanto os Irlandeses que viviam na Britânia e alguma parte do povo Bretão recuperaram sua liberdade**, da qual eles tinham agora aproveitado por cerca de quarenta e seis anos. Muitos dos Ingleses foram tanto mortos pela espada ou escravizados ou escaparam por fuga do território Picto; dentre estes últimos estava Trumwine, um reverendo homem de Deus, quem havia sido feito bispo sobre eles e quem se aposentou com seus companheiros do monastério de Abercorn, do qual estava em território Inglês mas próximo ao estuário do qual divide a terra dos Ingleses com aquela dos Pictos. (*EH*, IV, XXVI)⁹⁶ [Grifo nosso]

O estuário do qual Beda afirmou que dividia a terra dos Pictos da terra dos Ingleses foi o estuário do Forth. Retomando nosso comentário anterior, ao contrário da proposição de Beda,

94 Tradução livre de: “Bishop Trumwine of Abercorn was forced to flee his episcopal seat, and enter retirement at Whitby, while nuns fled from their village for fear of the barbarian army, which might mean that Brude seized his advantage and pressed southwards” Ibid. p. 81.

95 POHL, W. REIMITZ, H. *Strategies of Distinction*. op. cit.

96 Original em Latim: “Nam et Picti terram possessionis suae quam tenuerunt Angli, et Scotti qui erant in Brittaniam, Bretonum quoque pars nonnulla libertatem receperunt; quam et hactenus habent per annos circiter xlii. Ubi inter plurimos gentis Anglorum uel interemptos gladio uel seruitio addictos uel de terra Pictorum fuga lapsos, etiam reuerentissimus uir Domini Trumuini, qui in eos episcopatum acceperat, recessit cum suis, qui erant in monasterio Aebbercornig, posito quidem in regione Anglorum sed in iuicinia freti, quod Anglorum terras Pictorumque disternat;”

enxergamos que este estuário foi a região da qual a interação entre Pictos e Ingleses aconteceu de forma mais intensa. Os Ingleses mortos pela espada que Beda mencionou são vistos por nós como um artifício narrativo que o monge criou para não admitir a aculturação dos Ingleses dentre os Pictos. O que foi novo nesta relação é que antes este movimento das etnias partia de uma unidade política única comandada por um único rei, mas a partir de Dun Nechtain, houve uma divisão de unidades políticas. Esta divisão não foi um fator que impossibilitou que indivíduos passassem de um lado a outro do Forth mesmo após os conflitos em 685. As interações continuaram, porém, diferenciadas por corpos políticos distintos. Algo que foi classificado também no campo eclesiástico, em razão da evidência da expulsão de Trumwine. Esta expulsão nos fez refletir sobre até onde foi a separação dos Pictos em relação aos Ingleses. Embora houvesse uma separação e uma redefinição das estratégias de distinção, mesmo em um cenário de conflito, as unidades plurais formataram o papel do Outro na *gens Anglorum*.

Para além da coroa da Nortúmbria e o monastério de Abercorn, as unidades plurais com Pictos e Irlandeses apareceram no monastério de Lindisfarne. Especialmente neste monastério, o episcopado de três bispos Irlandeses se sobressaiu nas descrições de Beda. Ao contrário da política da realeza, que as situações de outridade com Irlandeses e Pictos eram moldadas por domínio, interação ou em casos mais específicos pela instrução dos reis Nortúmbrios em costumes Irlandeses, o monastério de Lindisfarne teve em seu espaço indivíduos que carregam esta etnia. Esta presença foi bem ilustrada na figura dos bispos Aidán (e. 635 – 651), Finán (e. 651 – 661) e Colmán (e. 661 – 664), dos quais exerceram interferência na *gens Anglorum* por quase trinta anos. Foi durante este período que o processo de cristianização, um dos pilares da *gens Anglorum*, tomou forma na Nortúmbria. Os bispos oriundos de Iona carregavam costumes religiosos muito particulares, dos quais Beda rompeu quando desvinculava os Ingleses através dos conflitos na datação da Páscoa.

A historiografia mais clássica do século XIX não reconhecia a participação de estrangeiros na cristianização dos Ingleses. Este não-reconhecimento é perceptível especialmente nas discussões de Sharon Turner, quem atribuiu este processo muito mais aos reis Nortúmbrios ao dizer que “Oswald teve a satisfação de perceber as benções da cristandade difundidas”⁹⁷. A leitura de Turner é comum à historiografia oitocentista, em que a historiadora reproduziu muitas das informações das fontes de forma fidedigna e acrítica. Esta foi uma percepção que continuou em obras mesmo do final do século que, certamente por motivações nacionalistas de um Império Britânico em expansão, não atribuíam ação estrangeira nas origens dos povos Ingleses.⁹⁸ Uma tradição historiográfica que focava muito mais na participação de reis Ingleses no aspecto de cristianização, algo que era

97 TURNER, Sharon. **The History of the Anglo-Saxons: from the earliest period to the Norman conquest**. Vol. 1. Londres: Luke Hanford & Sons, 1801. p. 145.

98 CHADWICK, Hector Munro. **The Origins of the English Nation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1907.

conveniente para o tempo em que Turner e Chadwick escreviam. Foi por meados do século XX que houve uma leitura mais inclusiva deste processo na historiografia. Na década de 30, Roy Hodgkin atribuiu carga a participação dos monges Irlandeses no processo de conversão.⁹⁹ Foi uma leitura bastante prolífica que colocou a participação do Outro de forma um pouco mais inclusa e protagonista dentre as unidades dos Ingleses. O autor afirma:

nós entendemos o quão a Cristandade Celta desenvolveu um novo vigor no oeste da ilha; e, moldando nossas mentes de volta em alguns dois séculos, nós observamos o progresso feito pela Cristandade durante as gerações das quais Anglos e Saxões estavam fixando seu domínio na Britânia.¹⁰⁰

A análise de Hodgkin que admitiu participação dos ‘Celtas’ (embora este termo não fosse um indicativo étnico definitivo e funcionasse mais como um termo guarda-chuva) na conversão dos Ingleses. Sua análise também marcou uma percepção bastante comum das relações eclesiásticas entre Irlandeses e Ingleses: atribuir a carga a uma Cristandade Celta. Esta leitura dicotômica entre a ‘Igreja Celta’ e a ‘Igreja dos Ingleses’ como objetos separados e com características próprias foi predominante no século XX. A leitura de Hodgkin consagrou por bastante tempo a noção de que os conflitos na datação da Páscoa, que Beda relatou, foram um indicativo de que haviam diferenças entre duas instituições eclesiásticas e, assim, entre duas vertentes de cristianismo que se opuseram na cristianização dos Ingleses no decorrer do século VII. Era admissível falar em ‘Cristandade celta’ sem o uso das aspas. Entretanto, a proposta principal foi que estas diferenças estavam colocadas sob o prisma de duas instituições eclesiásticas separadas, que muitas vezes entravam em conflito. Esta percepção continua na segunda metade do século. As colocações de Dorothy Whitelock, quem embora admitiu a relação entre os espaços de cristandade do norte da Ilha, preservaram este diálogo com blocos monolíticos de cristianismo. Whitelock argumentou que a questão da datação da Páscoa foi uma fratura entre a ‘Igreja Irlandesa’ e a tradição Romana.¹⁰¹ Havia uma crença de que as discussões de Beda sobre a datação da Páscoa eram um indicativo eclesiástico e não estavam relacionadas às atribuições étnicas, de costume. Foi neste sentido que os estudos Celtas, em específico com a historiadora Kathleen Hughes, contribuíram para a compreensão que invalida a ideia da ‘Igreja Celta’ como um bloco monolítico. A historiadora foi inclusive mais radical, ela questionou a própria proposição de uma ‘Igreja Celta’:

99 HODGKIN, Roy. *A History of the Anglo-Saxons*. op. cit.

100 Tradução livre de: “we must understand how Celtic Christianity had developed net vigour in the west of the island; and, casting our minds back some two centuries, we must observe the progress made by Christianity during the generations which Angles and Saxons were fastening their hold on Britain.” HODGKIN, Roy. **A History of the Anglo-Saxons**. Oxford: Clarendon Press, 1935. p. 246.

101 WHITELOCK, Dorothy. **The Beginnings of the English Society**. Baltimore: Penguin Books, 1952. p. 158.

A ‘Igreja Celta’ é, então, uma sentença muito enganosa. Em Gales bispos e dioceses territoriais eram muito mais firmemente estabelecidos do que eles eram na Irlanda. [...] Na Irlanda, grupos de parentes fundaram mosteiros sem muita referência a bispos diocesanos e os discípulos de fundadores monásticos espalharam a *paruchia* monástica longe da imediata cercania do mosteiro chefe. [...] Mesmo se mosteiros fossem independentes do bispo, eles devem ter sido somente da mesma forma casas isoladas na igreja Europeia da Idade Média.¹⁰² [Grifo nosso]

A historiadora estabeleceu uma percepção que foi um marco para a leitura das relações entre Irlandeses e Ingleses no decorrer do século VII. Foi na década de 80, com a intensa contribuição dos estudos Celtas, que a historiografia começou a quebrar estes blocos monolíticos na participação dos Irlandeses no processo de conversão dos Nortúmbrios.

A análise de Hughes nos abre a porta para a compreensão de que a datação da Páscoa de Beda era um indicativo de diferenças étnicas que estavam mais relacionadas com a constituição da *gens Anglorum* enquanto povo do que com a defesa da Igreja dos Ingleses afiliada a tradição Romana a partir de 664. A datação da Páscoa foi, de fato, um mecanismo evocado por Beda para classificar as diferenças. Entretanto, ao contrário da leitura clássica que propunha que eram diferenças no âmbito eclesiástico, afirmamos que a datação da Páscoa funcionou como uma ferramenta de diferenças étnicas, mais ligadas à concepção de etnicidade e grupo étnico e menos à originalidade de uma *ecclesia*. Beda viu este episódio como um elemento que dava uma característica particular ao costume de seu povo ante o entendimento de que seria uma contribuição para a Igreja da qual estava afiliado.

Ao ler a fonte encontramos logo nas primeiras passagens como a datação da Páscoa era matéria de costume. Ao citar a evangelização de Augustino da Cantuária (? – 604), o monge que converteu o rei Æthelberht de Kent e deu início à cristianização do reino, Beda delimitou:

Então, ele disse a eles: ‘Vocês fazem muitas coisas das quais são contrárias aos **nossos costumes** ou, em vez disso, aos **costumes** da Igreja universal; mesmo assim, se você está disposto a submeter-se a mim em três pontos, nós vamos bondosamente tolerar todas as outras coisas que você fizer, mesmo se contrárias aos nossos **costumes**. Os três pontos são: **manter a Páscoa no tempo próprio**; performar o sacramento do batismo, pelo qual nós nascemos de novo para Deus, de

102 Tradução livre de: “The ‘Celtic Church’ is, then, a rather misleading phrase. In Wales bishops and territorial dioceses were much more firmly established than they were in Ireland. [...] In Ireland kin groups founded monasteries without much reference to diocesan bishops and the disciples of monastic founders spread the monastic *paruchia* far outside the immediate vicinity of the chief monastery. [...] Even if monasteries were independent of the bishop, they may have been so only in much the same way as exempt houses in the European church of the Middle Ages.” HUGHES, Kathleen. *The Celtic Church: is this a valid concept?* **Cambridge Medieval Celtic Studies**. n. 1. Cambridge, 1981. p. 15.

acordo com os ritos da sagrada e apostólica Igreja Romana; e pregar a palavra do Senhor aos povos Ingleses em comunhão conosco.’ (*EH*, II, II)¹⁰³ [Grifo nosso]

A criação do enredo de cristianização dos Ingleses através do evangelho pregado por Agostinho delimitou o discurso de Beda. O ponto central é que ele colocou a datação da Páscoa como costume original dos Ingleses no espaço insular (*nostrae consuetudini*), algo que estava de acordo com a matriz da Igreja Romana. A Igreja, neste sentido, se tornou somente um pano de fundo para a imposição do costume. Em termos de etnicidade, isto falou muito. O costume da datação da Páscoa era, em toda medida, algo relacionado exclusivamente à matriz dos Ingleses, da qual Beda forçosamente afiliou à Igreja Romana.¹⁰⁴

Sobre a datação da Páscoa, alguns personagens foram centrais para Beda. Augustino da Cantuária, por exemplo, foi colocado como o primeiro indivíduo que notou que os povos Irlandeses não datavam a Páscoa na data que os Romanos acreditavam ser a correta.¹⁰⁵ No decorrer da obra, Beda colocou acontecimentos importantes para o dia da Páscoa, como a conversão de Edwin da Nortúmbria, em 627.¹⁰⁶ Este arranjo foi intencional, uma vez que Edwin foi o responsável pelas primeiras incursões militares contra os Irlandeses. Mesmo que o domínio pleno só tenha acontecido no reinado de Oswald, Edwin foi figura de legitimação.

Não somente o papel dos monarcas foi central, mas os bispos Irlandeses eram ainda mais importantes para o enredo da *EH*: o episcopado dos três monges Irlandeses foi uma participação ativa do Outro no processo formativo dos Ingleses. Isto significa dizermos que o monastério de Lindisfarne foi um espaço híbrido neste tempo em que monges Irlandeses vindos de Iona espalhavam o costume de sua etnia. É um ambiente muito propício a entendermos a *gens Anglorum* em suas unidades plurais: a religião, uma autoridade quando se pensa em costume durante o período medieval, foi editada pelas matrizes Irlandesas. Uma situação de outridade exposta quando Beda estabeleceu conflitos na datação da Páscoa, mas, ao mesmo tempo, o monge admitiu e suavizou seu discurso quando respeitou as interferências destes três bispos na conversão de sua terra natal. Na citação de Aidán, o primeiro dos três bispos, ele disse:

103 Original em Latim: “Dicebat autem eis quia ‘in multis quidem nostrae consuetudini, immo uniuersalis ecclesiae contraria geritis; et tamen si in tribus his mihi obtemperare uultis, ut pascha suo tempore celebretis, ut ministerium baptizandi quo Deo renascimur iuxta morem sanctae Romanae et apostolicae ecclesiae compleatis, ut genti Anglorum una nobiscum uerbum Domini praedicetis, cetera quae agitis, quamuis moribus nostris contraria, aequanimiter cuncta toluerabimus.’”

104 Por vezes esta tentativa de afiliação ocorre não somente à Igreja enquanto instituição, mas também através da apropriação do poder papal. Isto pode ser visto quando ele cita as cartas do Papa Honório I (p. 625 – 638) para os bispos Irlandeses para correção da datação da Páscoa (*EH*, II, XIX). Ver também: *EH*, V, XIX.

105 *EH*, II, IV.

106 *EH*, II, XIV.

Eles mandaram ele, bispo Aidan, **um homem de gentileza excepcional, devoção e moderação, quem teve um zelo por Deus, apesar de não inteiramente de acordo com nosso conhecimento.** De acordo com o costume de seu povo, como nós muito frequentemente mencionamos, ele estava acostumado a celebrar o Domingo de Páscoa entre o décimo quarto e o vigésimo dia da lua. A província mais ao norte dos Irlandeses e todo o povo dos Pictos ainda estava celebrando o Domingo de Páscoa de acordo com essa regra naqueles tempos [...] Mas os povos Irlandeses a quem viviam na parte mais ao sul da Irlanda tinham muito antes aprendido a observação da Páscoa de acordo com o costume canônico, através dos ensinamentos do papa. (*EH*, III, III)¹⁰⁷ [Grifo nosso]

O principal ponto é que não desvinculamos a questão da datação da Páscoa da participação destes bispos no processo de conversão dos Ingleses ao cristianismo. Enquanto estes bispos indicam como um dos dois pilares principais da *gens Anglorum* se condicionou diretamente pela participação do Outro, as divergências na datação da Páscoa fazem com que isso ganhe tons próprios e singulares. Estes tons, que estão localizados no embrião da formação identitária dos Ingleses, diferenciam o momento histórico que Beda enxergou que estes povos viviam quando comparado com seu passado. Lindisfarne, assim, se tornou o espaço que o Outro (Irlandeses) e o ‘si mesmo’ (Ingleses) estabeleceram diálogo. Quando os Ingleses foram cristianizados por Irlandeses e constituíram sua identidade a partir disso, o si mesmo se tornou um Outro.¹⁰⁸ Além disso Beda delimitou que os povos do sul da Irlanda também estavam de acordo com o costume Romano. Em termos de costume, então, Irlandeses do sul Hibernico e Ingleses compartilhavam matrizes importantes. Notas como esta demonstram a integração do Outro como de relevância ímpar para o processo formativo.

O próprio bispo Aidan era um monge; ele foi mandado da ilha conhecida como Iona, de qual monastério por um longo tempo chefiou dentre todos os monastérios dos Irlandeses do norte e dos Pictos, exercendo supervisão sobre suas comunidades. A própria ilha pertence à Britânia e é separada da terra principal por um braço de mar estreito, mas os Pictos, quem habitavam aquelas partes da

107 Original em Latim: “Neque aliquanto tardius quod petiit inpetrauit; accepit namque pontificem Aidanum summae mansuetudinis et pietatis ac moderaminis uirum habentemque zelum Dei, quamuis non plene secundum scientiam. Namque diem paschae dominicum more suae gentis, cuius saepius mentionem fecimus, a quarta decima luna usque ad uicesimam obseruare solebat. Hoc etenim ordine septentrionalis Scottorum prouincia et omnis natio Pictorum illo adhuc tempore pascha dominicum celebrabat [...] Porro gentes Scottorum, quae in australibus Hiberniae insulae partibus morabantur, iam dudum ad admonitionem apostolicae sedis antistitis pascha canonico ritu obseruare didicerunt.” Outras passagens que Beda demonstra respeito por Aidan podem ser vistas em: *EH*, III V, quando Aidán é retratado como um professor da instrução cristã, extremamente humilde que viaja a pé, alguém que pregava palavra aos ricos e pobres igualmente e um grande erudito nas escrituras sagradas. Neste mesmo trecho, Aidán é o responsável por formar a ponte entre o rei Oswald e os Irlandeses; *EH*, III, VI, quando Beda ilustra a figura de Aidán através das bênçãos aos alimentos e da distribuição aos pobres; *EH*, III, XIV, quando Aidán é retratado doando um cavalo da realeza para um mendigo; *EH*, III, XV, quando Beda conta a história de como Aidán arranhou o matrimônio de Oswald e Eanflæd, princesa de Kent; *EH*, III, XVI, quando Beda relata um milagre de Aidán na reunião do exército Nortúmbrio contra os Mércios, e retrata seu voto de silêncio na ilha de Farne; Na *EH*, III, XVII é descrita a morte de Aidán quatorze dias após a morte de Oswald.

108 RICOEUR, P. O Si-mesmo como um Outro. op. cit.

Britânia, deram-na aos monges Irlandeses há muito tempo, porque eles haviam recebido a fé de Cristo através da pregação dos monges. (*EH*, III, III)¹⁰⁹

Registros como esse retrataram como o monastério de Iona foi diametralmente importante para a cristianização dos Ingleses e de todos os povos das ilhas Britânicas. Pensamos Iona como um centro de evangelização externo, em que Aidán e os monges Irlandeses que o sucedem são o resultado deste centro que dissemina o cristianismo de matriz Irlandesa nas ilhas. Iona foi o local que exportou Irlandeses, portanto, foi um espaço de considerável importância para as situações de outridade da *gens Anglorum*.¹¹⁰ O monastério de Iona demonstrou como Ingleses, Pictos e Irlandeses compartilhavam uma mesma matriz em termos de uma cultura cristã em estabelecimento, da qual deu frutos em Lindisfarne, Whithorn, York, Malmesbury, Abercorn, Melrose, Mayo, Inishbofinn e uma quantidade considerável de monastérios no centro-norte das ilhas da Britânia e da Irlanda. Estes espaços exportavam e recebiam monges que peregrinavam entre os monastérios. O próprio Aidán era um exemplo disso. Estes indivíduos, conectados pela mobilidade entre os monastérios como Fiona Edmonds delimitou, traziam consigo características étnicas específicas que se misturavam com as características dos Ingleses.¹¹¹ Nossa leitura é de que este movimento transformou os monastérios em espaços de unidades plurais que foram diretamente responsáveis pelo início do processo de formação étnica dos Ingleses. Foi a partir destes espaços que o Outro se integrou na *gens Anglorum*.

Mas, mesmo que houvesse integração deste Outro nas unidades Inglesas, a leitura de Beda sobre o próprio Aidán também sinalizava um discurso carregado de dualidade. Beda afirmou:

Eu escrevi estas coisas sobre o caráter e o trabalho de Aidan, **não recomendando de forma alguma ou orgulhando sua falta de conhecimento na matéria da observação da Páscoa**; [...] Tal era seu amor da paz e caridade, temperamento e humildade; sua alma da qual triunfou sobre a raiva e a ganância e, ao mesmo tempo, desprezou o orgulho e a vaidade; sua diligência em carregar e ensinar os comandos divinos, seu afã em estudar e manter vigília, sua autoridade, tal quando se tornou padre, em reprovar o orgulho e o poder, e sua ternura em confortar os fracos, em aliviar e proteger os pobres [...] Mas **eu tampouco me orgulho ou aprovo-o enquanto ele não observar a Páscoa no tempo correto**, seja porque ele

109 Original em Latim: ‘Nam monachi erant maxime, qui ad praedicandum uenerant. Monachus ipse episcopus Aidan, utpote de insula quae uocatur Hii destinatus, cuius monasterium in cunctis pene septentrionalium Scottorum et omnium Pictorum monasteriis non paruo tempore arcem tenebat, regendisque eorum populis praeerat. Quae uidelicet insula ad ius quidem Britanniae pertinet, non magno ab ea freto discreta, sed donatione Pictorum, qui illas Britanniae plagas incolunt, iam dudum monachis Scottorum tradita, eo quod illis praedicantibus fidem Christi perceperint.’

110 É muito provável que a integração de Iona em citações detalhadas quando Beda trata sobre a *gens Anglorum* seja um resultado direto da revisão da datação da Páscoa em 715. Beda trata com bons olhos o bispo responsável pelo acontecimento. Ver: *EH*, III, IV; *EH*, V, XV.

111 EDMONDS, F. *The Gaelic Influence in the Northumbrian Kingdom*. op. cit.

era ignorante no tempo canônico ou porque, se ele soubesse, ele estava compelido pela **autoridade de sua gente** em não segui-lo. (EH, III, XVII)¹¹² [Grifo nosso]

A questão da datação da Páscoa, aqui novamente foi condicionada pela diferença. Efetivamente era o que afastava os Irlandeses da igreja dos Ingleses. Mesmo que Beda nutria respeito pela pessoa de Aidán, ele não ignorava sua rejeição à Páscoa canônica. O monge Nortúmbrio o via como um representante de seu povo e, por conseguinte, da identidade que carregava. Beda interpretou isto como um elemento que colocava o cristianismo de matriz Irlandesa em uma posição de menor valor. Quando ele disse que Aidán era ‘autoridade de sua gente’ (*suae gentis auctoritate*) percebemos que esta diferença não é descrita apenas no campo individual. Mas, por outro lado, é um fator que classifica divergências de costume entre as identidades coletivas dos Irlandeses da Britânia e dos Ingleses da *gens Anglorum*.

Essa condensação dos Irlandeses em um mesmo costume, de datar a Páscoa ‘erroneamente’ continuou quando Beda tratou do bispo Finán. O episcopado de Finán, que em Lindisfarne durou cerca de dez anos entre 651 e 661, foi controverso e expõe ainda mais a dualidade da interpretação de Beda sobre a integração do Outro.

Naqueles dias levantou-se uma grande e ativa controvérsia sobre a manutenção da Páscoa. Aqueles quem vieram de Kent ou da Gália declararam que a observação Irlandesa do Domingo de Páscoa era contrária ao costume da igreja universal. Um dos mais violentos defensores da verdadeira Páscoa era Ronan, a quem, apesar de Irlandês por etnia, aprendeu as verdadeiras regras da igreja na Gália ou na Itália. Ao disputar com Finan, ele corrigiu muitos ou ao menos os encorajou a fazer um inquérito mais estrito em direção a verdade; mas ele não poderia de modo algum corrigir Finan; pelo contrário, como ele era um homem de temperamento ardente, Ronan o fez mais amargo por suas reprovações e voltou-se a ele como um **adversário aberto da verdade**. (EH, III, XXV)¹¹³ [Grifo nosso]

O discurso de Beda, portanto, classificou diferenças não somente em relação ao Outro no comparativo com o ‘si mesmo’ (Ingleses), mas também entre pessoas que pertenciam ao Outro. Assim, percebemos que em meados do século VIII se disputava internamente a legitimação Romana

112 Original em Latim: “Scripsi autem haec de persona et operibus uiri praefati, nequaquam in eo laudans aut eligens hoc, quod de obseruatione paschae minus perfecte sapiebat; [...] animum irae et auaritiaie uictorem, superbiae simul et uanae gloriae contemtorem; industriam faciendi simul et docendi mandata caelestia; sollertiam lectionis et uigiliarum; auctoritatem sacerdote dignam redarguendi superbos ac potentes; pariter et infirmos consolandi ac pauperes recreandi uel defendendi clementiam. Qui, ut breuiter multa comprehendam, quantum ab eis qui illum [...] Quod autem pascha non suo tempore obseruabat, uel canonicum eius tempus ignorans uel suae gentis auctoritate ne agnitum sequeretur deuictus, non adprobo nec laudo.” O grifo em itálico é nosso.

113 Original em Latim: “His temporibus quaestio facta est frequens et magna de obseruatione paschae, confirmantibus eis qui de Cantia uel de Gallis aduenerant, quod Scotti dominicum paschae diemd contra uniuersalis ecclesiae morem celebrarent. Erat in his acerrimus ueri paschae defensor nomine Ronan, natione quidem Scottus, sed in Galliae uel Italiae partibus regulam ecclesiasticae ueritatis edoctus. Qui cum Finano confligens multos quidem correxit uel ad sollertiolem ueritatis inquisitionem accendit, nequaquam tamen Finanum emendare potuit; quin potius, quod esset homo ferocis animi, aceruiorem castigando et apertum ueritatis aduersarium reddidit.”

sobre a Páscoa, o que foi matéria de desentendimento entre os Irlandeses em Lindisfarne. Beda interpretou Finán como um ‘adversário aberto da verdade’ (*apertum ueritatis aduersarium*). Durante os dezessete anos do episcopado de Aidán entre 635 e 651, os Irlandeses estavam evangelizando os Nortúmbrios, por este motivo, Beda os classificou como um Outro integrado às suas unidades. É muito provável que este processo estivesse fora do primeiro plano no episcopado de Finán: os Nortúmbrios estavam majoritariamente seguindo a instrução cristã a esta altura. Certamente isto contribuiu para que sua figura, e a de seu sucessor Colmán, fosse mais definida como um Outro, que ocupava um espaço que não lhe pertencia, do que alguém que fosse responsável por formar um pilar importante da *gens Anglorum*. Estas disputas, como a relatada por Beda, nos indicam um discurso que atua como uma gangorra: os Irlandeses que seguiam a Páscoa romana eram dignos, os que não seguiam, eram indignos. É perceptível que no discurso de Beda os Irlandeses se movem neste espectro entre alteridade e identidade, e este movimento é parte do que chamamos de outridade.

Foi somente na discussão sobre a criação do sínodo de Whitby em 664 que estas divergências sobre a datação da Páscoa chegaram a um ponto de ebulição. Em 664 Colmán foi expulso do monastério de Lindisfarne em uma reunião em Whitby. Beda criou o enredo para esta trama, ao ter relatado, do início ao fim, que Colmán divergia assim conscientemente.

Colman viu que seus ensinamentos foram rejeitados e seus princípios desprezados; ele tomou aqueles a quem desejavam segui-lo, isto é, aqueles a quem não deveriam aceitar a Páscoa católica e a tonsura na forma de uma coroa (para a qual não há qualquer argumento menor sobre isto também) e **retornou a Irlanda** a fim de discutir com seu próprio destacamento o que deveria fazer sobre o assunto. Cedd deixou as práticas dos Irlandeses e retornou para sua própria sé, tendo aceitado o método católico de manter a Páscoa. **Esta disputa tomou lugar no ano 664 de nosso Senhor**, no vigésimo segundo dia do reinado do Rei Oswiu e depois dos Irlandeses tiverem mantido o episcopado no reino dos Ingleses por trinta anos: quer dizer, Aidan por dezessete anos, Finan por dez e Colman por três. (*EH*, III, XXVI)¹¹⁴ [Grifo nosso]

Foi a partir da rejeição que Beda encerrou o legado dos bispos Irlandeses em Lindisfarne. Entretanto, conforme ele mesmo admitiu, o próprio Colmán quando foi expulso de volta a Irlanda, levou consigo bispos Ingleses.¹¹⁵ Mais um exemplo da interação entre etnias que moldou as

114 Original em Latim: “Finitoque conflictu ac soluta contione, Agilberctus domum rediit. Colman uidens spretam suam doctrinam sectamque esse dispectam, adsumtis his qui se sequi uoluerunt, id est qui pascha catholicum et tonsuram coronae (näm et de hoc quaestio non minima erat) recipere nolebant, Scottiam regressus est, tractaturus cum suis quid de his facere deberet. Cedd, relictis Scottorum uestigiis, ad suam sedem rediit, utpote agnita obseruatione catholici paschae. Facta est autem haec quaestio anno dominicae incarnationis DCLX quarto, qui fuit annus Osuii regis uicesimus secundus, episcopatus autem Scottorum, quam gesserunt in prouincia Anglorum, annus tricesimus; siquidem Aidan decem et septem annis, Finan decem, Colman tribus episcopatum tenuere.”

115 *EH*, IV, IV.

relações na época da *gens Anglorum*. O autor atribuiu a Colmán – e aos bispos Ingleses – a construção de dois monastérios na Irlanda: Inishbofinn e MagÉo (Mayo). As citações aos Ingleses continuaram após o fim do episcopado de Colmán. Seu sucessor, Tuda, foi responsável pelo monastério por poucos meses em 664. Tuda era Inglês por nascença, mas, mesmo assim, foi ensinado dentre os Irlandeses. O mesmo vale para Eata de Hexham (e. 664 – 685), que comandou Lindisfarne até, pelo menos, 685. Eata havia sido abade em Melrose, um monastério majoritariamente composto por Irlandeses. Seu mestre foi o já citado Aidán, um Irlandês. Então, tendo a interferência Irlandesa posterior em mente, afirmamos que a partir de 664, no sínodo de Whitby, a interferência dos Irlandeses sobre os Ingleses foi indireta. Mas isto aconteceu nas duas vias, dado que os Ingleses também ocuparam os espaços monásticos Irlandeses. Da mesma forma que a imposição de seu costume fez Adomnán, abade de Iona, reverter a datação da Páscoa para a aplicada pelos católicos Romanos no ano de 715. Seria este um sinal de que as situações de outridade não aconteciam somente na ingerência de Irlandeses e Pictos dentre os Ingleses mas também na via contrária? A participação do Outro não somente moldou os povos Ingleses, como os próprios povos Ingleses moldaram costumes de Irlandeses, Pictos e Bretões. Os espaços religiosos dos Nortúmbrios não mais eram comandados por Irlandeses a partir de 664, mas as chefias dos monastérios, assim como os reis, eram instruídas em espaços Irlandeses. Assim, é impossível dissociarmos este Outro (Irlandeses) do processo formativo da *gens Anglorum*.

Fora criada, então, uma barreira eclesiástica sobre a inclusão do Outro nas unidades Inglesas. Sobre o sínodo de Whitby, John Blair declarou:

No início, as essencialmente estrangeiras gerações de mentores religiosos saíram de cena, seu lugar foi tomado por homens e mulheres nativos Ingleses treinados na doutrina e erudição Cristã. Mudanças realmente importantes não eram o triunfo dos ‘Romanos’ sobre os ‘Irlandeses’, mas a formação de um estabelecimento eclesiástico do qual podia manter-se em pé.¹¹⁶

Blair sugeriu que houve em Whitby a criação de uma autonomia eclesiástica dos Ingleses. Embora o autor desconstruiu a ideia de uma vitória de Igreja Romana sobre a Cristandade Celta, o que é correto, sua preocupação central era justamente o estabelecimento da Igreja. Ao fazer esta leitura sobre Whitby, o autor não explorou as especificidades étnicas de uma autonomia eclesiástica para os Ingleses. Cremos que o que muda em 664 não foi a construção de uma unidade singular da *gens Anglorum* a partir da Igreja dos Ingleses: o sínodo de Whitby não representou unicamente a

116 Tradução livre de: “As the first, essentially foreign, generations of religious mentors passed from the scene, their place was taken by English-born men and women trained from youth in Christian doctrine and scholarship. Thereally momentous change was not the triumph of ‘Roman’ over ‘Irish’, but the formation of an indigenous ecclesiastical establishment which could stand on its own feet.” BLAIR, John. **The Church in the Anglo-Saxon Society**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 79.

criação da autonomia eclesiástica dos Ingleses, mas simbolizou o marco em que a ação deste Outro deixou de ser direta e passou a ser indireta. Whitby é o equivalente eclesiástico do que foi a batalha de Dun Nechtain (685) no campo militar e da política da realeza quando falamos em outridade. Tanto Dun Nechtain quanto Whitby traduzem como a atuação do Outro nas unidades da *gens Anglorum* deixou de ser direta – com Irlandeses chefiando espaços monásticos Ingleses, por exemplo – e se tornou indireta – com lideranças Inglesas carregando instrução pelo costume dos Irlandeses. Assim, o sínodo de Whitby permitiu que os Ingleses ‘mantivessem-se em pé’, nas palavras de Blair, em termos de uma Igreja organizada. Mas o Outro estava presente, mesmo que indiretamente, na instrução de monges. O que mudou foi que esta instrução deixou de ser realizada em espaços eclesiásticos Ingleses. Estes monges, a partir de 664 peregrinavam aos espaços chefiados por Irlandeses, pois o contato entre os espaços cristãos Ingleses e Irlandeses não cessou da noite para o dia.

Portanto, modificamos as lentes de leitura. A participação indireta do Outro entre 664 e 731 foi forte o suficiente para que Beda admitisse e registrasse na *Ecclesiastica Historia*, de forma que se tornasse um ponto de partida para constituição da *gens Anglorum*. Falar na unificação da *gens Anglorum* é, em toda medida, falar na participação, na integração e na interação entre Ingleses, Irlandeses e Pictos. Tanto nos espaços religiosos, quanto nos espaços da política da realeza houve unidades plurais. É impossível, portanto, dissociarmos a pluralidade e a multiculturalidade do processo formativo dos Ingleses. Conforme esta relação com os povos vizinhos vai suavizando e as fronteiras étnicas vão ficando mais consistentes, caracterizamos com mais propriedade a forma que Beda vê o Outro. É somente a partir dos eventos de 664 no campo eclesiástico (Whitby) e 685 no monárquico (Dun Nechtain) que nos permite dizer que a *gens Anglorum* se tornou uma estratégia de distinção com tons próprios diante de Pictos e Irlandeses. Uma estratégia de distinção classificada em fatores eclesiásticos e em fatores monárquicos. É a partir destas situações e reorganizações na referência de Ingleses e outras etnias que nós enxergamos a outridade.

2.3. Os Bretões na *gens Anglorum*

Para nos debruçarmos no discurso de Beda sobre os Bretões, contextualizamos as especificações étnicas deste grande grupo. Falamos em ‘Bretões’ justamente razão de que é uma expressão resgatada das palavras de Beda. T. M. Charles-Edwards elucidou isto de modo didático:

Os termos modernos para os Galeses, ‘Cymry’ e ‘os Galeses’ são ao menos tão velhos quanto a Idade Média Inicial; mas eles têm significados amplos. ‘Cymry’ significa ‘Bretões’ e ‘Cymraeg’ significa Bretões (Celtas); o plural em Inglês Antigo, Walas ou Wealas, a fonte do ‘Galês’ moderno e o adjetivo Wieslisc, nomeadamente a palavra em Inglês Antigo que deram ao ‘Galês’ moderno,

parecem ter sido usadas por todos os povos a quem haviam sido parte do Império Romano.¹¹⁷

Ao falar em ‘Bretões Celtas’, ou simplesmente ‘Bretões’, usamos um termo amplo para todos as comunidades Bretãs na Bretanha, Cornualha, Gales e Cúmbria. Esta escolha se deve ao processo histórico de fragmentação étnica dos Bretões.¹¹⁸ Em 731 a identidade dos Bretões estava mais ou menos condensada. Em fins do século VIII e início do século IX os Bretões passaram por um processo de pulverização das suas identidades. Conforme os Ingleses foram avançando em seu território, a identidade Bretã se fragmentou. Em torno do século VIII, os Bretões ocuparam partes do continente, onde hoje é a atual Bretanha (França). A identidade destes Bretões criou tons próprios e eles se identificaram como Bretões Armóricos. Os Bretões do reino da Dumnonia, por outro lado, estiveram em constante comunicação com os Ingleses de Wessex. Sua identidade ainda que fosse homogênea na perspectiva dos Ingleses, aos poucos criou traços que a diferenciava de seus parentes ao norte e do continente.¹¹⁹ Foi neste período que o reino da Dumnonia tinha uma identidade específica e, assim, os Bretões deste espaço se tornaram os Bretões Córnicos. Da mesma forma, os reinos Britônicos localizados a leste do dique de Offa, construído pelo rei Mércio por volta de fins do século VIII, identificavam seus agrupamentos como Bretões Galeses, ou simplesmente, Galeses. Estes englobavam os reinos de Gwynedd, Powys e Gwent na época da *gens Anglorum* e Deuheubarth e Dyfed na época da *Angelcynn*. Estes últimos foram herdeiros do reino de Elmet, um poderoso reino Bretão que foi fragmentado no decorrer do *Adventus Saxonuum* e grande parte seu território passou às mãos das unidades políticas dos Anglos, Saxões e Jutos no século VII.¹²⁰ Os Bretões do reino de Ystra Clud (Strathclyde) e do reino semi-autônomo de Rheged se refugiaram ao norte e nordeste e, em função do contato com Nortúmbrios, Pictos e Irlandeses, também tiveram traços peculiares de identidade,¹²¹ assim, os chamamos de Bretões Cúmbrios, ou Bretões Setentrionais. Os Bretões também estiveram dentre os habitantes da ilha de Man, embora seja muito mais complexo rotular os Maneses como Bretões, ora em função de seu isolamento social, ora em função de suas aproximações culturais mais intensas com os Irlandeses.¹²²

117 Tradução livre de: “The modern terms for the Welsh, ‘Cymry’ and ‘the Welsh’ are at least as old as the early Middle Ages; but they then had wider meanings. ‘Cymry’ meant ‘Britons’ and ‘Cymraeg’ meant (Celtic) British; the Old English plural noun *Walas* or *Wealas*, the source of the modern ‘Wales’, and the adjective *Wielisc*, namely the Old English word that gave the modern ‘Welsh’, seem to have been used for all the people who had been part of the Roman Empire.” CHARLES-EDWARDS, Thomas M. **Wales and the Britons, 350-1064**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1.

118 CHARLES-EDWARDS, Thomas M. Ethnic consolidation. In: CHARLES-EDWARDS, T. M. Ibid. p. 188-191.

119 CHARLES-EDWARDS, T. M. The West-Saxons and the Westwalas. Ibid. p. 428-431.

120 YORKE, Barbara. *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 13.

121 CLARKSON, Tim. **Strathclyde and the Anglo-Saxons in the Viking Age**. Edimburgo: Birlinn Books, 2014.

122 Beda não parece fazer distinção entre Maneses e Bretões. Para Beda, os habitantes de Man eram, de fato, Bretões, isto é perceptível quando o monge narra o domínio de Edwin da Nortúmbria sobre a ilha de Man e Anglesey. Ver: *EH*, II, IX.

Ao olharmos para Beda vemos uma narrativa agressiva em relação aos Bretões. As situações de outridade de Beda diante dos Bretões foram guiadas pela oposição com estes povos. Logo no primeiro livro, quando Beda falou sobre os conflitos dos Bretões com os Irlandeses e Pictos durante o *Adventus Saxonum*, ele rotulou os Bretões com adjetivos agressivos.

Enquanto isso uma praga virulenta repentinamente caiu sobre estes **homens corruptos** enquanto rapidamente passou despercebida em tão grande número que eles não tinham pessoas o suficiente para enterrar os mortos. [...] Por esta razão, uma ainda mais terrível retribuição logo depois tomou este **povo pecador** por seus crimes temerosos. Eles consultaram o que eles deveriam fazer e onde eles deveriam procurar ajuda para prevenir ou repelir a força e os muito frequentes ataques das nações mais ao norte; todos, incluindo seu rei Vortigern, concordaram que eles deveriam chamar os Saxões para sua ajuda por além dos mares. Como os eventos claramente mostraram, isto foi ordenado pela vontade de Deus e então a maldade poderia cair sobre **aqueles canalhas**. (*EH*, I, XIV)¹²³ [Grifo nosso]

Temos, portanto, a descrição dos Bretões a partir de termos como ‘homens corruptos’ (*corruptae hominis*), ‘povos pecadores’ (*gentem peccatricem*), ‘canalhas’ (*inprobos*). Beda interpretou os Bretões como antagonistas e construiu sua narrativa em torno da dicotomia entre os Bretões e a *gens Anglorum*. É perceptível como Beda colocou a culpa da invasão de Anglos, Saxões e Jutos no decorrer dos séculos V-VI como uma certa forma de provocação aos Bretões. Esta natureza pecadora, corrupta e canalha, ao menos para o discurso de Beda, justificou as incursões militares e a tomada da terra da Britânia pelos povos vindos da Germânia. Nos trechos iniciais da obra existiram situações de alteridade no discurso: Beda considerava os Bretões como um Outro desconhecido sem admitir situações de integração às unidades Inglesas. Esta narrativa agressiva, portanto, se torna para nosso prisma uma evidência das situações de outridade.

Entretanto, este discurso enredou uma discussão considerável nos estudos das relações étnicas entre Ingleses e Bretões. Alguns historiadores enxergaram possibilidades de genocídio dos Bretões no sexto século, como se houvesse uma tomada de terra a força. Especialmente as leituras mais tradicionais do século XIX consagraram esta perspectiva, que visualizou o ódio de Beda pelos Bretões como a referência documental para comprovar esta hipótese. Sharon Turner, escrevendo em 1801, colocou esta hipótese ao falar do domínio de terras Bretãs pelos Saxões: “foi desgraçada por uma daquelas ações bárbaras da qual a história não poderia nunca mencionar sem horror: os

123 Original em Latim: “Interea subito corruptae mentis homines acerua pestis corripuit, quae in breui tantam eius multitudinem strauit, ut ne sepeliendis quidem mortuis uiui sufficerent; sed ne morte quidem suorum nec timore mortis hi, qui supererant, a morte animae, qua peccando sternebantur, reuocari poterant. Ynde non multo post acior gentem peccatricem ultio diri sceleris secuta est: initum namque est consilium quid agendum, ubi quaerendum esset praesidium ad euitandas uel repellendas tam feras tamque creberrimas gentium aquilonalium inruptiones, placuitque omnibus cum suo rege Uurtigerno ut Saxonum gentem de transmarinis partibus in auxilium uocarent. Quod Domini nutu dispositum esse constat, ut ueniret contra improbos malum, sicut euidentius rerum exitus probauit.”

habitantes foram postos à espada”¹²⁴. Esta compreensão pautou toda historiografia sobre o *Adventus Saxonuum* durante o século XIX. Havia sentido na narrativa agressiva de Beda, por exemplo, quando o monge Nortúmbrio falou das invasões de Æthelfrith da Nortúmbria contra os Bretões:

Como neste tempo Æthelfrith, um rei muito bravo, aquele com mais ânsia pela glória, governava sobre o reino da Nortúmbria. **Ele devastou os Bretões mais extensivamente que qualquer outro governante dos Ingleses.** Ele poderia, de fato, ser comparado com Saulo, a quem uma vez foi rei de Israel, mas com esta exceção, que Æthelfrith era ignorante na religião divina. Porque nenhum governante ou rei tinham sujeitado mais terra aos povos Ingleses, **seja exterminando ou conquistando os nativos.** (*EH*, I, XXXIV)¹²⁵ [Grifo nosso]

Se usarmos trechos como este como a única base, não parece que a hipótese de Turner foi algo artificialmente criado. É bem verdade que Beda falou de um extermínio dos nativos (*exterminatis uel subiugatis ingenis*), mas, a partir da literatura especializada, vemos que a ideia de genocídio está cada vez mais afastada da análise de Bretões com os Ingleses da *gens Anglorum*. Nas discussões historiográficas atuais, duas hipóteses se sobrepuseram a ideia do genocídio e extinção dos Bretões do centro-sul das ilhas Britânicas. A primeira foi de Alex Woolf:

Se distinções legais firmes existiram entre Bretões e Anglo-Saxões, indivíduos e comunidades não teriam escorregado de uma identidade para outra com facilidade. De fato, houve fortes incentivos econômicos para preservar esta **segregação**, quando vista de uma perspectiva Inglesa; [...] Tomada em seu contexto de prática de inquilino e clientela, é quase certamente o caso [...] de Wessex do final do século VII como um estado heterodoxo, multiétnico, mas como uma colcha de retalhos de *regiones* separadas, ao menos da qual foram dominadas por Bretões, mantidas em conjunto pela supremacia geral de uma chefia redistributiva Inglesa.¹²⁶

Alex Woolf acreditou em um processo de separação entre Ingleses e Bretões, usando a contraditória ideia de um processo de *apartheid* (embora trabalhasse com termos étnicos e não

124 Tradução livre de: “was disgraced by on of those barbarous actions which history ought never to mention without horror: the inhabitants were put to the sword.” TURNER, Sharon. *The History of the Anglo-Saxons: from the earliest period to the Norman conquest*. op. cit. p. 97.

125 Original em Latim: “His temporibus regno Nordanhymbrorum praefuit rex fortissimus et gloriae cupidissimus Aedilfrid,1 qui plus omnibus Anglorum primatibus gentem uastauit Brettonum, ita ut Sauli quondam regi Israheliticæ gentis comparandus uideretur, excepto dumtaxat hoc, quod diuinæ erat religionis ignarus. Nemo enim in tribunis, nemo in regibus plures eorum terras, exterminatis uel subiugatis indigenis, aut tributarias genti Anglorum aut habitabiles fecit.”

126 Tradução livre de: “If firm legal distinctions existed between Britons and Anglo-Saxons, individuals and communities will not have slipped from one identity to another with ease. Indeed, there are strong economic incentives to preserve this segregation when viewed from an English perspective. [...] Taken in its context of tenurial practice and clientage, it is almost certainly the case [...] of late seventh-century Wessex as a heterodox, multiethnic state but as a patchwork of separate *regiones*, some at least of which were dominated by Britons, held together by the overall supremacy of an English redistributive chieftaincy.” WOOLF, Alex. *Apartheid and Economics in Anglo-Saxon England*. In: HIGHAM, Nicholas J. (ed.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 127-128.

nacionais) como algo possível para o contexto. O autor considerou que a tomada das terras Bretãs por elites Inglesas propiciara uma separação e um isolamento dos Bretões neste contexto. A explicação de Alex Woolf foi que largas porções de propriedade foram gradualmente passadas de comunidades Bretãs para as Inglesas. Woolf considerou essa hipótese como uma possibilidade para reeditar a compreensão oitocentista de que houve genocídio dos Bretões.

Uma segunda hipótese foi de Henrich Härke:

[...] variações geográficas da imigração indicam que a vantagem reprodutiva é o fator-chave em produzir uma cada vez maior representação **genética** dos imigrantes, e que aquele *apartheid* pode não ter sido uma suposição absolutamente necessária para o modelo. [...] Isto pode ou não indicar que **Bretões aculturados** começaram a pensar a si mesmos como Saxões ou Anglos; **somente uma declaração direta nas fontes textuais poderia sugerir isto, mas estas são escassas**. Um processo gradual de aculturação é provável ter começado muito antes, apesar de que não aparecem quaisquer evidências para isso no século V.¹²⁷ [Grifo nosso]

Härke refutou as concepções de que o processo de migração estabeleceu um *apartheid*. É absolutamente gritante pensarmos que a historiografia recente realmente usa esta palavra, ‘*apartheid*’, como um elemento sério para analisar os agrupamentos interétnicos entre Ingleses e Bretões da Idade Média inicial. Além de ser uma palavra extremamente dual, carregada de um anacronismo sem tamanho, é inapropriada para visualizarmos as comunidades étnicas. O uso de um termo que se originou de um período muito específico da História da África do Sul no século XX para os povos medievais iniciais do século VI é, sem dúvida, uma falta grave. Especialmente quando a hipótese de Woolf gira quase inteiramente ao redor deste termo.

Heinrich Härke colocou um panorama inicial para as situações da outridade na Inglaterra medieval inicial: partir da ideia de aculturação, algo correto para pensar as mudanças na autoafirmação étnica de alguns indivíduos Bretões para Ingleses. Se usarmos as orientações de Patrick J. Geary, vemos como esta é uma máxima para toda a Idade Média inicial.¹²⁸ As etnicidades do período são constructos situacionais, muito fluidas, uma hipótese da qual plenamente ocorreu com os Bretões do século VI. Entretanto, mesmo que Härke corretamente relegou o termo *apartheid* de Woolf ao ostracismo e também estivesse certo em pensar que Bretões e Ingleses se aculturaram, sua análise estava enviesada por termos da genética. Em função disso Härke subestima as respostas

127 Tradução livre de: “geographical variations of immigration indicates that reproductive advantage is the key factor in producing an increased genetic representation of the immigrants, and that apartheid may not be an absolutely necessary assumption for the model. [...] This may or may not indicate that acculturated Britons were beginning to think of themselves as Saxons or Angles; only direct statements in textual sources could suggest that, but these are lacking. A gradual process of acculturation is likely to have started quite early, although there does not appear to be any evidence for it in the 5th century.” HARKE, Henrich. Anglo-Saxon immigration or ethnogenesis? op. cit. p. 16.

128 GEARY, Patrick. Ethnic Identity as a Situational Construct in the Early Middle Ages. op. cit. p. 4-21.

das fontes escritas, que para Geary eram a base para ler os constructos situacionais da etnicidade. A escassez das fontes escritas, de fato, é um elemento quando olhamos o espaço insular britânico na Idade Média inicial, mas não é um impeditivo para se desenvolver reflexões. A narrativa agressiva de Beda foi um exemplo claro de como a mudança na afiliação étnica foi um elemento que fez os escritores do período centralizarem suas preocupações no que se refere a um grupo étnico.

Uma instrumentalização muito menos apelativa aos termos da genética parte das hipóteses de T. M. Charles-Edwards. O autor desenvolveu a ideia da aculturação a partir da estratificação social das sociedades Anglo-Bretãs dos séculos VI e VII, e propôs

[...] três estágios de desenvolvimento social: primeiro uma **fase colonial**, associada com o *hide* e com a preservação dentre os colonos (não os Bretões) de uma igualdade social rude; a segunda fase foi a do **estabelecimento**, de mãos dadas, **de uma nova realeza** e uma nova aristocracia; [...] e a terceira fase foi a **assimilação étnica** da população Bretã remanescente dentro dos reinos Ingleses.¹²⁹ [Grifo nosso]

A hipótese de Charles-Edwards parece mais sóbria, pois nos dá um indicativo social da chegada dos Ingleses ao território Bretão. Estes três estágios apontados (fase colonial, estabelecimento de uma nova realeza e assimilação étnica), com os quais concordamos, ilustram um panorama que vai desde a troca do poder sobre um determinado território das mãos dos reis Bretões aos Ingleses até o camponês que se torna assimilado. Aplicamos estas concepções às fontes: ao entendermos a aculturação como uma ameaça ao estabelecimento da *gens Anglorum*, há uma justificativa para que Beda tratasse os Bretões de maneira agressiva, usando termos ferozes para referenciá-los como pecadores, canalhas e corruptos. Era uma estratégia para admitir uma segregação velada, mas que funcionava apenas no campo textual e discursivo, não no prático. Esta narrativa, para nós, é uma evidência da percepção do Outro de Beda. O monge coloca os Bretões no campo da outridade para assinalar um instrumento político contra a constante ameaça de Bretões que a esta altura estavam se aculturando aos Ingleses e corroendo a matriz étnica da *gens Anglorum* que o autor considera miraculosa. Os Bretões estavam cada vez mais presentes e eram agentes participantes da formação étnica dos Ingleses. Os Bretões, para Beda, se tornaram um Outro que devia ser afastado.

Seria a narrativa de Beda uma resposta escrita aos casamentos interétnicos, às transformações da identidade étnica e outras formas de assimilação entre Bretões e Ingleses?

129 Tradução livre de: “three stages of social development: first, a colonial phase associated with the hide and the preservation among the settlers (not the Britons) of a rough social equality; the second phase was of the establishment, hand in hand, of a new kingship and a new aristocracy; [...] and the third phase was of ethnic assimilation of the British population remaining within English kingdoms [...]” CHARLES-EDWARDS, Thomas M. Social Structure. In: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500-1100**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009. p. 118.

Embora o discurso de Beda intencionasse para uma resolução negativa desta pergunta, acreditamos que as aproximações interétnicas entre Bretões e Ingleses são um alicerce que fortalece a hipótese das unidades plurais. A partir da ideia de aculturação de Bretões e Ingleses até 731 interpretamos o discurso agressivo de Beda como uma evidência da existência de unidades plurais no discurso da *gens Anglorum*. A narrativa agressiva de Beda foi a resposta de um monge Nortúmbrio que desejava tomar as rédeas e se posicionar contra os ajuntamentos Anglo-Bretões.

A questão da datação da Páscoa também apareceu em relação aos Bretões. Especialmente quando Beda citou a carta de exortação assinada em conjunto pelo então arcebispo Laurence de Canterbury (604 – 619) e os bispos Mellitus (619 – 624) e Justus (624 – 631)¹³⁰, este último que posteriormente o sucedeu no arcebispado de Canterbury:

[...] antes de nós os conhecermos, nós mantivemos a sacralidade de ambos os Bretões e os Irlandeses em grande estima, pensando que eles caminharam de acordo com os costumes da Igreja universal: mas ao nos tornarmos aquiescentes com os Bretões, nós ainda pensamos que os Irlandeses seriam melhores. Mas agora nós aprendemos pelo Bispo Dagan quando ele veio a essa ilha e do Abade Columbano quando ele veio para a Gália que os Irlandeses não difeririam dos Bretões em seu modo de vida. (*EH*, II, IV)¹³¹

Esta carta, endereçada aos clérigos Irlandeses, tinha a datação da Páscoa como elemento central. Entretanto, ao contrário dos trechos anteriores que Beda atribuía a culpa exclusivamente aos Irlandeses de Iona, neste trecho os Bretões estão envolvidos. Os Bretões, inclusive, são comparáveis com os Irlandeses em termos de heresia e divergência quando o discurso Bedaniano defendeu o universalismo eclesiástico dos Ingleses. Assim, Beda utilizou os Bretões em relação às diferenças na datação da Páscoa com um fim específico. Novamente T. M. Charles-Edwards propôs alternativas:

Em 541, a Igreja da Gália aceitou um cálculo da Páscoa do qual não foi aceito pelos Bretões. Ainda, como nós vimos, os Bretões continuaram parte da comunidade Cristã do Oeste que recebeu bem as aberturas de Justino. O conflito, entretanto, foi afiado quando os missionários Gregorianos chegaram na Britânia, pois eles chegaram via Francia e confiaram na ajuda Franca. A sua visão dos Bretões poderia dificilmente, porém, ser influenciada pelas visões Francas e Gálicas dos Bretões [da França].¹³²

130 Datas correspondentes ao período que assumiram o arcebispado em Canterbury de acordo com Beda.

131 Original em Latim: “antequam cognosceremus, credentes quod iuxta morem uniuersalis ecclesiae ingrederentur, in magna reuerentia sanctitatis tam Brettones quam Scottos uenerati sumus; sed cognoscentes / Brettones, Scottos meliores putauimus. Scottos uero per Daganum episcopum in hanc, quam superius memorauimus, insulam, et Columbanum abbatem in Gallis uenientem nihil discrepare a Brettonibus in eorum conuersatione didicimus. Nam Daganus episcopus ad nos ueniens non solum cibum nobiscum sed nec in eodem hospitio, quo uescebamur, sumere uoluit.”

132 Tradução livre de: “The shift to a more strongly religious conception of what made a Roman and a citizen exposed the Britons in the seventh century to a damaging charge. The true Romani were now those who obeyed the

Com a hipótese de Charles-Edwards, revisitamos esta citação das cartas dos bispos Cantuários. Interpretamos a carta como se Beda montasse um enredo que desvinculasse os Bretões dos espaços de cristandade da Gália. Foi este espaço que produziu a imagem de Augustino, um Franco Gálico e o principal herói de Beda na cristianização da *gens Anglorum* do início do século VII via Kent. Vincular os Francos Gálicos com os Bretões seria entrar em contradição com seu próprio ódio, uma vez que Beda considerava os Bretões culpados por não terem professado o cristianismo aos Anglos, Saxões e Jutos desde sua chegada na metade do século V. Ao se conectar com a cristandade da Gália, o monge sugeriu um porto seguro para afastar os clérigos Bretões de uma ótica integracionista com a *ecclesia* dos Ingleses. Canterbury era uma autoridade que Beda via para a disseminação da Igreja universal Romana até o sínodo de Whitby em 664 quando explodiu o embate destas duas frentes de cristianismo dos Ingleses: Roma *versus* Iona. Aproximar Bretões e Francos Gálicos de um mesmo espaço da cristandade não-Romano seria edificar a cristianização dos Ingleses como associada aos Bretões. Assim argumentamos que esta citação foi uma tentativa de Beda em aplicar um essencialismo velado – embora não estivesse consciente disso – para a criação dos Bretões como um Outro.

Ao contrário do costumeiro afastamento de Beda com as *ethne* das ilhas Britânicas em relação a sua *gens Anglorum*, o autor não via problemas em associar os Ingleses com o continente. Primeiro nas regiões germânicas: Beda escreveu orgulhosamente sobre quando Willibrord (658 – 739)¹³³ saiu de Lindisfarne e foi evangelizar os Velhos Saxões e Frísios da Germânia.¹³⁴ Segundo é que os monastérios Francos serviam como um exemplo para Beda.¹³⁵ O autor mencionou a ida de nobres de Kent e da Ânglia Oriental no início do processo de conversão destes reinos. Os monastérios de Brie, Chelles e Andelys-sur-Seine se tornaram importantes receptáculos de peregrinos Ingleses no início do século VII. Beda construiu um enredo de afiliação, como se a

decisions of the bishop of Rome and the Christian world at large on such issues as Easter and the tonsure. In 541, the Church of Gaul had agreed on an Easter calculation which was not accepted by the Britons. Yet, as we have seen, the Britons remained part of the Christian community of the West that welcomed Justin's overtures. The conflict, however, was sharpened when the Gregorian missionaries arrived in Britain, for they came via Francia and relied on Frankish help. Their view of the Britons could hardly but be influenced by Frankish and Gallo-Roman views of the Bretons." CHARLES-EDWARDS, T. M. *Wales and Britons*. op. cit. p. 240.

133 Os detalhes da evangelização de Willibrord estão na *Vita Sancti Wilfridi*. Wilfrid (633 – 710) ajudou e educou Willibrord, feitos que são relatados por Beda. Em York, Wilfrid foi arcebispo entre 664 e 678, quando foi lhe atribuída a missão de evangelho aos Germânicos do continente e mandou Willibrord, o abade dos Frísios. Stephen de Ripon, provavelmente entre 709 e 720, escreveu a *Vita Sancti Wilfridi* para personificar os feitos dos dois evangelizadores. Bertram Colgrave, um dos autores da tradução de Beda que usamos, também trabalhou com esta fonte. Ver: COLGRAVE, Bertram. **The Life of Bishop Wilfrid by Eddius Stephanus**. Cambridge: Cambridge University Press, 1927.

134 *EH*, III, XVIII. Neste trecho Beda relata sobre o arcebispo Wilfrid ser consagrado também na Gália. Já em *EH*, III, XIII, Beda narra o evangelho de Willibrord.

135 Beda menciona, por exemplo, a ida Eorcengota, filha do rei Erkenberht para o monastério de Brie.

Igreja dos Ingleses fosse muito mais vinculada aos espaços religiosos Francos Gálicos e não recebesse influência alguma dos religiosos Bretões, seus vizinhos mais próximos.

Por outro lado, Beda foi um defensor de que os Ingleses impuseram os costumes aos Bretões, novamente usando a datação da Páscoa como elemento central:

Por exemplo Aldhelm, quando ele era ainda padre e abade do monastério conhecido como Malmesbury, pela ordem do sínodo de seu próprio povo, escreveu um livro marcante sobre o erro Bretão em celebrar a Páscoa no tempo errado e por dizer muitas outras coisas em detrimento das **práticas puras** e da paz da Igreja; por meio deste livro ele liderou muitos dos Bretões a quem eram sujeitos aos Saxões Ocidentais em adotar a celebração católica da Páscoa do Senhor. (*EH*, V, XVIII)¹³⁶ [Grifo nosso]

Para a *gens Anglorum* de Beda, os Bretões além de se posicionarem enquanto um Outro afastado, também eram uma etnia subserviente aos Ingleses. Percebemos como estes traços de domínio apareceram na imposição eclesiástica na datação da Páscoa. Ao citar a ‘pureza’ das práticas eclesiásticas (*perplura ecclesiasticae castitati*), o discurso Bedaniano entregou a crença do autor em um essencialismo da *gens Anglorum*, o que expressou o Anglocentrismo presente na *EH*. Um domínio presente também com os Pictos sob a sé de York, que expôs como Beda defendia que Malmesbury e estes outros monastérios do sul da Britânia englobassem o Outro em sua sé. Este é mais um exemplo de como as concepções de integração mútua entre Bretões e Ingleses funcionaram na criação de unidades plurais em múltiplos espaços da *gens Anglorum*.

Sobre a imposição de costume dos Ingleses, Beda registrou:

Os Pictos agora tendo um tratado de paz com os Ingleses, alegraram-se em compartilhar a paz católica e a verdade da Igreja universal. Os Irlandeses que viviam na Britânia estão contentes com seus próprios territórios e não planejam conspirações ou traições contra os Ingleses. Apesar disso, para a maior parte, **os Bretões se opõe aos Ingleses através de seu ódio inato** e todo o estado da Igreja católica pela sua Páscoa incorreta e seus costumes malignos, ainda se tornando opostos pelo poder de Deus e homens, e do mesmo jeito eles não podem obter o que eles querem em qualquer respeito. Porque apesar de eles estarem parcialmente sob seus próprios mestres, **eles ainda foram trazidos parcialmente sob o governo dos Ingleses**. (*EH*, V, XXIII)¹³⁷ [Grifo nosso]

136 Original em Latim: “Denique Aldhelm, cum adhuc esset presbyter et abbas monasterii, quod Maildubi Urbem nuncupant, scripsit iubente synodo suae gentis librum egregium aduersus errorem Brettonum, quo uel pascha non suo tempore / celebrant, uel alia perplura ecclesiasticae castitati et paci contraria gerunt; multosque eorum, qui Occidentalibus Saxonibus subditi erant Brettones, ad catholicam dominici paschae celebrationem huius lectione perduxit.”

137 Original em Latim: “Pictorum quoque natio tempore hoc et foedus pacis cum gente habet Anglorum, et catholicae pacis ac ueritatis cum uniuersali ecclesia particeps existere gaudet. Scotti qui Britanniam incolunt, suis contenti finibus, nilb contra gentem Anglorum insidiarum moliantur aut fraudium. Brettones, quamuis et maxima ex parte domestico sibi odio gentem Anglorum, et totius catholicae ecclesiae statum pascha minus recto moribusque improbis inpugnent, tamen et diuina sibi et humana prorsus resistente uirtute in neutro cupitum possunt obtinere propositum, quippe qui, quamuis ex parte sui sint iuris, nonnulla tamen ex parte Anglorum sunt seruitio mancipati.”

Esta citação no fim do último livro serviu para Beda fechar seu argumento no que se refere aos Bretões como um Outro. Beda usou este discurso para mostrar a autonomia da Igreja dos Ingleses e a utilizou na imposição dos costumes diante das outras etnias. O monge justificou o domínio não apenas eclesiástico dos Ingleses em relação aos Bretões, mas também colocou a culpa em seu ‘ódio inato sobre os Ingleses’ (*odio gentem Anglorum*) e seus ‘costumes malignos’ (*inprobis inpugnent*). Argumentamos que esta citação é uma evidência da narrativa agressiva de Beda sobre os Bretões, uma narrativa baseada nas suas constantes tentativas em desassimilar os costumes vizinhos do que ele considera único da *gens Anglorum*. Fica nítido como o autor propõe tentativas de reverter um processo de aculturação bem estabelecido a partir da *EH*. Mas, novamente, acreditamos que a narrativa segregacionista acontece no campo do discurso e somente nele, como uma resposta ao contexto de entrelaçamento das etnias. Seria muito difícil ver Bretões não influenciando os Ingleses em seus costumes, uma vez que a partilha das unidades políticas da monarquia e da Igreja era um fato dado pelo próprio Beda.

Embora Beda utilizasse um arcabouço linguístico agressivo contra os Bretões, é inegável suas tentativas de colocar esta etnia como um Outro. Mas isto para nós funciona pelo caminho oposto. Mostra como a *gens Anglorum* não pode ser desvinculada de pensar os Ingleses sob unidades plurais. Estas unidades são condicionadas pela integração do Outro, pelos ajuntamentos étnicos e pelas incursões militares que funcionam tanto na Nortúmbria quanto em Mércia e em Wessex até 731.¹³⁸ Ao compreender este contexto de forte correlação, é impossível separarmos Bretões e Ingleses em blocos monolíticos. Não falamos apenas da *gens Anglorum* como se estivesse construindo uma identidade coletiva sobre ela mesma. Mas, por outro lado, mencionamos a *gens Brittonum*, *gens Scottorum* e *gens Pictorum*, que foram parte do discurso de Beda. Estes povos vizinhos, estes ‘Outros’ se posicionaram neste jogo como pontos de referência importantes para integrar ou recusar suas características.

Conclusão do capítulo: unidades plurais

Concluimos que a ideia de unidades plurais se mantém diante das situações de outridade da *gens Anglorum*. Ao analisar a *gens Anglorum* como um produto discursivo de Beda, compreendemos as possibilidades de leitura sobre o processo formativo dos Ingleses como resultado de uma interação e intersecção com os agrupamentos étnicos vizinhos.

¹³⁸No referente aos pormenores de conjunção entre Ingleses e Bretões nestes dois reinos, vamos focar as discussões a partir da *Angelcynn*, no capítulo III.

Em um primeiro momento, partimos dos manuscritos neste capítulo, assim como partiremos no seguinte. Muito porquê compreendemos as possíveis modificações, edições e (re)manejos que o discurso bedaniano pode ter sofrido no decorrer da reprodução manuscrita em relação a edição de Colgrave e Mynors que chegou até nós. Ao estabelecermos a tradição manuscrita da *EH* indicamos onde e quando as dissonâncias discursivas podem ter acontecido, e se elas, de fato, aconteceram. O discurso bedaniano foi, em toda medida, algo interpretado dentro de um enredo bem estabelecido da *gens Anglorum*, que embora tratemos de episódios-chave no século VII, o que vimos foi como um monge descreveu estes eventos no ano de 731. A materialidade da palavra escrita é um elemento que deve ser associado com a análise discursiva da *gens Anglorum*.

Em um segundo momento analisamos os Pictos e Irlandeses de maneira conjunta, dado que assim foi anunciado pelo discurso bedaniano. Estes povos que estiveram em profundo contato com os Nortúmbrios contingenciaram a narrativa de Beda sugerindo diversos pontos de compartilhamento de características e espaços. O fator da matrilinearidade dos Pictos, por exemplo, nos surgiu como um sistema classificatório da diferença que condicionou situações de outridade. Da mesma forma que as nomenclaturas, como aquelas envolvidas ao redor das vilas e monastérios perto da Muralha de Antonino, nos sugerem um ponto interessante para pensar as unidades plurais. Ao ver como uma mesma localidade com nomes diferentes eram conhecidos por Beda, lemos a interação entre Nortúmbrios, Pictos e Irlandeses no centro-norte das ilhas Britânicas.

A análise dos reinados plurais dos reis Nortúmbrios, que para nós começou no reinado de Oswald, também nos encaminha para o fortalecimento de nossa hipótese central. Especialmente, analisamos a ideia de pluralidade a partir do reinado de Oswald, pois nosso ponto de largada foi a concepção de unidade da coroa Nortúmbria e da evangelização dos Nortúmbrios sob a instrução cristã. Para falar em ‘unidades plurais’ partimos do momento que existiram, de fato, ‘unidades’. Neste sentido, os Pictos e Irlandeses, embora integrados, também são subjugados pelo domínio Nortúmbrio. Oswald, por exemplo, além de ser um rei, é também um santo para Beda. Este aspecto religioso da *gens Anglorum* nos indica algumas questões pertinentes sobre a outridade. O que mais prevalece é que a conversão dos Ingleses se tornou base para se falar em *gens Anglorum* e conseqüentemente em unidades plurais. Beda, embora legitimasse assimilações com monarcas pagãos como Penda de Mércia, também via os Ingleses pagãos como um Outro, uma vez que a identidade religiosa estava associada com a etnicidade da *gens Anglorum*. Na interpretação discursiva da *Ecclesiastica Historia*, só existia *gens Anglorum* se existisse instrução cristã.

No reinado de Oswiu encontramos características difusas que permitem deslocamentos da identidade étnica. Relações familiares íntimas do soberano, por exemplo com o rei Picto, Talorcan, indicam a prática comum de ajuntamentos familiares híbridos de Ingleses e Pictos, algo legitimado

na própria coroa. Nestes ajuntamentos plurais, os matrimônios do rei Oswiu também nos são sugestivos. A partir de 602 o reino da Nortúmbria estabeleceu domínio sobre Bretões de Strathclyde e da Cúmbria, Pictos de Fortriu e Irlandeses da Dál Ríata. Este domínio é condicionado e mantido, por exemplo, pelo casamento do rei Oswiu com Rhainfellt, a rainha de Rheged. Sua hegemonia ao sul Britânico foi indicada também pelo segundo casamento de Oswiu, que se aliou com Eanflaed, rainha de Kent. Percebemos que este domínio foi um exemplo prático das unidades plurais no campo político, em que o norte e sul britânicos são unidos pelos espaços de pluralidade de indivíduos. Os matrimônios e as relações familiares são, em suma, um exemplo de como estas unidades plurais se materializaram nos respectivos espaços de interação das etnicidades.

A marca dos Irlandeses aparece em diversos momentos. A partir da instrução cristã dos reis Nortúmbrios em espaços religiosos Irlandeses – especialmente Iona – vemos sinais dos efeitos do Outro no processo de formação identitária da *gens Anglorum*. Seria possível, inclusive no período do reinado de Oswiu, falar em uma Inglaterra Irlandesa, embora não houvesse de fato uma ‘Inglaterra’ no período, a importância dos Irlandeses foi declarada. Pelo menos desde 634 até 664 quando aconteceu o sínodo de Whitby, os Irlandeses capitanearam o processo de cristianização dos Ingleses. Especialmente Aidán, Finán e Colmán, bispos Irlandeses em Lindisfarne, um centro importante para evangelização da *gens Anglorum*, exerceram a intervenção do Outro nos espaços Ingleses, algo admitido pelo discurso bedaniano.

As divergências na datação da Páscoa, que levaram ao sínodo de Whitby e a consequente expulsão dos Irlandeses em 664, neste sentido, se tornaram a tentativa do discurso de Beda em classificar diferenças. Algo que acontece ao enxergarmos a datação da Páscoa como relacionada mais ao costume do que à ideia de separações eclesiásticas. Assim concluímos que ‘Cristandade Celta’, ‘Cristandade Bretã’ ou ‘Igreja dos Ingleses’ foram mais vocábulos de referência sobre entidades políticas da Igreja do que algo que efetivamente separasse as respectivas etnicidades. Ao menos no campo eclesiástico estas fronteiras pareciam firmes, mas na etnicidade não angariaram um sentido tão fixo. No campo eclesiástico, o domínio sobre o Outro também acontece, por exemplo quando Trumwine, bispo de origem Inglesa, liderou o monastério Abercorn, majoritariamente Picto. Com o sínodo de Whitby, mesmo que houvessem situações de outridade plenas no contexto da *gens Anglorum*, visualizamos como a outridade com os Irlandeses deixou de ser direta e admitida e se tornou mais indireta e velada. Da mesma forma que em 685, com a batalha de Dun Nechtain (Nechtanesmere) e a derrota de Ecgrith para Bridei macBilli, rei de Fortriu, indicou como isto aconteceu em termos de unidades políticas da monarquia. A partir de então temos uma ideia da prática destas estratégias de distinção e dos eventos que as tornaram possíveis. Mas, mesmo assim, após 664 no campo eclesiástico e após 685 no campo monárquico, existiu uma ação

do Outro, embora não admitida. O que mudou, a partir destes episódios, foi que a definição de fronteiras deixou de ser algo extremamente volátil e estas fronteiras criaram mais consistência, embora fossem fluidas.

No discurso sobre Ecgfrith da Nortúmbria, especialmente com suas invasões no reino de Meath, definimos um dos espaços interseccionais da outridade entre a identidade e a alteridade. Ecgfrith, que fazia parte dos agrupamentos da *gens Anglorum*, foi condenado por Beda por suas incursões em territórios Irlandeses. Isto nos indicou como Beda legitimou a integração do Outro (a outridade) com os Irlandeses da Britânia, mas enxergou os Irlandeses da Irlanda como um Outro de dois (a alteridade) quando postos diante da identidade coletiva que descrevia. A Hibernia foi, para Beda, um território dos Irlandeses, assim, o discurso bedaniano definiu como algo não pertencendo à *gens Anglorum* e legitimou onde termina a outridade e começa a alteridade.

Em um terceiro momento analisamos os Bretões. Sobre este grupo nos deparamos frequentemente com uma narrativa agressiva, guiada pela oposição. Debates, neste sentido, as hipóteses sobre a relação de Ingleses e Bretões no contexto da *gens Anglorum*. Enquanto alguns historiadores se guiaram por ideias de separação sob o termo excêntrico de um ‘*apartheid*’ para quebrar a ideia oitocentista de que houve um genocídio de Anglos e Saxões sobre as comunidades Bretãs, enxergamos a aculturação como um elemento mais sugestivo para definir as situações de outridade. Em casamentos interétnicos, clientela em relação a terra e a propriedade, e outras formas de assimilação sugeriram como a narrativa agressiva de Beda sobre os Bretões em grande medida foi uma resposta do monge para esta aculturação. Uma aculturação que ele mesmo testemunhava, um fator indissociável da percepção do Outro na *gens Anglorum*.

O discurso bedaniano também usou a datação da Páscoa para desarticular os Bretões dos espaços de cristandade da Gália de seu enredo. Especialmente porque Beda, um defensor da Páscoa de acordo com o costume Romano, vinculou o cristianismo dos Ingleses com a Gália para se afastar da ótica integracionista dos Bretões pela via do cristianismo compartilhado. Em termos eclesiásticos, também pensamos as complexidades da aculturação. Concluímos que Beda aplicou um essencialismo – do qual certamente não estava consciente do conceito, mas objetivava-o enquanto prática discursiva – contra o cristianismo dos Bretões através de sua *gens Anglorum*. Em termos étnicos, ele sugeriu que aconteceu uma interferência dos Ingleses em relação aos Bretões, uma intervenção carregada pela profissão do cristianismo em matrizes Franco Gálicas.

A partir destes fatos, apontamos que a hipótese das unidades plurais se mantém. Vemos fronteiras claras entre o discurso bedaniano aplicado em 731 com o contexto que o fez escrever sobre sua *gens Anglorum*. O *tropos* discursivo da *gens Anglorum*, ao redor de um enredo bem definido por Beda, indica como muitas das informações que temos sobre o Outro e, por

consequente, sobre o processo identitário dos Ingleses, foi um constructo de Beda sobre uma etnicidade situacional e fluida que atuou no discurso. Foi através da interpretação deste discurso e de sua historicização que separamos ficção e não-ficção no que Beda relatou na sua *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum*. Uma separação possibilitada por um enredo que historicizou a formação dos Ingleses em uma identidade condensada, que se criou a partir do Outro e se manteve na *Angelcynn*, a ser pormenorizada no capítulo que se segue.

Capítulo III: Situações de outridade na *Angelcynn*

Introdução

O segundo ponto de ebulição no recorte do processo formativo dos povos Ingleses é o contexto da *Angelcynn*. Este termo que simboliza a palavra em Inglês Antigo para ‘povos Ingleses’ nos aparece em duas fontes centrais: a *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* em Inglês Antigo (*Beda em Inglês Antigo* ou *OEHE*) e a *Crônica Anglo-Saxônica*. Estas duas fontes foram produzidas sob o mesmo prisma, estabelecido pelo rei Alfredo de Wessex. Partindo da ideia de que os dois documentos foram produtos de um projeto alfrediano definido pelo monarca, compreendemos como o Outro – na manifestação da outridade – apareceu no enredo das fontes. Interpretamos, então, a participação de duas etnicidades em específico no contexto da *Angelcynn*: os Bretões e os Daneses. A partir da análise de menções a estes agrupamentos étnicos, identificamos o processo formativo dos Ingleses por unidades plurais.

Em relação às fontes, da mesma forma que fizemos no capítulo anterior, mapeamos a fortuna manuscrita dos documentos. Este mapeamento é central para entendermos quais foram as dissonâncias que podem ter acontecido em questão de conteúdo dos manuscritos. Para *Beda em Inglês Antigo*, analisamos seis manuscritos, para a *Crônica*, investigamos sete.

A partir de considerações sobre o contexto alfrediano de produção daqueles documentos, nosso foco é as relações estabelecidas principalmente no reino de Wessex e secundariamente no reino de Mércia. Assim, os Bretões analisados são aqueles dos agrupamentos do centro-sul insular. Especificamente: a) os grupos étnicos dos reinos que fizeram parte do que depois se tornou Gales (Bretões Galeses) e b) os Bretões Córnicos, do Reino da Dumnonia. Ao abordarmos os Bretões na tradução de *Beda em Inglês Antigo*, analisamos como o documento, de certa forma, atenuou o tom de agressividade a estes povos que foi estabelecido na versão inicial. Esta suavização do discurso, na nossa interpretação, partiu de um caráter inventivo da tradução.

Sobre a modificação na narrativa sobre os Bretões, perguntamos: teria sido intencional a troca do tom dos tradutores ou foi uma falha na tradução? Para responder a esta pergunta, rastreamos os detalhes da dupla autoria da tradução. Esta dupla autoria aconteceu na ordenação feita por Alfredo (um *auctoritas* sobre o texto, isto é, uma autoridade) e no trabalho manual de tradução feito por seu biógrafo, o bretão Asser (um *auctor*). O discurso da *EH*, ao ser modificado, deixou de responder ao discurso bedaniano: a *gens Anglorum* se tornou parte do discurso alfrediano, a *Angelcynn*. Por este prisma, compreendemos o nível da participação de um Outro afiliado aos Bretões na constituição deste documento.

Em relação à análise contextual, os acontecimentos constam com uma temporalidade mais flexível. Em função de lidarmos com um documento do final do século IX, analisamos as

motivações de manutenção ou remoção de certos conteúdos que estavam presentes no original. Na *Crônica Anglo-Saxônica*, investigamos as aproximações das cortes de Wessex e da Dumnonia, como por exemplo nas tramas relacionadas ao reinado de Cynewulf, dispostas no trecho de 755.¹ Em relação à *OEHE*, nossa atenção está voltada para as equivalências das nomenclaturas entre Bretões e Ingleses que moldaram episódios centrais da formação da identidade da *Angelcynn*. Estas equivalências acontecem em dois casos: primeiro na aproximação entre Cadwalla ap Cadfan (r. 625 – 634), rei do reino bretão de Gwynedd, e Cædwalla, rei de Wessex (659 – 689). Ao investigar estas aproximações étnicas, visualizamos como a manutenção do discurso da tradução foi um elemento que reconheceu o papel dos Bretões dentro do processo formativo dos Ingleses.

O reconhecimento do papel dos Bretões no período analisado aconteceu na mudança da autoafirmação identitária dos Saxões Ocidentais, quando deixaram de se reconhecer como a ‘tribo de Gewisse’ e passaram a se identificar como os Saxões de Wessex. Outra equivalência está na aproximação referente à linhagem de Cerdic de Wessex (519 – 534) que tinha um nome equivalente ao do rei Bretão posterior do reino de Elmet, Ceredig ap Gwallog (560 – 616). Ao entendermos a nomenclatura do rei Cerdic de Wessex como de origem Bretã, surgem evidências de como as origens da linhagem de Alfredo de Wessex, o ordenador da tradução, assimilou e admitiu características étnicas dos Bretões integradas em sua genealogia. Assim, ao relacionarmos a participação deste Outro com a dinastia de Alfredo, demonstramos que os Bretões exerceram um papel importante no reconhecimento da genealogia do monarca.

Em relação aos Daneses, analisamos a *Crônica Anglo-Saxônica* para explorar a mudança da narrativa entre os finais do século VIII, quando se aplicava uma dicotomia entre Daneses e Ingleses, e a virada do século IX para o século X, quando se admitia a incorporação de Daneses nas unidades da *Angelcynn*. Na *Crônica* nos orientamos pelas terminologias múltiplas destes povos, encarando em um mesmo espectro termos que definem este grupo étnico: Daneses (*Dæniscra*) e Nórdicos (*Norðmann*). Ao interpretar o enredo do documento, apuramos como a aproximação entre estes dois povos aconteceu em classificações políticas e religiosas.

Em relação aos fatores políticos, esquadrihamos como se determinou a relação entre duas entidades políticas distintas a partir da década de 860, com os Ingleses sob a bandeira de Wessex de um lado e os Daneses sob uma ‘*Danelaw*’ em estabelecimento de outro, sem deixar de problematizar os usos deste segundo termo pela historiografia. Em relação às matrizes religiosas, entendemos o papel do termo de referência aos Daneses ‘*hæðen*’ (pagãos) e como ele foi também um elemento central para definir o papel militar destes agrupamentos étnicos através do seu *Grande Exército Pagão* que passou a excursar dentre os Ingleses a partir de 838. Em relação às

1 ASC, 755.

classificações religiosas, também examinamos alguns elementos que condensam diferenças, como: a) o fato que o enredo da *Crônica* usou uma ideia de ‘cristandade ampla’ para opor uma comunidade cristã majoritária; b) os relatos de peregrinações de monarcas da *Angelcynn* para Roma; e c) a formação de alianças matrimoniais. Em uma leitura tropológica da *Angelcynn*, entendemos que estes três fatores eram narrativas do discurso de outridade da *Crônica Anglo-Saxônica* em relação aos Daneses que funcionaram no sentido de estabelecer diferenças no costume religioso dos povos.

No exame dos Daneses enquanto um Outro, a questão militar é indissociável das situações de outridade. Assim mapeamos os conflitos entre Ingleses e Daneses que a *Crônica* relatou. Por estes conflitos, por exemplo, entendemos como o enredo definiu a participação do Outro e incorporou os Daneses às unidades da *Angelcynn*. Especificamente a partir da década de 860, quando se estabeleceu a *Danelaw*, visualizamos agrupamentos híbridos entre Ingleses e Daneses. Um hibridismo que é perceptível na documentação quando, por exemplo, a *Crônica* reconheceu os costumes de Daneses através do juramento de anéis e braceletes, se aquiesceu em relação à partilha de terras e admitiu a construção de fortes militares Daneses nas regiões da Ânglia Oriental, Kent e Essex. Por fim, as situações de outridade na *Crônica* também são percebidas nas menções secundárias de outros povos, como os Francos, os Frísios e os Escotos Irlandeses. O caráter secundário destes registros colocou os Daneses como povos em protagonismo para exercer outridade na constituição do trópico discursivo da *Angelcynn*. Desta forma, esmiuçamos alguns relatos de etnicidades secundárias de forma a compreender os ‘outros Outros’ que o documento descreveu.

3.1. Os manuscritos da *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* em Inglês Antigo²

Manuscrito Zu: O primeiro manuscrito é chamado de texto Zu, considerado o manuscrito mais antigo em circulação da *OEHE*. Este é o MS. Cotton Domitian A IX da *British Library*. Este manuscrito chama atenção por dois aspectos: o primeiro é que no *folio* 9 está presente o Manuscrito H da *Crônica Anglo-Saxônica*, sobre o qual falamos adiante, além do extrato da *OEHE* no *folio* 11, sendo este extrato o Manuscrito Zu. Nos outros *folios* que acompanham estes dois documentos estão: a *Epistola ad Heahfridum* de Aldhelm (f. 3r-7v), o alfabeto *De Formis Hebraicarum Litterarum* de Jerônimo (8r-v), um alfabeto rúnico do século IX (10r-v), os versos em calendário

² Esta análise foi parcialmente publicada em: NECKEL, Kauê J. Fragmentos de Unidade: o projeto Alfrediano na tradução de Beda para o Inglês Antigo e sua transmissão manuscrita. In: IV Encontro do GT de História Antiga e Medieval da ANPUH/SC, 2019, Blumenau. **Anais do IV Encontro do GT de História Antiga e Medieval da ANPUH/SC**. Blumenau: FURB, 2019. v. 1. p. 50-62.

Revelation Baetae Hildegardis (12r-17v), os versos proféticos *Versus prophetiales* de John Thwing de Bridlington (18r-83v), versos sobre a descoberta da Santíssima Cruz, junto a um *memorandum* de Eduardo IV da Inglaterra e uma lista de ducados referentes ao Condado de York (84r-85v) e a *Enchridion* de Agostinho de Hipona (86r-109v). Os extratos do texto *Zu* são referentes aos livros IV, I e II (nesta ordem) da *OEHE*. Sua origem remonta ao final do século IX com a adição de um alfabeto rúnico no final do século XI ou início do XII. Acreditamos que ele tenha sido escrito em Kent ou na Catedral de São Paulo, em Londres. Não se sabe sua proveniência quando foram feitas edições no século XII, mas sabemos que ele pertenceu ao já mencionado Sir Robert Talbot no século XV. Sharon Rowley³ sugeriu que pelo fato do manuscrito ser originário do século IX, ele circulou em diversos locais até a adição do alfabeto rúnico. O texto está inteiramente digitalizado.

Manuscrito T: É o MS. Tanner 10 da *Bodleian Library* depositado em Oxford. Este texto também é chamado de *Tanner Bede*, em função do manuscrito ter pertencido à Thomas Tanner (1674 – 1735) antes de chegar à biblioteca de Oxford em 1735. Antes disso, Rowley⁴ pontuou que os manuscritos estiveram na Abadia de Thorney no século XIV. Não se sabe quando eles foram movidos. Sua origem é da primeira metade do século X, entretanto, sua data de escrita é um objeto de debate. A filóloga Janet Bately,⁵ ao discutir a evidência linguística do documento, sugeriu que ele não é posterior à primeira metade do século X. O historiador Richard Gameson⁶ postulou que sua data de escrita é entre 890 e 930, provavelmente durante o reinado de Eduardo, o Velho (899 – 924). O debate também se alongou à origem do documento, enquanto Bately acreditava que era em Winchester, Gameson rejeitou essa ideia. Acreditamos que o documento tenha sido escrito por cinco diferentes escribas, do qual o primeiro participou da escrita de 102 dos 139 *folios* que compõe o documento, e que este mesmo escriba também tenha participado da fabricação do texto C da *OEHE*. Em relação ao acesso digital, 26 *folios* podem ser acessados digitalmente no site da *Bodleian Library*.

Manuscrito C: O manuscrito, dito, C, do texto de *Beda em Inglês Antigo*, é o MS. Cotton Otho B XI da *British Library*. O manuscrito foi escrito como uma continuação da *EH* e é outro manuscrito que tem evidência de conexão com o círculo alfrediano. O manuscrito consta com 53 *folios*, destes, os primeiros 38 (1r-38v) pertencem à versão em Inglês Antigo da *EH*. O texto A² da *Crônica Anglo-*

3 ROWLEY, Sharon M. *The Old English version of Bede's Historia Ecclesiastica*. Cambridge: D. S. Brewer, 2011. p. 29.

4 Ibid. p. 30.

5 BATELY, Janet. *Anglo-Saxon Chronicle: texts and textualls relationships*. Reading: University of Reading, 1991. p. 11.

6 GAMESON, 'Alfred the Great and the Destruction and Production of Christian Books', 1992, p. 176 In: ROWLEY, S. Ibid. p. 30.

Saxônica está entre os *folios* 39r e 47v. Entre os *folios* 48r e 53v estão os códigos de leis do período, são eles: as *Leis de Ina de Wessex*, as *Leis de Aethelstan II* e as *Leis de Alfredo, o Grande*. O apêndice dos documentos complementares é do período medieval e não é coincidência que tantos documentos ligados ao círculo alfrediano e ao reino de Wessex estejam reunidos. A descoberta de evidências textuais recentes indica que no século X os manuscritos estiveram anexados à *Lista Genealógica de Reis de Wessex*, fato que suplementa a proximidade com o círculo de Alfredo, como o indicado por Greg Waite em 2015.⁷ De acordo com Waite, a *Lista Genealógica dos Reis de Wessex* ficou do século XI até meados do século XVI anexada ao manuscrito. Além disso, acreditamos que o escriba deste documento seja o mesmo da *Parker Chronicle*, um dos manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica*, conforme Neil Ripley Ker e Malcom Parkes indicaram.⁸ Sharon Rowley afirma que a composição do documento foi feita juntamente ao MS. CCCC 173 que está no *Corpus Christi College*, sendo este o manuscrito A¹ da *Crônica Anglo-Saxônica*, reforçando uma hipótese de conexão entre os dois manuscritos. A origem do manuscrito data da metade do século X em Winchester, sendo uma cópia de um manuscrito anterior. Após isto cremos que o documento esteve no monastério de Southwick. O texto ali ficou até o século XVI, quando se sabe que houve uma cópia feita por Sir Lawrence Nowell em 1562, o MS Additional 43703 da *British Library*. O manuscrito esteve nas mãos de diversos colecionadores. Saiu das mãos Sir Robert Cotton em 1621, quando foi emprestado para Sir William L'Isle (1569 – 1637), que o repassou para Abraham Wheelock (1593 – 1653)⁹ que realizou uma edição própria do manuscrito em 1643, assim como o fez John Smith em 1722 após a edição detalhada de Humfrey Wanley (1672 – 1726) em 1705, antes da edição final – da qual temos acesso – realizada por Thomas Miller entre 1890 e 1898. Os manuscritos não estão disponíveis digitalmente pois foram danificados em um incêndio que ocorreu em 1731. É cobrada uma carta de intenções para o pesquisador que deseja consultá-los.

Manuscrito O: O manuscrito O é o MS 279B do Corpus Christ College de Oxford. Este manuscrito conta com 161 *folios*. Peter Strokes¹⁰ indicou que este manuscrito da *OEHE* foi escrito por três diferentes escribas, o primeiro escreveu o tronco do manuscrito, o segundo escreveu entre os *folios* 11v e 149v e o terceiro escreveu os *folios* 47r-v, enquanto outros escribas fizeram alterações no manuscrito. A origem do manuscrito é incerta, mas Sharon Rowley disse que ele

7 WAITE, Greg. The Preface to the Old English Bede: authorship, transmission, and connection with the West Saxon Genealogical Regnal List. *Anglo-saxon England*, [s.l.], v. 44, dez. 2015. p. 2.

8 ROWLEY, S. The Old English version of Bede's *Historia Ecclesiastica*. op. cit. p. 33.

9 Wheelock foi um dos primeiros 'historiadores' a trabalhar com os manuscritos em Inglês Antigo. Michael Murphy e Edward Barrett indicam, de forma convincente, que Wheelock o fez objetivando a conversão de muçulmanos ao cristianismo, e enxergou em obras do período o espaço profícuo para que isso acontecesse. Ver: MURPHY, Michael. BARRETT, Edward. Abraham Wheelock, Arabist and Saxonist. *Biography*, v. 8. n. 2. 1985. p. 163-185.

10 ROWLEY, S. The Old English version of Bede's *Historia Ecclesiastica*. op. cit. p. 34.

começou a ser escrito na primeira metade do século XI. N. F. Ker¹¹ propôs que o manuscrito esteve sob a posse de Brian Twyne (1580 – 1644), dado que ele escreveu uma palavra no *folio* 101v, do qual foi unido com uma cópia em Latim do manuscrito do século XIV, o MS 279A, que por sua vez, esteve sob a posse de John Twyne (1505 – 1581). Estas duas cópias foram separadas na metade do século XVII e reunidas novamente apenas em 1992. Acreditamos que quando o manuscrito esteve sob John Twyne ele esteve na St. Augustine Abbey em Canterbury até 1538, quando a abadia foi dissolvida. Mas foi das mãos de seu neto, Brian Twyne, que o texto foi entregue à biblioteca do Corpus Christi College de Oxford, atualmente estando depositado no acervo da *Bodleian Library* e estando inteiramente digitalizado.

Manuscrito B: O manuscrito B é o CCCC MS 41, do Corpus Christi College de Cambridge. Sua origem é de algum lugar do sul da Inglaterra, Peter Strokes¹² indicou que foi em Crediton, Devon. Sua data de escrita está na primeira metade do século XI. Após isto, sabemos que o manuscrito foi dado para a Catedral de Exeter pelo bispo Leofric (1050 – 1072). Rowley sugeriu que houve dois escribas que participaram na escrita simultaneamente. Em algum momento da metade do século XI um terceiro escriba adicionou ao texto uma martirologia em Inglês Antigo, um verso em Inglês Antigo entre Salomão e Saturno, seis homílias anônimas em Inglês Antigo e extensivos materiais litúrgicos em Latim. No século XVI, o manuscrito chegou às mãos de Matthew Parker (1504 – 1575), patrono da *Parker Library* do Corpus Christi College de Cambridge, mas também tem inscrições de que esteve nas mãos de Abraham Wheelock e John Joscelyn (1529 – 1603). O manuscrito está integralmente digitalizado no site da *Parker Library*.

Manuscrito Ca: O manuscrito Ca atualmente é o MS. Kk 3.18 da University Library de Cambridge. O manuscrito contém 99 *folios* e é considerado uma cópia fiel do Manuscrito O (CCCC MS. 279B) pois tem as mesmas lacunas dos livros II e III, assim como as mesmas traduções do livro III. Sua origem é do priorado da Catedral de Worcester, onde foi escrito provavelmente entre 1062 e 1095. Este é o único texto que sabemos exatamente quem foi um dos seus escribas, Hemming (? - ?), um escriba que trabalhava em Worcester durante o episcopado de Wulfstan (? - 1095). Além disto, ele também foi usado e recebeu anotações de Coleman, que era chanceler de Wulfstan em Worcester em 1089 e depois se torna prior de Westbury-on-Trim em 1093. Além disso, acreditamos que no século XIII houve anotações de um personagem chamado de ‘Mão que Treme

11 Ibid. p. 33.

12 Ibid. p. 36.

de Worcester¹³ que ficou conhecido por fazer diversas anotações irregulares em manuscritos do período. O manuscrito ficou em Worcester até o século XVI, quando passou às mãos de Robert Talbot (1505 – 1558), após isso chegou a Matthew Parker, quem doou à University Library de Cambridge em 1574.

Para este manuscrito, mencionamos o texto de George Molyneaux. O historiador indicou alguns questionamentos sobre a conexão com o círculo Alfrediano.

No *Cambridge University Library* MS Kk. 3.18, a **lista genealógica real dos reis de Wessex até Alfredo** é inserida entre o prefácio e os cabeçalhos do capítulo. Genealogias foram um dos significados pelo qual a Casa de Cerdic procurou legitimar-se, mas a lista não é presente dentro de outro texto existente de Beda em Inglês Antigo e pode bem ter sido inserido antes deste fragmento ter sido escrito na segunda metade do século XI. A incorporação da lista real terminando com Alfredo pode ter sido solicitado pela tradição, da qual foi desenvolvida pelo tempo de Ælfric se não antes, que Alfredo era usado, ainda menos concebido, como um trabalho de propaganda.¹⁴ [Grifo nosso]

As reflexões de Molyneaux são pertinentes, embora o principal argumento de seu artigo é a retirada da construção identitária alfrediana deste manuscrito indicando ser um documento destinado a instrução cristã. A presença da *Genealogia Real dos Reis de Wessex* conectada ao documento não está por acaso: Alfredo participou desta tradução. Isto é o que Gregory Waite argumentou, ao dizer que “A adição de um prefácio, acompanhado pela *Lista Real* para cópias de *Beda em Inglês Antigo* em ao menos um ramo de transmissão provém uma nova perspectiva na cópia e disseminação desta tradução em centros de aprendizado no período Alfrediano¹⁵ e na metade de século posterior”¹⁶. Uma reflexão mais próxima da nossa proposta, portanto.

13 FRANZEN, Christine. **The Tremulous Hand of Worcester: A Study of Old English in the 13th Century**. Oxford: 1991.

14 Tradução de: “In Cambridge University Library, MS Kk.3.18, the genealogical regnal list of the West-Saxon kings to Alfred is inserted between the preface and the chapter headings. Genealogies were one of the means by which the House of Cerdic sought to legitimate itself, but the list is not present within any other extant text of the OEB and it may well not have been inserted before this manuscript was written in the second half of the eleventh century. The incorporation of a regnal list terminating with Alfred might have been prompted by the tradition, which had developed by Ælfric’s time if not before, that Alfred was responsible for the OEB; it does not demonstrate that the OEB was used, still less conceived, as a work of propaganda.” MOLYNEAUX, G. *The Old English Bede: English Ideology or Christian Instruction?* op. cit. p. 29-30.

15 Uma instrumentalização das balizas do chamado ‘período Alfrediano’ está no capítulo II da tese de Elton Medeiros. MEDEIROS, Elton. **Dominus exercituum: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano**. 2011. 381 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.

16 Tradução livre de: “The addition of a Preface, accompanied by the Regnal List, to copies of the OE Bede in at least one branch of transmission provides a new perspective on the copying and dissemination of this translation at centres of learning in the Alfredian period and the half-century thereafter.” WAITE, Greg. *The Preface to the Old English Bede: authorship, transmission, and connection with the West Saxon Genealogical Regnal List*. **Anglo-saxon England**, [s.l.], v. 44, p.31-93, dez. 2015.

Neste sentido, este manuscrito é o último fragmento de conexão de Alfredo e as produções de seu círculo. Foi propriamente de seu círculo que saiu o documento que está em um segundo plano no presente trabalho, a saber, a *Crônica Anglo-Saxônica*.

3.2. Os manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica*

Sobre os manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica*, o primeiro é chamado de A, do qual é dividido a partir do A¹, do qual é agora o MS 173 da biblioteca do *Corpus Christi College* em Cambridge. Este manuscrito conta a história da Ilha Britânica desde o ano um até 1070. Há também o manuscrito A² (Brit. Mus. MS Cotton, Otho B XI) ou também chamado de manuscrito G, que está no *British Museum*, sendo uma cópia do A¹ feita em Winchester no século XI. Há o B (Brit. Mus. MS Cotton, Tiberius A VI) que conta os fatos do ano 977 ao ano 1000. O manuscrito C (Brit. Mus. MS Cotton, Tiberius B I) escrito em diversas mãos até 1066. Outros dois manuscritos, o D (Brit. Mus. MS Cotton, Tiberius B IV) é escrito em York até 1079 e o também o E (Bodleian, MS Laud 636) escrito em mão única em Peterborough até 1121, que atualmente está na *Bodleian Library* em Oxford. Por fim, o último manuscrito original é o F (Brit. Mus. MS Cotton, Domitian A VIII) que é o texto bilíngue escrito em Canterbury de 1100 até 1154. Há cópias dos manuscritos posteriormente produzidas, como o manuscrito H (Brit. Mus. MS Cotton, Domitian A IX) que relata os anos de 1113 e 1114, da qual nos debruçaremos mais adiante. As informações foram trazidas a partir das análises de Peter Hunter Blair¹⁷ que foram confirmadas e aprimoradas pelos cuidadosos estudos lexicais da filóloga Janet Bately¹⁸ além do trato direto com as imagens dos manuscritos originais junto ao caderno de manuscritos da então curadora da *British Library* Michelle P. Brown.¹⁹ Tais informações constam na edição feita por J. A. Giles.²⁰

Para facilitar o uso das informações separamos em tópicos a explanação da tradição manuscrita para cada um dos manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica*. Todas as informações aqui são oriundas das respectivas bibliotecas digitais nas quais os manuscritos se encontram.

Manuscrito A¹: O MS 173 é um manuscrito que se encontra atualmente na biblioteca do *Corpus Christ College*, em Cambridge, Inglaterra. O CCCC MS 173 é chamado de *Parker Chronicle*, em função de que ele se encontra especificamente na *Parker Library*, biblioteca iniciada pelo colecionador de manuscritos do século XVI, Matthew Parker. O manuscrito foi escrito

17 BLAIR, P. H. *Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 337-338.

18 BATELY, Janet. *The Anglo-Saxon Chronicle: texts and textuals relationships*. Reading: University of Reading, 1991. p. 1-62.

19 BROWN, M. *Anglo-Saxon Manuscripts*. op. cit. p. 44.

20 GILES, J. A. *Bede's Ecclesiastical History of England also the Anglo-Saxon Chronicle*. Londres: Graham Bell & Sons, 1903. p. xxx-xliv.

majoritariamente em Inglês Antigo, entretanto, consta com outros documentos anexados que estão em Latim. Neste manuscrito, no *folio* 49v estão anexadas as *Leis de Ina de Wessex*, que são base para as posteriores – e também anexadas – *Leis de Alfredo, o Grande*, escritas em Inglês Antigo. Parte destas leis são inclusive mais velhas que a própria *Crônica*. As *Leis de Ina* por exemplo, são oriundas do século VII. Além disso, no *folio* 57r também há uma lista de bispos Ingleses e uma lista de papas. Outros documentos também estão anexados neste manuscrito: as poesias de Sedulius, um poeta do século V, e também evangelhos em verso de Virgiliano, a *Acta Lanfranci*, que é a continuação em Latim das passagens da *Crônica Anglo-Saxônica* após 1087, duas cartas para Macedonius, o Hino *A Solis Ortus Cardine*, versos do bispo Damasus para São Paulo, o poema *Elegia* e excertos da *De Civitate Dei* com três profecias de Sybiline. Este manuscrito é o mais velho que ainda sobrevive, sendo provavelmente o primeiro compilado a mando de Alfredo, o Grande. O manuscrito ficou em Winchester até 1100, quando foi movido para a biblioteca da Christ Church em Canterbury. A biblioteca não dispõe de sua trajetória entre o século XII e o século XVI, fato é que estava em mãos de Matthew Parker quando este começou sua coleção de manuscritos que deram origem à *Parker Library* do Corpus Christ College. O manuscrito tem 56 *folios* que pertencem à escrita da *Crônica* em Inglês Antigo, enquanto outros 27 são dos documentos anexados já mencionados. O manuscrito foi digitalizado em fevereiro de 2019.

Manuscrito A²/G: O manuscrito A² da *Crônica Anglo-Saxônica* se encontra na *British Library* sob a catalogação MS Cotton Otho B XI. Este manuscrito não está aberto digitalmente e a biblioteca cobra uma carta de introdução a todos os pesquisadores que queiram consultá-lo. O manuscrito é escrito como uma continuação da *EH*. Existem 53 *folios* no manuscrito, destes, os primeiros 38 (1r-38v) pertencem à versão em Inglês Antigo da *EH*. O texto A² está entre os *folios* 39r e 47v. Entre os *folios* 48r e 53v estão os códigos de leis, são eles: as *Leis de Ina de Wessex*, as *Leis de Æthelstan II* e as *Leis de Alfredo, o Grande*. O MS Cotton Otho B XI é considerado por alguns pesquisadores como sendo uma cópia feita do manuscrito A¹, por isso chamado de A² em certos círculos²¹ pois acreditamos que Alfredo, em seu tempo, mandou distribuir diversas cópias do manuscrito pelos centros religiosos de Wessex. Outros pesquisadores, no entanto, chamam de manuscrito G, dado que ele preserva certo caráter independente, sendo esta a referência dada pela *British Library*. A origem do manuscrito está no ambiente de escrita de Winchester, onde data provavelmente entre metade do século X e início do século XI. Após isto, verificamos que o manuscrito chegou ao monastério de Southwick (que tem sua data de fundação em 1133). Depois o manuscrito passou às mãos da família Cotton, especificamente sob a tutela de Sir John Cotton (1680 – 1731) estando depositado no

21 BLAIR, P. H. *Anglo-Saxon England*. op. cit. p. 337.

castelo de Connington. Como já citado, no ano de 1731 o manuscrito foi danificado em um incêndio, portanto, a maioria dos fragmentos da *Crônica* foram destruídos e os poucos que sobreviveram estão chamuscados. Durante o século XVI houve uma primeira transcrição deste manuscrito, sendo atualmente a MS 43703 do *British Museum*, que fora publicada em Cambridge em 1643.²²

Manuscrito B: O MS Cotton Tiberius A VI é o texto B da *Crônica Anglo-Saxônica*. Este documento está na *British Library* e tem 199 *folios*. Destes 199, os primeiros 35 *folios* (1r-35v) são pertencentes ao texto da *Crônica Anglo-Saxônica*. Ali estão presentes as passagens do ano 977 ao ano 1000, que foram escritas em mão única no meio do século X, com adições posteriores de listas de arcebispos de Canterbury entre o final do século XI e início do século XII. Sua origem provavelmente é da abadia de Abingdon. Em relação a sua trajetória, a parte referente ao texto B sai de Abingdon e no final do século XI vai ao priorado da Catedral de Christ Church em Canterbury, com marcas dos *folios* 35r-v provavelmente adicionadas ali. Após isto, o manuscrito é levado à St. Augustine Abbey em Canterbury, do qual passa a estar sob a tutela do antiquário John Joscelyn. Depois, então, o documento passa à tutela de John Twyne sendo repassado para Laurence Nowell que fabrica uma cópia que atualmente é o Brit. Lib. MS Cotton Domitian A XVIII. Depois novamente volta à tutela de John Joscelyn que realiza outra cópia, atualmente depositada na *Bodleian Library* em Oxford (MS 661). Os outros documentos anexados são cartulários da Catedral de Ely (36r-120v), dos quais possuem manuais de inquisições como a *Inquisitio Eliensis* e a *Inquisitio comitatus Cantabrigiensis*, que foi copiada no final do século XII e início do século XIII e uma crônica da história inglesa entre 1042 e 1346 copiada na segunda metade do século XIV. As passagens referentes à *Crônica Anglo-Saxônica* estão em Inglês Antigo, mas os cartulários estão em Latim e a segunda crônica em Inglês Médio (*Middle English*, ou idioma anglo-normando). O MS Cotton Tiberius A VI foi escrito em pergaminho e também foi parcialmente destruído no incêndio de 1731, havendo uma reencadernação em 1962, apesar disso, seu acesso físico é restrito, mas ele está inteiramente digitalizado.

Manuscrito C: O MS Cotton Tiberius B I consta com 165 *folios* e está atualmente na *British Library*. O documento atualmente está inteiramente digitalizado. O texto C da *Crônica Anglo-Saxônica* corresponde aos *folios* 115v-164r e retrata as passagens até 1066, escritas em Inglês Antigo. Os outros documentos anexados são: tradução para o Inglês Antigo da *Historia Adversus*

²² Para esta cópia em específico, recomendamos ler os estudos de Raymond Grant, lançados na 3ª edição da revista *Anglo-Saxon England*. GRANT, Raymond J. S. Laurence Nowell's Transcription of BM Otho B xi. **Anglo-Saxon England**. v. 3. Dec. 1974. p. 111-124.

Paganum de Orósio (1r – 111v), um *Menologium* (112r – 114v), um texto pertencente à Maxims II (115r – 115v) e uma folha final (165v). A origem do manuscrito C está associada com o manuscrito B por conta do início do registro dos fatos. Sua origem está na abadia de Abingdon, onde ficou provavelmente entre a metade do século XI, quando foi escrito, e o final do século XII. Após este período, sabemos que na metade do século XVI esteve com Sir Robert Recorde (1512 – 1558), quem realizou uma cópia que atualmente é o MS 138 da biblioteca do Corpus Christ College, em Cambridge. Após isto, passou às mãos de Robert Talbot, quem escreveu seu nome no *folio* 3r. Depois o manuscrito foi emprestado à John Leland (1503 – 1552) que copiou uma parte e anexou à sua *Collectanea* sendo atualmente o MS Cotton Julius C. Por fim, o manuscrito foi às mãos do já mencionado Lawrence Nowell que copia os extratos entre os *folios* 94r e 107v, anexando ao MS 43703 do Corpus Christ College.

Manuscrito D: O MS Cotton Tiberius B IV tem 218 *folios* e atualmente está na *British Library*. O texto D da *Crônica Anglo-Saxônica* está entre os *folios* 3r e 86v e foi escrito em Inglês Antigo. Além disso, também no MS Tiberius B IV estão alguns excertos do texto E da *Crônica Anglo-Saxônica*. Os documentos que estão anexados são uma pequena tabela contendo notas (1r), um frontispício cottoniano (2r), dois escritos do rei Canuto datados de 1035 (87r-v), a cópia realizada do texto E da *Crônica Anglo-Saxônica* por John Joscelyn (88r-90v) e a Crônica de Walter Guisborough copiada entre o século XIV e o século XV. A criação do texto D data da metade do século XI, escrito provavelmente em York, entretanto, a hipótese de que foi escrito em Worcester não é descartada.²³ Fato é que o manuscrito esteve no priorado da Catedral de Worcester em 1565, quando foi resgatado por John Joscelyn. Como dito, o manuscrito pertenceu a John Joscelyn antes de parar na *British Library*, quem colocou sua marca nos *folios* 10r e 18v. O manuscrito está inteiramente digitalizado.

Manuscrito E: O MS Laud 636 atualmente está na *Bodleian Library* em Oxford. São 187 *folios* no manuscrito que foi escrito majoritariamente em Inglês Antigo. Segundo a *Bodleian Library*, existem informações em francês referentes aos anos de 1131 e 1140, além também de passagens em Latim. A origem do manuscrito é de Peterborough, onde se relatou as passagens até o ano de 1100. O manuscrito começou a ser escrito provavelmente em 1121 e termina em 1140. A *Bodleian Library* não dispõe de informações sobre a tradição manuscrita do texto, entretanto, a *British Library* afirma

23 WHITELOCK, Dorothy. The Peterborough Chronicle. In: WHITELOCK, Dorothy. **Early English Manuscripts in Facsimile**. 4 ed. Copenhagen: 1954. p. 23-29.

que ele esteve nas mãos de John Joscelyn, quem adicionou uma cópia com informações sobre as passagens referentes aos anos entre 1123 e 1131. O texto está integralmente digitalizado.

Manuscrito F: O MS Cotton Domitian A VIII é a versão bilíngue dos manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica*. O manuscrito F foi escrito parcialmente em Inglês Antigo e parcialmente em Latim. O MS Domitian A VIII tem 175 *folios*, em que o texto F corresponde aos *folios* que estão entre o 30r e o 70v. Os outros textos anexados são: um índice do manuscrito organizado posteriormente (*folio* 1); uma compilação de manuscritos, incluindo: *Libellus de primo Saxonum aduentu*, uma carta do papa Pascal II, *Concordat of Worms*; um documento chamado *Planctus* de Oedipus; um texto sem título de Hildebert de Le Mans e a *De sancta Trinitate* (f. 2r-13v); *folios* em branco (14r-15v; 69r-71; 95r; 110v-111r); uma crônica de Noé para Luís, o Piedoso (16r-29v); uma crônica atribuída à Roberto de Torigni (1153 – 1179; f. 71r-94v); o *Quadripartitus* de Henrique I (95r-110v); a *Historia Anglorum* de Henry de Huntindgom junto a uma carta de coroação de Henrique I (111r-119v); uma lista de duques galeses, acompanhada da *Genealogia Regum Anglorum* com outros documentos minoritários (120r-125v); a *Crônica de Gloucester* e registros da Abadia de São Pedro em Gloucester (126r-161v); o abecedário e calendário *Scutum Dei Triangulum* (162r-175v) e uma carta de William Spring para Sir Simond D'Eves (175r-175v). Em relação ao texto F da *Crônica Anglo-Saxônica*, sua origem é do priorado da Catedral de Christ Church em Canterbury, com escrita datada do final do século XI para o início do século XII. Seu escriba provavelmente foi o mesmo da versão A¹ (MS 173 do Corpus Christ College). O documento ficou em Canterbury até ser repassado ao colecionador Matthew Parker que também era arcebispo de Canterbury. Após isto, o manuscrito esteve nas mãos de Sir Robert Talbot, que pôs anotações no *folio* 39v. Depois pertenceu à William Lisle (1569 – 1637) e depois à William Camdem (1551 – 1623), antes de chegar na *British Library*. A cópia original está inteiramente digitalizada. O manuscrito por ser um texto bilíngue, tem um *fac-símile* realizado pelo historiador David Dumville em 1995.

3.3. Os Bretões na *Angelcynn*

O ponto de partida para a análise da participação dos Bretões na *Angelcynn* são dois agrupamentos. Enquanto na *gens Anglorum* majoritariamente os grupos analisados foram os Bretões Setentrionais que ocupavam os territórios de Strathclyde e Cúmbria, neste capítulo centralizamos as análises para os ajuntamentos dos Bretões Galeses, que habitaram o que hoje é o chamado País de Gales e os Bretões Córnicos, na atual Cornualha. Este ajuste territorial se deve pelas fontes: a *OEHE* e a *Crônica Anglo-Saxônica* foram produtos do discurso alfrediano. Além da temporalidade

ser mais avançada, pois aqui nos debruçamos sobre o segundo ponto de ebulição da formação dos povos Ingleses que começou em 871 e acabou em 899, o discurso alfrediano também foi geograficamente distinto. A sede deste discurso é Winchester, a capital de Wessex, local que o *scriptorium* de Alfredo tomava corpo. No discurso da *Angelcynn* enxergamos uma ‘Inglaterra’ cada vez mais centralizada, mas com consideráveis situações de pluralidade.

Uma característica que nos chama atenção é como a *OEHE* suaviza o tom de agressividade de Beda. Os Bretões foram artificialmente vistos como ‘aliados’ por compartilharem uma instrução cristã em comum com a *Angelcynn*.²⁴ Nicholas J. Higham refletiu que Bretões e Ingleses disputavam soberania sobre um Deus Cristão que estivesse de acordo com os costumes de seus respectivos agrupamentos étnicos.²⁵ A hipótese do autor é interessante: ela nos é um indicativo de que, embora houvesse reforma majoritária do tom de agressividade aos Bretões da *EH* em Latim, alguns trechos ofensivos foram mantidos. Mesmo que presente, a narrativa agressiva aos Bretões foi consideravelmente mais descentralizada na tradução.

No trecho a seguir temos a primeira evidência de como a *Angelcynn* alfrediana reeditou alguns dos trechos mais simbólicos sobre o estabelecimento dos Anglos e dos Saxões e sua relação com os Bretões da *EH* em Latim:

Eles, de uma vez só, tomaram o campo contra o **inimigo**, quem havia frequentemente antes sobreposto a terra do norte; e os **Saxões ganharam a vitória**. Eles mandaram mensageiros para casa, a quem eles ordenaram reportar a fertilidade desta terra e a **covardia** dos Bretões. Imediatamente uma frota maior foi mandada aqui, com uma força maior de guerreiros; e a horda quando unida subjugou resistência. **Os Bretões os deram e os atribuíram assentamentos dentre eles, na condição de lutar pela paz e pela segurança de seu país** e resistindo a seu inimigo, enquanto os Bretões também os proveram com manutenção e propriedades em retorno para seus trabalhos. (*OEHE*, I, XII)²⁶ [Grifo nosso]

Analisamos dois pontos: o primeiro é o discurso de centralidade dos Saxões, este muito mais sutil, e o segundo é a reforma do conteúdo da tradução. Na *EH* em Latim há uma descrição detalhada sobre a relação dos Bretões com os Romanos, em que os Bretões foram descritos como encurralados diante de Irlandeses e Pictos no norte da ilha. A tradução da *EH*, neste sentido, trocou a ênfase. Enquanto Irlandeses e Pictos foram pormenorizados na versão latina, em *Beda em Inglês*

24 MOLYNEAUX, George. *The Old English Bede*. op. cit.

25 HIGHAM, Nick. *Historical Narratives as Cultural Politics: Rome, ‘British-ness’ and ‘English-ness’*. In: HIGHAM, Nick (org.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 68-79. [Citação p. 75]

26 Original em Inglês Antigo: “7 Seaxan Ða sige geslogan. Ða sendan hi ham ærenddracan 7 heton secgan Ðyssess landes wæstmbærnyse, 7 Brytta yrgÐo. 7 hi Ða sona hider sendon maran sciphere strengran wighena; 7 wæs unoferswiðendlic weorud, Ða hi todære geÐeodde wæron. 7 him Bryttas sealdan 7 geafan eardungstowe betwih him Ðæt hi for sibbe 7 hælo heora eðles campodon 7 wunnon wið heora feondum, 7 hi him andlyfne 7 are forgeafen for heora gewinne.”

Antigo eles foram rotulados apenas como ‘inimigos’ (*feondum*, no trecho em Inglês Antigo), embora os Bretões mantivessem seu *status* de covardes (*yrgPo*). Isto fez com que a tradução enfocasse nos Saxões como elementos centrais do trecho, especialmente em função de que eles conseguiram a vitória (*sige*), declarado na primeira frase no trecho em Inglês Antigo (*Seaxan Pa sige*). Este é um ponto bastante interessante dado que é perceptível a partir de que prisma estava posicionado o enredo discursado pela tradução. Ao colocar o foco na vitória dos Saxões – e não nos Anglos de Mércia, como algumas hipóteses concebem a origem da tradução²⁷ – percebemos que são os Saxões que delimitaram o discurso. Enquanto a *EH* em Latim, escrita na Nortúmbria, definiu os Pictos e Irlandeses pois estes faziam parte do cotidiano dos Ingleses Anglos, os Saxões Ocidentais de Wessex, por outro lado, ‘orientalizaram’ estes povos através de um único termo: o inimigo (*feondum*).²⁸ Percebemos esta transformação do local de escrita do documento na tradução no discurso que modificou o conteúdo original. Esta mudança discursiva passou pelo que Sarah Foot chamou da criação de um ‘maquinário da corte de Wessex’.²⁹ Aqui vemos especificamente como uma *Angelcynn* alfrediana construiu seu enredo a partir da perspectiva da *gens Anglorum* Bedaniana. Mas, mesmo que houvesse este ponto de partida, o seu campo narrativo foi centralizado em Winchester onde estava a corte alfrediana, ou seja, uma outra perspectiva de um mesmo tipo de ‘unidade étnica’ prospectada pelos autores.

O outro elemento, este muito mais evidente, foi o caráter inventivo (da *inventio*) da tradução ao Inglês Antigo que reformou o conteúdo do original em Latim.³⁰ Na versão latina deste trecho Beda citou:

Os miseráveis Bretões foram feitos em pedaços pelos seus inimigos como cordeiros por bestas selvagens. Eles foram expulsos de suas moradias e suas propriedades pobres, cometendo latrocínios e extermínios mútuos. (*EH*, I, XII)³¹

Existe uma diferença em relação ao trecho em Inglês Antigo. Enquanto a narrativa característica da *gens Anglorum* citou que os Bretões foram mortos e, principalmente expulsos de sua moradia, a tradução de Beda ao Inglês Antigo trocou o sentido de que os Bretões atribuíram ‘assentamentos’ (*landes*), provendo ‘propriedades’ (*eardungstowe*) aos Saxões. Ou seja, a reforma central intencionada pela tradução foi de que os Bretões e Saxões se assentaram em territórios compartilhados. O sentido de que os Saxões chegaram ali pelo genocídio e expulsão dos Bretões se

27 MILLER, T. The Old English version of Bede’s Ecclesiastical History of the English People. op. cit.

28 Uso do conceito de um ‘outro’ intencionalmente marginalizado de acordo com SAID. E. O Orientalismo. op. cit.

29 FOOT, S. The Making of *Angelcynn*. op. cit.

30 COPELAND, R. Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages. op. cit.

31 Original em Latim: “Sicut enim agni a feris, ita miseri ciues discernuntur ab hostibus; unde a mansionibus ac possessiunculis suis eiecti, imminens sibi famis periculum latrocinio ac rapacitate mutua temperabant”

transformou para uma certa aquiescência dos nativos em relação aos recém-chegados do continente no contexto do *Adventus Saxonuum*.

Um ponto que ressaltamos nesta reforma discursiva são as passagens do documento inicial envolvidas em uma linguagem étnica. Esta linguagem étnica, como extensivamente mencionado por nós até aqui, é uma oferta alternativa para analisar proposições comuns de que a *OEHE* foi um dos documentos do contexto de criação de uma identidade nacional. Sharon Rowley, por exemplo, declarou que “a conexão entre o termo *gens Anglorum* de Beda e o termo *Angelcynn* repousa no coração dos argumentos no que se refere ao desenvolvimento de uma identidade Inglesa nacional via língua”.³² Dificilmente a mudança discursiva e terminológica esteve relacionada com o caráter nacional que Rowley constantemente reafirmou em sua obra. Ao cambiarmos a leitura contextual da nação para a etnia vemos como os agrupamentos étnicos continuaram em protagonismo. Nos posicionamos, então, de acordo com sugestões mais plurais e menos essencialistas de Kathleen Davis, que primorosamente colocou a *OEHE* como uma evidência para desconstruir uma ‘escrita nacional’ no século IX.³³ Este tipo de escrita nacional, para Davis, foi uma construção feita muito mais pelos historiadores do que um ponto que os escritores da época estariam conscientes. A remodelagem do discurso sobre os Bretões, para nosso prisma, sugeriu como o sentimento de etnicidade pautava o contexto no século IX.

A reforma da tradução alfrediana de Beda, portanto, removeu parcialmente o caráter antagônico que a narrativa da *gens Anglorum* aplicou sobre os Bretões. Embora a tradução mantenha a narrativa agressiva de Beda, percebemos como os Bretões ocuparam um papel completamente oposto na *Angelcynn*. Neste contexto para polarizar com os inimigos Daneses, o próprio Alfredo ordenou incursões para tomada de territórios em Gales em torno da década de 870. O rei de Wessex objetivava construir uma espécie de unidade cristã contra os pagãos.³⁴ Este objetivo é um sinal que seria parte do projeto alfrediano manter os Bretões em um mesmo guarda-chuva, em que visualizamos mais como um povo que compartilha matrizes, o passado ou até mesmo a terra ante seus verdadeiros inimigos oriundos da Escandinávia no contexto da *Angelcynn*. *Beda em Inglês Antigo* certamente foi um espaço historiográfico que expressou esta aproximação a partir da reforma do discurso sobre os Bretões.

Para além da discutida problemática da aculturação, levantamos uma questão: teria sido intencional a troca do conteúdo do trecho na tradução ou uma falha na interpretação dos tradutores?

32 “The connection between Bede’s term *gens Anglorum* and the term *Angelcynn* lies at the heart of arguments concerning the development of English national identity via language.” ROWLEY, S. *The Old English version of Bede’s Historia Ecclesiastica*. op. cit. p. 60.

33 DAVIS, Kathleen, ‘National Writing in the Ninth Century: A Reminder for Postcolonial Thinking about the Nation’, *Journal of Medieval and Early Modern Studies*. n. 28. 1998. p. 611–37.

34 YORKE, B. *Kings and Kingdoms*. op. cit.

Andreas Lemke, em sua tese sobre a tradução da *EH* para o Inglês Antigo, discutiu sobre a questão do autor e da autoria. A relação entre *auctor* (autor) e *auctoritas* (autoridade) foi colocada por Lemke. Enquanto Alfredo se tornou o *auctoritas*, indivíduo que tem autoridade sobre o conteúdo do livro, a pessoa que fez o trabalho manual da tradução se tornou o *auctor*.³⁵ Na tradução da *Cura Pastoralis* de Gregório I ao Inglês Antigo, o rei Alfredo também se colocou como autor ao dizer que suas traduções foram realizadas “tal qual eu havia aprendido”³⁶. Alfredo usou a fórmula do “as vezes palavra por palavra, as vezes sentido por sentido”³⁷, o que nos expõe a dimensão interpretativa da tradução da *EH* relacionada com o *tropos* discursivo da *Angelcynn* ali presente. Esta fórmula foi usada principalmente para dar a impressão ao leitor do senso original do texto, colocando a fidedignidade de conteúdo em um segundo plano. Para Nicole Guenther Discenza, a construção da autoridade de *Beda em Inglês Antigo* se deu em três pontos, para ela os tradutores “[1] eles conectam a tradução aos altamente respeitáveis nomes Anglo-Saxões; [2] eles comentam a brevemente o ato da tradução e [3] eles concluem com uma referência de aprovação ao autor do texto-fonte latino, a autoridade por trás do texto”.³⁸ A autora deteve um ponto de vista alternativo ao que aplicamos. Para Discenza, a autoridade original do texto se manteve na tradução, com Beda ocupando a posição de *auctoritas* e Alfredo de *auctor*. Embora Discenza tenha produzido argumentos válidos, para as situações de outridade esta hipótese é consideravelmente contraditória visto que ela relega o papel dos Bretões ao ostracismo. Nossa perspectiva é de que o Outro consta com protagonismo na produção do documento, algo muito pouco trabalhado por Discenza.

No contexto de tradução do círculo alfrediano, não negamos o papel importante dos quatro eruditos estrangeiros que faziam parte de sua corte: John, dos Velhos Saxões, Plegmund, bispo dos Mércios, Grimbald dos Francos e Asser, um bispo Bretão responsável por escrever sua biografia

35 LEMKE, Andreas. **The Old English Translation of Bede’s *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* in its Historical and Cultural Context**. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, 2015. (Tese de doutorado defendida na mesma universidade). p. 113-154.

36 Original em Inglês Antigo: “swæ swæ ic hie geleornode”. Trecho retirado de: SWEET, Henry (ed.). King Alfred’s West Saxon Version of Gregory’s Pastoral Care. **Early English Translation Society (EETS)**. N 45. v. 50. Londres, 1871. p. 7.

37 Esta fórmula foi cunhada primeiramente por Jerônimo (347 – 420) e reutilizada por Gregório I, chegando a Alfredo muito provavelmente através deste último. Alfredo usa esta formulação devido a muito comum ignorância no Latim, ou a tradução de um Latim mais vulgar para o vernáculo, que era o idioma principal de domínio dos tradutores.. Ver: LEMKE, A. The Old English Translation of Bede’s *Historia Ecclesiastica*... op. cit. p. 24.

38 “they connect the translation to highly respected Anglo-Saxon names; they comment briefly on the act of translation; and they conclude with approving reference to the author of the Latin source text, the authority behind the text.” DISCENZA, Nicole Guenther. The Old English Bede and the construction of Anglo-Saxon authority. **Anglo-Saxon England**. v. 31. 2002. p. 69-80. [citação p. 71, a numeração em colchetes é nossa]. Esta perspectiva também é compartilhada por outros historiadores, ver: BATELY, Janet. Alfred as author and translator. In: GUENTHER, Nicole Discenza. SZALMARCH, Paul E. **A Companion to Alfred, the Great**. Leiden e Boston: Brill, 2015. p. 113-142.

enquanto rei.³⁹ Uma hipótese que julgamos válida é que o papel de Asser neste trecho é central. Andreas Lemke declarou:

Mesmo assim, o papel de Asser pode provar-se ser de certo interesse para nossos propósitos. [...] Esta interconexão entre Asser, a *HE* de Beda e a compilação da *ASC* e de *Orósio em Inglês Antigo* faria alguém pensar em qual extensão Asser pode ter se envolvido (e em que capacidade) na tradução da *OEHE*, da qual consequentemente deve ser localizada em Winchester ou ao menos em Wessex em vez de um contexto independente Mércio. Nós devemos ser cautelosos para não sermos muito atraídos por pessoas importantes. No sentido de que nem Alfredo, ou Werfeth, tampouco Asser devem ter estado diretamente envolvidos na tradução da *EH* de Beda, **mas é altamente provável que eles estiveram**. Apesar da dificuldade em vislumbrar uma sugestão definitiva de um lugar de origem, a evidência apenas sublinha as folhas de Canterbury ou Worcester como as candidatas primárias.⁴⁰ [Grifo nosso]

Estamos de acordo com a hipótese de Lemke sobre a participação do Outro na formação dos povos Ingleses. Para além de Werfeth, mencionado no capítulo I, o papel do monge Bretão Asser ganhou relevância na tradução da *EH* ao Inglês Antigo. Então respondemos nossa questão: a participação de Asser neste contexto fez com que o trecho tenha sido intencionalmente modificado. Era muito difícil que Asser não tenha levado sua identidade étnica para o contexto, embora nesta altura fosse provável que ela estivesse bastante fluida uma vez que o monge dominava o Inglês Antigo e trabalhava para o rei de Wessex. Se ele foi de fato um *auctor*, a etnicidade de Asser exerceu papel central na retirada da narrativa agressiva do texto original em relação aos Bretões. Afinal, Asser foi um Bretão do reino de Dyfed aculturado e integrado na corte do rei Alfredo, em Wessex. Seu papel na tradução foi um reflexo de como estão as etnias estão posicionadas, do *auctor* (Asser, um Bretão) e do *auctoritas* (Alfredo, um Saxão). Ao reformar o trecho de Beda, Asser reformou o sentido e se tornou um *auctor*.

Ao momento que Asser se integrava nas unidades Saxãs, e estas unidades Saxãs permitiam a modificação de seus manuscritos por um Bretão, existiu uma situação de outridade. Asser ocupou um ‘meio difícil’, usando o conceito de Cohen,⁴¹ e esteve no exato ponto entre o Outro da alteridade e o si mesmo da mesmidade ao modificar o trecho de Beda do Latim para o Inglês Antigo. A

39 KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. *Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources*. London. Penguin Classics. 2004.

40 Tradução livre de: “Nevertheless, the role of Asser might prove to be of certain interest for our purposes. [...] This interconnection between Asser, Bede's HE, the compilation of the ASC and the OE Orosius makes one wonder as to what extent Asser might have been involved (in whatever capacity) in the translation of the OEHE, which consequently must be located in Winchester or at least Wessex rather than an independent Mercian context. We have to be careful not to be attracted too much by important people. Neither Alfred nor Werferth nor Asser might have been directly involved in the translation of Bede's HE, but it is highly likely that they were. Although it is difficult to come up with a definitive suggestion of a place of origin, the evidence just outlined leaves either Canterbury or Worcester as the prime candidates.” LEMKE, A. *The Old English Translation of Bede's Historia Ecclesiastica...* op. cit. p. 111-112.

41 COHEN, J. J. *On difficult middles*. op. cit.

etnicidade dos Ingleses da *Angelcynn* – ou a menos a forma que nós a enxergamos através das fontes – estava neste espaço delimitado pelo Outro. Asser foi um exemplo nítido do papel dos Bretões dentre os Saxões na construção de sua etnicidade na *Angelcynn* alfrediana.

A modificação do conteúdo e/ou suavização do discurso de antagonismo em relação aos Bretões não foi um tema que ocorre apenas no trecho citado acima do livro I da *OEHE*. O prisma alfrediano e do reino de Wessex foi visto, também, no seguinte trecho:

Durante estas situações, ali de repente veio uma grande e furiosa peste sobre estes homens de corações perversos, de quem rapidamente passou despercebida e carregou grandes números deles, em que os vivos não mais bastaram para enterrar os mortos. E ainda assim, os vivos não eram melhores dispostos para todo aquele terror da morte, não poderiam eles ser resgatados da morte de suas almas. Daí em diante depois de um tempo não muito longo, uma vingança terrível para seus terríveis pecadores sobrepôs este povo depravado. **Então eles reuniram-se em uma assembleia e aconselharam-se juntos, como o que deveria ser feito**, e como o que eles deveriam procurar ajuda para evitar e repelir tal selvageria e devastações repetidas dos povos do norte. Então, pareceu melhor para todos, e para seu rei, Vortingern por nome, convidar e chamar a sua ajuda o povo dos Saxões das partes para além do mar. É evidente que isto foi então arranjado pelo poder divino, que uma vingança pesada deveria cair sobre estas párias, como é claramente mostrado pelo assunto dos eventos. (*OEHE*, I, XI)⁴² [Grifo nosso]

Alguns elementos nos chamam a atenção. Primeiro é a questão da estrutura do texto. Em linhas gerais, o trecho foi traduzido de forma consideravelmente fidedigna ao original, mas ele foi adiantado. Na *EH* em Latim, este trecho está no capítulo XIV⁴³, enquanto na versão em Inglês Antigo, foi adiantado para o capítulo XI, anterior inclusive ao trecho que a *OEHE* modificou o conteúdo no capítulo XII. O motivo da modificação da estrutura textual pelos tradutores não está entregue, mas alguns elementos aparecem na narrativa da tradução. O tema principal é a ênfase dada pela tradução em decisões políticas baseadas em conselhos. Possivelmente isto foi um anacronismo intencional da tradução do século IX. Ao menos no período da *Angelcynn* boa parte das decisões administrativas tanto de Mércia, mas principalmente de Wessex, aconteciam no *witan*, o conselho de nobres e membros do alto clero. Não está nítido sobre quando, exatamente, foi estabelecida esta tradição, entretanto ela era característica aos Ingleses meridionais. No trecho foi

42 Original em Inglês Antigo: “Betwih ðas Þing Þa com semninga mycel wól 7 grim ofer ða gehwyrfdon modes menn. 7 se on hrærdnesse swa mycele menigo heora fornóm 7 gefylde, Þætte ða cwican no genihtsumedon Þæt hi ð deadan bebyrigdan. Ac hwæðere Þa ðe lifigende wæron for ðam ege Þæs deaðes noht Þon sel woldan, ne fram heora sawle deaðe acigde beon ne mihton. Forðon nalæs æfter myclum fæce grimmere wræc Þa Þære fyrenfullan Þeode Þæs grimman mannes wæs æfterfyligende. þa gesomnedon hi gemot 7 Þeahdedon 7 ræddon hwæt him to donne wære, hwær hom wære faltum to secanne to gewearnienne 7 to wiðscufanne swa reðre hergunge 7 swa gelomlicre Þa gelicode him eallum mid heora cyninge, Wyrtheorn wæs haten, Þæt hi Seaxona Þeode ofer Þam sælicum dælum him on fultum gecygdon 7 gelaðedon. þæt cuð is Þæt Þæt mid Drihtnes mihte gestihtad wæs Þæt yfell wræc come ofer ða wiþcorenan, swa on Þam ende Þara wísena sweotolice ætywed is.” (*OEHE*, I, XI)

43 O trecho deste capítulo no original em Latim foi instrumentalizado na página 119 desta dissertação.

delimitado que os Bretões se aconselharam juntos, com uma nota própria dos tradutores que delimitaram que isto ‘deveria ser feito’ (*ræddon hwæt him to donne wære*)⁴⁴. Tal reflexão não estava presente no trecho inicial em Latim. A intenção dos autores em assimilar suas características político-administrativas para os Bretões de um período consideravelmente longínquo – século V – no contexto da *Angelcynn* expressa algumas aspirações que nos reforçam que os Saxões posicionavam os Bretões no campo da semelhança quando falamos sobre a *Angelcynn*.

O *witan*, necessário delimitarmos, se modificava de uma forma ou outra entre os reinados. O rei aproximava indivíduos que eram úteis para seus interesses enquanto governante. No tempo de Alfredo, por exemplo, houve uma mudança ativa no *witan* em 878 quando o rei venceu a batalha de Ethandun e manteve o poder político mais centralizado. Esta centralidade ímpar dentre seu *witan* foi uma evidência de ele teve uma posição maior de autoridade no conselho que seus antecessores, algo verificado quando entendemos que a produção documental do período foi ampla.⁴⁵ Os *Early English Charters*, um conjunto de cartas trocadas entre nobres e membros da Igreja foram numerosos no século IX e ilustraram de forma mais didática como este jogo político era tramado no *witan* dos Saxões Ocidentais.⁴⁶ Nestes documentos, as concessões de terras e privilégios do rei para os nobres eram as temáticas gerais principais, o que sugeriu como o rei se relacionava com seu conselho de nobres e que demandas este conselho requisitava ao rei.

Na tradução de *Beda em Inglês Antigo*, assim, se estabeleceu uma concepção de que a reunião dos Bretões em conselhos em torno do rei Vortingern era um fator existente. Em termos conceituais, Asser não foi o único Bretão presente no círculo de proximidade de Alfredo. O rei, desde o início de seu reinado, colocou reinos Bretões como de Dyfed e Deheubarth sob tutela dos Saxões Ocidentais. Assim, era muito frequente a vinda de Bretões para os espaços reais de Wessex no fim do século IX.⁴⁷ Certamente o *witan* de Alfredo não era exclusivamente composto por nobres pertencentes à *Angelcynn*, como há evidências na *Crônica* que os Bretões estiveram ativamente presentes nos espaços reais da *Angelcynn* em tempos anteriores.⁴⁸ Esta presença é pertinente para apreciarmos as fontes que aproximam os Bretões dos espaços de produção textual (os *scriptoria*) que definiram a identidade dos Saxões no discurso.

44 Em uma análise etimológica: *Ræddon*, verbo (*rædan*) palavra que significa condição, ‘*hwæt*’ advérbio que poderia ser traduzida de forma simplificada como ‘porquê’ ou ‘de que forma’, que delimita justificativa, *donne* que se tornou o ‘fazer’, indica a causa e *wære*, sufixo que significa o peso e/ou importância do ato. As palavras foram traduzidas do dicionário Bosworth-Toller, baseado nos dicionários homônimos lançados no século XIX. BOSWORTH, Joseph. TOLLER, T. Northcote. **An Anglo-Saxon dictionary, based on the manuscript collections of the late Joseph Bosworth**. 1898. Disponível em: < <https://bosworthtoller.com> >. Acessado em 10 de novembro de 2020.

45 ABELS, R. Alfred, the Great: war, culture and kingship in Anglo-Saxon England. op. cit. p. 178.

46 WHITELOCK, D. English Historical Documents. v. 1. op. cit. p. 440-497.

47 ABELS, Richard. Domestic and foreign relations. In: ABELS, R. Alfred, the Great. op. cit. p. 176-193.

48 ASC, 755.

Desde a virada do século VII para o VIII, os Bretões tinham considerável importância para a legislação dos Saxões, como mostram as *Leis de Ina de Wessex*, que datam de cerca de 694 e colocaram um *wergild* aos Bretões que estavam dentre os Saxões Ocidentais.⁴⁹ Na *Crônica Anglo-Saxônica*, o trecho referente ao ano de 755 nos indica alguns elementos interessantes para observar os Bretões nos espaços políticos da *Angelcynn*:

755: [...] Cynewulf frequentemente lutou grandes batalhas contra os Bretões. Quando ele havia mantido [o reino] por 31 anos, ele tentou expulsar um *ætheling* a quem era chamado de Cyneheard, a quem era irmão do já dito Sigeberht. Cyneheard descobriu que o rei estava em Meretun visitando sua donzela com um pequeno [número de] seguidores, e ele sobrepôs-se a ele e então o surpreendeu na câmara antes dos homens que estavam com o rei estivesse conscientes dele. Então o rei percebeu isto e foi para a porta e nobremente defendeu-se até que ele foi pego à vista do *ætheling*, e logo a seguir ele correu contra ele e feriu-o gravemente. Então todos eles lutaram contra o rei até que ele havia matado ele. Então, pelo alarido de uma mulher, os *thegns* do rei ficaram conscientes do distúrbio e correram para o lugar, assim que ele se aprontou, o quanto antes possível fosse. O *ætheling* fez uma oferta de dinheiro e vida para cada um, mas nem sequer um aceitou-a. Mas eles continuaram a lutar até que todos repousassem mortos, exceto por um **refém Bretão**, que estava severamente ferido. (ASC, 755)⁵⁰

Neste trecho da ASC Bretões foram descritos como envolvidos e próximos nas cortes reais de Wessex, local que aconteceu a disputa pelo poder entre o rei (*cyning*) Cynewulf e o príncipe prometido ao trono (*ætheling*) Cyneheard. Aqui trazemos ao debate as ferramentas de leitura de Nicholas Brooks, que identificou que a descrição de reis e a formação dos povos Ingleses ao redor da *Angelcynn* como os dois pilares principais de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*.⁵¹ Especialmente nos espaços de proximidade dos reis, enxergamos como o Outro estava presente de forma a afetar o enredo construído para *Angelcynn*. Nas cortes reais de Wessex o papel do *ætheling* foi central para as constantes disputas pelo poder travadas no decorrer do século VIII que, em suma, continuaram até o reinado de Alfredo no século IX quando na sua ascensão ao poder também participou de um destes embates. Barbara Yorke inclusive chama atenção para estes conflitos pelo trono afirmando que “é também esclarecedor comparar exemplos da problemática da liderança Saxã

49 WHITELOCK, D. The Laws of King Ine. In: WHITELOCK, D. English Historical Documents. op. cit. p. 364-371. Ver também. GRIMMER, M. Britons in Early Wessex. op. cit.

50 Original em Inglês Antigo: “7 se Cynewulfoft myclum gefeohtum feaht wið Brytwealas. 7 ymb xxi wintra þæs þe he rice hæfde, he wolde adrefanænne æþeling se wæs Cyneheard haten, 7 se, Cyneheard wæs þæs Sigeþryhtes broþer. 7 þa geahsodehe þone cyning lytle werede on wifcyðþe on Mærantune, 7 hine þær berad, 7 þone bur utan beeodon, ær hine þa men onfundon þe mid þam cyninge wæron. 7 þa ongeat se cyning þæt, 7 he on þa durueode, 7 þa unheanlice hine wærede oð he on þone æþeling locade, 7 þa ut rædde on hine 7 hynemyclum gewundode, 7 hy ealle on þone cyning feohtende wæron oð þæt heo hine ofslægenne hæfdon. 7 þa on ðæs wifes gebærum onfundon þæs cyninges þegnas þa unstillnesse, 7 þa þyder urnon swahwylc swa þonne gearo wearð raðost, 7 heora se æþeling gehwylcum feoh 7 feorh bead, 7 heora nænigþicgan nolde, ac hie symble feohtende wæron oð heo ealle lagon butan anum Brytwyliscum gisle, 7 seswyðe gewundod wæs.” (ASC, 755, MS D)

51 BROOKS, Nicholas. Why is the Anglo-Saxon Chronicle about kings? *Anglo-Saxon England*. v. 39. 2010. p. 43-70.

Ocidental da qual nós somos apresentadas na entrada de 755 [...] particularmente nas traduções vernáculas de textos latinos que frequentemente lidam com tópicos de ‘boa’ e ‘má liderança’.⁵² As pertinentes reflexões de Yorke explicaram a longa narrativa deste trecho, incomum para a maioria das narrativas curtas e concisas da *ASC*, e sugeriram que sua importância foi fundamental para a *Angelcynn* que Alfredo discursava na *Crônica*.

Em termos de outridade, o que está em evidência neste trecho é a presença de um refém Bretão (*Brytwyliscum gisle*). T. M. Charles-Edwards estabeleceu uma hipótese para sua presença:

Ambos o rei e seu guarda-costas foram mortos para um homem por Cyneheard, ‘exceto por um refém Bretão – e ele estava severamente machucado’. Se o refém Bretão foi dado pelos Cornualhos, poderia sugerir menos uma relação menos incessantemente hostil entre dois povos que foi indicado antes.⁵³

A hipótese de Edwards nos faz compreender quais eram os Bretões envolvidos nas unidades Saxãs Ocidentais neste trecho. Os Bretões Córnicos, que ocuparam historicamente o reino da Dumnonia na região da Cornualha – o braço de terra ao sul do atual canal de Bristol – sofreram constantemente as invasões dos Saxões de Wessex. Estas invasões são uma explicação político-militar para a menção dos Bretões neste texto. Ao menos no tempo de Alfredo, a Dumnonia estava inteiramente sob a posse de Wessex, ao contrário de reinos como Dyfed, Deheubarth e Powys em Gales, que gozavam de relativa autonomia. Era provável que os Bretões Córnicos foram importantes para os espaços de assimilação na *Angelcynn* quando colocamos o foco na parte meridional das ilhas. A criação de uma narrativa que mencionou os Bretões nas disputas políticas de Wessex nos indica em que medida houve o reconhecimento de seu papel. Ao menos em termos de outridade, a constante menção dos Bretões Córnicos na *ASC* e nos espaços reais Saxões Ocidentais confirma o não-essencialismo da *Angelcynn*. Da mesma forma que na *gens Anglorum*, as cortes Nortúmbrias estavam profundamente aproximadas com Pictos e Irlandeses. Na *Angelcynn*, os Saxões Ocidentais e os Mércios também estavam, mas com os Bretões. A hipótese das unidades plurais novamente ganha corpo. Dificilmente um único agrupamento étnico definiria de maneira

52 Tradução livre de: “It is also illuminating to compare the examples of problematic West Saxon leadership with which we are presented in the 755 entry [...] particularly the vernacular translations of Latin texts that often deal with issues of ‘good’ and ‘bad’ leadership” YORKE, Barbara. *The representation of Early West Saxon History in the Anglo-Saxon Chronicle*. In: JORGENSEN, A. *Reading the Anglo-Saxon Chronicle*. op. cit. p. 142-143.

53 Tradução livre de: “Both the king and his bodyguard were slain to a man by Cyneheard, ‘except for one British hostage—and he was severely wounded’. If the British hostage was given by the Cornishmen, it would suggest a less unremittingly hostile relationship between the two peoples than was indicated earlier. On the other hand, if it was given by a British group within the West Saxon kingdom, such as those ‘subject to the West Saxons’ c. 700 according to Bede, it would be surprising that a community of Britons sufficiently important to be giving a hostage should still survive within the West Saxon kingdom as late as 784.” CHARLES-EDWARDS, T. M. *Wales and the Britons*. op. cit. p. 430-431.

central a relação de Ingleses com o Outro, mas em uma leitura ampla, nós vemos como esta presença de um Outro foi corriqueira e não deve ser descartada do processo formativo dos Ingleses.

Nas discussões sobre o reino de Wessex, dois reis importantes do século VI mencionados na *Crônica* estavam em protagonismo para as relações que os Ingleses da *Angelcynn* estabelecem com o Outro. São eles: Cerdic (r. 519 – 534) e Cadwalla (r. 685 – 688). Especificamente estes dois reis se destacam por terem nomes Bretões. A nomenclatura nos sugere de que forma o Outro (os Bretões) se aproximou dos Ingleses em suas narrativas. Falar em nomenclatura, embora não seja um fator definitivo de etnicidade, nos indica como as características Bretãs convergiram com a identidade (neste caso, uma identidade pessoal) dos Saxões da *Angelcynn*. Charles-Edwards propôs uma hipótese para observarmos a nomenclatura nas narrativas da *Angelcynn*: “Mesmo os primeiros nomes podem falar muito sobre uma pessoa: nomes Ingleses, Irlandeses e Galeses normalmente revelavam gênero e etnicidade”.⁵⁴ Embora a etnicidade individual não fosse definida exclusivamente por uma nomenclatura, nomes sugeriam tópicos pertinentes em relação a etnicidade de um coletivo. Ao espelharmos as etnias entendemos como os Saxões Ocidentais se deixaram influenciar pela cultura do Outro a ponto de batizarem seus filhos – e seus monarcas – com nomes de origem Bretã. A *Crônica*, ao citar as benfeitorias destes dois reis, indiretamente também assimilou as características Bretãs em seu discurso e, conseqüentemente, se apropriou de elementos de um Outro na escrita da história de seu povo. Em termos de outridade, a nomenclatura foi um fato ativo para ler as características do Outro no discurso de etnicidade dos povos Ingleses na *Angelcynn*.

Em relação aos casos, iniciamos as reflexões a partir de Cadwalla. Ao contemplarmos as fontes, *Beda em Inglês Antigo* manteve suas menções para o rei Bretão, escolhendo pela manutenção da narrativa agressiva do original em Latim:

De uma vez só, sem demora, Cadwalla, rei dos Bretões, matou ambos com mãos ímpias, mas ainda com vingança justa. [...] Depois disso por um ano inteiro ele manteve a província da Nortúmbria, não como um rei vitorioso, mas como um **tirano**, furiosamente arruinando-a e despedaçando-a com **carnificina trágica**. Então Eanfrith, com doze nobres, precipitadamente veio a ele, propondo acionar a paz e a aliança. Ele, o tirano, condenado para igualar o destino e matou. Este pouco auspicioso e miserável ano ainda é odioso, ambos para a apostasia dos reis da fé de Cristo – e eles retornaram a seus ídolos – e para a fúria do rei tirânico dos Bretões. (*OEHE*, III, I)⁵⁵ [Grifo nosso]

54 Tradução livre de: “Even first names might tell one quite a lot about a person: English, Irish, and Welsh names normally revealed gender and ethnicity.” CHARLES-EDWARDS, Thomas M. Social Structure. In: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500-1100**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009. p. 108.

55 7 sona butan yldincge æghwæþerne Cadwalla Bretta cyning mid arleasre hond, ac hwæðre mid rihte wrace heo kwealde. [...] Æfter þon he eall ger onwalg Norþanhymbra mægðe ahte, nales swa swa sigefæst cyning, ac swa swa leodhata, þæt he grimsigente forleas ond heo on gelicnesse þæs traiscan wæles wundade. þa æt nyhstan cwom

Interpretando o discurso de *Beda em Inglês Antigo* vemos como a narrativa se manteve agressiva, algo consideravelmente fiel ao texto inicial em Latim. Cadwalla foi descrito como um ‘tirano’ (*leodhata*), responsável por uma ‘carnificina trágica’ (*traiscan wæles*), embora com ressalvas por ter realizado uma ‘vingança justa’ (*rihte wrace*).

O rei Cadwalla ap Cadfan reinou em Gwynedd entre 625 e 634. O monarca esteve em constante conflito com os reinos de Deira e Bernícia – posteriormente a Nortúmbria – e deixou sua marca a ponto de ser lembrado em Beda em 731. Entretanto, também ordenou incursões ao sul, o que colocou os Bretões de Gwynedd na rota de colisão com os Saxões Ocidentais. Embora as fontes não tenham deixado vestígios detalhados sobre seus atos enquanto rei de Gwynedd, especulamos a possibilidade da permanência de seu domínio ao Sul em função do nome do rei de Wessex, que foi de uma geração posterior.

Cædwalla de Wessex, que carregava um nome Bretão adaptado à grafia Saxã, reinou dentre os Saxões Ocidentais entre 659 e 689. Cædwalla foi um rei igualmente bem-sucedido militarmente com invasões a Kent e Sussex, que consolidou o poder de seu sucessor, Ina, que por sua vez produziu o código de leis que mencionava Bretões assentados em Wessex.⁵⁶ Barbara Yorke sugeriu que foi no período do reinado de Cædwalla que os Saxões Ocidentais deixaram de ser conhecidos como povo de Gewisse – nome ‘tribal’ que o grupo carregava desde a chegada de seus antepassados no início do período do *Adventus* – e passaram a se identificar como Saxões Ocidentais.⁵⁷ A hipótese de Yorke é muito interessante para nossa proposta, pois consideramos as evidências de *Beda em Inglês Antigo* em que os tradutores escolheram manter as referências a este rei, mesmo que agressivas.

Como foi mostrado na *Crônica Anglo-Saxônica*, o projeto alfrediano estava consciente de que Cædwalla estreou a linhagem dos Saxões Ocidentais e substituiu a identidade das comunidades Saxãs anteriores chamadas de Gewisse. A partir daí encontramos um ponto de inflexão na formação destes agrupamentos ao colocarmos os povos de Gewisse como um dos centros da *Angelcynn*. Os elos entre os Bretões de Gwynedd e os Saxões Ocidentais estavam fortalecidos: a presença de Bretões foi impactante a ponto de estar no código de Ina (um vestígio documental relevante) e, principalmente, de influenciar a nomenclatura do rei Cædwalla (a ponto do rei Bretão ter sido mencionado e propositalmente mantido pelo projeto alfrediano). Ademais, o papel dos Bretões foi, de fato, importante para a reforma na autoidentificação dos Saxões Ocidentais no século VII.

Eanfrið buton geþeahthe, his weotena twelfa sum, to him, þæt he wolde sibbe 7 friðes wilnian. þone he ða gelice hlete geniðrade 7 ofslog. þis ungæsælige gear 7 þæt godlease gen to dæge laðe wunað, ge fore fleame cyninga from Cristes geleafan - 7 eft to deofolgyldum cerdom, - ge for wedenheortnisse þæs leodhatan Bretta cyninges.

56 WHITELOCK, Dorothy. *The Laws of King Ine*. op. cit.

57 YORKE, B. *Kings and Kingdoms*. Op. cit. p. 138.

Se considerarmos as táticas de identificação das comunidades Saxãs Ocidentais, a formação étnica dos Saxões Ocidentais pela outridade é uma continuidade desta temporalidade específica. Tanto no século VII, o ponto de ebulição da primeira reforma de autoidentificação (Gewisse > Saxões Ocidentais) quanto na virada dos séculos IX-X na segunda reforma (Saxões Ocidentais > *Angelcynn*, povos Ingleses) os Bretões exerceram relevância ímpar. Assim, pela participação dos Bretões, conectamos estes dois contextos de formação identitária.

Em relação a nomenclatura dos reis, Thomas Charles-Edwards sobre Cadwalla ap Cadfan declarou: “nomes poderiam estar anexados a dinastias particulares. Reis de Gwynedd no século VII tiveram nomes com Cad, ‘batalha, exército’ [no Galês antigo] como o primeiro elemento, um estilo que, incomumente, afetou a dinastia Saxã Ocidental (Cædwalla)”.⁵⁸ A sugestão de Edwards é bastante profícua para nossa compreensão das fontes. Se aproximarmos o poderio bélico de Cadwalla ap Cadfan e Cædwalla de Wessex encontramos paralelismos. Os tradutores de *Beda em Inglês Antigo* estavam conscientes do significado militar do termo *Cad* em Bretão – se atribuirmos parte desta tradução a Asser, um Bretão Galês – para apresentar um rei com poderio militar que ocupou territórios de reinos adjacentes e inaugurou uma dinastia. Ou seja, por estas evidências compreendemos a consciência da manutenção do papel dos Bretões no século IX. A presença de um nome Bretão em um reinado que modifica a identidade política da dinastia que remonta diretamente a Alfredo foi um instrumento político bastante eficiente para o rei legitimar seu domínio em relação ao Outro. Em linhas gerais, é uma situação de outridade na própria figura de Alfredo pela qual nos permite traçar o caminho da forma que as características Bretãs impactaram construção política de Alfredo e na sua identificação como rei no século IX.

Mas a questão da formação da dinastia não foi algo que aconteceu apenas nas descrições destes dois reis. Quando alongamos as reflexões para o século VI, vemos que o indivíduo que inaugurou a linhagem de Alfredo – e do povo de Gewisse – também tinha um nome Bretão: Cerdic de Wessex. O rei que supostamente reinou entre 519 e 534 teve seu nome lembrado, na maioria das vezes, como o indivíduo que inaugurou a genealogia dos reis de Wessex. A *Crônica Anglo-Saxônica* propôs múltiplas informações sobre isto. A primeira menção sobre Cerdic, quando a narrativa da ASC relatou o passado da *Angelcynn*, foi em suas as primeiras batalhas junto com seu filho Cynric para os registros de 495, 508, 519, 527, 530 e 534.⁵⁹ À exceção dos trechos de 530 e 534 que os Bretões não são nominalmente mencionados, em todos os quatro trechos anteriores que a ASC menciona o nome de Cerdic foi sempre dito que eles ‘lutaram contra os Bretões’ (*fuhton wip*

58 Tradução livre de: “Names could be attached to particular dynasties. Kings of Gwynedd in the seventh century had names with cad, “battle, army,” as the first element, a fashion that, unusually, affected the West Saxon dynasty (Cædwalla).” Ibid. p. 109.

59 ASC, 495; ASC, 508; ASC, 519; ASC, 527; ASC, 530; ASC, 534.

Brettas)⁶⁰, a seguir do lugar que as batalhas aconteceram. Sobre estas menções, enxergamos uma hipótese. Para além da praxe da *ASC* em delimitar os conflitos que os Saxões lutaram contra seus inimigos pela posse da terra, era uma intenção criar diferença entre Cerdic e os Bretões. Esta diferença é superficial e se acentua no início do século VII. No outro lado, Ceredig ap Gwallog, lembrado pelos Saxões como ‘Cerdic of Elmet’, foi um rei que reinou no poderoso reino de Elmet. O reino, por sua vez, foi ocupado pelo povo de Gewisse no decorrer do século VI. Neste prisma o território de Gewisse foi um dos centros de aculturação dos Bretões frente às comunidades Saxãs. Pensamos que a *ASC* viu necessidade em criar estratégias de distinção entre Cerdic de Wessex e seu equivalente de Elmet para mascarar esta aculturação que os Saxões do século IX estavam conscientes.⁶¹ A identificação das comunidades neste período era híbrida e as estratégias de distinção entre Bretões e Saxões estavam menos nítidas. A nomenclatura destes reis, neste sentido, foi um resultado deste hibridismo.

A aproximação de Ceredig ap Gwallog com os Saxões foi admitida tanto pela *EH* em Latim de Beda quanto pela tradução. *Beda em Inglês Antigo* reproduziu esta percepção na figura de Heretic. Heretic era um Inglês, marido da abadessa Hild que esteve no sínodo de Whitby em 664 e ocupou posição relevante na Igreja dos Ingleses, de acordo com a *EH* em Latim ele “esteve em exílio na sob Ceredig, rei dos Bretões” (*EH*, IV, XXIV)⁶². É perceptível como o nome e a existência de Cerdic de Elmet era conhecido para o círculo alfrediano responsável pela tradução de Beda. Isto se acentuou visto que o sínodo de Whitby e a datação da Páscoa foram retirados da centralidade da tradução: a menção ao rei de Elmet foi excluída. Conforme George Molyneaux declarou: “um leitor de *Beda em Inglês Antigo* poderia não aprender que houve um Sínodo de Whitby”.⁶³ A hipótese do autor deve ser considerada ao olharmos para a exclusão deste trecho da *EH* em Latim, uma vez que entendemos que o foco foi a figura do rei dos Bretões. A exclusão do sínodo de Whitby da tradução, assim, foi explicada pelas tentativas de classificar diferenças em vez de admitir assimilações pelo tradutor alfrediano. A menção da aproximação de membros da Igreja dos Ingleses, importantes para as táticas de autoidentificação dos Ingleses, com a corte de Ceredig de Elmet enfraqueceria o essencialismo da *Angelcynn* que os tradutores professavam sob autoridade de Alfredo. Pela hipótese de Molyneaux encontramos uma justificativa plausível para pensar as aproximações entre a linhagem de Cerdic e a figura do rei Bretão Ceredig.

60 *ASC*, 519, MS A.

61 POHL, W. REIMITZ, H. *Strategies of Distinction*. op. cit.

62 Original em Inglês Antigo: “wer wracade under Cerdice Bretta cyninge”

63 Tradução livre de: “a reader of the OEB would not learn that there had been a Synod of Whitby.” MOLYNEAUX, G. *The Old English Bede*. op. cit. p. 5.

Mesmo que a nomenclatura de reis importantes da dinastia Saxã Ocidental fosse associada à existência dos Bretões, este fato não tirou a carga de legitimação da criação dinástica. Consideramos a genealogia construída a partir do rei Æthelwulf, pai de Alfredo:

Æthelwulf era o filho de Egbert, o filho de Ealhmund, o filho de Eafa, o filho de Eoppa, o filho de Ingild. Ingild era o irmão de Ina, rei dos Saxões Ocidentais, quem manteve o reino por 37 anos e depois foi a São Pedro e terminou sua vida ali. E eles eram filhos de Cenred. Cenred era filho de Ceolwold, o filho de Cutha, o filho de Cuthwine, o filho de Ceawlin, o filho de Cynric, o filho de Creoda, o filho de Cerdic. (ASC, 855, MS A, D, E; 856, C, F)⁶⁴

Após a menção a Cerdic, se estabeleceu uma linhagem lendária que remonta até Woden, o Deus germânico, e depois até Adão, a figura bíblica. Isto demonstrou a preocupação dos cronistas em se conectar com a instrução cristã, relacionando a ascendência de Alfredo com a figura divina, mas, ao mesmo tempo, de forma que não desvinculasse o passado pagão dos Ingleses. Elton O. S. Medeiros argumentou que a menção a certos reis nas genealogias, como Cerdic, seria algo que “poderia se revelar como uma ferramenta importante em um discurso político legitimador de um reino que tinha pretensões de expansão hegemônica nos séculos IX – X sobre o território inglês”.⁶⁵ A linhagem de Cerdic certamente não foi diferente. Ousando dar mais um passo a partir da proposta de Medeiros, aumentamos o escopo de análise e pensamos que a menção de Cerdic não significaria uma expressão de hegemonia apenas no território Inglês mas também se alongaria à terra dos Bretões. Se colocarmos esta reflexão em paralelo com a menção dos reis que atingiram a *bretwalda* – especialmente colocando a ideia de soberania sobre os Bretões pelo termo *breatananwalda* no MS C da *Crônica Anglo-Saxônica*⁶⁶ – temos uma noção da forma que a documentação expressava esta expansão hegemônica, nas palavras de Medeiros.

Ao entender Cerdic como o inaugurador desta linhagem vemos o papel-chave que as características Bretãs ocuparam na legitimação da realeza de Wessex no período da *Angelcynn*. Sem dúvida é uma situação de outridade. É deste entrelaçamento entre Saxões e Bretões que enxergamos a participação do Outro. Alfredo, por ser o idealizador da *Angelcynn*, legitimou o Outro e o integrou em sua própria linhagem. Era um instrumento útil para o rei de Wessex, mas em nossa leitura faz

64 Original em Inglês Antigo: “On se Eþelwulf wæs Ecgbrehting, Ecgbryht Ealhmunding, EalhmundEafing, Eafa Eopping, Eoppa Ingilding; Ingild wæs Ines broþur Westseaxna cyninges, þæs þe eft ferdeto Sancte Petre 7 þær eft his feorh gesealde; 7 hie wæron Cenredes suna, Cenred wæs Ceolwolding, Ceolwald Cuþaing, Cuþa Cuþwining, Cuþwine Ceaulining, Ceawlin Cynricing, Cynric Cerdicing” (MS A). O sufixo *-ing* no final dos nomes indica vínculo familiar.

65 MEDEIROS, Elton O. S. A Linhagem perdida de Scaef: genealogias mítico-históricas na Inglaterra e Escandinávia & a tradução do prólogo da *Edda* de Snorri Sturluson. **Revista Signum**. v. 16. n. 3. 2015. p. 55.

66 ASC, 828, MS C. Especialmente esta hipótese se fortalece se olharmos o trecho seguinte da Crônica: “E neste mesmo ano o Rei Egbert liderou um exército dentre os Galeses, e ele reduziu-os todos para a humilha submissão à ele.” (ASC, 830) // “þy ilcan geare ledde Ecgbryhtcynning fierd on Norþwalas 7 he hie to eaþmodre hersumnesse gedyde.” (ASC, 830, MS A).

com que a *Angelcynn* e os laços genealógicos de seu porta-voz carreguem características dos Bretões. Embora tais genealogias foram artificiais e criadas no século IX – não indicando, de forma alguma, traços de etnicidade – é importante pensarmos como foi algo que os cronistas decidiram incluir. Mesmo no discurso existe uma interpretação visível dos elos com características Bretãs nos monarcas Saxões Ocidentais. Uma ligação que expõe situações de outridade.

3.4. Os Daneses na *Angelcynn*

Em referência aos Daneses na *Angelcynn*, o documento central que analisamos é a *Crônica Anglo-Saxônica*. Nossa análise começa nas descrições do documento para os anos de 787 e 793 quando há o primeiro contato dos Daneses com os territórios ocupados pelos Ingleses em finais do século VIII. O fio interpretativo que aplicamos sobre as situações de outridade dos Ingleses em relação aos Daneses parte da ideia de que houve uma dicotomia proposital no discurso alfrediano. Era central ao seu projeto classificar diferenças. Em termos de discurso, os Daneses se tornaram um Outro que inicialmente atuou no campo da alteridade no projeto de unidade definido por Alfredo. Dentro do arcabouço epistemológico que instrumentalizamos para a outridade na análise da *Angelcynn* não seria absurdo pensar a participação dos Daneses dentro da concepção de alteridade dual promulgada por François Hartog, ao menos em seu início.⁶⁷

Em termos políticos, o impacto dos Daneses mobilizou um reino de Wessex cada vez mais centralizado na figura de Alfredo. Com a justificativa da invasão de um Outro consideravelmente diferente, entendemos que este elemento fortaleceu o *momentum* para que Alfredo se considerasse rei dos Anglos e dos Saxões na sua biografia escrita por Asser.⁶⁸ Neste sentido ao olharmos para o impacto político dos Daneses, compreendemos que sua presença avigorou o projeto de unidade étnica perseverado pelo monarca de Wessex. A partir de uma *Angelcynn* definida pela oposição a um Outro dessemelhante, o rei se projetou politicamente não somente na resistência contra as invasões desta etnia, mas também ampliou esta projeção dominando parte dos Bretões Galeses.

No tocante às classificações de diferenças religiosas, um termo se sobressalta nossa análise: a palavra *'heaðen'*. Especialmente na *Crônica Anglo-Saxônica* este termo surgiu como um sinônimo para as referências aos Daneses enquanto grupo étnico. Enquanto nas duas versões de Beda as referências religiosas à etnicidade do Outro se pautavam por comentários a uma instituição fabricada na narrativa (a Igreja dos Irlandeses), na *Crônica* este termo surgiu para substituir as orientações eclesiásticas. Neste sentido, o sentimento de religiosidade dos Daneses oposto à

67 HARTOG, F. O Espelho de Heródoto. op. Cit.

68 ABELS, R. King of the Anglo-Saxons. In: ABELS, R. Alfred the Great. op. Cit.

instrução cristã – um instrumento de poder alfrediano – foi descrito: os Daneses eram vistos sob os rótulos de ‘pagãos’.

Sobre os sistemas classificatórios, olhamos dois trechos que inauguraram as descrições dos Daneses na *Crônica*:

Neste ano o Rei Brihtric casou-se com a filha de Offa, Eadburh. E em seus dias vieram pela primeira vez três navios de Nórdicos e então o magistrado da cidade⁶⁹ montou em direção a eles e desejou forçá-los para a residência do rei, pois ele não sabia o que eram; e eles o mataram. Aqueles foram os primeiros navios de homens Daneses a quem vieram para a terra dos Ingleses. (ASC, 787)⁷⁰

Este ano vieram terríveis avisos prévios sobre a terra dos Nortúmbrios, aterrorizando o povo mais lamentavelmente: estas eram imensas folhas de luz correndo através do ar, redemoinhos e ferozes dragões voando através do firmamento. Estes símbolos tremendos foram logo seguidos por uma grande fome: e não muito depois, no sexto dia antes das idas de Janeiro no mesmo ano, as incursões angustiantes de homens pagãos fizeram estrago lamentável na igreja de Cristo na ilha Sagrada, pela rapina e chacina. (ASC, 793)⁷¹

Os trechos de 787 e 793 são dois dos trechos que ocupam uma posição marcante nas narrativas da Inglaterra medieval inicial. Muito em função de que a historiografia consagrou que estes registros inauguraram o período conhecido como *Era Viking*. Falando em etnicidade, os Daneses constam com dois rótulos nestes trechos: ‘*Dæniscra*’ (Daneses) e ‘*Norðmann*’ (Nórdicos). Embora neste estágio de escrita da *Crônica* eles sejam usados como sinônimos, a partir do século X as origens de Daneses e Nórdicos se diferenciaram quando as referências eram direcionadas a estes coletivos. Interpretamos estes trechos de forma que coloquem a etnicidade destes dois povos em um antagonismo específico. Aqui os Daneses foram registrados como agrupamentos que se interessavam exclusivamente por pilhagens. Esta foi uma prática inicial da presença dos Daneses na virada do século VIII para o IX, pois foi somente a partir da segunda metade do século IX que eles construíram os primeiros assentamentos no território que anteriormente pertencia aos Ingleses.⁷² No trecho de 793 é registrada uma narrativa bastante peculiar que não se repete nos trechos seguintes.

69 Nota da tradução: na versão em Inglês atual a palavra é ‘reeve’, uma denominação específica do período da Inglaterra medieval inicial para definir uma pessoa que lidera a cidade.

70 Original em Inglês Antigo: “Her nam Berhtric cyning Offan dohter Eadburge. 7 on his dagum comon ærest .iii. scyphu Norðmannaof Hæreðalande, 7 þa sæ gerefa þærto rad, 7 hie wolde drifan to þæs cyninges tune þe he nyste hwæt hiwæron, 7 hine man ofsloh þa. Ðæt wæron þa ærestan scipu Dæniscra manna þe on Engalcynnes landgesohton.” (ASC, 787, MS D) Especialmente o *MS D* adiciona de onde eram estes povos, sugerindo a localidade de *Hæreðalande*. Esta informação não está nos outros manuscritos.

71 Original em Inglês Antigo: “Her wæron reðe forebecna cumene ofer Norðhymbra land, 7 þæt folc earmlic bregdon, þæt wæron ormete þodenas 7 ligrescas, 7 fyrenne dracan wæron gesewene on þam lifte fleogende. Ðam tacnum sona fyligde mycel hunger, 7 litel æfter þam, þæs ilcan geares on .vi. Idus Ianuarii, earmlice hæþenra manna hergunc adilegode Godes cyrican in Lindisfarnæe þurh hreaflac 7 mansliht.” (ASC, 793, MS D)

72 HADLEY, D. M. Territorial organization. In: HADLEY, D. M. **The Northern Danelaw: its social structure**, c. 800-1100. Leicester: Leicester University Press, 2000. p. 94-164.

Foi neste momento o início de um longo período de invasões escandinavas que percorreu a história da Inglaterra a seguir. Nestes dois primeiros trechos enxergamos a centralidade da intenção do projeto alfrediano na *Angelcynn* em construir dicotomias declaradas. Os Daneses foram relatados como se viessem junto de dragões – certamente uma referência às suas embarcações – trazendo a ruína para a *Angelcynn*. Pela narrativa agressiva se registrou as invasões dos Daneses na costa sul de Wessex em 787 e no monastério de Lindisfarne em 793. Na *Angelcynn* os Daneses ocuparam o espaço do Outro diferente e abominável que anteriormente pertencia aos Bretões nas narrativas bedanianas. Para o enredo que a *Crônica* propusera, era necessário que os cronistas de Alfredo ilustrassem os Daneses como os inimigos principais dos povos Ingleses. Esta oposição foi central para Alfredo pavimentar o caminho de uma identidade da *Angelcynn* que fosse inclusiva e assimilatória com os povos que não estavam sob domínio Danês.

Pensar os Daneses e suas interações com os Ingleses tem sido um problema ativo da historiografia. Clare Downham, por exemplo, afirmou que “o impacto dos vikings nas áreas da Inglaterra das quais eles se estabeleceram deve mais a duração do governo viking e a natureza da interação entre vikings e os Ingleses”.⁷³ Mesmo que Downham utilizou certos termos problemáticos como pensar a ‘interação’ pelo espectro de que fosse algo natural – e não voluntariamente criado pelos sujeitos envolvidos – entendemos o valor que esta interação carrega neste contexto. Pensando o trecho instrumentalizado acima, entendemos que esta interação tem uma postura definida já desde as primeiras menções na *Crônica Anglo-Saxônica*, ao menos falando em discurso.

Depois destes trechos, os Daneses tiveram um hiato na *Crônica*. Este hiato perdurou até os anais de 836, quando se relatou as primeiras invasões do que veio a se chamar *Grande Exército Pagão* ou simplesmente *Grande Exército* (Em Inglês Antigo: ‘*micel here*’), uma reunião de diversos agrupamentos Daneses no território insular britânico. Estes conglomerados militares foram reunidos para lidar com as forças do organizado reino de Wessex e do cada vez menos autônomo reino de Mércia.⁷⁴ Em função da produção de outras fontes do período ser escassa, poucos são os registros do período entre 793 e 836, mas vemos possibilidades firmes de que a atividade Danesa não foi tão intensa. Ou, se existiu, foi facilmente controlada pelos contingentes Ingleses a ponto de não ser lembrada pelos cronistas no final do século IX.

Sobre os documentos do início deste século, poucos são os resquícios: Ingleses que tinham erudição em Inglês Antigo ou dominassem o Latim já não mais produziam nas ilhas. Este é o caso de Alcuíno de York (735 – 804), um monge que viveu boa parte de sua vida na Nortúmbria até fins

73 “the impact of vikings in the areas of England which they settled owes more to the duration of viking rule and to the nature of interaction between vikings and English.” DOWNHAM, Clare. Vikings in England. In: BRINK, Stefan. **The Viking World**. Londres e Nova York: Routledge, 2008. p. 343.

74 ASC, 836, 838.

da década de 770, quando virou mestre em Aachen e foi personagem central no período conhecido como do *Renascimento Carolíngio*⁷⁵, morrendo no início do século IX em Tours após um breve retorno para a Nortúmbria. Alcuíno era conhecido por sua latinidade erudita, deixando obras na retórica latina, tratados sobre teologias e hagiografias. Uma de suas obras que mais está relacionada com o contexto da *Angelcynn* é o *Poema de York*.⁷⁶ Este poema de exaltação às terras da Britânia é um de seus produtos mais marcantes: foi um registro de que Alcuíno escrevia e se relacionava com suas origens insulares. Este relacionamento foi percebido, por exemplo, em cartas de instrução religiosa que ele trocou com o rei Æthelred I na década de 770,⁷⁷ mas com mais ênfase nas epístolas para os mestres de Wearmouth-Jarrow do início da década de 790 quando o monge lamentou a destruição dos locais sagrados da ilha – sem mencionar os Daneses mas fazendo referência à devastação dos monastérios.⁷⁸ Ao olhar para Alcuíno percebemos a fidedignidade da menção da *Crônica*, uma vez que se tem evidências breves de que os silêncios entre 793 e 836 não foram uma remoção intencional do conteúdo por parte dos cronistas de Alfredo, mas sim um arrefecimento da presença dos Daneses na ilha.

Ao investigarmos a *Crônica Anglo-Saxônica*, o trecho de 836 sobressalta pela menção a uma luta do rei Egbert de Wessex (r. 825 – 839) contra uma frota de trinta e cinco navios em Carhampton. Mas é apenas no trecho de 838 que os Daneses foram diretamente responsabilizados por estes conflitos:

Neste ano uma grande força naval chegou dentre os Galezes Ocidentais e os últimos **combinaram-se** para lutar contra Egbert, rei dos Saxões Ocidentais. Quando ele ouviu isso, ele foi para lá com seu exército e lutou contra eles em Hingston Down, e o pôs tanto os Galezes quanto os Daneses para fugir. (*ASC*, 838)⁷⁹ [Grifo nosso]

O conflito em Hingston Down marcou o retorno dos Daneses nos trechos da *ASC*. O que nos chama atenção neste discurso é a conjunção de suas forças militares com os Bretões Galezes (*Westwalas*, no Inglês Antigo) que ao menos desde 830 estavam sob domínio de Ecgberht quando este mesmo rei é destacado como o *Breatananwealda* (rei dos Bretões). A vitória de Ecgberht marcou o início de um período de resistência que cada vez mais colocava Saxões Ocidentais no

75 NELSON, Janet L. On the limits of the Carolingian renaissance. *Studies in Church History*, n. 14. 1977. p. 51-67.

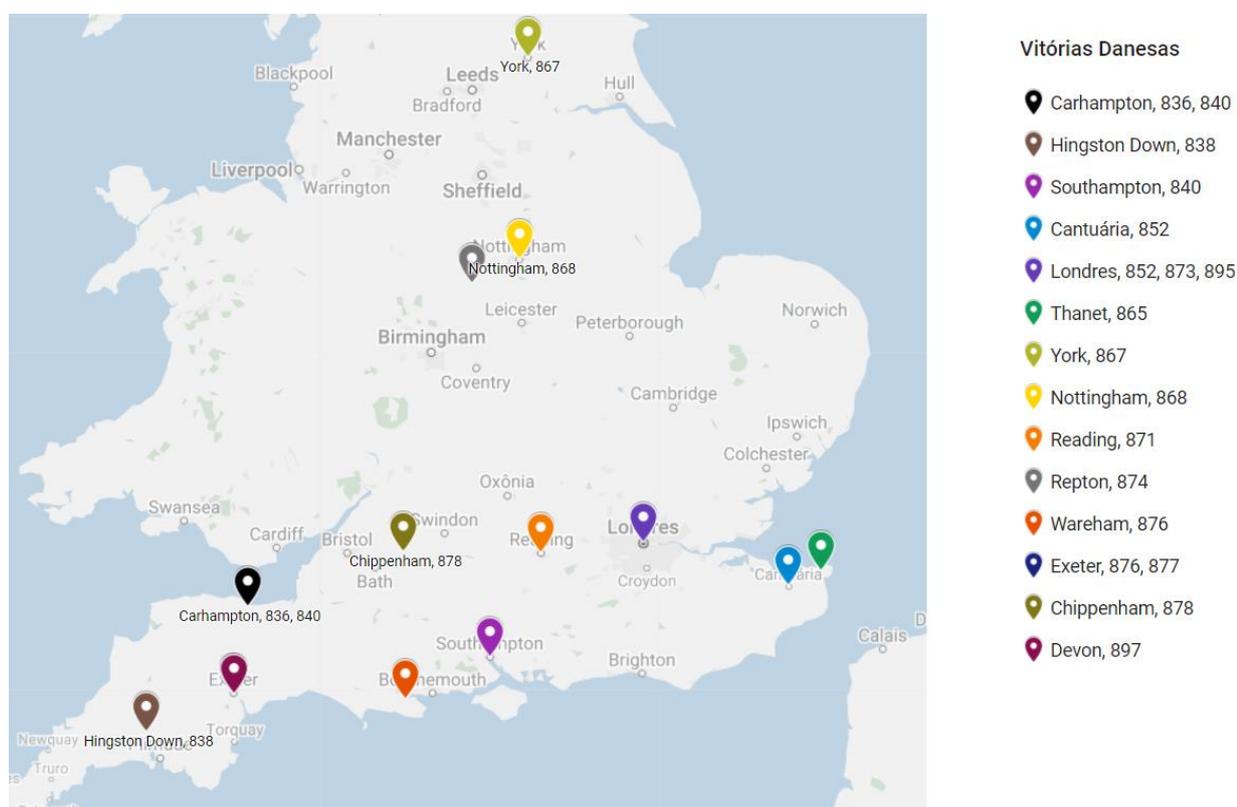
76 ALCUÍNO. Poem on York: versus de patribus, regibus et sactis Euboricensis ecclesiae. In: GODMAN, Peter. *The Bishops, Kings and Saints of York*. Oxford: Clarendon Press, 1982.

77 Letter from Alcuin to Ethelred, King of Northumbria. In: CROSSLEY-HOLLAND, Kevin. *The Anglo-Saxon World*. Woodbridge: The Boydell Press, 1982. p. 169-172.

78 Consultamos esta epístola através de uma tradução ao Inglês presente em BLAIR, John. *The Church in Anglo-Saxon Society*. op. Cit. p. 124.

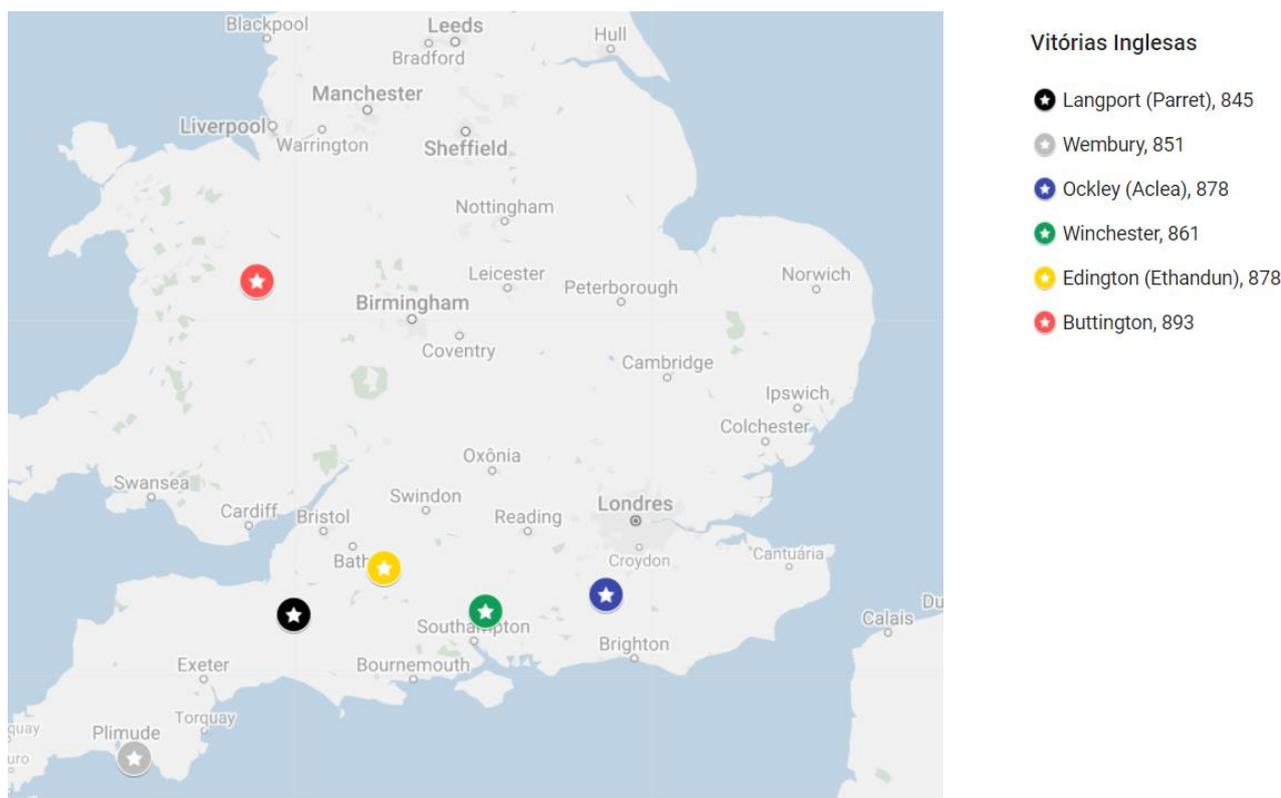
79 Original em Inglês Antigo: “Her cuom micel sciphere on Westwalas 7 hie to anum gecierdon, 7 wiþ Ecgbryht Westseaxna cuningwinnende wæron. Þa he þæt hierde 7 mid fierde ferde 7 him wiþ feaht æt Hengestdune 7 þargefliemde ge þa Walas ge þa Deniscan.” (*ASC*, 836, MS A)

núcleo da força central de oposição aos Daneses da *Angelcynn*. O resgate desta resistência após Ecgberht aconteceria apenas no final do século com Alfredo. Esta conjunção entre Daneses e Bretões Galeses fortalece nossa hipótese central das unidades plurais. Mesmo que os Ingleses tenham sido descritos como um corpo militar desmembrado e oposto, novamente percebemos como a união de agrupamentos étnicos era algo situacional.⁸⁰ Seria este um fator que definiria os caminhos que as respectivas etnicidades tomariam posteriormente? É difícil determinar. Esta união breve não impediu que os mesmos Bretões Galeses se opusessem com os Daneses mais tarde, mas, mesmo assim, nos indica como esta situacionalidade da etnia tomava forma nas alianças militares. Agrupamentos Bretões e Daneses se ajuntaram contra a hegemonia dos Ingleses e mesmo no campo militar, definido pelo conflito, embate e oposição, a pluralidade existiu.



Mapa 4: Mapa de vitórias do exército dos Daneses registradas na *Crônica Anglo-Saxônica*

80 GEARY, P. Ethnic Identity as a Situational Construct. op. Cit.



Mapa 5: Mapa de vitórias do exército dos Ingleses registradas na *Crônica Anglo-Saxônica*

O reinado de Ecgberht que acabara em 839 se mostrou como uma breve, porém intensa, resistência dos Saxões às incursões militares dos Daneses. Embora possivelmente sua reação aos Daneses tenha sido bem-sucedida, os registros de 836 e 838 da *Crônica* se mostram duais quando olhamos ao discurso que Alfredo queria mobilizar com a figura de Ecgberht. De acordo com Stuart Brookes e John Baker, “Egbert foi um ancestral importante de Alfredo”.⁸¹ Seu sucesso militar foi central para que o enredo da *Crônica* fizesse sentido com as vitórias de Alfredo em Ethandun, em 878. Muito porquê o local que Alfredo venceu era chamado de ‘Pedra de Ecgberht’, uma nítida referência aos sucessos militares do líder Saxão Ocidental contra os Daneses na década de 830 e de sua admitida relação com o mandante da *Crônica*.

Sobre as referências à Pedra de Ecgberht, Brookes e Baker sugeriram:

Este *corpus* deve ser suplementado pelo exame da terminologia de lugares descritivos de atividade militar, e em particular no elemento em Inglês Antigo *here*. O significado principal de *here* é ‘um exército’, e apesar de ser uma aplicação mais

81 Tradução livre de: “Egbert was an important ancestor of Alfred and Ægel was a figure from Germanic legend.” BROOKES, Stuart. BAKER, John. Explaining Anglo-Saxon military efficiency: the landscape of mobilization. *Anglo-Saxon England*. v. 44. p. 221-258. 2015.

geral para ‘uma multidão de povos’, parece ter desenvolvido o sentido [de] exército.⁸²

O uso da palavra em Inglês Antigo *here* foi central nas referências aos Daneses. Especialmente porque o caráter militar ocupou um lugar privilegiado no discurso da *Crônica* quando as referências foram os Daneses e que, conforme a tese de Courtney Konshuh evidenciou, se mostrou também um aporte ideal para que Alfredo dissertasse sobre a autoridade centralizada em suas mãos e do reino de Wessex sobre o restante da *Angelcynn*.⁸³ O uso do termo *here*, assim, ganhou corpo junto com os adjetivos que carregava. Em trechos posteriores, o famigerado *Grande Exército Pagão* foi denominado como *micel here*. *Here* para ‘exército’ e *micel* para ‘grande’, ‘amplo’. Este termo foi usado de maneira comum a partir dos registros da década de 840, quando as derrotas dos Ingleses foram mais recorrentes e a *Crônica* reportou uma reunião dos agrupamentos militares dos Daneses.⁸⁴

Ao fim do reinado de Ecgbert o vigor das forças reunidas da *Angelcynn* diminuiu. A *Crônica* relatou pesadas derrotas dos Ingleses para os Daneses. Em 840 foi registrada a luta de um nobre em Southampton contra uma horda de trinta e três navios Daneses e a derrota do *ealdorman* Æthelhelm para um exército dos Daneses, em Portland, Dorset. O curioso destes trechos é que, pela primeira vez, se relatou um assentamento sazonal dos agrupamentos Daneses, fazendo com que os embates étnicos deixassem de ser militares e a presença dos Daneses assumisse uma postura de ‘colonos’ estabelecidos no território. A *Crônica* registrou que as derrotas se tornaram territoriais a partir de então, com os Daneses “tomando posse do campo” (ASC, 840).⁸⁵ Em 841 foi descrita a derrota e submissão dos Anglos Orientais, dos habitantes de Lindsey e dos Cantuários de Kent.⁸⁶ Em 843 se registrou a derrota do sucessor de Ecgberht, o rei Æthelwulf de Wessex (r. 839 – 858), perdendo em Carhampton para uma horda de trinta e cinco navios.⁸⁷ Na nascente do rio Parret, em Dorset, uma união de dois nobres com os exércitos de Dorset e Somerset aplicou uma vitória Saxã contra os Daneses em 845.⁸⁸ Em 851, novamente uma vitória dos Ingleses, em um trecho-chave que o discurso da *Crônica* exaltou:

82 Tradução livre de: “This corpus might be supplemented by examining place-name terminology descriptive of military activity, and in particular the Old English (OE) element *here*. The main meaning of *here* is ‘an army’, and although a more general application to ‘a multitude of people’ seems to have developed, the sense [of] ‘army’.” Ibid p. 232.

83 KONSHUH, Courtney. **Warfare and authority in the Anglo-Saxon Chronicle c.891-924**. Tese (doutorado). Departamento de História. Universidade de Winchester. Winchester, 2014.

84 ‘*Micel here*’ é registrado especialmente em 866 e 917, os dois principais pontos de ebulição de união militar dos Daneses, de acordo com o MS A da *Crônica*.

85 Em Inglês Antigo: ‘Deniscan ahton wēlstowe gewald’ (ASC, 840, MS A).

86 ASC, 841.

87 ASC, 843.

88 ASC, 845.

Neste ano o Ealdorman Ceorl com o contingente de homens de Devon lutou contra o exército pagão em *Wicganbeorg* (Wembury) e os Ingleses fizeram uma grande matança ali e conseguiram a vitória. **Pela primeira vez os homens pagãos ficaram no inverno em Thanet.** No mesmo ano 350 navios vieram para a boca do rio Tâmis e invadiram Canterbury e Londres e colocaram para fugir Brihtwulf, rei dos Mércios, com seu exército e foi através do Tâmis para Surrey. O rei Æthelwulf e seu filho, Æthelbald, lutaram contra ele em Aclea com o exército dos Saxões Ocidentais e **ali infligiram a maior das matanças** [no exército pagão] que nós ouvimos falar até os dias de hoje, e conseguiram a vitória ali. (ASC, 851)⁸⁹ [Grifo nosso]

Sobressaltamos alguns elementos neste trecho. Primeiro é a sedentarização dos Daneses em Thanet para o inverno, o que nos sugere que na década de 850 a permanência dos agrupamentos Daneses estava cada vez mais ativa em territórios que antes eram controlados por líderes da *Angelcynn*. Segundo são as vitórias dos Ingleses em Wembury e na batalha de Aclea possivelmente em Thurley, Surrey, nitidamente aclamadas e valorizadas pelos cronistas. Através de registros que os Ingleses infligiram ‘grandes matanças no exército pagão’ (em Inglês Antigo: ‘*micelne here ofslogon*’) entendemos como os cronistas colocavam as narrativas vitoriosas dos Ingleses em evidência. Mas o que mais nos chama atenção é a derrota de Brihtwulf, rei dos Mércios entre 840 e 852. A derrota dos Mércios para o *Grande Exército* dos Daneses na Cantuária e em Londres foi um elemento que os Saxões exploraram. A partir do início da década de 850 os Saxões Ocidentais obtiveram uma hegemonia que crescia em ritmo acelerado sobre o reino de Mércia, colocando o monarca dos Mércios dentro do satélite do rei dos Saxões Ocidentais, Æthelwulf. Falando em unidade da *Angelcynn*, este trecho ilustrou manifestamente qual foi o papel dos Daneses na aproximação entre os Mércios e os Saxões Ocidentais que cinquenta anos mais tarde seriam englobados por Alfredo como o monarca único destes dois povos. As sucessivas vitórias dos Daneses na década de 840 definiram a união das forças militares de Mércios e Saxões contra um mesmo inimigo. Foi através da oposição, da diferença e do conflito contra estes recém-chegados que cada vez mais ‘colonizavam’ o território que as características plurais das unidades de Mércios e Saxões – e conseqüentemente, de Daneses, que se movimentavam neste território e interagiam com eles – tomou forma. É graças a participação deste Outro que os Ingleses se associaram sob a mesma bandeira: a *Angelcynn*.

89 Original em Inglês Antigo: “Her Ceorl aldormon gefeagt wiþ hæþene men min Defenascire æt Wicganbeorge, 7 þær micel wælgeslogon 7 sige namon. 7 þy ilcan geare Eþelstan cyning 7 Ealchere dux micelne here ofslogon æt Sondwic on Cent 7 .ix .scipu gefengun 7 þa oþre gefliemdon. 7 heþne men ærest ofer winter sæton. 7 þy ilcan geare cuom feorðe healf hund scipa on Temese muþan 7 bræcon Contwaraburg 7 Lundenburg, 7 gefliemdon Beorhtwulf Miercna cyning mid his fierde, 7 foron þa suþ ofer Temese on Suþrige 7 himgefeagt wiþ Eþelwulf cyning 7 Eþelbald his sunu æt Aclea mid Westseaxna fierde, 7 þær þæt mæstewel geslogon on heþnum herige þe we secgan hierdon oþ þisne ondweardan dæg, 7 þær sige namon.” (ASC, 851, MS A) A adição da informação de Wembury entre parênteses é nossa.

Para além da associação de Saxões Ocidentais e Mércios sob o grande grupo étnico da *Angelcynn*, dois tópicos em evidência nos registros do reinado de Æthelwulf são as peregrinações à Roma e os matrimônios. O rei, para selar o domínio sobre Mércia, deu sua filha para se casar com o rei Burgred (r. 852 – 874) e convocou duas expedições, das quais a *Crônica* retratou para 855.⁹⁰ Nestas mesmas peregrinações religiosas à Roma, em seu retorno, Æthelwulf expandiu sua rede de alianças matrimoniais. O rei já era casado com Osburh, filha de um nobre de seu reino⁹¹ conhecida por ser mãe do rei Alfredo. Após a primeira esposa falecer, ele se casou com Judith, filha de Carlos, o Calvo (r. 840 – 875), rei de Flanders. A *Crônica* registrou os dois matrimônios:

E após isso, após a Páscoa, o Rei Æthelwulf deu sua filha em **casamento** para o Rei Burgred, de Wessex para Mércia. (ASC, 853)⁹² [Grifo nosso]

Neste ano os homens pagãos, pela primeira vez ficaram em Sheppey no inverno. E no mesmo ano o Rei Æthelwulf transmitiu por carta a décima parte de sua terra através de todo seu reino para o louvor de Deus e sua própria salvação eterna. E ele **foi para Roma** no mesmo ano com grande cerimônia, e ficou lá doze meses, e então voltou para casa. Charles, rei dos Francos, deu sua filha como **sua rainha**. Após isso, ele veio para casa para seu povo, e eles estavam felizes com isso. (ASC, 855)⁹³ [Grifo nosso]

Existe uma correlação destes dois importantes pontos. Primeiro é que o registro de peregrinações para 855 *Crônica* certamente não esteve ali por acaso. Dado que os Daneses frequentemente foram registrados pelo vocábulo de referência religioso ‘*heaðen*’ (pagãos), atribuir narrativas de peregrinação religiosa foi o contraponto dos cronistas ao registro da destruição dos monumentos religiosos Ingleses (principalmente monastérios) pelos Daneses que acontecia no período. Segundo é que era necessário que a *Crônica* expandisse a rede de conexões religiosas, aplicando uma ideia de espaço cristão amplo (cristandade) para criar um contraponto diante desta ameaça ‘profana’ que a etnicidade Danesa carregava. Para além do domínio político dos Saxões Ocidentais sobre os Mércios – selados com o casamento de Æthelswyth, filha do rei de Wessex,

90 ASC, 855.

91 Janet Nelson sugere que Osburh morreu antes do casamento de Judith of Flanders, embora consideramos a possibilidade que monarcas com casamentos múltiplos não era algo incomum para a época. NELSON, Janet L. Osburh [Osburga]. In: MÚLTIPLOS AUTORES. **Oxford Online Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: < <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-20887> > e acessado em 10 de janeiro de 2021.

92 Original em Inglês Antigo: “7 þæs ofer Eastron geaf Aþelwulf cing his dohtor Burhrede cinge of Wessexum on Myrce.” (ASC, 845, MS C)

93 Original em Inglês Antigo: “Her heþne men ærest on Sceapige ofer winter sætun. 7 þy ilcan geare gebocude Eþelwulf cyning teoþan dæl his londes ofer al his rice Gode to lofe 7 him selfum to ecere heþo, 7 þy ilcan geare ferdeto Rome mid micelre weorþnesse 7 þær was .xii. monaþ wuniende 7 þa him hamweard fór, 7 him þa Carl Francna cyning his dohtor geaf him to cuene, 7 æfter þam to his leodum cuom 7 hie þæsgefægene wærun. 7 ymb .ii. gear þæs ðe he on Francum com he gefór, 7 his lic liþ æt Wintanceastre, 7 he ricsode nigonteoþe healf gear.” (ASC, 855, MS A)

com o rei Burgred de Mércia – o casamento com Judith de Flanders com Æthelwulf seria um sinal da *Crônica* para expor como o rei respondia a uma comunidade cristã mais ampla. Este segundo ponto foi especialmente mais relevante, pois, de acordo com Pauline Stafford:

Conforme rainhas se tornaram uma parte significativa da paisagem política, nenhum rei poderia bancar-se sem uma. Obscuro como fosse, a história Mércia do século IX pode ser um capítulo crucial na história dos reinados das rainhas dos Ingleses, se não dos Europeus.⁹⁴

A análise de Stafford, embora seja fundamentada no papel das mulheres dentro da história política de Mércia, nos traz pontos que devem ser refletidos. O central é que as confluências matrimoniais na coroa de Wessex formou um cenário para além do político. Em termos de outridade, interpretamos que o aumento desta amplitude cristã foi um contraponto necessário às referências religiosas ‘profanas’ que os Daneses carregavam. Para o discurso cronístico, era necessário ilustrar a abrangência territorial da fé cristã confirmada pelas conexões políticas do rei de Wessex e, principalmente, demonstrar que ela se impunha contra a presença dos ‘pagãos’ no território da *Angelcynn*. Para uma leitura tropológica da *Angelcynn*, o discurso que desenreda uma unidade multifacetada dos povos Ingleses se usou destas válvulas de escape narrativas (como matrimônios e peregrinações dos monarcas) para criar a tensão central que classifica os Ingleses da *Angelcynn* como diferentes dos Daneses. Ao menos falando em sistemas classificatórios, as diferenças políticas e religiosas delimitadas pelo discurso cronístico novamente se fizeram presentes, estampando mais uma situação de outridade na formação dos povos Ingleses.

A continuar a cronologia, nos anais do ano de 861 apareceu a morte do rei Æthelwulf e a sucessão para com seu irmão Æthelbert que reinou nos cinco anos subsequentes até 865 quando fora sucedido por Æthelred (r. 865 – 871). Neste mesmo registro foi mencionado que os exércitos de Ingleses de Berkshire e Hampshire, liderados por seus respectivos nobres, venceram os Daneses em Winchester.⁹⁵ Mas o registro de 865 foi o que mais se destacou por conta de mais uma peculiaridade que os cronistas alfredianos narram:

Neste ano o exército pagão acampou em Thanet e fez paz com o povo de Kent. O povo de Kent prometeu a eles dinheiro por esta paz. Sob o disfarce desta paz e promessa de dinheiro, o exército roubou a terra durante a noite e devastou toda Cantuária oriental. (ASC, 865)⁹⁶

94 STAFFORD, Pauline. Political Women in Mercia. In: FARR, C. BROWN, M. P. Mercia: An Anglo-Saxon Kingdom in Europe. Op. Cit. p. 43.

95 ASC, 861.

96 Em Inglês Antigo: “Her sæt hæþen here on Tenet 7 genam frið wið Cantwarum, 7 Cantware him feoh geheton wið þamfriðe, 7 under þam friðe 7 þam feohgehate se here hyne on nyht upp bestæl 7 oferhergode ealle Cænteastewearde.” (ASC, 866, MS C).

Pela primeira vez a *Crônica* admitiu uma negociação entre as pessoas que os cronistas consideravam parte da *Angelcynn* (os Cantuários de Kent) e os Daneses. Uma negociação fracassada, uma vez que a partir do final da década de 860 e início da década de 870 os Daneses exerciam hegemonia sobre praticamente toda Ânglia Oriental e Kent. Estas regiões, até este período, tiveram reinos com relativa autonomia e soberania sobre sua terra e, desde então, se encontraram sob o governo de indivíduos que pertenciam a uma etnia diferente. Este embaralhamento das identidades étnicas de um território em específico – que, infelizmente, não deixou fontes majoritárias, ao menos para este período – estava cada vez mais complexo neste recorte. Foi a partir da metade do século IX que alguns historiadores consideraram que pela primeira vez os Ingleses estavam sob domínio da chamada *Danelaw*, termo usado para definir a porção de terra governada pelos Daneses.

Antes de continuarmos para a cronologia final de nossa análise do processo de formação dos povos Ingleses, levantamos a problemática dos usos historiográficos do termo ‘*Danelaw*’ e como ele impactou na análise do cenário político do século IX. O ponto central que partimos é o entendimento de que os Daneses e Ingleses do período não usavam este termo como referência para uma entidade política. Em suma, não raramente encontramos referências de algo como ‘reino da *Danelaw*’ como uma estrutura política única e fechada em si mesma. Neste contexto o domínio dos Daneses não pode ser lido por noções anglicizadas como ‘reino’, portanto, falar em *Danelaw* no século IX é usar um termo anacrônico, mas que mesmo assim tem sido aceito pela historiografia. A palavra *Danelaw* foi usada pela primeira vez em um código de leis de 1008 do reinado de Æthelred II, o Despreparado (r. 978 – 1013).⁹⁷ Assim, o uso deste termo esteve temporalmente longe do período que analisamos. Na totalidade da *Crônica Anglo-Saxônica*, por exemplo, não existe nenhuma menção à palavra. Em nossa delimitação, quando nos referenciamos à porção de terra controlada pelos Daneses como *Danelaw* trabalhamos com um termo criado em uma temporalidade bastante posterior e que foi fortalecido pela historiografia.

Em referência à etnicidade, como disse Isabela Albuquerque: “A própria *Danelaw*, por exemplo, seria uma expressão de que nem sempre os elementos que apresentam terminologia Danesa correspondem ao fato de todos, sob essa jurisdição, pertencerem a um mesmo grupo étnico”.⁹⁸ A colocação de Albuquerque indicou como esta jurisdição, nas palavras da autora, era constituída por pluralidade. Esta reflexão reforça nossa hipótese central de que mesmo as unidades Danesas eram multifacetadas etnicamente.

97 HADLEY, D. M. *The Northern Danelaw: its social structure. c. 800-1100*. Leicester: Leicester University Press, 2000. p. 2.

98 ALBUQUERQUE, Isabela. As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos. op. Cit. p. 20.

Como discutido no capítulo II em referência aos Bretões, por mais que o tom das fontes ilustrasse ‘grandes matanças’ e/ou ‘genocídios’ no período, foi provável que a população camponesa majoritária continuou em seus estabelecimentos rurais neste contexto. Mas, dada as limitações das fontes, dificilmente chegaremos além do que elas nos apresentaram para ter um panorama mais amplo sobre a forma que esta população camponesa respondia em termos de sentimento de pertença. Ao olharmos às documentações demarcatórias, a *Tribal Hidage*, houve algumas direções para a posse de terra dos reinos Ingleses da *Angelcynn*, mas este documento foi bastante inconclusivo e não adentrou às possibilidades de pertencimento.⁹⁹

Mesmo que o controle da terra tenha passado das mãos de Ingleses para Daneses, não houve grandes impactos na população afastada dos centros urbanos nos territórios de Lindsey, Ânglia Oriental ou Kent. Estes reinos se transformaram no núcleo da *Danelaw* no período.¹⁰⁰ Neste contexto o controle das terras pela Igreja se enfraqueceu, uma vez que os monastérios Ingleses passavam por um período contínuo de crise em função dos saques dos Escandinavos.¹⁰¹ Por outro lado, a presença Danesa nos territórios controlados pelos Ingleses era uma questão de adaptação. Como dissera Stephen Bassett, “muitos limites [do período] Anglo-Saxão e mesmo anteriores, refletiam as decisões ditadas por um grupo ou por indivíduos com a paisagem natural e humana, com os vizinhos e com seus governantes”.¹⁰² A partir destas reflexões formamos um contexto mais nítido do impacto desta interação Danesa, ao menos no controle sobre a terra.

O poder da tomada de decisões administrativas nestas regiões saiu dos Ingleses e foi deslocado em direção aos Daneses, fazendo com que admissão da perda de território fosse inevitável para a *Angelcynn*. A *Crônica* deu indícios breves sobre este insucesso, somente relatando os motivos que a *Angelcynn* perdeu o controle de seu território, mas ela não deixou escapar esta informação. O ponto central é que estes ‘limites’ territoriais, como disse Bassett, mesmo que carregassem adaptabilidades, eram em sua maioria fluidos, se usarmos o contraponto de Elaine Treharne.¹⁰³ Isto possibilitou que Daneses e Ingleses constituíssem um campo de interações amplo e

99 DUMVILLE, David. The Tribal Hidage: an introduction to its texts and their history. In: BASSETT, Steven. (ed.) (1989), **The Origins of Anglo-Saxon Kingdoms**. Leicester: Leicester University Press, 1989. pp. 225-30; 286-7.

100 Sobre a relação da população com a terra no período, Simon Keynes apresenta um panorama bastante didático para sustentar a afirmação que fazemos. Ver: KEYNES, Simon. England, 700-900. In: MCKITERRICK, Rosamond (ed.). **The New Cambridge Medieval History: Volume II, c.700-c.900**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 21-25.

101 DUNN, Marilyn. Britain and Ireland. In: DUNN, Marilyn. **The Emergence of Monasticism: from Desert Fathers to the Early Middle Ages**. Oxford: Blackwell Pub., 2000. p. 138-157. Sobre o contexto de poder político e territorial exercido pela Igreja no período, nosso aporte é: BLAIR, John. *The Church in Anglo-Saxon England*. op. Cit.

102 Tradução livre de: “Many Anglo-Saxon and even earlier boundaries, reflecting decisions dictated by a group’s or individual’s relations with the natural and human landscape, with neighbours, and with their rulers”. BASSETT, Stephen. *Boundaries of Knowledge: mapping the land units of late Anglo-Saxon and Norman England*. In: DAVIES, Wendy. HALSALL, Guy. REYNOLDS, Andrew. **People and Space in the Middle Ages, 300-1300**. Turnhout: Brepols, 2006. p. 116.

103 TREHARNE, E. *Borders*. op. Cit.

diversificado.¹⁰⁴ Por estas comunicações étnicas: 1) temos um panorama mais amplo do impacto dos Daneses na formação identitária dos Ingleses enquanto grande grupo étnico e 2) ao olhar para a *Crônica*, compreendemos qual foi a reação do enredo criado em torno da *Angelcynn* a estas invasões. Assim, este cenário nos possibilitou identificar quando a *Crônica* construiu seu enredo pensando no projeto alfrediano e quando o relatado pelos cronistas correspondia a uma conjuntura mais próxima dos acontecimentos efetivos.

Esta parcialidade dos relatos da *Crônica Anglo-Saxônica* fez parte do discurso Anglocêntrico mantido pelas fontes Inglesas ao menos desde Beda. Consideramos este discurso vinculado ao projeto alfrediano na análise do Outro. A presença destes povos foi um fator relevante que fortaleceu este Anglocentrismo. Partindo desta interferência, comparamos os termos conceituais que a *Danelaw* carregou na historiografia com as situações de outridade presentes na *Angelcynn*. Mesmo que analisar o contexto pelas lentes da outridade não tenha sido uma das sugestões de D. M. Hadley ao lidar com este tópico, a historiadora sugeriu um caminho interessante de abordagem:

Estes problemas historiográficos e metodológicos dificultam tentativas para acessar a contribuição Escandinava às sociedades da Danelaw nortenha por significar uma comparação com outras partes da Inglaterra Anglo-Saxônica. Nós não esperamos elucidar aspectos da história da Danelaw nortenha se nós importarmos modelos sem crítica desenvolvidos em outro lugar. Mesmo assim, é essencial mover-se para além do puro local, ou mesmo da perspectiva Anglocêntrica.¹⁰⁵

A análise de Hadley foi bastante interessante ao questionarmos os modelos de abordagem da *Danelaw* no contexto do século IX. Para ler como o discurso cronístico se tangenciou com a *Danelaw*, compreendemos que é mais produtivo entender as referências a este espaço como uma construção discursiva da *Crônica*, ainda que sem um *tropos* definido pelo documento¹⁰⁶, do que entendê-la como um local propenso a uma abordagem comparativa. Assim assumimos a posição teórico-metodológica de Hadley, em um dos sutis pontos de divergência com o prisma comparativo construído na tese de Isabela Albuquerque.¹⁰⁷ Por mais que a *Danelaw* foi em si mesma um problema historiográfico, ela nos serve como um vocábulo de referência produtivo para denominar a região controlada pelos Daneses a partir de meados do século IX. Portanto, para chegarmos a este vocábulo de referência (*Danelaw*), analisamos o conceito por via qualitativa. Embora o prisma

104 BARTH, F. Grupo étnicos e suas fronteiras. op. Cit.

105 Tradução livre de: “These historiographical and methodological problems hamper attempts to assess the Scandinavian contribution to the societies of the northern Danelaw by means of a comparison with other parts of Anglo-Saxon England. We cannot hope to elucidate aspects of the history of the northern Danelaw if we import uncritically models developed for elsewhere. Nonetheless, it is essential to move beyond a purely local, or even Anglo-centric, perspective.” HADLEY, D. M. *The Northern Danelaw*. op. Cit. p. 41.

106 WHITE, H. Trópicos do Discurso. op. Cit.

107 ALBUQUERQUE, Isabela. As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos.

Anglocêntrico das fontes talvez seja um dos principais desafios que a outridade enquanto ferramenta de análise precisa superar no contexto formativo dos povos Ingleses, ele é ao menos um caminho para se analisar o impacto de uma *Danelaw* em construção. O Anglocentrismo, assim, impede o silogismo de uma abordagem comparativa, o que faz com que se perca um ou outro elemento em uma comparação entre duas partes que não estiveram em equilíbrio. Ao encararmos o Anglocentrismo pela via qualitativa, a centralidade discursiva nos Ingleses abriu um caminho muito prolífico para investigar como território dos Daneses foi colocado no discurso da *Crônica* enquanto um Outro. Através destas noções especulamos separações entre as expressões que correspondem aos cronistas de Alfredo e os eventos que tomaram corpo, assim sendo factível ver estas duas possibilidades como envolvidas diretamente na participação do Outro no processo formativo.

Na *Crônica Anglo-Saxônica*, ao chegar mais perto do período de reinado de Alfredo (871 – 899), é necessário tomarmos os cuidados conceituais necessários, uma vez que o documento se torna cada vez mais detalhado sobre os eventos.

No ano de 867 foi relatado o massacre dos Daneses em York, resultando na deposição do rei da Nortúmbria.¹⁰⁸ Este evento em específico foi o começo do aumento do domínio da *Danelaw*, saindo de Lindsey e Ânglia Oriental e agora ocupando o reino da Nortúmbria, que em termos de porção de terra era o mais largo do contexto territorial da época. O reino da Nortúmbria em 867 estava dividido na disputa do trono por dois reis: Osbert e Ælle. A *Crônica* em específico se posicionou sobre este conflito, dizendo que Ælle “não tinha direito hereditário” (ASC, 867).¹⁰⁹ O ataque do *Grande Exército* em efeito acabou com a disputa por este trono. Dada a ameaça externa, os dois postulantes juntaram seus exércitos para lutar contra um inimigo externo comum que derrotou os Nortúmbrios com facilidade. Ælle (r. 867 – 868), o vencedor deste embate político interno, se tornou um rei que estava sob o satélite dos comandantes militares Daneses. Eventos como este marcam como a órbita de um Outro antagonista foi uma justificativa plausível para resolver conflitos internos da Nortúmbria. Esta foi uma hipótese estabelecida pelas classificações políticas da outridade. Barbara Yorke, ao relatar este evento, embora relacionasse estes dois agrupamentos em sua leitura sobre os eventos de 867 não atribuiu diretamente este evento à participação de um Outro.¹¹⁰ Enxergamos que esta carga de outridade precisa ser considerada a partir do contexto da década de 860. Mesmo que estivesse inserida em um contexto político-militar, esta ameaça externa Danesa foi um ponto de ebulição que fez agrupamentos Ingleses antagônicos se aproximarem e se encararem pelo espectro da semelhança. A participação dos Daneses, em vez de

108 ASC, 867.

109 Original em Inglês Antigo: “7 ungecyndne cyning underfengon Ællan;” (ASC, 867, MS A)

110 YORKE, B. Kings and Kingdoms. op. Cit. p. 97.

dividir os aliados de Osbert e Ælle, os uniu, colocando mais um aspecto de pluralidade étnica dentro da formação das unidades da *Angelcynn*.

No registro de 868 os anais relataram uma batalha em Nottingham em que o exército composto por Mércios e Saxões Ocidentais, liderado por Æthelbert e seu irmão mais novo, Ælfred (Alfredo) lutou contra o *Grande Exército*. A *Crônica* registrou que “os Mércios fizeram paz com o inimigo” (ASC, 868).¹¹¹ A primeira menção à Alfredo não poderia ser admitida como uma derrota. A escolha das palavras de que os Mércios procuraram ‘fazer paz’ (*fridnamon*) foi uma fuga narrativa dos cronistas para não reconhecer uma derrota dos Ingleses para o *Grande Exército* dos Daneses. A partir dali trechos como este se tornaram majoritários para retratar a derrota dos Ingleses, sem confessar que essa derrota fosse, de fato, uma derrota. Era inconcebível que Alfredo, um líder militar excepcional para os cronistas sob seu julgamento,¹¹² fosse registrado como um derrotado em sua primeira menção. A escolha pela narrativa pacificadora nos indica que era uma estratégia do monarca fabricar tratados e tolerar a presença dos Daneses, mesmo que estas convenções fossem artificiais e situacionais. Ainda assim, os cronistas alfredianos exploraram estas brechas para tratar as derrotas dos Ingleses com dignidade. Foi um registro que não estava apenas nos anais de 868, mas se seguiu no recorte posterior ao século IX, portanto, foi um discurso que moldou duzentos anos de ocupação Danesa no território da *Angelcynn*. Os Ingleses *Angelcynn* se tornaram tolerantes com a inevitável presença Danesa, admitindo fronteiras mutáveis entre os agrupamentos.

Uma mudança da narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica* aconteceu a partir de 871:

Neste ano o exército veio de Wessex para Reading, e três dias depois dois *earls* Daneses cavalgaram em direção ao interior. Então o *Ealdorman* Æthelwulf encontrou-os em Englefield, e lutou contra eles ali e teve a vitória, e um deles, de quem o nome era Sidroc, foi morto ali. Então quatro dias depois o Rei Æthelred e seu irmão Alfredo lideraram um grande exército para Reading e lutaram contra o exército; e ali um grande extermínio foi feito em ambos os lados, o *ealdorman* Æthelwulf foi morto, e **os Daneses tomaram posse do campo de batalha**. (ASC, 871)¹¹³ [Grifo nosso]

O interessante deste registro é que este foi apenas o trecho introdutório de um longo trecho de quatro parágrafos que detalhou as batalhas de Ashdown (em que não houve um vencedor definitivo) e o reencontro dos exércitos em Mereltun, com os Daneses assegurando a vitória. A partir daqui a *Crônica* deixou de ter relatos diretos e descreve narrativas mais longas. Narrativas das

111 Original em Inglês Antigo: “Myrce fridnamon wið þone here.” (ASC, 869, MS C)

112 ABELS, R. Alfred, the Great. op. Cit.

113 Original em Inglês Antigo: “Her com se here to Readingum on Wessex, 7 ðæs eft ymb .iii. niht ridon .ii. eorlas upp. Ða gemette Æþelwulf ealdormann hie on Englafelda, 7 him þær wið gefeaht 7 sige nam, 7 hyra ðær wearð oþerofslegen þæs nama wæs Sidroc. Ða ymb .iiii. niht Æþered cing 7 Ælfred his broþor ðær micle fyrd to Readingum gelæddon 7 wið þone here gefuhton, 7 þær wæs micel wæl geslegen on gehwæþere hand, 7 Æþelwulf ealdormann wearð ofslegen, 7 þa Deniscan ahton wælstowe gewæld.”

quais raramente entraram em detalhes sobre a quantidade de contingente no exército dos Daneses, mas, como era de se esperar, detalharam a força e valentia dos Ingleses da *Angelcynn* em oposição a este inimigo implacável. Consideramos esta mudança uma fronteira entre o que fez parte da *Common Stock* da *Crônica Anglo-Saxônica* com o enredo mais detalhado que ganhou corpo até 1154, quando o documento deixou de ser escrito. Este aspecto ‘presentista’ da *Crônica* fez com que olhemos estes detalhes por uma outra lente: Alfredo deixou de manipular a narrativa de um passado remoto e ordenou a descrição do presente que viveu, mesmo que pelos olhos hegemônicos de uma *Angelcynn* em fortalecimento. Foi justamente esta *Angelcynn*, um *tropos* do seu discurso, que foi a fórmula central de seu projeto. Além disso, o trecho acima foi definido para o ano de 871 de forma quase proposital, visto que era o ano em que Alfredo de Wessex foi coroado o rei dos Saxões Ocidentais e que uniria os Anglos e os Saxões que restaram através da ideia da *Angelcynn*.

Em 872 foi registrado de modo breve uma derrota do exército da *Angelcynn* para o *Grande Exército* dos Daneses, em Londres.¹¹⁴ Em 873, mais uma derrota em Lindsey.¹¹⁵ Em 874, uma derrota para os Daneses em Repton, da qual a *Crônica* entrou em detalhes sobre a passagem do rei Burgred de Mércia e a assunção de seu *thegn* (nobre do conselho real) Ceolwulf, dito como sendo um ‘tolo’ (*unwisum*), o que indicou uma rebeldia do reino de Mércia com o domínio de Wessex.¹¹⁶ Em 875 a narrativa deixa de lado o tom Anglocêntrico e relatou as vitórias dos Daneses contra os Pictos do recém-unificado Reino de Alba e os Bretões de Strathclyde na costa do rio Tyne.¹¹⁷ O ponto de inflexão central para as situações de outridade desta década foi o trecho de 876:

Neste ano o exército do inimigo desatou o exército dos Saxões Ocidentais em direção à Wareham; e então o rei fez paz com o inimigo, dando a eles reféns, a quem foram os homens mais importantes próximos do exército de seu rei, e **fez juramentos a ele no anel sagrado** – uma coisa que eles não fariam diante de nenhum povo – que eles poderiam rapidamente deixar seu reino. E então, sob este disfarce, eles – o exército montado – fugiram durante a noite para longe do exército dos Ingleses para Exeter. E naquele ano Healfdene **compartilhou a terra** com os Nortúmbrios, e eles procederam a lavrá-la, e apoiaram-se entre eles. (*ASC*, 876)¹¹⁸ [Grifo nosso]

Neste trecho levantamos dois pontos interessantes. O primeiro é o reconhecimento da sacralidade do anel usado por Healfdene, um dos comandantes do *Grande Exército*. O

114 *ASC*, 872.

115 *ASC*, 873.

116 *ASC*, 874.

117 *ASC*, 875.

118 Original em Inglês Antigo: “Her hine bestæl se here into Werham Wessexena fyrde. 7 siððan wið þone here se cing nam frið, 7 himþa gislas sealdon þe on ðam here weorðoste wæron to þam cinge 7 him þa aðas sworan on þam halganbeage, þe hi ær noldon nanre þeode, þæt hi hrædllice of his rice faran woldon, 7 hi þa under þam hi nihtes bestælon ðære fyrde se gehorsoda here inn to Exanceastre. 7 þy geare Healfdene Norðanhymbraland gedælde, 7 ergende wæron 7 hira tilgende wæron.” (*ASC*, 877, MS C)

conhecimento de um ritual de juramento pertencente a um Outro povo em uma religião considerada profana é algo bastante intrigante para nós. É um fato que mescla as classificações políticas da outridade com as classificações religiosas, uma vez que o costume do juramento por anel e/ou bracelete fez parte de um sistema de crenças definido dos povos Escandinavos, como disse Anders Hultgård.¹¹⁹ Este tipo de descrição nos faz especular sobre o quão o costume religioso dos Daneses era conhecido e compreendido pelos Ingleses neste período. O segundo ponto em evidência é o compartilhamento de terra dos Nortúmbrios para com os Daneses. A admissão da existência de uma *Danelaw* organizada considerou que a Nortúmbria se tornou um território muito menos reivindicado pela *Angelcynn*. Por este segundo fator, acompanhado do primeiro ponto de análise, entendemos que as situações de outridade de Ingleses com Daneses chegaram a um nível que não havia sido descrito. Cada vez mais o ajuntamento destes dois grupos étnicos demonstra o hibridismo inevitavelmente admitido pelos cronistas.¹²⁰ Os povos conheciam os costumes uns dos outros. Ao passar dos anos era irrevogável o entendimento que os Daneses foram parte importante do território que os Ingleses da *Angelcynn* se encontravam presentes, uma vez que fazia noventa anos desde que o primeiro avistamento dos navegadores Daneses em sua costa foi relatado para os anais de 787. Cada vez menos os povos Escandinavos saíam de uma órbita de um Outro forasteiro e antagonista e se transformaram em um Outro incluso e presente no cotidiano dos Ingleses da *Angelcynn*. Era, enfim, o início de um processo de outridade que remete à junção do Outro com o ‘si mesmo’ que categoricamente refletia no enredo criado pela *Crônica*.

No ano seguinte, em 877, mais uma aparente derrota de Alfredo para o *Grande Exército*. A *Crônica* relatou:

Neste ano o exército do inimigo de Wareham veio para Exeter; [e a força naval navegou ao oeste ao longo da costa] e eles encontraram uma grande tempestade no mar, e 120 navios foram perdidos em Swanage. O Rei Alfredo cavalgou atrás de seu exército montado com o exército dos Ingleses até Exeter, mas não pode sobrepô-los [antes de eles irem para a fortaleza onde eles não poderiam ser alcançados]. Eles o deram reféns ali, tantos quanto ele desejava ter, declarou grandes juramentos e então manteve uma **paz firme**. (ASC, 877)¹²¹ [Grifo nosso]

Ali, a narrativa dos cronistas indicou que ele manteve uma ‘paz firme’. Por mais ‘firme’ que tenha sido esta ‘paz’, certamente não foi um indicador de vitória das fileiras de combatentes da

119 HULTGÅRD, Anders. The Religion of the Vikings. In: BRINK, Stefan. *The Viking World*. Londres e Nova York: Routledge, 2008. p. 212-218.

120 COHEN, J. J. On Difficult Middles. op. Cit.

121 Em Inglês Antigo: “Her com se here to Exancestre fram Werham, 7 ða mette hie micel myst on sæ 7 þær forwearð .cxx.scypa æt Swanewic. 7 se cing Ælfred æfter þam gehorsodan here mid fyrde rad oþ Exancester, 7 hihindan ofridan ne mihte, 7 hi him gislas sealdon, swa fela swa he habban wolde, 7 micle aþas sworon, 7 ða godne frið heoldon. 7 þa on hærfeste gefor se here on Myrcna land 7 hit gedældon sum 7 sum Ceolwulfe sealdon.” (ASC, 878, MS C)

Angelcynn. Foi uma característica peculiar do início do reinado de Alfredo estas sucessivas derrotas, o que o levou para uma instabilidade política em seu próprio reino. Como dito anteriormente, Alfredo era o terceiro irmão de uma linha sucessória de irmãos que o sucedeu, herdeiros de Æthelwulf.¹²² O monarca teve à sua sombra seu sobrinho Æthelwold, uma sombra que permaneceu no trono de Wessex inclusive depois de sua morte nos embates de ascensão ao trono de seu filho Ædward (Eduardo, o Velho, r. 901 – 924). Æthelwold era filho de Æthelbert, considerado um *ætheling* (herdeiro com direito sucessório). Ao menos no início de seu reinado, o objetivo de Alfredo (que nesta época era mais rei dos Saxões Ocidentais do que líder da *Angelcynn*) era criar um clima de estabilidade política para reorganizar as táticas militares dos Ingleses contra seus inimigos. Sua ascensão ao trono foi uma disputa com Æthelwold, decidida a favor de Alfredo no *witan* de 871. Como disse Simon Keynes, o fator Danês foi um elemento que fortaleceu a manutenção de Alfredo no poder após sua ascensão.¹²³ Ao olhar para os eventos que se seguem, percebemos como a ascensão e posterior estabilidade política do monarca foi decidida graças ao inimigo externo, um Outro antagônico ao grupo étnico que ele seria a imagem política.

O ambiente de instabilidade política do reinado de Alfredo chegou simultaneamente a seu ápice e a seu fim em 878. No registro deste ano a *Crônica Anglo-Saxônica* começou com uma descrição de uma vitória Danesa em Clippenham, quando o *Grande Exército* em poderoso número ocupou o reino de Wessex e destronou Alfredo. Sobre a resposta do rei a este episódio, a *Crônica* relatou: “Ele viajou em dificuldades através das florestas e pântanos com uma força pequena” (ASC, 878).¹²⁴ Mas esta destituição do trono foi temporária. Após meses de fuga, o rei reorganizou forças Saxãs que fugiram do *Grande Exército* em Sommerset e marchou em direção a uma das vitórias mais marcantes do período formativo dos povos Ingleses: a Batalha de Ethandun. Sem poupar palavras, a *Crônica* relatou:

E logo depois, na Páscoa, o Rei Alfredo com uma pequena força fez uma fortaleza em Athelney; ele e a conjunção de pessoas de Sommerset a quem estavam perto dele procederam a lutar daquele forte contra o inimigo. Então na sétima semana depois da Páscoa ele cavalgou para a Pedra de Ecgberht, a leste de Selwood, e ali ele veio a encontrar-se com todo o povo de Sommerset, de Wiltshere e de parte de Hampshire a quem estava neste lado do mar, e eles reencontraram para ver ele. Então, depois de uma outra noite [eles foram para] Edington (Ethandun) e ali ele lutou contra todo o exército, colocou-os para fugir, os perseguiu até a fortaleza e ali

122 Esta preocupação sucessória talvez seja um dos motivos centrais que fez a *Crônica* ser composta também por genealogias do rei de Wessex para comprovar pertencimento à Casa de Cerdic. Ver NAISMITH, Rory. The Origins of the Line of Egbert, King of the West Saxons, 802-839. *English Historical Review*, n. 76. v. 518. 2011. p. 1-16.

123 Nota: trecho citado na p. 69 deste trabalho dissertativo. Ver: KEYNES, Simon. Alfred the Great and the Kingdom of Anglo-Saxons. GUENTHER, Nicole Discenza; SZARMARCH, Paul. *A Companion to Alfred the Great*. Leiden, Boston: Brill, 2015. p. 13.

124 Original em Inglês Antigo: “7 him to gecirdon buton þam cyninge Ælfrede. 7 he lytle werede unieþelice æfter wudum for, 7 onmorfæstenum” (ASC, 878, MS A)

ficou uma quinzena. Então o inimigo deu a ele reféns preliminares e grandes juramentos que eles deixariam seu reino e prometeram também que **seu rei deveria receber o batismo**, e eles mantiveram esta promessa. Três semanas depois o Rei Guthrum, com os homens que foram mais importantes para o exército veio [a ele] em Aller, do qual é próximo a Athelney, e o rei tornou-se padrinho dele em seu batismo ali; e **a libertação da crisma** tomou lugar em Wedmore. Ele esteve vinte dias com o rei e ele e seus companheiros o honrou com muitos presentes. (ASC, 878)¹²⁵ [Grifo nosso]

A batalha de Ethandun foi um divisor de águas do reinado de Alfredo. A vitória contra os exércitos combinados dos líderes Daneses – Guthrum, Healfdene e Ivar Sem Ossos – transformou 878 em um marco político para a continuidade do monarca. Um marco político sustentado pela conversão religiosa, o que definiu em grande medida o peso da vitória para os Ingleses.

O período entre o início da década de 860 e 878/9 foi o intervalo de tempo mais intenso de movimentações Danesas no século IX. Frank M. Stenton ilustrou este cenário: “A força do elemento Danês em sua composição variou amplamente entre um distrito e outro. Mas o ramo dominante estava em todo lugar, e foi com razões que os escritores legais da Era Normanda descreveram todo este país, coletivamente, como Danelaw”.¹²⁶ A leitura contextual de Stenton indicou o fator da pluralidade presente neste período, o que contribui para nossa reflexão. Especialmente neste recorte as situações de outridade entre Daneses e Ingleses estavam cada vez mais intensas com estas movimentações. Muitas vezes marcado pela oposição militar, a partir de então estes dois grupos étnicos passaram a compartilhar aglomerações populacionais que se relacionavam no quesito social, religioso e político. Este Outro, muito antagonizado pela *Crônica Anglo-Saxônica*, era um elemento presente no cotidiano da *Angelcynn*, fazendo com que se torne impossível falar em povos Ingleses no século IX sem falar no elemento Danês que o orbita.

A partir de 878 os Daneses, expulsos de Wessex, encontraram refúgio em seus antigos domínios de Ânglia Oriental e Kent e ali mantiveram um contingente reduzido por alguns anos. A *Crônica* registrou estas reduções militares, mas sem deixar claro se houve um embate com tropas

125 Original em Inglês Antigo: “7 þæs onEastron worhte Ełfred cyning lytle werede geweorc æt Eþelingaeigge, 7 of þam geweorce waswinnende wiþ þone here, 7 Sumursætna se dæl, se þær niehst wæs; Ða on þære seofodan wiccan oferEastron he Gerard to Ecgbryhtes stane be eastan Sealwyda, 7 him to com(m)an þær ongen Sumorsætealle, 7 Wilsætan, 7 Hamtunscir se dæl, se hieere behinon se was, 7 his gefægene wærun; 7 he for ymbane niht of þam wicum to Iglea, 7 þæs ymb ane to Eþandune, 7 þær gefeagt wiþ alne þone here, 7 hiene gefliemde, 7 him æfter rad oþ þæt geweorc, 7 þær sæt .xiii. niht; 7 þa salde se here himforegislas 7 micle aþas þæt hie of his rice uuoldon 7 him eac geheton þæt hiera kyning fulwihte onfonwolde 7 hie þæt gelæston swa, 7 þæs ymb .iii. wiccan com se cyning to him Godrum þritiga sum þaramonna þe in þam here weorþuste wæron æt Alre, 7 þæt is wiþ Eþelinggaeige; 7 his se cyning þæronfeng æt fulwihte, 7 his crismlicing was æt Weþmor, 7 he was .xii. niht mid þam cyninge, 7 he hinemiclum 7 his geferan mid feo weorðude.” (ASC, 878, MS A). A continuação do trecho que não citamos aqui está dividida entre o MS B e o MS C da *Crônica*.

126 Tradução livre de: “The strength of the Danish element in its composition varied widely between one district and another. But it was the dominant strain everywhere, and it was with reason that legal writers of the Norman age described the whole of this country, collectively, as the Danelaw.” STENTON. F. Anglo-Saxon England. op. Cit. p. 257.

Saxãs. Em 879 os anais relataram a movimentação do exército de Clippenham para Cirencester, afirmando que “um bando de vikings debateu em assembleia e acampou em Fulham, pelo Tâmisia” (ASC, 879)¹²⁷. Este elemento nos é interessante porque demonstra como os cronistas de Alfredo, que escreveriam o documento cerca de quinze anos mais tarde, conheciam, ou ao menos especulavam sobre os métodos de discussão militar dos Daneses. Foi uma ilustração de que os Daneses ficaram divididos entre Cirencester e Fulham, um discurso que retratou que após Ethandun não havia mais unidade no famigerado *Grande Exército* dos Daneses. Um outro ponto sobre este trecho foi que se registrou o termo ‘*viking*’ (‘*wicinga*’, no Inglês Antigo) para fazer referência aos Daneses. A substituição da referência étnica (Daneses) para a referência da ‘profissão’ de saqueador (Viking)¹²⁸ levantou questionamentos sobre como a *Crônica* via a integração entre estas duas expressões dos Escandinavos. Evidenciamos que os cronistas, quiçá os Ingleses da *Angelcynn* em geral, diferenciavam a identidade de um coletivo da profissão que estes agrupamentos exerciam.

Em 880 foi registrado que parte dos combatentes Daneses que ficaram na Ânglia Oriental passaram a “compartilhar a terra” (ASC, 880)¹²⁹ com os grupos locais. Os cronistas notaram que a parcela que estava em Fulham foi para a terra dos Francos, lugar que se tornou o principal foco das incursões Escandinavas a partir dali. Diversas batalhas contra os agrupamentos Francos tomaram vez e em 885 e 886 aconteceu o Cerco de Paris, a principal derrota dos Escandinavos no continente durante o século IX.¹³⁰ Fontes francesas como os *Anais de St. Bertin* registraram estas ocupações, embora para o Cerco de Paris os *Anais* não tenham entrado em detalhes, uma vez que sua escrita parou quatro anos antes, com o último registro para 882.¹³¹ A *Crônica Anglo-Saxônica*, apesar de ter produzido um ponto de vista externo aos acontecimentos, também registrou os deslocamentos dos Daneses no continente nos registros de 882, 883, 884, 886 (Cerco de Paris), 887, 890 e 892.¹³²

Com estes registros detalhados sobre os Francos trabalhamos três aspectos para a outridade. O primeiro é que estas passagens são um indicativo da participação de um dos membros estrangeiros do círculo alfrediano: o bispo Grimbold de St. Bertin, vindo de Rheims. Esta hipótese foi muito pouco explorada pela historiografia. Um dos primeiros historiadores a pensar esta relação

127 Original em Inglês Antigo: “7 þy geare gegadrode on hloþwicinga, 7 gesæt æt Fullanhamme be Temese” (ASC, 879, MS A)

128 A problematização do termo tem sido estudada por Renan Birro e Andris Muceniecks para identificar os usos sobre o termo, que tem sido uma válvula de escape de diversas expressões e apropriações político-culturais da contemporaneidade moderna. MUCENIECKS, A. Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão. op. Cit.; BIRRO, R. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a 'Era Viking'. op. Cit.

129 Original em Inglês Antigo: “7 geset þæt land” (ASC, 881, MS D)

130 CALLMER, Johan. Scandinavia and the Continent in the Viking Age. In: BRINK, S. The Viking World. op. Cit. p. 439-452. Uma análise especial da Normandia é feita por: RENAUD, Jean. The Duchy of Normandy. In: BRINK, S. Ibid. p. 453-457.

131 NELSON, Janet. **The Annals of St-Bertin**. Manchester: Manchester University Press, 1991. Os *Anais* cobre os registros reais de diversos reis pós-Carolíngios entre 829 e 882, sendo uma espécie de ‘herdeiro’ de informações dos *Anais Reais dos Francos* que foram documentações Carolíngias com registram que datam entre 741 e 829.

132 ASC, 882, 883, 884, 886, 887, 890 e 892.

foi Philip Grierson, que disse que “o mais famoso dos eruditos a quem veio para a Inglaterra no reinado do Rei Alfredo foi Grimbald, de St. Bertin”.¹³³ Compreendemos, através dos registros detalhados dos Francos na *Crônica*, que houve uma ponte entre os cronistas de Alfredo e as fontes francesas. A partir da participação mais ativa do bispo Grimbald, entendemos uma situação de outridade, uma vez que parte dos registros que fabricaram a identidade coletiva dos Ingleses saiu das mãos de um Franco. O segundo ponto é ver os trechos como demonstrativos de que os cronistas alfredianos estavam preocupados em registrar este Outro, mesmo que ele não ocupasse terras reivindicadas pela *Angelcynn*. Isto reforça o caráter de que a outridade, no ato de perceber e situar o Outro, era um elemento tão ativo quanto os relatos diretos sobre os povos Ingleses. Mesmo que diversas fileiras de combatentes estivessem na ilha, o principal contingente do exército se deslocou para o continente para lutar contra os Francos. O registro do deslocamento deste contingente pela *Crônica* por si só é uma evidência de que registrar este Outro era um ponto central do documento. O terceiro está relacionado com a ideia da *Angelcynn*, uma vez que reforça o enredo de que após a batalha de Ethandun em 878 os Daneses não ocupariam mais novos territórios da *Angelcynn*. Este elemento fortaleceu a soberania e manutenção do poder de Alfredo sobre o território do povo que ele representava enquanto líder. Especialmente nesta ausência de relatos mais profundos sobre os embates militares, a *Crônica Anglo-Saxônica* falou por seus silêncios quando a atenção está no contexto político-militar do continente.

O registro de 891 mencionou as movimentações militares Daneses no continente em uma luta contra os Saxões Continentais e os Bávaros. Nesta descrição em específico também apareceu a única referência aos Escotos Irlandeses presentes dentre a *Angelcynn*. Vamos ao registro:

E **três escotos** vieram para o Rei Alfredo em um bote sem remos da Irlanda, de quem eles haviam partido secretamente, por que eles desejavam pelo amor de Deus estar em terras estrangeiras, não importava onde. O bote do qual eles viajaram era feito de dois *hides*¹³⁴ e meio e eles levaram com eles comida o suficiente para sete dias. Depois dos sete dias eles vieram para a terra na Cornualha, e foram imediatamente para o Rei Alfredo. Seus nomes eram como se segue: Dubslane, Machbethu e Maelinmum. Swifneh, o melhor erudito dentre os Escotos, morreu. (ASC, 891)¹³⁵ [Grifo nosso]

133 Tradução livre de: “the most famous of the scholars who came to England in the reign of King Alfred was Grimbald of St. Bertin’s”. GRIERSON, Philip. Grimbald of St. Bertin’s. *The English Historical Review*. v. 55. n. 220. 1940. p. 529-561.

134 Medida de comprimento usada pelos Ingleses.

135 Original em Inglês Antigo: “7 þry Scottas comon to Ælfrede cyng on anum bate butanælcum gereþrum of Hibernia, þanon hie hi bestælon for þon ðe hi woldon for Godes lufon onelþeodignesse beon, 7 hi ne rohton hwær. Se bat wæs geworht of þryddan healfre hyde ðe hy on foron, 7 hi namon mid him þæt hi heafdon to vii nihtum mete, 7 þa comon hy ymb vii niht to lande on Cornwealum, 7 foron þa sona to Ælfrede cyng. Pus hi wæron genemede, Dublasne 7 Machbethu 7 Maelmumin. 7 Swifreh se betsta lareow þe on Scottum wæs gefor.” (ASC, 892, MS D)

A partir desta menção entendemos que na *Angelcynn* o protagonismo dos Escotos Irlandeses enquanto um Outro caiu drasticamente se compararmos com a posição eles ocuparam no contexto identitário da *gens Anglorum*. Estes agrupamentos étnicos, que se relacionavam com os Nortúmbrios no norte, são relegados ao segundo plano pelos Saxões Ocidentais, sendo este trecho acima um dos poucos registros que Irlandeses foram mencionados. Para Nicholas Brooks, estes registros de Irlandeses estavam relacionados com fontes do início do século X, como a *Crônica da Irlanda*, dentro de um amplo campo de cronística insular que se estabeleceu no período.¹³⁶ Para nossa hipótese, estes registros secundários de Irlandeses reforçaram que o Outro protagonista da *Crônica* era Danês, o que fez com que os cronistas olhassem muito mais para os Escandinavos e relatassem secundariamente os povos Gaélicos no século IX.

Os anais de 893 mencionaram a construção dos primeiros fortes militares dos Daneses – que até então se organizavam em acampamentos – nas regiões da Ânglia Oriental. Percebemos uma ocupação permanente que ganhava força. Nestes anais se encontram uma das longas narrativas que a *Crônica Anglo-Saxônica* relatou. Isto se justifica em função de que boa parte das hipóteses consultadas por nós até aqui colocaram a data de início da escrita da *Crônica* para 892, algo reforçado pela historiografia recente, como as recém-lançadas hipóteses de Pauline Stafford. A historiadora, além de reforçar a hipótese de datação do documento para 892, escreveu sobre a multiplicidade de registros do documento, colocando este trecho como uma evidência singular sobre os rumos que a *Crônica* ganharia no período pós-alfrediano.¹³⁷ A hipótese de Stafford trabalha muito bem para olharmos para o registro de 893. Este registro é longo, detalhado e preciso sobre os acontecimentos. É provável que este tenha sido o primeiro dos registros ‘contemporâneos’ do documento, que marcou a divisão efetiva do fim do estoque comum (*Common Stock*) da *Crônica*. Estes relatos detalhados fizeram com que o documento ganhasse uma fisionomia muito diferente da mostrada até este registro.

Além da menção aos fortes de permanência dos Daneses, o registro de 893 mencionou o avanço do exército da *Angelcynn* contra os Daneses em Farnham, Ânglia Oriental e a expulsão destes em direção à Essex. Após isto, um contra-ataque dos Daneses, atacando por mar, que resultou em cercos às cidades de Devon e Exeter. Toda esta rede de embates militares tomou campo no sul das ilhas Britânicas. É provável, inclusive, que os eventos relatados para 893 não tenham acontecido somente neste ano. Dada a densidade dos fatos e o tempo que um exército se moveria de um lado a outro, esta narrativa foi detalhada entre episódios marcantes anteriores e, quiçá, posteriores. Assim, em 893 ocorreu a Batalha de Buttington, que embora não tenha sido uma vitória

136 BROOKS, Nicholas. Why is the Anglo-Saxon Chronicle about kings? **Anglo-Saxon England**. v. 39. 2010. p. 48.

137 STAFFORD, Pauline. **After Alfred**: Anglo-Saxon Chronicle and Chroniclers. Oxford: Oxford University Press, 2020.

tão impactante nos conflitos étnicos entre Ingleses e Daneses como fora Ethandun, ganhou contornos especiais por ser a primeira das menções em que os cronistas retratavam seu presente, e não mais seu passado. Além disso, pela primeira vez a *Crônica* registrou uma aliança entre Ingleses e Bretões Galeses contra os Daneses, o que reorganizou as alianças étnico-militares no contexto. Liderado por Æthelred, lorde dos Mércios (r. 881 – 911), o exército da *Angelcynn* se movimentou intensamente. A vitória inicial foi do líder dos Daneses, Hæsten, quando a *Crônica* relatou: “Hæsten devastou seu reino, esta mesma província da qual Æthelred, o padrinho de seu filho, estava a cargo; e, novamente, uma segunda vez, ele foi para uma incursão naquele mesmo reino quando este forte foi invadido.” (ASC, 893)¹³⁸ Mas o desfecho seguiu:

Então o *Ealdorman* Ethelred, o *Ealdorman* Æthelhelm e o *Ealdorman* Æthelnoth e os *thegns* do rei quem estavam em casa nos fortes reuniram-se a partir de todo condado a leste do Parret, e ambos a oeste e leste de Selwood, também ao norte do Tâmisia e a oeste do Sever, e também **alguma porção de povos Galeses**. Quando eles estavam reunidos, eles tomaram o exército Danês em Buttington, na cabeça do Severn, e os sitiados foram oprimidos pela fome, haviam comido a maior parte de seus cavalos e o resto morreu de fome. Então eles vieram contra os homens a quem estavam acampados na parte leste do reio, e lutaram contra eles, e **os Cristãos conseguiram a vitória**. (ASC, 893)¹³⁹ [Grifo nosso]

Chamamos atenção para alguns pontos deste trecho. Primeiro é a dificuldade em medir a quantidade de Bretões Galeses presentes nas unidades militares da *Angelcynn*. Apesar do prisma Anglocêntrico, na narrativa da *Crônica* os Bretões apresentaram um nítido papel secundário. Mas em adição a isto, o que mais se destaca é a vitória dada não ao ‘exército dos Ingleses’, como foi recorrente em trechos anteriores quando os Ingleses lutaram sozinhos, mas foi dito que ‘os Cristãos conseguiram a vitória’ (*þa Cristenan ahton sige*). Esta é uma passagem interessante visto que ela delimitou o caráter religioso da aliança entre Ingleses e Bretões Galeses, povos também cristianizados, contra os inimigos considerados ‘pagãos’. Aqui, ao retomar nossos sistemas classificatórios de análise tropológica da *Angelcynn*, encontramos uma reorganização do discurso. As classificações religiosas – na partilha da religiosidade cristã com os Bretões Galeses – foram colocadas em evidência na narrativa. Os Daneses, apesar de receberem atributivos étnicos

138 Original em Inglês Antigo: “Hæstnes wif 7 his .ii. suna man brohte to þam cyninge, 7 he hi eft him ageaf, for þam þe hyra wæs oþær his godsunu, oðer æþeredes ealdormannes” (ASC, 894, MS C)

139 Original em Inglês Antigo: “Þa gegaderode æþered ealdorman 7 æþelmealdorman 7 æþelnoð ealdorman, 7 þa cyningas þægnas þe þa æt ham æt þam geweorcum wæron, ofælcere byrig beestan Pederedan, ge beestan Selwuda, ge bewestan, ge benorðan Temese, 7 bewestan Sæfern, ge eac sum dæl þæs Norðwealcynnes. Þa hi ða ealle gegaderode wæron, þa offoron hi þonehere hindan æt Buttingtune on Sæferne stæde, 7 hine þær utan besæton on ælcere healfe on anumfæstene. Þa hi ða þær fela wucena sæton on twa healfe þære ea, 7 se cyning wæs west on Defenum wiðþone scip here, þa wæron hi mid meteleaste gewægde, 7 hæfdon mycelne dæl þæra horsa freten, 7 þaopra wæron hungre acwolen. Þa eodon hi ut to þam mannum þe on easthealfe þære ea wicodon, 7 himwið fuhton, 7 þa Cristenan ahton sige.” (ASC, 894, MS C)

(*Daniscran*) e não religiosos com o termo ‘*hæðen*’, foram notoriamente derrotados pelo ‘exército Cristão’. Este prisma provém uma balança interessante para colocar estes três povos. Os Ingleses no final do século IX, apesar de estarem consideravelmente em um processo de hibridismo interétnico com os Daneses, olhavam para a matriz religiosa Galesa com mais similitudes. Foi esta matriz que possibilitou a reunião contra este inimigo enfraquecido, assim, os Daneses receberam uma série de derrotas pelas mãos de Mércios e Galeses em Buttington.

A presença dos Bretões Galeses não passou despercebida para o registro do ano de 894. Foram registradas incursões Danesas na região de Gales e uma fuga do exército devastado dos Daneses contra os combatentes da *Angelcynn* que os perseguiram.¹⁴⁰ No trecho seguinte, estes agrupamentos híbridos foram relatados quando os cronistas descreveram o controle dos Daneses de plantações logo ao norte de Londres:

E no mesmo ano, o já dito exército fez um forte pelo Lea, 20 milhas acima de Londres. Então, depois disso, no verão a maior parte dos cidadãos e também de outros povos marcharam até que eles chegassem na fortaleza dos Daneses, e ali eles foram colocados para fugir e quatro *thegns* do rei foram mortos. Então, depois, no outono, o rei acampou nas vizinhanças da vila enquanto eles colhiam seu milho, então **os Daneses não poderiam negá-los a colheita.** (ASC, 895)¹⁴¹ [Grifo nosso]

Conflitos como este, na disputa por terras, se amplificaram na posteridade. Percebemos como os Daneses estavam sedentarizados nas regiões centrais e meridionais das ilhas, ao estabelecer domínio nos arredores de Londres, perto do rio Lea. Estas interações entre Daneses e Ingleses formaram, como já dito desde o início deste trabalho dissertativo, um elemento central no processo formativo da *Angelcynn*. A narrativa da presença dos Daneses, que nos trechos de 787 e 793 era relatada de forma quase escatológica, foi ficando mais sutil e tênue: as palavras se tornaram aquiescentes e a *Crônica* reconheceu o domínio dos Daneses sobre estes campos. Além disso, interpretamos esta narrativa como se Ingleses e Daneses estabelecessem uma correlação mútua, ao menos na colheita de insumos. É uma evidência de como os agrupamentos étnicos estavam aproximados. O trecho de 895 é um perceptível sinal de como este Outro deixou de estar no campo epistemológico da alteridade, como um grande desconhecido e ‘inimigo’ da *Angelcynn*, para um povo integrado. Os Daneses, então, se movem em nosso espectro epistemológico localizado entre identidade e alteridade, ao menos na interpretação discursiva do enredo criado pela *Crônica*.

140 ASC, 894.

141 Original em Inglês Antigo: “On þy ilcan gere worhte se foresprecena here geweorc be Lygan .xx. mila bufan Lundenbyrig. Þa þæs on sumera foron micel dæl þara burgwara, 7 eac swa oþres folces, þæt hie gedydon æt þara Deniscana geweorce, 7 þær wurdon gefliemde, 7 sume feower cyninges þegnas ofslægene. Þa þæs onhærfeste þa wicode se cyng on neaweste þære byrig, þa hwile þe hie hira corn gerypon, þæt þaDeniscan him ne mehton þæs ripes forwiernan.” (ASC, 895, MS A)

A questão da relação com a terra ficou mais intensa nos últimos anos do reinado de Alfredo. No trecho de 896 foi dito:

Pela graça de Deus, o exército não inteiramente afligiu os povos Ingleses muito enormemente; mas eles foram muito mais afligidos naqueles três anos pela mortalidade de rebanhos e homens, e a maioria de todos aqueles ótimos *thegns* do rei, a quem estiveram na terra, morreram nos três anos seguintes. (ASC, 896).¹⁴²

De certa forma, as narrativas sobre a relação dos Daneses com a terra que eles tomavam era uma forma que os cronistas mantivessem este Outro em sua órbita. Mesmo que os embates militares estivessem relativamente mais descentralizados neste período, notamos que era um esforço do projeto alfrediano em reafirmar a presença dos Daneses na terra. Novamente fortalecemos a hipótese de que os Daneses não exerciam mais um papel de um Outro antagonista, mas se tornaram um objeto de suporte para delimitar que Alfredo mantinha domínio sobre a *Angelcynn*.

O que mais nos chama atenção no trecho de 896 é, entretanto, um fator externo: a presença de Frísios. Logo após as discussões sobre a terra, a *Crônica Anglo-Saxônica* relatou a diferença de padrões de construção naval de Alfredo – mais afiliado ao padrão dos Frísios – para com os Daneses. A função principal deste registro foi a ilustração das batalhas navais entre o exército da *Angelcynn* e os Daneses, em que os cronistas afirmaram:

Mas quando a água tinha continuado a vazar dos navios, os Daneses, a partir dos três navios remanescentes, foram para os outros três dos quais encalhavam em seu lado, e eles então lutaram ali. E ali foram mortos o conselheiro do rei, Lucuman; **Wulfheard, o Frísio; Æbba, o Frísio; Æthelhere, o Frísio; Æthelfrith, o geneat** do rei, e ao todo [foram mortos] sessenta e dois Frísios e Ingleses e cento e vinte dos Daneses. Então, entretanto, a maré atingiu os navios Daneses antes dos **Cristãos** lançarem os seus, e a partir daí eles remaram em partida. Eles estavam, então, tão machucados que eles não poderiam remar através de Sussex, mas o mar lançou dois deles para a terra, e os homens foram trazidos para Winchester, para o rei, e ele ordenou que os enforcassem. Os homens, quem estiveram sobre aquele único navio, chegaram à Ânglia Oriental gravemente feridos. Naquele mesmo verão, não menos que 20 navios, homens e tudo pereceram ao longo da costa do sul. (ASC, 897)¹⁴³

142 Original em Inglês Antigo: “Næfde se here, Godes þances, Angelcynnes ealles fulswyðe gebrocod, ac hi wæron micle swiðor gebrocode on þam þrym gearummid ceapes cwyldre 7 manna, ealra swyðost mid þam, þæt gemanige þara sælestena cyninges þægnas, ðe her on lande wæron, forðferdon on þam .iii. Gearum.” (ASC, 897, MS D)

143 Original em Inglês Antigo: “Ac þæt þæt wæter wæs aebbod fela furlange fram þam scipum, þæodon þa Deniscan fram þam oþrum scipum to þam oþrum þrim þe on heora healfre wæron beebode, 7 hi ða þær gefuhton. Þear wearð ofslægen Luceman þæs cynges gerefa, 7 Wulfheard Frysa, 7 Ebba Frysa, 7 æþelera Frysa, 7 æþelferð cynges geneat, 7 ealra manna Frysiscra 7 ængliscra .lxii., 7 þara Deniscra .cxx.. Þa com þam Dæniscan scipum þeah ær flod to, ær þa Cristenan meahton hira utascufan, 7 hi for ði ut oðreowan. Þa wæron hi to þam gegaderode þæt hi ne meahton Suðseaxena landutan berowan, ac hyra þær twa sæ on land wearp, 7 þa men mon lædde to Wiltunceastre to þamcyninge, 7 he hi þær ahon het, 7 þa men comon on Eastængle þe on ðam anum scipe wæron swyðeforwundode. Þa ylcan sumere forwearð na læs þonne .xx. scipa mid mannum mid ealle be þamsuðriman.” (ASC, 898, MS D)

A menção aos Frísios, falando em relação aos agrupamentos étnicos, foi mais um fator que fortaleceu a concepção de pluralidade étnica dentro da *Angelcynn*. O mais interessante é que novamente os cronistas se usam do termo ‘Cristãos’ (*Cristenan*) para ilustrar a aliança entre Frísios e Ingleses. Esta aliança ganhou particularmente tons mais complexos em razão de que boa parte do processo de evangelização inicial dos Frísios no século VII partiu do monge Willibrord, quem havia nascido em York. É difícil termos noção sobre até que nível os cronistas de Alfredo sabiam desta aproximação religiosa entre Frísios e Ingleses no passado, mas a referência da aliança entre povos ser batizada por referenciais religiosos nos sugere uma evidência. Novamente aqui resgatamos a ideia de que, para os olhos deste projeto alfrediano da *Angelcynn*, era uma máxima demonstrar as alianças entre Ingleses e outras *ethne* que seguiam a instrução cristã. Esta aliança foi voltada justamente para construir o enredo de que também havia ali um confronto religioso. De qualquer forma, a presença destes Frísios, um povo que compartilha uma mesma matriz ‘Germânica’,¹⁴⁴ foi um fator que deu mais pluralidade às já multifacetadas unidades dos agrupamentos étnicos da *Angelcynn*. Richard Abels sugeriu que os Frísios afiliados à Alfredo eram mercenários usados para lutar contra os Daneses.¹⁴⁵ Nos interessamos por essa hipótese pois, a partir dela, conectamos as narrativas sobre os embates navais com a presença dos Frísios, uma vez que estes eram conhecidos por produzirem embarcações.¹⁴⁶ Fato é que a presença destes Frísios na narrativa da *Crônica* foi mais um fator que fortaleceu as situações de outridade na *Angelcynn* alfrediana.

O registro de 897 foi a última menção às batalhas entre o exército dos Ingleses contra os Daneses durante o reinado de Alfredo. Após dois obituários de personagens secundários do enredo da *Crônica*, se registrou a última e derradeira descrição do reinado de Alfredo: o dia de sua morte. A *Crônica*, enfim, ilustrou:

Neste ano morreu Alfredo, filho de Æthelwulf, seis noites antes da missa de Todos os Santos. **Ele era rei sobre todos os povos Ingleses, exceto aquela parte que estava sob o poder dos Daneses.** Ele manteve o governo um ano e meio antes que trinta invernos; e então Eduardo, seu filho, tomou o governo. Então o príncipe

144 Entre aspas pois estamos de acordo com os cuidados teóricos delimitados por Walter Goffart sobre o uso do termo ‘germânico’ como indicativo étnico. Embora a obra que ele tenha lançado essas reflexões seja sumariamente voltada para a crítica da ideia de ‘etnicidade’, Goffart provém bons argumentos para questionar a denominação ampla de um ‘mundo Germânico’. Para o autor, a ideia de algo ‘Germânico’ é exclusiva apenas a língua e não reflete características étnicas compartilhadas entre os povos ao norte do Reno. Ver: GOFFART, Walter. Does the Distant Past impinge on the Invasion Age Germans? In: GILLET, Andrew. **On the Barbarian Identity: critical approaches to the ethnicity in the Early Middle Ages.** Turnhout: Brepols, 2002. p. 21-38. Recentemente, uma interessante coletânea saiu questionando os usos do termo ‘Germânico’. Ver: HARLAND, James M. FRIEDRICH, Matthias. **Interrogating the 'Germanic': a category and its use in Late Antiquity and the Early Middle Ages.** Berlim: De Gruyter, 2021.

145 ABELS, R. Alfred, the Great. op. Cit. p. 306.

146 ALBUQUERQUE, I. As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos. op. Cit. p. 122.

Æthelwald, o filho do tio paterno, montou contra as cidades de Winburn e Twineham, sem permissão do rei e seu conselho. Então cavalgou o rei com seu exército; de modo que ele acampou a mesma noite em Badbury, perto de Winburn; e Æthelwald continuou dentro da cidade com os homens que estavam sob ele e teve todas as portas fechadas sobre ele, dizendo, que ele deveria ou ali viver ou ali morrer. Mas no meio tempo ele escapou na noite e solicitou o exército na terra Nortúmbria. O rei deu ordens para cavalgar atrás dele; mas eles não estavam aptos para alcançá-lo. Os Daneses, entretanto, receberam-no como seu rei. Eles então cavalgaram atrás da esposa que Æthelwald tomou sem a licença do rei e contra o comando dos bispos; pelo que ela estava formalmente consagrada como uma feira. Neste ano também morreu Æthelred, quem era *alderman* de Devonshire, quatro semanas antes do Rei Alfredo. (ASC, 901)¹⁴⁷

A delimitação final do poder de Alfredo e a legitimação deste poder sobre as terras não-dominadas pelos Daneses nos é um exemplo central de como o Outro foi um elemento importante para as narrativas identitárias da *Angelcynn*. No obituário da Alfredo era necessário delimitar que o poder do rei se estendia sobre os ‘todos os Ingleses’ (*eall Ongelcyn*), mas com exceção ‘da parte que estava sob o poder dos Daneses’ (*ðæm dæle þe under Dena onwalde wæs*). Era o Outro, como um instrumento narrativo, que demarcou até onde se estendia o poder do rei. Este relato, que segue a disputa de poder entre seu filho Ædward e seu sobrinho Æthelwold, nos indica a importância central que os Daneses carregavam. Embora a *Crônica Anglo-Saxônica* fosse um documento que retratava de forma central os Ingleses enquanto um grupo étnico, ela não deixou de se preocupar com a participação do Outro neste processo. Uma participação que transformou toda formação identitária dos Ingleses em um espaço de pluralidade e multiculturalidade. Ao aplicarmos uma visão não-essencialista, interpretando o discurso de um documento em específico, temos noção de como acontece este jogo entre o ‘si mesmo’ e Outro. Foi aqui que se fechou o segundo ponto de ebulição da formação dos povos Ingleses: o contexto da *Angelcynn*. São os Daneses seu elemento central, que por vezes apareceram na forma da oposição, outras vezes no molde da integração. Mas estes povos ‘situacionalizaram’¹⁴⁸ o processo de formação identitária dos Ingleses. Sua presença constante neste prisma Anglocêntrico da *Crônica Anglo-Saxônica* foi o resultado decisivo para interpretar o discurso da *Angelcynn*: ela ilustrou quais eram as situações de outridade e na análise desta ilustração nós visualizamos a participação do Outro.

147 Original em Inglês Antigo: “Her gefor ælfred Aþulfing, syx nihtum ær ealra haligra mæssan; Se wæs cyning ofer eall Ongelcyn butan ðæm dæle þe under Dena onwalde wæs, 7 he heold þæt rice. oprum healfum læs þe .xxx. wintra. 7 þa feng Eadweard his sunu to rice. Þa gerad æðelwald his fædran sunu. þone ham æt Winburnan, 7 æt Tweoxneam butan ðæs cyninges leafe 7 his witenan. Þa rad se cyning mid firde þæt he gewicode æt Baddanbyrig wið Winburnan, 7 æðelwald sæt binnan þæm ham mid þæm monnum þe him to gebugon, 7 hæfde ealle þa geatu forworht in to him, 7 sæde þæt he wolde oðer oððe þær libban oððe þær licgan. Þa under þæm þa bestæl he hine on niht on weg, 7 gesohte þone here on Norðhymbrum, 7 se cyng het ridan æfter, 7 þa ne mehte hine mon ofridan; Þa berad mon þæt wif þæt he hæfde ær genumen butan cynges leafe 7 ofer þara biscopa gebod, forðon ðe heo wæs ær to nunnan gehalgod. 7 on þys ilcan gere forðferde æþered. wæs on Defenum ealdormon, feower wucum ær ælfred cyning.” (ASC, 901, MS C)

148 GEARY, P. Ethnic identity as a situational construct. op. Cit.

Conclusão do capítulo: unidades plurais

Seguindo a hipótese estabelecida afirmamos que a ideia das unidades plurais se mantém. No contexto da *Angelcynn*, entretanto, esta pluralidade tomou formas distintas de demonstração. Ao interpretarmos o enredo de formação identitária dos Ingleses através deste *trópico* discursivo em específico, pelo prisma da outridade, a pluralidade é a possibilidade central que demonstra qual foi o resultado da participação do Outro neste processo formativo.

Em relação aos Bretões, a pluralidade étnica e os entrelaçamentos entre ‘si’ e ‘Outro’ foram vistos na tradução alfrediana da *EH* de Beda e na *Crônica*. Através da intencionalidade da suavização do discurso de oposição aos Bretões que a versão latina carregava enxergamos como cada vez mais os Bretões deixavam sua marca dentre os Ingleses da *Angelcynn*. Esta assimilação étnica acontece de diversas formas. Uma delas foi a admissão de características Bretãs nas narrativas do passado dos Saxões Ocidentais e na construção dinástica do rei Alfredo que remontou até o rei Cerdic de Wessex, um rei com um nome Bretão. Esta presença de um Outro Bretão nos indicou uma presença constante na conjuntura do século VI-VII, quando os Saxões Ocidentais se autodenominaram ‘Saxões Ocidentais’, no lugar de seu nome anterior, as ‘tribos de Gewisse’. Através da aproximação de nomenclaturas da linhagem de Cerdic e de reis que atingiram feitos militares posteriores, como Cædwalla de Wessex, ilustramos em que momento a pluralidade étnica com os Bretões tomou forma. Uma pluralidade que se manteve nas narrativas Anglocêntricas da *Angelcynn* em uma temporalidade posterior, no século IX.

Em relação aos Daneses, esta pluralidade aconteceu de maneira gradual na narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*. Partindo de um discurso de oposição para retratar as primeiras invasões dos finais do século VIII, conforme o enredo do documento avançou – e conseqüentemente o enredo de formação identitária – visualizamos como os Daneses se integraram nas unidades da *Angelcynn*. Mas, mesmo que essa unidade fosse secundariamente admitida pelos cronistas alfredianos, as disputas por território em diversas batalhas no centro-sul insular foram registradas como um componente central da narrativa. Ainda que a pluralidade étnica era uma máxima nos agrupamentos do período da *Angelcynn*, os cronistas se preocuparam em criar estratégias de distinção que se concretizassem na prática da diferença.¹⁴⁹

No campo político, as estratégias de distinção aconteceram no momento que a *Crônica* definiu entidades políticas separadas: de um lado, aquilo que a historiografia convencionou chamar de *Danelaw* nos territórios de Lindsey, Kent, Ânglia Oriental, Nortúmbria e Essex; do outro, o reino de Wessex que à época englobava outras entidades políticas menores Saxãs como Sussex, os

149 POHL, W. REIMITZ, H. *Strategies of Distinction*. op. Cit.

Mércios, ou mesmo os Bretões de Dumnonia e Powys. Através da definição destas duas entidades políticas, o discurso cronístico moldou como o Outro e os Ingleses se entrelaçavam etnicamente neste contexto.

No campo religioso, as estratégias de distinção aconteceram através de alusões aos grupos étnicos, como na referência dos Daneses pelo termo *'hæðen'*. Este termo central faz com que os cronistas tenham desdobrado diversas narrativas suplementares: a preocupação ativa em retratar uma comunidade cristã ampla na forma de registros sobre peregrinações à Roma e as alianças matrimoniais. Com esta amplitude cristã em mente, os cronistas criaram o enredo de classificação religiosa para associar a *Angelcynn*. Para uma leitura tropológica da *Angelcynn*, estas narrativas se tornaram uma escapatória do discurso centralizador da *Crônica*.

Em relação aos Daneses, o momento de maior evidência da ideia de unidades plurais no contexto da *Angelcynn* é quando a *Crônica* dá registros breves dos costumes dos povos Escandinavos. Especificamente, o documento registrou o juramento por anel/bracelete das lideranças militares Danesas. Em somatória ao assentamento e partilha de terras que eram comuns desde a década de 860, além da construção de fortes militares que se concebeu em torno da década de 880, entendemos como a *Crônica* assimilou um certo tipo de hibridismo entre estes dois povos. Falando em fronteiras étnicas, não definimos fronteiras fixas entre os dois povos. A organização social de Daneses e Ingleses existiu simultaneamente, o que nos indicou a consciência, por parte dos Saxões, do costume do Outro e a lenta assimilação em direção aos estandartes de suas próprias características. Mesmo que estas interações tenham acontecido pela espada, elas também mostraram marcadores que este Outro deixou no processo de formação identitária dos Ingleses, dando um rosto híbrido a esta identidade coletiva.

Foi a partir da definição deste sistema de marcadores que tivemos uma ideia plena de qual foi a participação do Outro no segundo momento do processo embrionário de formação da identidade coletiva Inglesa. Especificamente, tratamos de situações de outridade. Estas situações, em suma, refletiram o que a etnicidade era: um conjunto de elementos subjetivos, fluidos e profundamente situacionais aos acontecimentos que lhe moldaram.¹⁵⁰ Foi no período da *Angelcynn*, sob a presença de Bretões e Daneses, que cada vez mais o que pertencia a um Outro passou também a pertencer aos Ingleses. Nesta dinâmica da pertença sugerimos que as unidades que se organizaram do período se pautavam por pluralidade, assim como o fazemos no contexto da *gens Anglorum*. Uma pluralidade que acontece não somente na constituição do *populus* (da população) do período, com pessoas de diferentes autoafirmações, mas também nos termos definidores das identidades. 'Bretões', 'Daneses', 'Ingleses' são apenas vocábulos de referência a agrupamentos do período,

150 GEARY, P. Ethnic identity as a situational construct. op. Cit.

grupos não carregam qualquer elemento cristalizado para definir uma diferença fixa e imutável entre as etnias.¹⁵¹

Por fim, foi através do entendimento da ideia de uma etnicidade em formação que escapamos às leituras bastante corriqueiras de que tanto a *gens Anglorum* quanto a *Angelcynn* foram as primeiras expressões da identidade nacional dos Ingleses.¹⁵² É pelo prisma de um subjetivismo étnico que temos uma clareza do produto que se moldou no período. Uma identidade que é, em si mesma, um enredo. Uma *Angelcynn* que representa uma tropologia discursiva¹⁵³, uma ilustração textual das tentativas de definição do sentimento de pertença dos Ingleses. Uma pertença deve ser mais lida pela atuação de um Outro e por suas tentativas de diferenciação com o desconhecido do que pela expressão singular, fechada em si mesma.

151 WOODWARD, K. Identidade e diferença. op. Cit.

152 FOOT, S. The making of *Angelcynn*. op. Cit.

153 WHITE, H. Trópicos do Discurso. op. Cit.

Conclusão: é possível evitar um termo?

Logo na primeira página deste trabalho elucidamos os acontecimentos que se sucederam na reforma da nomenclatura da maior organização que estuda a Inglaterra Medieval Inicial, a *ISSEME – International Society of Early Medieval England*. Em um contexto de profunda reflexão sobre as apropriações extremistas do termo ‘Anglo-Saxão’ foi um chamado para que a área buscasse possibilidades para além desta terminologia. É possível evitar este termo? Por certo, o primeiro encaminhamento deste trabalho é que sim, é possível, mas procuramos os pressupostos históricos do porquê deste abandono. Nesta dissertação reunimos elementos para contribuir ao processo de reflexão que o campo tem tomado desde então.

Nosso principal objetivo, desde o início, foi indicar possibilidades para evitar esta terminologia, que o campo já há muito tempo tem insistido como exclusiva. Falando em uma outridade (*otherness*) em um contexto de formação identitária, exploramos alternativas para o contexto étnico do período. Um contexto que foi conhecido como o período ‘Anglo-Saxão’, os povos se tornaram os ‘Anglo-Saxões’ e isto ficou tão arraigado na historiografia que sequer se sondaram questões se este termo era de fato apropriado para o período.

Ao falarmos em situações de ‘outridade’, isto é, situações que Outros povos interferiram na formação identitária dos Ingleses, escapamos do essencialismo da terminologia. Esta fuga de termos essencialistas nos ajuda a responder nossa problemática central: interpretar os efeitos do Outro no discurso de formação identitária dos povos Ingleses é encarar estes povos como resultado das relações que eles estabelecem com as etnias que os orbitam. Foi pelo prisma da outridade, nossa chave interpretativa, que alcançamos o não-essencialismo identitário. Tanto os Ingleses da *gens Anglorum* no contexto do século VIII quanto os Ingleses da *Angelcynn* no contexto do século IX, se formaram enquanto povo, enquanto sistema de ‘unidade’, a partir da participação ativa do Outro.

A perspectiva da outridade nos indicou a concepção de unidades plurais. Estas unidades, sejam os agrupamentos étnicos (as comunidades) ou as entidades políticas (reinos e organizações eclesiásticas), resultaram em aproximações entre os diversos grupos menores que faziam parte da *ethne* dos Ingleses. Unidades também vistas na forma de seu discurso, a partir dos trópicos da *gens Anglorum*, acessada pela *Ecclesiastica Historia Gentis Anglorum* de Beda e da *Angelcynn*, alcançada na tradução de *Beda ao Inglês Antigo* e na *Crônica Anglo-Saxônica*. Ao investigarmos estes documentos, nos preocupamos centralmente em analisar as passagens que falam sobre quatro povos em específico: Pictos, Irlandeses, Bretões e Daneses. Para retomar nossas problemáticas: são estes os principais ‘Outros’ que aparecem nos enredos das fontes. É nestes quatro povos que repousa o núcleo das situações de outridade, deste Outro que tanto nos referimos.

Nos questionamos, também, como os trópicos discursivos da *gens Anglorum* e da *Angelcynn* condicionam a relação dos povos Ingleses com as etnias que o cercam. Pela hibridização das características e pela intersecção étnica, entendemos que ‘povos Ingleses’ é uma referência a um singular-plural. Em suma, ‘povos Ingleses’ é uma expressão de uma unidade artificial de diversos grupos étnicos menores (Anglos, Saxões, Jutos) mas que foi mesclada com povos nem sempre pertenceram a um mesmo ‘ramo’ (Bretões, Pictos, Irlandeses, Daneses), algo que embaralha as identidades do período e afina as fronteiras étnicas. Nossa perspectiva foi de entender a formação de um povo, os Ingleses, pelo discurso criado em torno dos Outros povos. É um exercício altruísta, visto que acedemos a uma conjuntura específica que traduz a forma que os Ingleses se relacionavam com aquilo que estava em seu exterior. Uma tradução que fala mais sobre os Ingleses do que sobre os povos que eles se relacionaram.

No capítulo I instrumentalizamos nosso prisma: a outridade. Pela outridade definimos quais são os marcadores que estabeleceram onde houve uma interferência do Outro no processo de consolidação identitária. Estes marcadores, ao serem amadurecidos dentro dos trópicos discursivos da *gens Anglorum* e *Angelcynn*, tomaram forma como sistemas classificatórios. Estes sistemas classificaram a identidade étnica dos Ingleses e se desdobraram em dois fatores: os fatores religiosos e os fatores políticos. Estas classificações dos Ingleses, quando lidas sob a outridade, foram, em suma, estratégias de distinção simuladas no discurso. Ao usarmos este conceito, lançamos luz sobre os pontos de diferença e semelhança entre os Ingleses e os povos que fazem parte do Outro.

Nesta relação de diferença e semelhança, indicamos o local que nossa interpretação do discurso identitário atua. Efetivamente, é uma ‘outridade’ (*otherness*), que está no espaço interseccional entre identidade (*identity*) e alteridade (*alterity*). Através desta movimentação epistemológica de um conceito, navegamos nas possibilidades teóricas de se ler o processo identitário da etnia dos Ingleses. Ao lidarmos com este conceito de ‘etnia’, um elemento subjetivo e situacional, aplicamos um prisma metodológico também subjetivo e situacional (a Análise do Discurso com base em Hayden White¹) em uma chave interpretativa que também carrega sua carga de situacionalidade. Por isso definimos situações de outridade, embora elas não totalizem o processo de construção identitária (existe algo que totaliza?), elas nos servem para agir sobre pontos específicos. Pontos de ebulição: o contexto descrito por Beda em 731 e a conjuntura de Alfredo de finais do século IX. Pontos de ebulição que assim o são pois são os contextos que nos permitem acessar o passado identitário dos Ingleses através das fontes.

¹ WHITE H. Trópicos do Discurso. op. Cit.

É esta situacionalidade que nos permitiu escapar de definições inconclusivas, como a concepção de uma ‘identidade nacional’ no período. Investir em uma ‘identidade étnica’ diante destas concepções problemáticas do ‘nacional’ é o elemento que nos distancia do que fora produzido na Europa, uma produção que constantemente identifica a *gens Anglorum* e a *Angelcynn* como conjunturas que fizeram florescer a identidade nacional dos Ingleses. Mesmo que estas obras sejam em grande medida a base para nossas reflexões, em nossa construção de conhecimento objetivamos estabelecer estas fronteiras historiográficas.

Esta análise do discurso whiteana nos levou a encarar dois trópicos do discurso das fontes: a *gens Anglorum* e a *Angelcynn*. Enquanto o primeiro era o resultado de Beda, um autor multifacetado e interessado no contexto político que o cercava, o segundo foi acessado através da tradução deste autor por um monarca centralizador e pela criação de uma crônica que teve a função de ilustrar a soberania que o rei Alfredo obtivera sobre os agrupamentos étnicos Ingleses.

No capítulo I, definimos a função teórica da outridade. Esta função ilustrou um panorama não-essencialista do contexto de elaboração da identidade dos Ingleses. Estes povos foram concebidos como um ‘singular-plural’: singulares porque são referências guarda-chuva para agrupamentos ajuntados e plurais, concebidos pela absorção das características do Outro. Assim, a outridade é uma expressão profundamente segmentária e não-binária, uma expressão de *meios difíceis*. O produto foi que a identidade dos Ingleses se tornou uma etnicidade híbrida e diversificada.

No capítulo II, voltamos nosso olhar para o contexto da *gens Anglorum*. Ao entendermos a participação deste Outro visto em três agrupamentos étnicos (Pictos, Irlandeses e Bretões Setentrionais), acessamos qual seu impacto na concepção de unidade de Beda. A leitura deste capítulo focou principalmente no reino da Nortúmbria, local que Beda nasceu e viveu toda sua vida. A ideia de pluralidade das unidades políticas e religiosas dos Ingleses se manteve neste capítulo. O reino da Nortúmbria, assim, se tornou um espaço *poliétnico*: os Ingleses dominavam o poder político, mas o reino também se constituía por diversos agrupamentos de Pictos, Irlandeses e Bretões. Para a narrativa de Beda, as unidades se formavam pela instrução cristã, assim nossa análise partiu do reinado de Oswald (634 – 642), quando foi consolidada a manobra política de unificação das duas casas reais do reino da Nortúmbria (Deira e Bernícia). Também a partir de então, a narrativa de Beda delimita que os Nortúmbrios foram cristianizados, que também simboliza um tipo de unidade. O passado pagão dos Ingleses, neste sentido, também se tornou um Outro, uma vez que para Beda só havia *gens Anglorum* se houvesse instrução cristã.

Em relação aos Pictos e Irlandeses, a análise foi conjunta dada a enunciação de Beda, logo nos primeiros trechos da *EH*, de que os dois povos compartilhavam matrizes. Primeiramente

analisamos o impacto dos três monges Irlandeses (Aidán, Colmán e Finán) no monastério de Lindisfarne. Ilustramos, assim, como parte significativa do processo de cristianização dos Nortúmbrios foi gerenciado por estes monges que vieram de Iona. Assim, a instrução cristã da *gens Anglorum* carregava em sua matriz características Irlandesas. Em relação aos Pictos, dada sua proximidade geográfica com os Nortúmbrios, eles foram aos poucos integrados nas unidades da *gens Anglorum*, fosse através do domínio territorial que seguia desde 602 do reinado de Edwin de Deira, ou através da soberania eclesiástica, quando o bispo nortúmbrio Trumwine se tornou abade do monastério de Abercorn, dos Pictos. Estas aproximações entre as três etnias se fragilizaram a partir de dois acontecimentos: 1) o sínodo de Whitby em 664 quando os Irlandeses foram expulsos dos monastérios Ingleses em função das divergências na datação da Páscoa – algo que moldou a narrativa de Beda sobre os Irlandeses para classificar diferenças; 2) a batalha de Dun Nechtain de 685, quando o rei Bridei macBilli instituiu uma nova soberania do reino picto de Fortriu, se desprendendo do domínio Nortúmbrio. As situações de outridade que eram diretas até então, atuaram de forma mais indireta, a ponto de Beda moldar sua narrativa no ano de 731 e estabelecer sua *gens Anglorum* de forma essencialista e Anglocêntrica.

Mesmo que este discurso bedaniano atue de forma etnocêntrica, através das menções aos Pictos e Irlandeses estabelecemos um panorama mais nítido do papel que um Outro aproximado e assimilado exercia na narrativa do monge. As fronteiras entre estes povos durante o século VII, ao menos no que se refere à Britânia, se tornaram muito fluidas. Pictos, Irlandeses e Ingleses compartilhavam muitas matrizes religiosas, o que fez com que suas características se entrelaçassem em unidades plurais. Ao analisarmos as menções agressivas de Beda sobre o reinado de Ecgrith da Nortúmbria no final do século, tivemos uma noção nítida das fronteiras epistemológicas entre outridade e alteridade. Quando os reis Nortúmbrios incursionavam contra os Irlandeses que viviam nas ilhas Britânicas, o monge em geral era aquiescente e discursava de forma efervescente, como se fosse direito da *gens Anglorum* pilhar sobre estas ilhas. Quando Ecgrith montou uma expedição contra o reino de Meath, na ilha da Irlanda, o autor não poupou palavras em deslegitimar suas atitudes. Através deste contexto entendemos como as *ethne* das ilhas Britânicas eram um Outro que era possível assimilar e estavam no campo da outridade, enquanto as comunidades das ilhas da Irlanda eram um Outro que não pertencia à *gens Anglorum*, portanto, estavam no campo da alteridade.

Em relação aos Bretões, o tema que mais pautou a narrativa Bedaniana foi a agressividade. Através de uma análise mais aprofundada sobre as menções do monge a estes agrupamentos étnicos, percebemos as estratégias narrativas do autor. Pela investigação desta narrativa de agressividade, concebemos um cenário de que os Bretões estavam assimilados e arraigados dentre

as comunidades da *gens Anglorum*. Através de temas como casamentos interétnicos ou mesmo Bretões que passavam a se identificar como Ingleses, conseguimos uma noção plena de que a narrativa de Beda foi uma resposta a esta assimilação cultural. Pelo posicionamento em relação a aproximação com os Bretões como inevitavelmente assimilatória, estabelecemos uma crítica às vertentes da historiografia que consideram que os Bretões entre os séculos V e VII foram segregados culturalmente, ou mesmo às mais radicais que acreditam que houve genocídio destes povos. No que se refere às classificações religiosas, entendemos como Beda aplicava um discurso de dominação eclesiástica dos Ingleses sobre os Bretões. Muitas vezes se associando às unidades religiosas Franco-Gálicas, principalmente no papel que Augustino da Cantuária, um Franco, exerceu na cristianização dos Ingleses Cantuários. Assim, interpretamos que esta foi uma ferramenta do autor para recusar um domínio das organizações eclesiásticas Bretãs ao associar o tipo de cristianismo dos Ingleses ao rito Ortodoxo Romano, através da pregação de Augustino. Isto fez com que Beda, em termos de outridade, condicionasse um prisma muito mais dominador e superior aos Bretões, inclusive nas organizações políticas da igreja.

No capítulo III avançamos nosso recorte cronológico para os acontecimentos narrados a partir de finais do século IX, durante o reinado de Alfredo. Assim analisamos a tradução da *Ecclesiastica Historia* e a *Crônica Anglo-Saxônica* com o objetivo de elucidar sobre a participação dos Bretões e dos Daneses no contexto da *Angelcynn*.

Em relação aos Bretões, alguns aspectos nos sobressaltaram. O primeiro é a suavização do discurso de oposição a estes agrupamentos étnicos. A tradução ao Inglês Antigo, ao modificar intencionalmente o conteúdo original de Beda, reformou a agressividade da narrativa da versão latina. Ao se usar de certos artifícios narrativos – como a *inventio*, isto é, a criação de um enredo – a tradução deslocou os Bretões dentro do espectro da outridade. Os Bretões que antes se localizavam como um Outro segregado da alteridade, se tornaram um Outro incorporado dentre as unidades da *Angelcynn*.

O segundo aspecto foi a assimilação de Bretões em dois pontos de ebulição do enredo de formação identitária da *Angelcynn* a partir da nomenclatura de reis. O contexto da criação da tribo dos Gewisse apareceu em nossas investigações ao analisarmos a aproximação de dois reis do século VII: Cædwalla de Wessex e Cadwalla ap Cadfan de Gwynedd. Ambos os reis carregaram um nome que derivou da palavra em Galês Antigo ‘Cad’ que significa ‘batalha’, ‘exército’, algo que definiu seus respectivos reinados, lembrados nas fontes do século IX como reis com considerável sucesso militar e de expansão das fronteiras de seus reinos. Especialmente a relevância fica mais central para as situações de outridade pois foi no reinado de Cædwalla que os Saxões Ocidentais deixaram de se identificar como a ‘tribo dos Gewisse’ e levaram a nomenclatura de ‘Saxões Ocidentais’ como

uma estratégia para se distinguir de seus vizinhos. Um outro elemento também relevante foi a análise da nomenclatura do rei Cerdic de Wessex do século VI, que dividiu o nome com o rei Ceredig ap Gwallog do reino de Elmet. Cerdic é especialmente relevante neste contexto dado que foi ele quem inaugurou a linhagem lendária do rei Alfredo. Quando a *Crônica* construiu a genealogia do monarca, um dos primeiros reis a serem mencionados foi Cerdic, que tinha um nome Bretão. Tivemos, então, evidências de como os Bretões foram integrados, assimilados e moldaram as características de identidade dos Ingleses da *Angelcynn* no contexto alfrediano. Um arquétipo relevante a ponto de estar presente na própria genealogia do capitão da *Angelcynn*.

No que se refere aos Daneses, analisamos seu impacto desde sua chegada em fins do século VIII até o final do reinado de Alfredo. Inicialmente os Daneses foram considerados um Outro segregado, separado e totalmente oposto aos Ingleses, mas o discurso da *Crônica* os inseriu dentre suas unidades conforme a cronologia avançou. Os Daneses também se moveram no espectro epistemológico da outridade. Enquanto antes estavam no campo da alteridade, descritos em uma narrativa dicotômica, estiveram presentes dentre os Ingleses na forma de assentamentos no território que antes lhes pertenciam. Isto definiu esta interação visto que a própria *Crônica* retratou, nos anais do final do século, alguns costumes Daneses como o juramento por anel/bracelete. Assim verificamos como os Ingleses da *Angelcynn* conheciam e estavam familiarizados com este Outro.

Questionamos, também, os usos do termo *Danelaw*. Esta palavra, que serve para fazer referência à porção de território comandada pelos Daneses (no século IX: Kent, Ânglia Oriental, Lindsey e Nortúmbria), foi de uso posterior e foi conscientemente mantida pela historiografia. Para a outridade, seu significado era mais uma estratégia de distinção que os cronistas usavam embora o termo nunca tenha sido mencionado na *Crônica Anglo-Saxônica*. Era uma forma de separar os Ingleses dos Daneses, tanto em termos territoriais quanto em termos de classificação política.

Em relação às classificações religiosas, o termo que ficou em evidência foi a palavra *'hæðen'* (pagão). Para a outridade, este termo foi uma estratégia de distinção no quesito religioso que os cronistas alfredianos usaram. Através dele expomos algumas válvulas de escape narrativas da *Crônica*. Estas narrativas suplementares apareceram especialmente para retratar as peregrinações à Roma de monarcas da *Angelcynn* ou mesmo alianças matrimoniais como a expressão de uma comunidade cristã ampla, da qual os cronistas associavam os Ingleses. Estes elementos fortaleceram o discurso de oposição que a *Crônica* usava contra os Daneses e, assim, se tornaram um elemento símbolo das situações de outridade no período.

Neste último capítulo, analisamos a *Angelcynn* como a expressão central da ideia de unidade que Alfredo queria propagar. Ao assimilar tanto os Bretões quanto, posteriormente, os Daneses no discurso cronístico, interpretamos como a *Angelcynn* trabalhou enquanto uma

tropologia discursiva que fez referência ao projeto político do rei Alfredo de Wessex. Como a narrativa cronística estava centrada especificamente em sua figura, consideramos a *Angelcynn* – assim como a historiografia consagrou – como uma expressão da unidade dos povos Ingleses sob um mesmo rei. Mas aqui entendemos que a manutenção deste discurso de unidade se pautou pela criação de um Outro, fosse ele afastado na narrativa, fosse ele integrado às suas unidades. Fato foi que os Daneses, Bretões e Ingleses constituíram amplos campos de interação, o que facilitou o papel deste Outro na formação destes últimos povos. Foi graças a este Outro que Alfredo, enquanto representante da unidade política dos povos Ingleses, se proclamou nesta posição. Mas foi também papel deste Outro estar presente dentre suas unidades, o que deu a elas diversos tons de pluralidade. Uma pluralidade, a seguir da hipótese central deste trabalho dissertativo, que mantivemos em perspectiva desde o início.

Independentemente se falamos em *gens Anglorum* em um contexto mais recuado, ou em uma *Angelcynn* do século IX, argumentamos a partir de situações de outridade e suas unidades plurais. Mas o que este Outro implica para a desconstrução do termo ‘Anglo-Saxão’?

A resposta está em dois pontos: primeiro é a imprecisão étnica do termo, o segundo é a forma que o termo tem sido ressignificado na modernidade. Sobre o primeiro ponto, a contribuição central deste trabalho foi justamente no caminho de expor estas ambiguidades do essencialismo étnico. Ao apresentarmos como o processo formativo dos Ingleses foi guiado sobretudo pela participação dos Outros povos, indicamos que o uso de termos guarda-chuva como ‘Ingleses’ ou mesmo termos do período como *Angelcynn* e *gens Anglorum*, nos servem como uma referência mais adequada do que ‘Anglo-Saxão’. O segundo ponto é que dadas as apropriações múltiplas de diversos grupos de extrema-direita nos dias atuais, este termo cada vez mais tem sido interpretado por uma gama ampla da academia como um termo essencialista. Nosso trabalho também se constrói como uma forma de combater o uso do termo por estes grupos para expressar supremacismo racial. Ao pensar denominações alternativas em relação ao termo ‘Anglo-Saxão’, a academia cria contra narrativas que se materializam de uma forma mais visível. O uso acadêmico deste termo sem explorar as alternativas para referenciar a estes povos, assim, fortalece a narrativa dos grupos supremacistas. É fato que muitos trabalhos ainda investem nesta terminologia, mesmo após a virada epistemológica – e porque não, historiográfica – que aconteceu na troca da nomenclatura da *ISSEME*. Esses trabalhos legitimam, de uma forma ou outra, um discurso supremacista, o que cria dois aglomerados dentro dos estudos em Inglaterra medieval inicial: aqueles aquiescentes com o termo que os mantém em seus trabalhos e aqueles que preferem procurar alternativas. Nosso trabalho dissertativo está no segundo grupo. Ao atingirmos o cerne desta narrativa, isto é, a origem dos povos Ingleses, verificamos como sequer lá, nos contextos da *gens Anglorum* e *Angelcynn*,

houve essencialismo identitário. Ao falarmos nesta participação do Outro, assim, era nossa missão principal explorar possibilidades para além deste termo tão vilipendiado nos tempos atuais. Queremos ajudar na criação desta contra narrativa que parte do campo de estudos em Inglaterra medieval inicial aos poucos constrói.

É no combate a terminologias arraigadas da historiografia e, principalmente, no estímulo ao debate e à reflexão sobre os usos e re-usos de um termo consideravelmente problemático que encaminhamos a conclusão deste trabalho dissertativo. Uma problematização de nosso próprio lugar de fala: somos um Outro latino-americano, afastado das identidades da Europa e dos sentimentos de pertença daquele continente. É por esta válvula que legitimamos o lugar que ocupamos na historiografia. Já, partir da própria condição de nosso trabalho dissertativo, existem situações de outridade.

Fontes

GILES, J. A. **Bede's Ecclesiastical History of English Nation**. Londres: Everyman's Library, 1963. (1ª ed, 1847). Revisão de Dom David Knowles.

GILES, J. A. **The Anglo-Saxon Chronicle**. Londres: Everyman Press, 1912.

JEBSON, Tony. **The Anglo-Saxon Chronicle**. 2007. Disponível em: < <http://asc.jebbo.co.uk/intro.html> >.

MCCLURE, Judith. COLLINS, Roger (ed.). **The Ecclesiastical History of English People, The Greater Chronicle and the Letter to Ecgberht**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MILLER, Thomas. **The Old English version of Bede's Ecclesiastical History of the English People**. Londres: The Early English Text Society, 1890.

MYNORS, R. A. B.; COLGRAVE, Bertham (ed.). **Bede Ecclesiastical History of the English People**. Oxford: Clarendon Press, 1969.

PLUMMER, Charles. **Venerabilis Baedae Opera Historica**. Vol. 1. Oxford: Clarendon Press, 1896

WHITELOCK, Dorothy (ed.); DOUGLAS, David C. TUCKER, Susan E. **The Anglo-Saxon Chronicle: A Revised Translation**. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1961.

Lista de manuscritos digitalizados

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Domitian A VIII**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Domitian_A_VIII >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Domitian A IX**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Domitian_A_IX >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius A VI**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_A_VI >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius A XIV**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_A_XIV >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius B I**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_B_I >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius B IV**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_B_IV >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius C II**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_C_II >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

CAMBRIDGE UNIVERSITY LIBRARY, **MS Kk, 3, 18**. Disponível em: <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/MS-KK-00003-00018/4> >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

CAMBRIDGE UNIVERSITY LIBRARY. **MS Kk, 5, 16.** Disponível em: < <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/MS-KK-00005-00016/1> >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

OXFORD BODLEIAN LIBRARY. **Corpus Christi College, MS 279B.** Disponível em: < <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/6c79a7b4-a7f7-4988-a41d-dbfba14ec6cb/> >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

OXFORD BODLEIAN LIBRARY. **MS Laud 636.** Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_7423 >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

OXFORD BODLEIAN LIBRARY. **MS Tanner 10.** Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_8966 >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

PARKER LIBRARY. **MS 041B.** Disponível em: < <https://parker.stanford.edu/parker/catalog/qd527zm3425> >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

PARKER LIBRARY. **MS 173.** Disponível em: < <https://parker.stanford.edu/parker/catalog/wp146tq7625> >. Acessado pela última vez em 19 de fevereiro de 2021.

Referências bibliográficas

ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, culture and Kingship in Anglo-Saxon England.** Nova York: Routledge, 2013.

ALBUQUERQUE, Isabela. **As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da *Danelaw* (séculos IX-X).** 209 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2017.

AMSELLE, Jean-Loup. Etnias e Espaços. In: AMSELLE, Jean-Loup. M'BOKOLO, Elikia. **No Centro da Etnia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

ANDERSON, Alan Orr. **Early Sources of Scottish History: AD 500-1286.** v. 1. Edimburgo: Oliver & Boyd, 1923.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Marjorie O. **Kings and Kingship in Early Scotland.** 2a ed. Edimburgo: Scottish Academic Press, 1980.

ANEIRIN. **The Text of the Book of Aneirin.** Traduzido e revisado por J. Gwenogvryn Evans. Gales: Pwllheli, 1908.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BANNERMAN, John. **Studies in the History of the Dal Riata.** Edimburgo e Londres: Scottish Academic Press, 1974.

- BARROW, Julia. Oswald and the Strong Man Armed. In: LAVELLE, Ryan. LANGLANDS, Alexander. **The Land of the English Kin: Studies in Wessex and Anglo-Saxon England in Honour of Professor Barbara Yorke.** Leiden & Boston: Brill, 2020.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- BASSETT, Stephen. Boundaries of Knowledge: mapping the land units of late Anglo-Saxon and Norman England. In: DAVIES, Wendy. HALSALL, Guy. REYNOLDS, Andrew. **People and Space in the Middle Ages, 300-1300.** Turnhout: Brepols, 2006.
- BATELY, Janet. Alfred as author and translator. In: GUENTHER, Nicole Discenza. SZALMARCH, Paul E. **A Companion to Alfred, the Great.** Leiden e Boston: Brill, 2015
- BATELY, Janet. **Anglo-Saxon Chronicle: texts and textuuals relationships.** Reading: University of Reading, 1991. p. 11.
- BATELY, Janet. The Compilation of the Anglo-Saxon Chronicle, 60BC to 890: vocabulary as evidence. **Proceedings of the British Academy.** v. 65. 1979. p. 93-129.
- BATELY, Janet. World History in the Anglo-Saxon Chronicle: its sources and its separeteness of Old English Orosius. **Anglo-Saxon England Journal.** v. 8. 1979. p. 177-194.
- BIRRO, Renan M. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a 'Era Viking'. **Revista Nearco** (Rio de Janeiro). v. 6. p. 228-254. 2013.
- BOSWORTH, Joseph. TOLLER, T. Northcote. **An Anglo-Saxon dictionary, based on the manuscript collections of the late Joseph Bosworth.** 1898. Disponível em: < <https://bosworthtoller.com> >.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 9-14.
- BROOKS, Nicholas. Why is the Anglo-Saxon Chronicle about kings? **Anglo-Saxon England.** v. 39. 2010. p. 43-70.
- BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England.** Londres: The Folio Society, 1997.
- BROMHEAD, Catherine. **The Creation of English *natio*: ethnogenesis and ethnic identity under Alfred, the Great.** Dissertação. Trinity College Dublin (Dublin). 84p. 2015.
- BROOKS, Nicholas. The Creation and Early Structure of the Kingdom of Kent. In: BROOKS, Nicholas. **Anglo-Saxon Myths, State and Church, 400 – 1066.** Londres, Rio Grande: The Hambledon Press, 2000. p. 33-61.
- BROOKES, Stuart. BAKER, John. Explaining Anglo-Saxon military efficiency: the landscape of mobilization. **Anglo-Saxon England.** v. 44. p. 221-258. 2015.

- BROUN, Dauvit. Alba as 'Britain' after 900 and the Pictish Antecedents of the Kingdom of the Scots. In: BROUN, Dauvit. **The Idea of Britain and the Origins of the Scottish Independence: from the Picts to the declaration of Arbroath**. Edimburgo: Edimburgh University Press, 2007. p. 71-100.
- BROWN, Catherine. In the Middle. **Journal of Medieval and Early Modern Studies**. n. 30, v. 3. 2000. p. 547-569.
- BROWN, George Hardin. **A Companion to Bede**. Woodbridge: The Boydell Press, 2009.
- BROWN, George Hardin. Bede's neglected Commentary on Samuel. In: DEGREGORIO, Scott. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Morganton: West Virginia Press, 2006. p. 121-142.
- BROWN, Michelle P. **Anglo-Saxon Manuscripts**. Londres: The British Library, 1991.
- BROWN, Michelle P.; FARR, Carol A. **Mercia: an anglo-saxon kingdom in Europe**. Nova York: Continuum, 2001.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BLAIR, John. **The Church in the Anglo-Saxon Society**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.
- CALLMER, Johan. Scandinavia and the Continent in the Viking Age. BRINK, Stefan. **The Viking World**. Londres e Nova York: Routledge, 2008. p. 439-462.
- CAMPBELL, James. The First Century of Christianity in England. In: CAMPBELL, James. **Essays in Anglo-Saxon England**. Londres: The Hambledon Press, 1986. p. 49-68.
- CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. A Idade Média e a América Latina. In: CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo; FAUAZ, Armando (orgs.). **La Edad Media en perspectiva latinoamericana: publicaciones de la Red Latinoamericana de Estudios Medievales**. Heredia: EUNA, 2018. p. 181-200.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Versão digitalizada.
- CHADWICK, Hector Munro. **The Origin of the English Nation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1907.
- CHARLES-EDWARDS, Thomas M. Social Structure. In: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500-1100**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.
- CHARLES-EDWARDS, Thomas M. **The Chronicle of Ireland**. Liverpool: Liverpool University Press, 2006.
- CHARLES-EDWARDS, Thomas M. **Wales and the Britons, 350-1064**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

- CLARK-HALL, J. R. **A Concise Anglo-Saxon Dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press, 1916.
- CLARKSON, Tim. **Strathclyde and the Anglo-Saxons in the Viking Age**. Edimburgo: Birlinn Books, 2014.
- COHEN, Jeremy J. **Cultural Diversity in the British Middle Ages: Archipelago, Island, England**. Nova York: Palgrave & Macmillan, 2008.
- COHEN, Jeremy Jeffrey. **Hibridity, Identity and Monstrosity in Medieval Britain: On Difficult Middles**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.
- COHEN, J. (org.). **The Post-Colonial Middle Ages**. Nova York: Palgrave & Macmillan, 2001.
- COLGRAVE, Bertham. **Two Lives of St. Cuthbert**. Cambridge: Cambridge University Press, 1940.
- COOIJMANS, Christian (ed). **Traversing the Inner Seas: contacts and continuity in and around Scotland, the Hebrides, and the North of Ireland**. Edimburgo: The Scottish Society for Northern Studies, 2017.
- COPELAND, Rita. **Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 2-3.
- CROSSLEY-HOLLAND, Kevin. **The Anglo-Saxon World**. Woodbridge: The Boydell Press, 1982.
- CROWELL, Steve Galt. There is no Other: Notes on the Logical Place of a Concept. **Paideuma**, n. 44. Anthropology and the Question of the Other (1998). p. 13-28.
- DEGREGORIO, Scott. Footsteps of his Own: Bede's commentary on Ezra and Nehemiah. In: DEGREGORIO, Scott. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Morganton: West Virginia Press, 2006. p. 143-168.
- DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, Giles. Guattari, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- DISCENZA, Nicole Guenther. The Old English Bede and the construction of Anglo-Saxon authority. **Anglo-Saxon England**. v. 31. 2002. p. 69-80.
- DOWNHAM, Clare. Vikings in England. In: BRINK, Stefan. **The Viking World**. Londres e Nova York: Routledge, 2008.
- DUMVILLE, David. The Tribal Hidage: an introduction to its texts and their history. In: BASSETT, Steven. (ed.) (1989), **The Origins of Anglo-Saxon Kingdoms**. Leicester: Leicester University Press, 1989. pp. 225-30; 286-7.
- DUNN, Marilyn. Britain and Ireland. In: DUNN, Marilyn. **The Emergence of Monasticism: from Desert Fathers to the Early Middle Ages**. Oxford: Blackwell Pub., 2000. p. 138-157.

- DUNN, Marilyn. **The Cristianization of the Anglo-Saxons, c. 597-700: Discourses of Death, Life and Afterlife.** Nova York: Continuum, 2009.
- EDMONDS, Fiona. A Golden Age of Ecclesiastical Contacts. In: EDMONDS, Fiona. **The Gaelic influence in the Northumbrian Kingdom: the Golden Age and the Viking Age.** Woodbridge: Boydell Press, 2020.
- EHWALD, Rudolf. **Monumenta Germaniae Historica: Aldhelmi Opera.** Berlin: Harrassowitz, 1919.
- EVANS, Nicholas. The restructuring of the past in the 'Chronicle of Ireland'. In: EVANS, Nicholas. **Past and Present in Medieval Irish Chronicles.** Woodbridge: The Boydell Press, 2010. p. 115-144.
- FANNING, Steven. Bede, imperium and the Bretwaldas. **Revista Speculum**, v. 66, 1991. p. 1-26.
- FOOT, Sarah. The Making of *Anglecynn*: English Identity before the Norman Conquest. **Transactions of the Royal Historical Society**, Sixth Series, Vol. 6 (1996), pp. 25-49.
- FOOT, Sarah. **Æthelstan: the first king of England.** New Haven e Londres: Yale University Press, 2011.
- FOSTER, Sally. **Picts, Gaels and Scots: Early Historical Scotland.** Londres: BT Batsford, 2004.
- FOX, Cyril. **Offa's Dyke: A Field Survey.** Londres: Archaeologia Cambrensis, 1926.
- FRANZEN, Christine. **The Tremulous Hand of Worcester: A Study of Old English in the 13th Century.** Oxford: 1991.
- GEARY, Patrick J. A Europa das Nações ou a Nação da Europa? Mitos de Origens passados e presentes. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. v.1. n.1. p. 21-35. 2013.
- GEARY, Patrick. Ethnic Identity as a Situational Construct in the Early Middle Ages. In: GEARY, Patrick J. CURTA, Florin. SPINEI, Christina (eds.). **Writing History: Identity, Conflict and Memory in the Middle Ages.** Bucarest: Editura Academiei Române, 2012. p. 4-21.
- GEARY, Patrick **Language and Power in the Early Middle Ages.** Waltham: Brandeis University Press, 2013.
- GEARY, Patrick J. **O Mito das Nações.** São Paulo: Editora Conrad, 2008.
- GEARY, Patrick. Power and Ethnicity History and Anthropology. **History And Anthropology**, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 8-17, 7 jul. 2014.
- GILDAS. **De Excidio Britanniae.** Traduzido por J. A. Giles. Cambridge: Medieval Latin Series, 2000.
- GILLET, Andrew (ed.). **On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages.** Turnhout: Brepols, 2002.

- GOFFART, Walter. Does the Distant Past impinge on the Invasion Age Germans? In: GILLET, Andrew. **On the Barbarian Identity: critical approaches to the ethnicity in the Early Middle Ages.** Turnhout: Brepols, 2002. p. 21-38.
- GODMAN, Peter. **The Bishops, Kings and Saints of York.** Oxford: Clarendon Press, 1982.
- GRANSDEN, Antonia. Propaganda in English medieval historiography. **Journal of Medieval History**, n. 1, 1975. p. 363-382.
- GRANT, Raymond J. S. Laurence Nowell's Transcription of BM Otho B xi. **Anglo-Saxon England**. v. 3. Dec. 1974. p. 111-124.
- GRIERSON, Philip. Grimbold of St. Bertin's. **The English Historical Review**. v. 55. n. 220. 1940. p. 529-561
- GRIMMER, Martin. Britons in Early Wessex: the evidence of the Law Code of Ine. In: HIGHAM, Nicholas J. (ed.). **Britons in Anglo-Saxon England.** Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 102-114.
- GRZYBOWSKI, Lukas G. As traduções e a pesquisa em História Medieval: Reflexões sobre um problema. In: BIRRO, Renan Marques; BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria de Sousa. (Org.). **Aprendendo História: Ensino & Medieval.** 1 ed. União da Vitória: Edições Especiais Sobre Ontens, 2019, v. 1, p. 27-36.
- HADLEY, D. M. **The Northern Danelaw: its social structure, c. 800-1100.** Leicester: Leicester University Press, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAKENBECK, Susanne E. Situational Ethnicity and Nested Identities: New Approaches to an Old Problem. **Anglo-Saxon Studies in Archaeology and History**. n. 14. 2007. p. 19-28.
- HARKE, Henrich. Anglo-Saxon Immigration and Ethnogenesis. **Society for Medieval Archaeology**, n. 55, 2011. p. 1-28.
- HARLAND, James. Rethinking Ethnicity and 'Otherness' in Early Anglo-Saxon England. **Medieval Worlds**. n. 5. 2017. p. 113-142.
- HARLAND, James M. FRIEDRICH, Matthias. **Interrogating the 'Germanic': a category and its use in Late Antiquity and the Early Middle Ages.** Berlin: De Gruyter, 2021.
- HARRIS, Stephen J. The Alfredian "World History" and Anglo-Saxon Identity. **The Journal of English and German philology**, v. 100, n. 4. Oct, 2001. p. 482-510.
- HARRIS, Stephen. **Race and Ethnicity in Anglo-Saxon Literature.** Nova York: Routledge, 2003.
- HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

- HIGHAM, Nick. Historical Narratives as Cultural Politics: Rome, 'British-ness' and 'English-ness'. In: HIGHAM, Nick (org.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 68-79.
- HIGHAM, Nicholas J. (ed.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007.
- HODGKIN, Roy. **A History of the Anglo-Saxons**. Oxford: Clarendon Press, 1935.
- HORSMAN, Reginald. Origins of Racial Anglo-Saxonism in Great Britain before 1850. **Journal of the History of Ideas**. v. 37. n. 3. University of Pennsylvania Press. 1976. p. 387.
- HOWE, Nicholas. **Migration and Mythmaking in Anglo-Saxon England**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1989.
- HOWE, Nicholas. **Writing the map in Anglo-Saxon England: essays in cultural geography**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2008.
- HUDSON, Benjamin. **The Picts**. Chicester: Wiley & Blackwell, 2014.
- HUGHES, Kathleen. The Celtic Church: Is This a Valid Concept? **Cambridge Medieval Celtic Studies**. n. 1. v. 1. 1981. p. 1-20.
- HULTGÅRD, Anders. The Religion of the Vikings. In: BRINK, Stefan (ed.). **The Viking World**. Londres e Nova York: Routledge, 2008. p. 212-235.
- HUNT, William. **The English Church in the Middle Ages**. Sydney: Wentworth Press. 2019. [Primeira versão de 1888]
- IOGNA-PRAT, Dominique. BEDOS-REZAK, B. Miriam. **L'Individu au Moyen Âge**. Aubier: Éditions Flammarion, 2005. p. 7-29.
- IRELAND, Colin A. Where Was King Aldfrith of Northumbria Educated? An Exploration of Seventh-Century Insular Learning. **Cambridge University Press Journal**. v. 70. p. 29-73. Jun/2016.
- IRVINE, Susan. The Anglo-Saxon Chronicle. In: GUENTHER, Nicole Discenza; SZARMARCH, Paul. **A Companion to Alfred the Great**. Leiden, Boston: Brill, 2015. p. 344-367.
- JENSEN, Gillian Fellows. Place-names as a reflection of cultural interaction. **Anglo-Saxon England Journal**. v. 19. 1990. p. 13-21.
- JENSEN, Gillian Fellows. The Vikings in England: a review. **Anglo-Saxon England Journal**. v. 4. 1975. p. 181-206.
- JORGENSEN, Alice (ed.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle: Language, Literature, History**. Turnhout: Brepols, 2010.
- KARKOV, Catherine E. Post-colonial. In: STODNICK, Jacqueline; TRILLING, René. **A Handbook for the Anglo-Saxon Studies**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. p. 149-164.

- KENDALL, Calvin B. The Responsibility of *Auctoritas*. Method and meaning in the Bede's commentary on Genesis. In: DEGREGORIO, Scott. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Morgantown: West Virginia Press, 2006. p. 101-120.
- KERN, Daniela. O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. In: **MÉTIS: história & cultura**. v. 3, n. 6, jul./dez. 2004. p. 55.
- KEYNES, Simon. Alfred the Great and the Kingdom of the Anglo-Saxons. In: GUENTHER, Nicole Discenza; SZARMARCH, Paul. **A Companion to Alfred the Great**. Leiden, Boston: Brill, 2015. p. 13-46.
- KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. **Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources**. London. Penguin Classics. 2004.
- KEYNES, Simon. England, 700-900. In: In: MCKITERRICK, Rosamond (ed.). **The New Cambridge Medieval History: Volume II, c.700-c.900**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 21-25.
- KONSHUH, Courtney. **Warfare and authority in the Anglo-Saxon Chronicle c.891-924**. Tese (doutorado). Departamento de História. Universidade de Winchester. Winchester, 2014.
- KVEILAND, Thea. **Anglo-Saxon hegemony in Early Medieval Britain: Cultural and political dominance by foreign minority groups**. University of Oslo, Department of Archaeology, Conservation and History. Faculty of Humanities. 109 f. 2019.
- LANGER, Johnni (Ed.). **Dicionário de mitologia nórdica: Símbolos, mitos e ritos**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2015.
- LAPIDGE, Michael. HERRER, Michael (trads.). **Aldhelm, the prose works**. Cambridge: D. S. Brewer, 1979.
- LAVELLE, Ryan. LANGLANDS, Alexander. **The Land of the English Kin: Studies in Wessex and Anglo-Saxon England in Honour of Professor Barbara Yorke**. Boston: Brill, 2020.
- LEMKE, Andreas. **The Old English Translation of Bede's *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* in its Historical and Cultural Context**. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, 2015. (Tese de doutorado defendida na mesma universidade).
- MACALISTER, Robert Alexander Stewart. **Lebor Gabála Éirenn: the book of the taking of Ireland**. Dublin: Educational Company of Ireland, 1956.
- MALDONADO, Adrián. The Early Medieval Antonine Wall. **Britannia**, n. 46. 2015. p. 225-245.
- MARSH, Henry. **Dark Age Britain: some sources of history**. Londres: David & Charles, 1970.
- MARTIN, Lawrence T. Bede's originality in his use of the Book of Wisdom in his Homilies of Gospels. In: DEGREGORIO, Scott. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Morgantown: West Virginia Press, 2006. p. 182-202.

- MCCANN, Sarah. **Bede's *Plures de Scottorum regione*: The Irish in the *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum***. Tese (Doutorado). 350 f. Submetida no Departamento de História, Escola de Humanidades, National University of Ireland, Galway. 2013.
- MCKINNEY, Windy. **Creating a *Gens Anglorum*: Social and Ethnic Identity in Anglo-Saxon England through the Lens of Bede's *Historia Ecclesiastica***. 2011. 263 f. Tese (Doutorado) – Philosophy in Medieval Studies. Centre of Medieval Studies, University of York.
- MEDEIROS, Elton O. S. A Linhagem perdida de Sceaf: genealogias mítico-históricas na Inglaterra e Escandinávia & a tradução do prólogo da *Edda* de Snorri Sturluson. **Revista Signum**. v. 16. n. 3. 2015. p. 55.
- MEDEIROS, Elton O. S. **Dominus exercituum**: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano. 2011. 381 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.
- MOLYNEAUX, George. **The Formation of the English Kingdom in the Tenth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- MOLYNEAUX, George. The Old English Bede: English Ideology or Christian Instruction? **English Historical Review**. n. 124 (2009). p. 1289-1323.
- MORAN, Patrick. Le Texte Médiéval existe-t-il? Mouance et identité textuelle dans les fictions du XIIIe siècle. In: ROCHELOIS, Cécille. **Le texte médiéval**: De la variante à la recreation. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2012. p. 13.
- MUCENIECKS, Andris. Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia de Estudos sobre a Antiguidade e Medievalo**. v. 2. n. 2. 2010.
- MURPHY, Michael. BARRETT, Edward. Abraham Wheelock, Arabist and Saxonist. **Biography**, v. 8. n. 2. 1985. p. 163-185.
- NAISMITH, Rory. The Origins of the Line of Egbert, King of the West Saxons, 802-839. **English Historical Review**, n. 76. v. 518. 2011. p. 1-16.
- NECKEL, Kauê J. Fragmentos de Unidade: o projeto Alfrediano na tradução de Beda para o Inglês Antigo e sua transmissão manuscrita. In: IV Encontro do GT de História Antiga e Medieval da ANPUH/SC, 2019, Blumenau. **Anais do IV Encontro do GT de História Antiga e Medieval da ANPUH/SC**. Blumenau: FURB, 2019. v. 1. p. 50-62.
- NELSON, Janet L. On the limits of the Carolingian renaissance. **Studies in Church History**. n. 14. 1977. p. 51-67.
- NELSON, Janet L. Osburh [Osburga]. In: MÚLTIPLOS AUTORES. **Oxford Online Dictionary of National Biography**. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <

<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-20887> > e acessado em 10 de janeiro de 2021.

NELSON, Janet. **The Annals of St-Bertin**. Manchester: Manchester University Press, 1991.

NÊNIO. **Historia Brittonum**. Traduzido por J. A. Giles. Cambridge: Medieval Latin Series, 2000.

Ó CORRÁIN, Donnchadh. Ireland, Scotland and Wales c. 700, to the Early Eleventh Century. In: MCKITERRICK, Rosamond (ed.). **The New Cambridge Medieval History: Volume II, c.700-c.900**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 43-63.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: História, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PEREIRA, Monah Nascimento. **One King to Rule Them All: identidade, legitimação e unidade na versão Alfrediana da Consolação da Filosofia (séc. IX – X)**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POHL, Walter. Conceptions of Ethnicity in the Early Medieval Studies. **Archaeologia Polona**. v. 29. n. 1. 1991. p. 39-49.

POHL, Walter. WIESER, Veronika. **Historiography and Identity: Ancient and Early Christian Narratives of Community**. Turnhout: Brepols, 2019. (Vol 1 e 2).

POHL, Walter. HEYDEMANN, Geyda. **Post-Roman Transitions: Christian and Barbarian Identities in the Early Medieval West**. Turnhout: Brepols, 2013.

POHL, Walter. GOETZ, Hans-Werner. JARNUT, Jorg. **Regna and Gentes: the relationship between Late Antiquity and Early Medieval Peoples**. Leiden: Brill, 2003.

POHL, Walter. REIMITZ, Helmut (orgs.). **Strategies of Distinction: the construction of Ethnic Communities, 300 – 800**. Leiden: Brill, 1998.

POHL, Walter. HEYDEMANN, Gerda. **Strategies of Identification: Ethnicity and Religion in Early Medieval Europe (Cultural Encounters in Late Antiquity and Middle Ages, 13)**. Turnhout: Brepols, 2013.

POHL, Walter. WOOD, Ian. REIMITZ, Helmut. **The Transformation of Frontiers: from Late Antiquity to the Carolingians**. Leiden: Brill, 2001.

POHL, Walter. PAYNE, Richard. GANTNER, Clement. **Visions of Community in the Post-Roman World**. Farnham: Ashgate, 2012.

RADNER, Joan N. **The Fragmentary Annals of Ireland**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1978.

RAMBARAN-OLM, Mary. WADE, Erik. What's in a Name? The Past and Present Racism in 'Anglo-Saxon' Studies? **The Year's Work in English Studies**. Old English to 1200. Oxford, 2022.

- RAMBARAN-OLM, Mary. WADE, Erik. Race in Early Medieval England. **Cambridge Elements**. Cambridge, 2020.
- RENAUD, Jean. The Duchy of Normandy. In: BRINK, Stefan. **The Viking World**. Londres e Nova York: Routledge, 2008.p. 453-457.
- RICOEUR, Paul. **O Si mesmo como um Outro**. Campinas: Papirus, 1991.
- REYNOLDS, Susan. What do we mean by ‘Anglo-Saxon’ and ‘Anglo-Saxons’? **Journal of British Studies**. v. 24. n. 4. Oct/1985. p. 395-414.
- ROWLEY, Sharon M. **The Old English version of Bede’s *Historia Ecclesiastica***. Cambridge: D. S. Brewer, 2011. p. 29.
- SAID, Edward. **O Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAWYER, Peter. The Viking Expansion. In: HELLE, Knut (ed.). **The Cambridge History of Scandinavia**: volume 1, pre-history to 1520. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 105-120.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick. The Settlement of England in Bede and the Chronicle. **Anglo-Saxon England**. v. 12. Dez/1983.
- SKENE, William Forbes. The Duan Albannach. In: SKENE, William Forbes. **Chronicles of the Picts, chronicle of Scots and other early memorials of Scottish history**. Edimburgo: H. M. Register House, 1867. p. 57-64.
- SPIEGEL, Gabrielle. **The Past as Text: The Theory and Practice of Medieval Historiography**. Baltimore, John Hopkins University Press, 1997.
- STAFFORD, Pauline. **After Alfred: Anglo-Saxon Chronicle and Chroniclers**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500-1100**. Oxford: Wiley & Blackwell, 2007.
- STAFFORD, Pauline. Political Women in Mercia. BROWN, Michelle P.; FARR, Carol A. **Mercia: an anglo-saxon kingdom in Europe**. Nova York: Continuum, 2001.
- STAFFORD, Pauline. The Making of Chronicles and the Making of England: the Anglo-Saxon Chronicles after Alfred. **Transactions of the Royal Historical Society**. v. 27. 2017. p. 65-86.
- STANCLIFFE, Clare. CAMBRIDGE, Eric (eds.). **Oswald: Northumbrian King to European Saint**. Stamford: Paul Watkins Publishing, 1995.
- STENTON, Frank. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- SWEET, Henry (ed.). King Alfred’s West Saxon Version of Gregory’s Pastoral Care. **Early English Translation Society (EETS)**. N 45. v. 50. Londres, 1871.

- THORNTON, David E. Communities and Kinship. In: STAFFORD, Pauline. **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500-1100**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.
- TORO VIAL, José Miguel de. As crônicas universais e a cosmografia medieval. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 158-183.
- TREHARNE, Elaine. Borders. In: STODNICK, Jacqueline; TRILLING, René. **A Handbook for Anglo-Saxon Studies**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. p. 9-23.
- TURNER, Sharon. **The History of the Anglo-Saxons: from the earliest period to the Norman conquest**. Vol. 1. Londres: Luke Hanford & Sons, 1801. p. 145.
- TYLER, Elizabeth M. JAHNER, Jennifer. STEINER, Emily. **Medieval Historical Writing: Britain and Ireland, 500-1500**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- VALLEJO, Jesus. Power hierarchies in medieval juridical thought. An essay in reinterpretation. **Ius Commune**, 1992, n. 19, p. 1-29.
- WAITE, Greg. The Preface to the Old English Bede: authorship, transmission, and connection with the West Saxon Genealogical Regnal List. **Anglo-saxon England**, [s.l.], v. 44, dez. 2015.
- WALLIS, Faith. Si Naturam Quaeras: reframing Bede's 'science'. In: DEGREGORIO, Scott. **Innovation and tradition in the Writings of Bede, the Venerable**. Morganton: West Virginia Press, 2006. p. 65-100.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2001.
- WHITELOCK, Dorothy. **The Beginnings of the English Society**. Aylesbury: Pelican Books, 1952.
- WHITELOCK, Dorothy. The Laws of King Ine. In: WHITELOCK, Dorothy. **English Historical Documents**, vol. 1, c. 500 – 1066. Oxford: Oxford University Press, 1955. p. 364-371.
- WHITELOCK, Dorothy. **The Old English Bede**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- WHITELOCK, Dorothy. The Peterborough Chronicle. In: WHITELOCK, Dorothy. **Early English Manuscripts in Facsimile**. 4 ed. Copenhagen: 1954. p. 23-29.
- WOOD, Ian. The fall of the Roman Empire and the nations of Europe. **European Review**. v. 7. n. 1. 1999. p. 59-75.
- WOOD, Ian. Some Historical Re-Identifications and the Cristianization of Kent. In: ARMSTRONG, Guyda; WOOD, Ian (eds.). **Christianizing People and Converting Individuals**. Turnhout: Brepols, 2000. p. 27-36.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2003. p. 1-25. Versão digitalizada.

- WOOLF, Alex. Apartheid and Economics in Anglo-Saxon England. In: HIGHAM, Nicholas J. (org.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 115-129.
- WORMALD, Patrick. Bede, the Bretwaldas and the origin of the Gens Anglorum. In: WORMALD, Patrick. **The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its Historian**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 106-134.
- WORMALD, Patrick. The Ninth Century. In: CAMPBELL, James (ed.). **The Anglo-Saxons**. Londres: Penguin Books, 1982.
- WORMALD, Patrick. **The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its Historian**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 106-134.
- WORMALD, Patrick. The Venerable Bede and the 'Church of the English'. In: WORMALD, Patrick; BAXTER, Stephen (ed.). **The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its historian**. Oxford: Blackwell Publishing co. 2006. p. 207-228.
- WRIGHT, Robert J. **A Companion to Bede: A Readers Commentary on the Ecclesiastical History of English People**. Woodbridge: The Boydell Press, 2009.
- YORKE, Barbara. Anglo-Saxon *gentes e regna*. In: GOETZ, Hans-Werner; KASCHKE, Sören. **Regna and gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world**. Leiden; Boston: Brill, 2003. p. 380-407.
- YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. Londres, Nova York: Routledge, 2003.
- YORKE, Barbara. Political and Ethnic Identity: a case of study in Anglo-Saxon Practice. In: FRAZER, William O. TYRELL, Andrew (orgs.). **Social Identity in Early Medieval Britain**. Leicester: Leicester University Press, 2000. p. 69-90.
- YORKE, Barbara. The representation of Early West Saxon History in the Anglo-Saxon Chronicle. JORGENSEN, Alice (ed.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle: Language, Literature, History**. Turnhout: Brepols, 2010. p. 142-143.
- ZALUCKYJ, Sarah; ZALUCKYJ, John. Decline. In: ZALUCKYJ, Sarah (org.). **Mercia: the Anglo-Saxon Kingdom of Central England**. Logaston: Logaston Press, 2001.